

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KÁTIA CRISTINA BROLEZI PEREIRA

A CRIANÇA ALÉM DA PATOLOGIZAÇÃO
HISTÓRIAS DO CCAZINHO

Campinas
2015

KÁTIA CRISTINA BROLEZI PEREIRA

A criança além da patologização

Histórias do CCazinho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
pré-requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia, na Faculdade de
Educação da UNICAMP.

Orientador: Prof^o Dr^o Guilherme do Val Toledo Prado

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Irma Hadler
Coudry

Apoio: CNPq

Campinas

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

P414p Pereira, Kátia Cristina Brolezi, 1993-
A criança além da patologização - Histórias do CCazinho / Kátia Cristina Brolezi Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado.
Coorientador: Maria Irma Hadler Coudry.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Patologização da educação. 2. Narrativas. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Prado, Guilherme do Val Toledo, 1965-. II. Coudry, Maria Irma Hadler. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

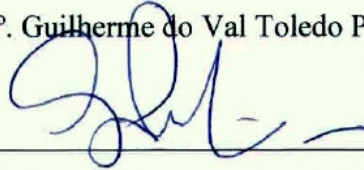
Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 14-12-2015

Orientador:

Profº. Drº. Guilherme do Val Toledo Prado



Co-orientadora:

Profª. Drª. Maria Irma Hadler Coudry



Segundo leitor:

Profº. Drº. Alexandro Henrique Paixão



Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os encrunqueiros. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um jeito diferente. Eles não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Você pode citá-los ou acha-los desagradáveis, glorificá-los ou desprezá-los. Mas a única coisa que você não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Eles empurram adiante a raça humana. E enquanto alguns os veem como loucos, nós os vemos como gênios. Porque as pessoas que são loucas o bastante para pensarem que podem mudar o mundo são as únicas que realmente podem fazê-lo.

JACK KEROVACK

AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha trajetória acadêmica muitas pessoas foram essenciais, muitas vezes elas acreditaram mais em mim do que eu mesma, sem elas nada disso seria possível, por isso, agradeço imensamente a Deus por colocá-las em minha vida.

Agradeço especialmente aos meus pais, Rosemeire e José, por sempre me fazerem tentar, insistir, persistir e não desistir. Agradeço pelas promessas e pela aposta, literalmente; por aguentarem as crises e o desespero; por saberem exatamente como me motivar e como me ajudar, e por não pouparem esforços para isso... conseguimos!

A todos da família Brolezi e Pereira/Amorim que, de alguma forma, torceram por mim e me incentivaram; que compreenderam minhas ausências e que adicionaram a palavra TCC em seus vocabulários.

Aqueles que estão na minha vida há tanto tempo que se tornaram parte de mim, Juliana e Danilo, mesmo distante sei o quanto me apoiam.

Às queridíssimas Thais e Kimberly, por me fazerem rir mesmo nos momentos de maior calamidade, saber que eu poderia contar com vocês a todo e qualquer momento foi imprescindível.

À Adriana Arruda, essa amiga encantadora que me incentivou desde a primeira ideia, na primeira iniciação científica, pelo encorajamento e pela torcida mais animada.

Às companheiras de graduação: Fernanda, Sarah, Gisele, Ingrid, Alessandra e José, sem vocês esses cinco anos não teriam sido tão divertidos, obrigada: pelos trabalhos em grupos mais incríveis, pelas risadas intermináveis, pelo companheirismo nas aulas e fora delas, e pelas nossas discussões filosóficas. “Me diga, de que vale um momento bom se não tem ninguém pra dividir?”

Queridas Fernanda e Sarah, foi um grande alívio, respectivamente, compartilhar as angústias desse último semestre e ser compreendida nas minhas divergências, obrigada.

À Ana Cláudia, que esteve sempre presente, principalmente, quando eu mais precisava. Obrigada por me socorrer nos momentos mais difíceis e por sempre me incentivar e me animar.

Aos cuidadores do CCazinho: Ana Cláudia, Betina, Bruna Garcia, Bruna Castropil, Patricia, Alline, Laura, Lara, Thiago, Danilo, Paulo, July, Juliana, Isabela, Michele, e tantos outros que participaram deste trabalho maravilhoso. Agradeço por me ensinarem tanto ao longo desse tempo e por compartilharmos as alegrias e as angústias.

Às mães do CCazinho, obrigada por permitirem que eu conhecesse as histórias de vocês, e que participasse da vida de seus filhos, a coragem e a força de vocês me impressionou e me ensinou muito ao longo desses anos.

E, é claro, as crianças do CCazinho. Por tornarem minhas terças-feiras o melhor dia da semana, por me ensinarem muito mais do que eu poderia ensinar a vocês. Lamento muito que a escola, e a sociedade, não estejam preparados para compreender suas singularidades.

Em especial, agradeço a Goku, a Emily, a Kauan e a Relâmpago I, e suas respectivas famílias, por aceitarem participar dessa pesquisa, por me receberem carinhosamente e por compartilharem comigo a sua história, ainda que isso fosse muito dolorido, espero que gostem do resultado.

Um agradecimento especial para as queridas amigas que leram meus relatórios, meus projetos e meu TCC: Adriana, Fernanda, Ana Cláudia, Gisele, Sarah, Kimberly e Thais. Cada opinião, cada sugestão, cada correção, cada dica, cada elogio... foram todos essenciais.

Agradeço a querida professora Sonia, que me acolheu no CCazinho e me transmitiu não apenas seus ensinamentos, mas seu amor por esse trabalho. Obrigada por me motivar, por me apoiar e por me inspirar.

Agradeço ao professor Alexandro Paixão, que aceitou ser meu segundo leitor, e, de certa forma, participar deste trabalho.

Ao meu orientador, professor Guilherme, por, há algum tempo atrás, me ensinar a importância de refletir sobre minha prática e de ouvir as crianças; e, mais recentemente, por compreender meus objetivos, mesmo quando eu não conseguia expressá-los corretamente, por me ajudar a encontrar, e a mostrar aqui, a criança que emerge da patologização. Seus conselhos, sua orientação, seus questionamentos e suas instigações foram fundamentais. (Dá trabalho, mas é compensador!)

Por último, minha querida orientadora: professora Maza. Não tenho palavras para expressar o quanto sou grata, agradeço por cada correção, por cada ensinamento, pelo encorajamento e pela confiança, mas tudo isso ainda é muito pouco. Você mudou minha vida, assim como mudou a vida das crianças e das famílias do CCazinho.

RESUMO

A patologização tem se alastrado nas escolas brasileiras, tornando-se parte da realidade de muitas crianças. Nos últimos anos vemos que o discurso médico é cada vez mais usado por leigos, e com isso tem se tornado o discurso comum: “Ele é hiperativo!”; “Esse daí tem algum problema... Não é normal!”; “Deve ser disléxico!”. Os médicos continuam em seu papel de emitir laudos e medicar as crianças, mas agora são acompanhados de professores e pais que “diagnosticam”. Independente da forma, o fato é que a criança acaba por ser rotulada.

No Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/IEL/UNICAMP) acompanhei crianças patologizadas com o intuito de auxiliá-las em seu processo de aquisição e uso da fala, leitura e escrita. Foi dessa forma que conheci as histórias desses sujeitos e o impacto que tais diagnósticos tiveram em suas vidas. Essa experiência me marcou profundamente, e por isso que propus discutir neste trabalho o processo de patologização, que muitas pessoas até mesmo desconhecem, e algumas dessas histórias, partindo sempre dos pressupostos teóricos metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND) que orienta esta pesquisa.

Palavras-chave: Patologização, Histórias, Leitura/Escrita, CCazinho, Narrativas

ABSTRACT

The pathologization has raged at schools from Brazil, becoming part of the reality of many children. The medical discourse is increasingly used by laymen, and it has become the common speech, in recent years: “He is hyperactive!”; “He has a problem... It’s not normal!”; “It should be dyslexic!”. Doctors continue with its task of issuing reports and medicating children, but now teachers and parents have accompanied them in diagnoses. The child ends up being labeled, is an independent fashion apparel.

Accompanied children pathologized on the Language Community Center (CCazinho/IEL/UNICAMP), in order to assist them in the process of acquisition and use of speech, reading and writing. That's how I knew the stories of these individuals and the impact that such diagnoses had in their lives. This experience has affected me, so I proposed in this paper discuss the pathological process that many people even unaware, and some of these stories, always starting from the methodological theoretical principles of discursive neurolinguistics (ND) that are guides this research.

Keywords: Pathologization, Stories, Reading/Writing, CCazinho, Narratives

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA.....	5
CAPÍTULO 1 – PATO... O QUÊ? PATOLOGIZAÇÃO! AS TEORIAS AO LONGO DO CAMINHO	9
1.1. CCAZINHO.....	9
1.2. NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA	12
1.3. DEFININDO CONCEITOS: PATOLOGIZAÇÃO	13
1.4. ACOMPANHAMENTOS LONGITUDINAIS.....	17
1.5. CONHECIMENTOS LINGUÍSTICOS – A AQUISIÇÃO E O USO DA LEITURA E DA ESCRITA	18
1.6. ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO	22
1.7. AS CONSEQUÊNCIAS DA PATOLOGIZAÇÃO	29
CAPÍTULO 2 - HISTÓRIAS, NOSSAS HISTÓRIAS.....	34
2.1. Tenho que correr o risco, ter uma chance	34
2.2. Facilmente não existe por aqui	36
2.3. Tente outra vez.....	36
2.4. Parece que vai ser sempre assim, nada dá certo pra mim	37
2.5. O importante é ser você	38
2.6. Uma razão para começar de novo.....	38
2.7. Querem que eu cale e obedeça.....	39
2.8. Me diga, o que há de errado com a sociedade?	39
2.9. Professores continuam ensinando, pastores continuar pregando, o mundo continua girando	40
2.10. Eles querem que você se sinta mal, pois assim eles se sentem bem.....	41
2.11. Eu espero a minha vez	41
2.12. As coisas estão melhorando	42
2.13. Quem vai dizer que eu não posso fazer tudo	42
2.14. Desculpe-me, eu não posso ser perfeito.....	43
2.15. Vamos mostrar a eles o que você vale a pena.....	44
2.17. Eu só rezo pra ficar bem	45
2.18. Diga o que você precisa dizer	45
2.19. Eu não serei apenas um rosto na multidão.....	46
2.20. Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem.....	46

2.21. Nunca se sinta como se fosse menos do que perfeito pra caramba	47
CAPÍTULO 3 – ... DIAS DE LUTA, DIAS DE GLÓRIA	48
3.1. Não são só memórias... ..	50
3.2. Uma tragédia, eu tenho medo que seja... ..	55
3.3. Eu não vou desistir.....	59
CAPÍTULO 4 – ANALISANDO OS DISCURSOS ENCONTRADOS	64
4.1. MEU FILHO É NORMAL?	64
4.2. NÃO CONTE PARA ELE!	66
4.3. É ISSO QUE EU SOU – DIZ A CRIANÇA	67
4.4. A DOR DE UM RÓTULO	69
4.5. QUANDO A CRIANÇA SENTE QUE É CAPAZ – A SUPERAÇÃO DO ESTIGMA.....	70
CAPÍTULO 5 – REFLETINDO SOBRE A PESQUISA.....	72
CAPÍTULO 6: ÚLTIMAS PALAVRAS	74
6.1. Relampágo I em: Bem-vindo a minha vida!	75
7. Dedicatória.....	84
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
9. APÊNDICE	92
9.1. Apêndice 1 – Transcrição Entrevista LP e SP	92
9.2. Apêndice 2 – Transcrição Entrevista MG e AL.....	112
9.3. Apêndice 3 – Transcrição Entrevista BA.....	129
9.4. Apêndice 4 – Transcrição Entrevista GL e SJ	140
9.5. Apêndice 5 – Transcrição Entrevista BG.....	156
9.6. Apêndice 6 – Transcrição Entrevista IA, SS e SB.....	158

INTRODUÇÃO

Em “*O mito da caverna*”, enunciado por Sócrates e escrito por Platão, o mundo de um grupo de prisioneiros se resume a uma caverna, eles sempre viveram neste espaço e essa é a única realidade que conhecem. Imagens se projetam no fundo da caverna, refletindo o exterior; contudo, por não conhecerem o “mundo real” os prisioneiros acreditam que os reflexos são tudo o que existe, ou seja, que correspondem à própria realidade. O filósofo nos deixa a mensagem de que, só é possível conhecermos verdadeiramente a realidade quando saímos da caverna, quando exploramos o mundo em busca do conhecimento.

Considero minha trajetória na graduação minha própria saída da caverna. Durante os últimos cinco anos desenvolvi conhecimentos significativos sobre um vasto campo de assuntos. Dentre as descobertas desse arcabouço teórico um assunto me marcou intensa e profundamente, a patologização da educação. MOYSÉS e COLLARES (2013) resumem o atual processo de patologização da educação:

A realidade é que toda criança ou adolescente que apresente modos de aprender, de agir e reagir, de se comportar e de não se comportar, que escapem de padrões mais ou menos rígidos a depender do observador/avaliador, corre o risco de ser rotulado como portador de um transtorno neuropsiquiátrico que demanda longos e caros tratamentos, envolvendo vários profissionais e drogas psicoativas. (p. 44 – 45)

A discussão sobre a patologização, que é muito ampla e engloba vários e diversos aspectos, será apresentada detalhadamente no capítulo um deste trabalho.

Em meu percurso não tive contato apenas com a discussão teórica, mas participei ativamente de uma proposta despatologizante, no acompanhamento de crianças e jovens no Centro de Convivências de Linguagens (CCazinho/IEL/UNICAMP).

Através dessa participação conheci as complexidades de um outro processo, o de ensino e de aprendizagem, principalmente quanto à aquisição e ao uso da leitura e da escrita; com isso desmistifiquei minha percepção sobre as “dificuldades de aprendizagem”, e compreendi que falta ao professor conhecimento sobre tais processos, enquanto em contrapartida:

Ao estender seu campo de atuação ao ambiente escolar, a medicina passa a atuar sobre esse ambiente segundo sua própria concepção. Ao

normatizar preceitos para a aprendizagem adequada, estende-se para o não aprender. Medicaliza a educação, transformando os problemas pedagógicos e políticos em questões biológicas, médicas. Cria as entidades nosológicas das *doenças do não-aprender-na-escola* e para elas propõe solução. Antecipando-se, prevê que os problemas irão ocorrer e se coloca como portadora das soluções (MOYSÉS, 2001, p. 191).

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é disseminar tal conhecimento acumulado por mim ao longo deste breve período, possibilitando que outras pessoas, assim como eu, saíam da caverna.

Dessa forma, apresento um estudo sobre a patologização, composta pela discussão teórica e reflexiva sobre a prática analisada, que consiste nas histórias de sujeitos patologizados que foram acompanhados no CCazinho e que venceram o estigma imposto pelo diagnóstico.

O intuito é compreender o processo da perspectiva do sujeito patologizado, e entender qual impacto o diagnóstico trouxe para vida desse sujeito e de sua família.

Acreditando na importância e na necessidade de promover a discussão desse tema, principalmente com os professores, atuantes e em formação, e com o intuito de contribuir para o combate ao processo de medicalização, da infância e da aprendizagem, desenvolvi a presente pesquisa.

O intuito é, como Sócrates propôs, tentar alcançar os “companheiros de cativeiro”, apresentando-lhes a possibilidade de livrar-se dessa prisão através da compreensão da realidade que permeia o processo de patologização. Dessa forma, espero, com este trabalho, iluminar a caverna que encobre o impacto desses diagnósticos e suas diversas consequências.

Também desejo incentivar a busca pelo conhecimento: que este trabalho seja apenas uma parte de seu estudo sobre esse tema; que procure continuamente compreender os processos educativos e o sujeito envolvido; deixe de se conformar com a patologização da educação; deixe de acreditar cegamente no discurso social que divide os indivíduos entre normal e patológico com a simples intenção de culpabilizar o próprio sujeito, pois é isso o que costuma ocorrer atualmente:

O sistema sociopolítico é praticamente desresponsabilizado, em uma concepção funcionalista bastante bem-elaborada e eficiente. Eficiente a ponto de terminar pela culpabilização da vítima, segundo RYAN (1976), e de conseguir que a própria vítima se considere culpada! (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p.26)

Sair da caverna, como nos explicou Sócrates, não é um caminho fácil; ao contrário, ao longo dos anos percebi que é mais trabalhoso assumir a concepção que defende a individualidade e a subjetividade do sujeito, requer disposição de defender um modo de fazer, e de ser, que não é o mais simples.

Sócrates propõem, para que essa saída dolorosa ocorra, que ela seja realizada aos poucos, que a nova realidade seja explorada com cuidado. Como disse, a educação é a conversão do órgão da alma, “como está mal orientado e não olha para onde deveria, ela esforça-se por encaminhá-lo na boa direção” (PLATÃO, 1975, p.234).

Dessa forma, apresento aqui o que deve ser o início, ou um complemento, dessa sua exploração, e oriento-o a prosseguir buscando mais informações e se inteirando das discussões.

Como informado, o intuito é trazer tanto a discussão teórica quanto um olhar sobre a prática, visando uma reflexão que una estes pontos. Para isso, primeiramente, irei expor o debate teórico do qual participei ao longo desses anos sobre a patologização, tal discussão, assim como esta pesquisa, baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND). O objetivo é traçar um panorama do processo de medicalização da sociedade, principalmente da educação, através de CANGUILHEM (1978), BIRMAN (2014), FOUCALT (1994), MOYSÉS (2001), COLLARES e MOYSÉS (1994, 2013), COUDRY (2006/2007, 2013, 2014), COUDRY e FREIRE (2010), COUDRY e BORDIN (2012, 2015), BORDIN (2008, 2010a, 2010b), dentre outros. Assim, no capítulo 1 apresentarei o arcabouço teórico do qual me apropriei durante minha trajetória, paralelamente trarei meu percurso no CCazinho, contando como conheci essas crianças patologizadas e comecei a participar das discussões sobre esse tema.

No capítulo 2 trarei vinte e uma breves narrativas. O objetivo ao produzir essas narrativas é olhar para os sujeitos, buscando encontrar a criança além da patologização. A questão que me propus a refletir era: qual criança emerge desse processo de patologização? As narrativas foram elaboradas a partir da leitura de quatorze pastas de crianças acompanhadas no CCazinho, tal leitura foi focada, principalmente, nos relatórios sobre o acompanhamento e no relatório da avaliação para ingresso no CCazinho. Escolhi as pastas cujos casos me traziam algumas recordações, e de casos sobre os quais ouvi muito falar. O objetivo era produzir as narrativas a partir do que me sensibilizava e objetivar, a partir de minhas palavras, o que as crianças subjetivamente diziam em relação às exclusões vividas. Para isso, escrevi as narrativas me colocando no lugar da criança,

mobilizei-me a desvendar qual a perspectiva dela sobre o processo pelo qual estava passando, refletindo sobre o que ela estaria pensando, questionando-me sobre o que ela diria sobre aquela situação que estava vivenciando. Dessa forma, deve-se levar em conta que essas narrativas trazem o meu olhar sobre essa criança, é a minha compreensão sobre estar no lugar do sujeito patologizado, é importante lembrar, visto que me imaginei no lugar de outra pessoa, que minha imaginação pode não corresponder exatamente à realidade. Contudo, para evidenciar sobre quais aspectos baseio minha reflexão, deixei sublinhado as falas dessas crianças que encontrei nos registros. Também descrevo brevemente quem é essa criança, para ilustrar o contexto em que esse sujeito se encontrava.

No capítulo 3 apresentarei narrativas mais longas, cujo objetivo é contar a história de três desses sujeitos patologizados. Essas produções seguem o mesmo intuito e a mesma metodologia das narrativas anteriores, ou seja, busquei compreender o sujeito, me colocando em seu lugar, e então escrevi. Contudo, para essas três narrativas, além das pastas do CCazinho com os relatórios, dados do acompanhamento e os laudos apresentados, me baseei nas entrevistas realizadas, nas quais ouvi o sujeito patologizado, um membro de sua família, preferencialmente aquele que esteve com ele no CCazinho e o cuidador que realizou esse acompanhamento. Juntei essas informações e escrevi a narrativa sobre a história desse sujeito, claro, é a minha perspectiva sobre esse sujeito e essa história, visto que é impossível ao pesquisador ser neutro¹, entendo que estas narrativas também podem conter elementos fictícios, mas deixo nos apêndices as transcrições das entrevistas realizadas, para mostrar sobre que falas baseei minha escrita. Trarei mais informações sobre a realização das entrevistas abaixo, no tópico “apresentação da metodologia”.

No capítulo 4 analiso algumas das narrativas apresentadas anteriormente, nos capítulos 2 e 3, retomando a bibliografia discutida no capítulo um, e trazendo novos autores, para discutir cinco temáticas importantes que se fizeram presentes nas narrativas: 1) o discurso do sujeito patologizado, e de sua família, quando chegam ao CCazinho, as compreensões de normal e de doença que carregam; 2) a tentativa dos pais de preservar a criança, que acabam por assujeita-la ao processo; 3) como a criança se constrói enquanto sujeito patologizado, e o trabalho de desconstrução desse rótulo feito pelo CCazinho; 4)

¹ Concordo com MINAYO que “cada pesquisador, dentro de seu marco teórico e tendo em vista sua própria visão de mundo, influencia tanto o processo investigativo como as conclusões de seu trabalho” (1991, p.238).

o sofrimento inicial da criança e a descoberta de sua capacidade de aprender, através dos acompanhamentos no CCazinho; 5) a superação da criança e da família do estigma imposto pelo diagnóstico.

No capítulo 5, trago a conclusão da pesquisa, na qual busco refletir sobre o objetivo deste trabalho e sobre o papel do CCazinho na vida dos sujeitos patologizados que tiveram suas histórias contadas aqui.

Para finalizar, no capítulo 6, trago uma última história, de outro sujeito patologizado acompanhado no CCazinho. Esse sujeito é muito importante, particularmente, pois foi a primeira criança que eu acompanhei longitudinalmente no CCazinho, além disso sua história reúne os principais tópicos discutidos ao longo de todo o trabalho, principalmente o impacto da patologização, o sentimento de incapacidade e a superação.

APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA

Gostaria de esclarecer que, a escolha por escrever esse trabalho em narrativa se deu após conversar com meus orientadores, professora Coudry e professor Guilherme; tal gênero já seria utilizado em parte do trabalho, para contar as histórias das crianças, ao considerar que a discussão da patologização, que será apresentada, está intrinsicamente ligada ao meu percurso na graduação e à minhas vivências no CCazinho, trago então o aprendizado e as teorias das quais me apropriei no curso de pedagogia juntamente com as concepções teórico metodológicas da Neurolinguística Discursiva (ND), e que dessa forma eu estaria também contando um pouco da minha história, acreditamos que este seria o melhor formato.

Desenvolvi a presente pesquisa desde agosto de 2014, através da pesquisa de iniciação científica “Histórias do CCazinho – A criança além da patologização”, financiada pelo CNPq (processo nº 118904/2014-0), orientada pela professora Maria Irma Hadler Coudry e co-orientada pelo professor Guilherme do Val Toledo Prado. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP em janeiro de 2015, número CAAE: 38502114.2.0000.5404.

Para seu desenvolvimento realizei: pesquisa bibliográfica sobre a patologização; entrevistas com crianças/jovens patologizados, que foram acompanhados no CCazinho, com seus familiares, que também participaram do centro, e com os cuidadores que realizaram esses acompanhamentos; e análise de dados e de relatórios sobre tais acompanhamentos.

Para a realização da entrevista preparei um questionário prévio, pois se tratava de uma entrevista semiestruturada, com algumas questões que julguei necessárias para a pesquisa. Contudo, como o próprio modelo de entrevista indica, a intenção era que o sujeito se sentisse livre para contar o que desejasse sobre sua história; por isso comecei as entrevistas pedindo ao sujeito que me contasse sua história, e a partir desse relato outras questões surgiam e eu introduzia algumas das questões previamente elaboradas.

As questões que compuseram o roteiro semiestruturado para todos os casos entrevistados foram:

- Como se deu o diagnóstico? (Quem encaminhou ou solicitou o diagnóstico e quem o realizou?)
- Como foi a reação do sujeito e de sua família a este diagnóstico?
- Como o sujeito conheceu o CCazinho?
- Como foi o acompanhamento no CCazinho?
- Depois de sair do CCazinho, o que aconteceu? Como está a vida desse sujeito atualmente?
- Ocorreram mudanças em sua vida que o sujeito considera como decorrente de sua participação no CCazinho?
- O que acredita que poderia ter acontecido caso não tivesse tido acesso ao CCazinho?
- Qual impacto que o rótulo, trazido pelo diagnóstico, teve em sua vida?
- Como foi superar esse falso diagnóstico?

Também perguntei aos sujeitos qual nome fictício gostariam que eu atribuísse a eles quando contasse sua história. Dessa forma, o nome que serão utilizados nas narrativas do capítulo 3 foram escolhidos pelos próprios sujeitos.

Além dessas questões gerais, elaborei questões específicas para cada caso, que foram feitas a partir da leitura das pastas, onde são registrados os dados do acompanhamento longitudinal do sujeito no CCazinho.

Todos os sujeitos que participaram das entrevistas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)².

² Conforme aprovado pelo Comitê de Ética, a pesquisa contou com um modelo de TCLE para os adultos participantes – responsáveis pelas crianças e cuidadores – e outro para as crianças, sendo que este último foi assinado pela própria criança em caso de sujeitos maiores de 14 anos, ou, assinado pelo responsável, em caso de crianças menores de 14 anos.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa algumas alterações na proposta inicial foram necessárias.

Inicialmente propus, no projeto de pesquisa, apresentar oito histórias, entrevistando seus respectivos sujeitos, os familiares e os cuidadores. A proposta inicial era que esses sujeitos tivessem concluído o acompanhamento no CCazinho há algum tempo, visto que o centro já completou 11 anos; contudo, foi difícil entrar em contato com esses sujeitos (porque o telefone e endereço mudaram, por exemplo); além disso, os critérios de seleção, definidos juntamente ao CEP, determinavam como condições para participação na pesquisa que o sujeito fosse um caso de patologização, ou seja, que o sujeito apresentasse inicialmente um laudo médico que lhe atribuía uma patologia que não foi confirmada ao longo do acompanhamento.

Seguindo esses critérios e com as dificuldades encontradas nesse percurso, finalizamos a pesquisa contando com a participação de quatro sujeitos, que compõem as quatro histórias que serão aqui apresentadas (três no capítulo 3 e uma no capítulo 6). Alguns fatores influenciaram na escolha desses sujeitos, Kauan (capítulo 3, subcapítulo 1) foi acompanhado durante anos no CCazinho e hoje, vencida as dificuldades e o estigma, trilha seu caminho participando da Guardinha³ de Campinas; Goku (capítulo 3, subcapítulo 2) uma criança tão nova com uma história carregada de tragédias, marcou os cuidadores do CCazinho por um exame que fez logo após concluir o acompanhamento no CCazinho, cujo laudo deixou todos surpresos; Emily (capítulo 3, subcapítulo 3) que, assim como Kauan, teve um acompanhamento longo, foi alfabetizada no CCazinho, através da proposta de “leitura de mundo”⁴, lendo placas de carro, e placas informativas que encontrava, junto com a investigadora, em seus passeios pela Universidade; e Relâmpago I (capítulo 6) uma das maiores histórias de superação do CCazinho, chegou como uma criança agressiva e violenta e aos poucos, pela convivência, mostrou-se uma criança carinhosa e atenciosa com os colegas, Relâmpago I também foi o primeiro caso

³ Segundo o site oficial (<http://www.guardinha.org.br/index.php/institucional>) “A proposta da AEDHA (Associação de Educação Do Homem de Amanhã) enraizou-se na cidade de Campinas e disseminou-se por todo o Estado de São Paulo e o Brasil, sempre com a finalidade de oferecer a jovens de poucos recursos sociais e econômicos oportunidade para reforço em seu processo educativo e de formação, oferecendo-lhes alimentação (incluindo desde café da manhã até jantar, cuidados médicos e odontológicos, reforço escolar, paralelamente à preparação em aulas com conteúdo básico que lhes permitissem iniciar atividades remuneradas junto a empresas e órgãos públicos.”

⁴ Proposto originalmente por Paulo Freire, tal concepção compreende que a leitura do mundo deve preceder a leitura da palavra, ou seja, a aprendizagem da leitura e da escrita deveria ser significativa para o sujeito, partindo do interesse deste, e levando em conta o que ele já sabe.

que acompanhei longitudinalmente no CCazinho, através do qual me encantei pelo trabalho realizado no Centro e aprendi muitas coisas, como mencionarei adiante.

As entrevistas foram planejadas inicialmente para ocorrer separadamente, primeiro com as crianças, e depois com o familiar. Contudo, logo no primeiro caso essa abordagem não foi possível, visto que a entrevista foi realizada na casa da família, entretanto essa mudança mostrou-se muito positiva, pois as crianças iniciaram a entrevista muito tímidas, e a presença do familiar o apoiava nesse momento, além disso o familiar pode complementar as respostas da criança, e vice-versa.

Justamente por essa timidez inicial a proposta de que o sujeito contasse sua história livremente não foi concretizada, foi preciso interferir fazendo perguntas que orientassem o discurso do sujeito. Apesar da timidez e da necessidade de perguntas que nortegassem a história contada, sempre iniciei perguntando à criança o que ela gostaria de contar de sua história, e essa primeira fala espontânea, na qual o sujeito decidia o que julgava ser mais importante compartilhar de sua história, foi muito importante, pois me mostrava o que ele considerava mais marcante, o que primeiramente lhe apetecia.

CAPÍTULO 1 – PATO... O QUÊ? PATOLOGIZAÇÃO! AS TEORIAS AO LONGO DO CAMINHO

Neste primeiro capítulo apresentarei a discussão sobre a patologização, meu percurso nessa discussão teve início com minha participação no CCazinho, dessa forma relato conjuntamente minha trajetória pessoal nesse centro.

1.1. CCAZINHO

Como contei na introdução, meu caminho na graduação foi transformador, sendo um assunto que me foi muito significativo e que me marcou a patologização. Meu primeiro contato com essa discussão foi através de minha participação no Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/IEL/UNICAMP).

No primeiro semestre de 2012, segundo ano de minha graduação em pedagogia, cursei a disciplina eletiva “AM035 – Acompanhamento de crianças e jovens I”, cujo objetivo: “acompanharem crianças do CCazinho/IEL que apresentam dificuldades normais no processo de leitura/escrita e são naturalmente patologizadas, recebendo os mais diversos rótulos e diagnósticos” (UNICAMP, s/a), proposto na ementa da disciplina, despertou meu interesse pois possibilitava um aprendizado que conciliava teoria e prática, como até então eu cursara apenas disciplinas teóricas e não trabalhava na área, ansiava por uma experiência prática com a educação.

Foi nessa disciplina que conheci a professora Maria Irma Hadler Coudry (Maza), a professora Sonia Sellin Bordin (que naquela época ministrava a disciplina junto com a professora Coudry), e o CCazinho.

De acordo com Coudry (2006/2007) o objetivo desta disciplina é “discutir o excesso de patologização que assola nossas crianças e jovens, por um lado, e compreender as dificuldades e particularidades que essa população apresenta, por outro” (s/n). Preparando os alunos para a “despatologização de processos normais, enfrentando a corrente hegemônica – psicométrica, desinformada, idealizada que ainda domina a escola pública e a clínica tradicional” (COUDRY, 2007, p.18).

Desde 1989 a professora Coudry é corresponsável pelo CCA, Centro de Convivência de Afásicos, o centro foi criado como um convênio interdisciplinar entre o Instituto de Estudos da Linguagem (IEL - UNICAMP) e a Faculdade de Ciências Médicas (FCM – UNICAMP). Trata-se de um lugar de convivência entre pessoas afásicas e não-

afásicas que se encontram semanalmente para acompanhamentos nos quais realizam diversas interações em práticas discursivas (COUDRY, 2010).

Desde o final da década de 1980 a professora Coudry desenvolveu um trabalho de “acompanhamento longitudinal de crianças – mal – diagnosticadas de dislexia que ao serem inseridas em práticas diversas de leitura/escrita aprendem a ler/escrever e prosseguem a escolarização sem “pobreza nem dificuldade”” (COUDRY, 2007, p.15).

Então, em 2004, a professora Coudry criou o CCazinho com o objetivo de acompanhar crianças e jovens com dificuldades de fala, leitura, e/ou escrita que, em sua maioria, receberam diagnósticos de patologias na área de leitura e de escrita. A professora explica que:

Em agosto de 2004, sob minha responsabilidade, e partilhando dos mesmos princípios teórico-metodológicos que sustentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), foi criado no Laboratório de Neurolinguística (LABONE), o Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho), grupo destinado ao acompanhamento de crianças e jovens a quem foi atribuído um diagnóstico (dificuldade de aprendizagem, dislexia, déficit do processamento auditivo, deficiência mental) que mais tem atrapalhado do que ajudado no enfrentamento das dificuldades e particularidades que podem apresentar frente ao processo de escolarização. A atribuição de tais diagnósticos tem sido uma justificativa eficaz para o fracasso e a exclusão escolar, contra o que os pesquisadores que nele atuam se posicionam. O CCazinho é um lugar de pesquisa, formação/intervenção e cuidado a essa população, bem como de atenção a suas famílias; um lugar de práticas com linguagem onde pesquisadores e sujeitos lêem, escrevem, soletram, jogam, dramatizam, cantam, ouvem/contam histórias, lancham, pintam, dançam. (COUDRY, 2006/2007, s/n)

Essa população que chega ao CCazinho “se caracteriza por ser de crianças, jovens e alguns adultos com histórias de fracasso escolar, tendo chegado ao Ensino Médio sem saber ler e escrever com sentido” (BORDIN e COUDRY, 2015, p.130). Entre os diagnósticos que as crianças trazem, os mais comuns são: o Transtorno do Déficit de Atenção, com ou sem Hiperatividade; Dislexia; Alteração do Processamento Auditivo; Dificuldade de Aprendizagem e Transtorno de Aprendizagem.

No CCazinho acompanhamos essas crianças em seu processo de aquisição e uso da leitura e da escrita.

Para o trabalho desenvolvido no CCazinho o interesse é sobre o que a criança/jovem pode contar sobre sua relação com a leitura e com a escrita; qual trabalho linguístico e social que essa criança/jovem realiza; o que esse sujeito nos conta sobre a sua vida e sobre a escola que frequenta? (BORDIN, 2010b, p. 14)

Esse acompanhamento acontece de duas formas:

1. Acompanhamento coletivo – semanalmente por duas horas, reúnem-se as crianças para realização de atividades conjuntas e interativas, que envolvem fala, leitura e escrita

em que se privilegiam mais fortemente na linguagem seus aspectos social, histórico e público. Trata-se de um espaço de interação sócio-histórica compartilhado por diferentes sujeitos (com diferentes histórias que contam coisas do seu cotidiano: é o dia a dia envolvendo a escola, o bairro em que essas crianças vivem, o que veem na televisão, por exemplo) onde acontecem diferentes atividades de escrita, leitura, desenho, leitura dramatizada, teatro, canto, dança; onde se fazem os lanches comunitários. (BORDIN, 2008, p.249)

2. Acompanhamento longitudinal individual – semanalmente por uma hora, são focalizadas as questões individuais de fala, leitura, e/ou escrita através de atividades que visam auxiliar a criança nas necessidades observadas partindo dos interesses dela, mas logo ultrapassando-o, ampliando para novos caminhos, buscando sempre fazer sentido para a criança.

O objetivo agora é levar a criança a mergulhar no próprio processo de escrita e de leitura, levá-la a refletir sobre o trabalho linguístico que realiza quando está escrevendo e lendo. Interessa-nos verdadeiramente as hipóteses que usam para escrever/ler uma coisa e não outra e o que pensam a esse respeito. (BORDIN, 2008, p.249-250)

A maioria das crianças participa dos dois acompanhamentos, sendo que fazem o acompanhamento individual antes ou depois do acompanhamento coletivo. São poucas as crianças que participam apenas do acompanhamento individual, trata-se de casos em que não tem horário disponível para participar do acompanhamento coletivo, por exemplo, porque estuda a tarde.

Também há no CCazinho um acompanhamento familiar, enquanto as crianças participam do acompanhamento coletivo as mães se reúnem em outra sala:

Nesse grupo de mães (como se convencionou chamá-lo), discutimos o valor da leitura/escrita para cada família, os processos por que passam seus filhos, as atividades escolares, os diagnósticos atribuídos a seus filhos, as informações sobre a linguagem, entre outros temas. (BORDIN e COUDRY, 2015, p.130).

Em suma, a professora Coudry explica que “dessa maneira pretende-se, no CCazinho, formar crianças e jovens leitores e escreventes que dominem as formas da

língua que se ajustam aos sentidos em pauta, o que propicia autonomia linguística, condição que se almeja” (COUDRY, 2006/2007, s.n).

1.2. NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

Os acompanhamentos realizados no CCazinho, bem como as pesquisas desenvolvidas a partir das experiências desse centro, seguem os princípios teórico-metodológicos desenvolvidos pela Neurolinguística Discursiva (ND), e foi através desses acompanhamentos que conheci essa teoria que utilizo para nortear esta pesquisa.

A ND foi desenvolvida por COUDRY (1986) e compromete-se com uma visão sócio histórica de linguagem, de cérebro e de sujeito.

Trata-se de uma perspectiva sócio interacionista (COUDRY, 1986) que tem em sua concepção de linguagem uma noção de língua como trabalho coletivo, histórico e cultural, na qual a linguagem é usada em situações concretas, dessa forma o sentido não é dado *a priori*, mas nos contextos discursivos e dialógicos. Além disso, concebe o sujeito como um ser histórico, heterogêneo e incompleto, que se constitui na e pela linguagem (BORDIN e COUDRY, 2015)

Dessa forma, a ND compreende o cérebro como um lugar de relações complexas que são desencadeadas pela linguagem, esta última é tida como um produto social e histórico da humanidade, um “lugar de interação humana, de interlocução” (ABAURRE e COUDRY, 2008, p.173).

Assumir essa perspectiva significa admitir que a língua não é um sistema do qual o sujeito se apropria para usá-la, mas um sistema no qual se “entra” por meio da interação, visto que o sujeito atua sobre a linguagem, modificando-a, e, ao mesmo tempo, se constitui pela linguagem.

Na prática a ND propõe uma

atividade – em que o sentido não é dado a priori, mas em contingências sócio-históricas, ou seja, uma visão discursiva da linguagem; a gramática como uma necessidade antropológica e cultural; a interação como um trabalho conjunto em que esse sujeito se constitui na ação com o outro, sobre o outro e com o mundo. (BORDIN, 2010, p.18).

É através desses pressupostos (COUDRY, 1986) que a ND tem orientando o acompanhamento longitudinal, a avaliação e a análise dos dados produzidos pelos sujeitos do CCazinho.

O investigador - orientado pelo que já se sabe a respeito do quadro com base em uma perspectiva discursiva - procura interpretar o que ocorre no acontecimento discursivo. São interpretações que se dão no curso da ação e que mudam - mais ou menos - em função da dinâmica do próprio acompanhamento. A forma de intervir - para ver mais - e a forma de interpretar aquilo que se vê tem, portanto, caráter temporário, próprio do processo. Para a ND, especialmente para a prática clínica, ainda que seja necessário ler o visível, é crucial descobrir segredos. (COUDRY, 2013, p.6.)

Dessa forma, a base do acompanhamento longitudinal são a interlocução e a relação entre sujeito e linguagem.

A metodologia, de natureza heurística (COUDRY, 1986), é orientada pelo conceito de dado-achado, um dado que é ao mesmo tempo “revelador e encobridor”. Esse conceito permite analisar um fato como um dado, trata-se de “interpretações que se dão “no curso da ação” e que mudam – mais ou menos – em função da dinâmica do próprio acompanhamento. A importância do dado-achado está em sua “singularidade reveladora” que permite

“descobrir segredos”, dessa forma “o dado-achado se ajusta mais aos propósitos da ND porque revela muito a respeito do sujeito e das marcas da subjetividade na linguagem e, também, sobre os processos linguísticos e psíquicos envolvidos no trabalho com e sobre a linguagem” (COUDRY e FREIRE, 2010.1, p. 32)

Com isso, através do trabalho no CCazinho e orientada pela ND, aprendi a olhar o sujeito como histórico, e a compreender as singularidades que o constituem; passei a conceber a linguagem como forma de interação e não como decodificação de códigos; também aprendi a estar atenta para a interação do sujeito com o cuidador e com a linguagem, entendendo que é nessas relações que o sujeito se expressa, o que permitirá uma melhor compreensão desse sujeito e de seu processo de aprendizagem, além de auxiliar o desenvolvimento de atividades específicas.

1.3. DEFININDO CONCEITOS: PATOLOGIZAÇÃO

Todas as crianças que passaram pelo CCazinho aprenderam a ler a escrever, independente do seu diagnóstico, ou seja, “quando essas crianças passam a ser olhadas e a se olharem como sujeitos de suas próprias histórias, entram para o mundo da escrita e começam a ler e a escrever” (BORDIN, 2010b, p. 14). Tal fato permitiu o questionamento

que fazemos no CCazinho: “será que as crianças realmente apresentavam a patologia com a qual foram diagnosticadas? Ou se tratava de casos de patologização da aprendizagem?”.

Foi através da disciplina AM035 e de minha participação no CCazinho que conheci o processo de patologização, e fui introduzida na discussão sobre esse tema, pois até então eu nunca havia ouvido essa palavra.

O termo medicalização refere-se ao processo de transformar questões não-médicas, eminentemente de origem social e política, em questões médicas, isto é, tentar encontrar no campo médico as causas e soluções para problemas dessa natureza. (...) Por essa visão de mundo, as circunstâncias sociais, políticas, econômicas, históricas teriam mínima influência sobre a vida das pessoas; daí decorre que o indivíduo seria o maior responsável por seu destino, por sua condição de vida. (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p. 25 - 26)

Ou seja, a medicalização é um reducionismo biológico que transfere para o indivíduo a responsabilidade por seus “problemas”, desconsiderando qualquer possível influência sócio histórica.

Seguindo essa lógica, por exemplo, a explicação para uma criança que não consegue aprender na escola está na própria criança. Ela tem dificuldade, ela apresenta um problema, a culpa por não conseguir aprender é dela. Com isso, não se busca observar o contexto ao qual essa criança está submetida, sua escola, sua família, sua condição econômica e sua história.

A aprendizagem e a não-aprendizagem sempre são relatadas como algo individual, inerente ao aluno, um elemento meio mágico, ao qual o professor não tem acesso – portando, também não tem responsabilidade. (...) o diagnóstico é centrado no aluno, chegando no máximo até sua família; a instituição escolar, a política educacional raramente são questionadas no cotidiano da Escola. Aparentemente, o processo ensino-aprendizagem iria muito bem, não fossem os problemas existentes nos que aprendem. (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p.26)

Compreendo que seja importante esclarecer o porquê uso o tema patologização, e não medicalização, e se há diferença entre eles.

Anteriormente, os envolvidos no processo de medicalização eram apenas médicos, mas com o tempo diversos outros profissionais (como psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e até professores) passaram a exercer essa prática biologizante, “daí a substituição do termo medicalização por um outro mais abrangente - patologização” (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p.26).

Dessa forma, como indicam COLLARES, MOYSÉS e RIBEIRO (2013) as expressões medicalização e patologização têm disso usadas como sinônimos.

O fato é que “temos acompanhado uma crescente patologização daquilo que, muitas vezes, é normal – tristeza vira depressão; processo de aquisição de escrita vira dislexia, sapequice vira hiperatividade” (FREIRE, 2010, p. 141).

A educação também vem sendo patologizada com grande velocidade. Como mencionei anteriormente, a suposta dificuldade de aprendizagem na escola se tornou doença, justifica-se o não aprender dos alunos como um distúrbio que acomete esse aluno.

Outra maneira de se patologizar a não-aprendizagem consiste nas disfunções neurológicas, sendo os distúrbios de aprendizagem sua forma de expressão mais em moda atualmente. Sobre esse assunto, podemos afirmar que até hoje, cem anos depois de terem sido aventados pela primeira vez por um oftalmologista inglês, não se provou sua existência. É uma longa trajetória de mitos, histórias criadas, fatos reais que são perdidos/omitidos... Trata-se de uma pretensa doença neurológica jamais comprovada; inexistem critérios diagnósticos claros e preciosos como exige a própria ciência neurológica; o conceito é vago demais, abrangente demais... (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p.29)

A realidade é que atualmente,

na escola, crianças são avaliadas segundo padrões que desconsideram que há modos próprios de aprendizagem/ modos de (se) significar. Na escola os sujeitos já são enquadrados em uma única forma de aprender. A diversidade é tomada como desvio e novos transtornos surgem para explicar o fracasso da escola em acolher aqueles que não se submetem às formas oficiais de aprendizagem. É a adequação dos corpos ao sistema capitalista que exige máxima produção em tempo mínimo. Também na educação, desenvolvimentos saudáveis, mas que escapam a essa norma vigente, estão submetidos ao olhar medicalizante. Disgrafia, disortografia, dislexia, TDAH, são alguns dos rótulos impostos aos aprendizes. (BARROS e MASINI, 2015, p. 11-12)

Dessa forma, temos uma escola que interpreta as singularidades do aluno como dificuldades, esse olhar medicalizante é facilitado pela ausência de critérios na realização dos diagnósticos, como nos aponta COUDRY (2006), que denomina essa característica de “vagueza determinística”. Segundo ela é necessário maior rigor nesses procedimentos clínicos; além disso, não só os testes apresentam essa vagueza, mas também os diagnósticos e laudos são poucos precisos, além dos rótulos que eles geram. Então, “O que o diagnóstico põe em relevância? Na criança, o fato de que está em dissonância com o que a escola e a família esperam dela” (BORDIN, 2010, p. 12).

Também estudaram esses diagnósticos, e os testes padronizado, COUDRY (1986), COUDRY e POSSENTI (2010); COLLARES e MOYSÉS (1994); FREIRE (2010); e BORDIN (2010).

Segundo esses autores, os testes padronizados apresentam diversas inadequações, ao escolher as tarefas estão privilegiando alguns aspectos em detrimento de outros, na maioria dos casos eles se limitam a metalinguística. Além disso, as tarefas são descontextualizadas, simulam situações artificiais que não atraem a atenção do sujeito e nem fazem sentido para ele. Isso se deve a concepção de linguagem presente nesses testes.

Veja-se que uma concepção de linguagem como um código não mostraria diferenças entre os sujeitos pois em todos se advertem problemas de natureza discursiva que envolvem outros fatores do que os observáveis no material linguístico. Os testes igualariam os sujeitos (inclusive do ponto de vista da variação linguística) e não forneceriam um diagnóstico completo (COUDRY, 1986, p. 20)

GOLDBERG também critica a concepção de “*memoria activa*” que está presente nos testes padronizados:

Há uma diferença crucial entre os típicos testes de memória e a forma como a memória é utilizada na vida real. Na vida real, eu tenho que decidir o que lembrar. Em um teste de memória típico, a decisão é tomada pelo examinador: << Ouça estas palavras e lembre-se delas >>. Ao mudar o processo de tomada de decisão do indivíduo para o examinador eliminamos o papel dos lóbulos frontais e a tarefa da memória não é mais uma tarefa da memória ativa. A maioria dos atos de recordação da vida real envolvem a memória ativa e os lóbulos frontais, mas a maioria dos procedimentos utilizados nas pesquisas sobre memória e nos exames dos pacientes com distúrbios de memória não envolvem. (GOLDBERG, 2015, p.89 Tradução livre)

Ao ler esses estudiosos, fica evidente que os testes não fazem sentido para o sujeito que o realiza, as habilidades que escolhe julgar e o como o faz não se assemelha a como utilizamos tais conhecimentos na vida.

A questão que nos incomoda é: como médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, podem acreditar e querer fazer todos acreditarem que 18 perguntas possam de fato identificar pessoas com uma doença neurológica ou neuropsiquiátrica? Perguntas como as que compõem o questionário SNAP IV (ABDA 2012^a), que se pretende capaz de diagnosticar TDAH. (COLLARES, MOYSÉS e RIBEIRO, 2013, p. 45)

Contudo há uma aceitação geral da sociedade sobre esses diagnósticos. FREIRE (2010) comenta que os pais veem os diagnósticos como uma fatalidade, a escola e os professores veem como uma possibilidade de se eximir de qualquer responsabilidade, e

com isso aluno passa a ser um caso médico que precisa de tratamento adequado. Essa é a função social do diagnóstico, legitimar um problema do indivíduo:

A única preocupação consiste em encontrar “diagnósticos” que expliquem, justifiquem o não-aprender. Não se trata de buscar um diagnóstico real para uma ação efetiva, no sentido de minimizá-lo, ou mesmo anulá-lo. Uma vez feito o “diagnóstico”, cessam as preocupações e angústias (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p.29)

1.4. ACOMPANHAMENTOS LONGITUDINAIS

Ainda durante a disciplina AM035, acompanhei uma criança, Relâmpago I, juntamente com a professora Bordin. No segundo semestre decidi dar continuidade a minha participação, cursando a disciplina AM045 – Acompanhamento de crianças e jovens II, que visa “aprofundar a formação dos alunos cuidadores no estudo do funcionamento do cérebro, mente, linguagem e corpo tendo como foco a interdisciplinaridade que envolve o processo de leitura/escrita...” (UNICAMP, s/a b).

Com isso, mantive minha participação nos acompanhamentos longitudinais individuais e coletivo, sendo que nesse primeiro ano eu participava de apenas metade do acompanhamento coletivo, pois meu horário estava comprometido com outra disciplina.

Dessa forma, atuei como participante ativa do CCazinho desde 2012 como aluna-cuidadora no acompanhamento longitudinal individual e nas sessões em grupo.

A ND utiliza o conceito de cuidador para denominar os adultos que interagem com as crianças e que são responsáveis pela realização dos acompanhamentos individuais e coletivos, esse termo se inspira nos conceitos vygotskyanos que compreendem a aprendizagem como um processo dinâmico no qual a criança tem um papel ativo, essa teoria também propõe o conceito do nível de desenvolvimento potencial, que corresponde a capacidade de resolver problemas com orientação, atuar nessa zona de desenvolvimento é o papel do cuidador, dessa forma:

Para a ND, o *cuidador* é aquele que ocupa o lugar desse adulto e na mediação com a criança favorece que esta desenvolva a consciência (...) sobre o trabalho linguístico que o aprendiz realiza com a leitura e a escrita e a função social desses processos. (BORDIN, 2010a, p. 12)

Em 2013 decidi continuar participando do centro. A verdade é que o trabalho feito no CCazinho me encantou, assim como as histórias das crianças e nosso papel ao ajudá-las.

Desde então eu participei dos acompanhamentos coletivos em 2012, 2013, 2014 e 2015. E ao longo desse mesmo período, mas não simultaneamente, acompanhei individualmente Suzan, Markus, Cecilia, Veronica, John, Nicholas, Joann, Rachel e Charles⁵.

Meu interesse nesse centro - e principalmente na história dessas crianças – foi muito grande e suscitou uma questão que foi transformada na pesquisa “Crianças da década 2000: dificuldades ou novas necessidades no processo de aquisição da leitura e da escrita?”, na qual apresento a hipótese de que as diversas dificuldades que estão sendo apontadas nas crianças são necessidades que elas apresentam por serem crianças que nasceram em um ambiente digital, em uma outra época e em outro contexto social; que ainda não sabemos como aprendem. Por outro lado, enquanto as crianças trazem todas essas mudanças a escola continua a mesma, um ambiente no qual não há lugar para a criança pensar e refletir a respeito do que escreve. “A escola, ainda e sempre, como o lugar do não sentido” (COUDRY, 2006/2007, s.n.).

Também participei dos encontros dos grupos de pesquisa: “Projeto Integrado em Neurolinguística: práticas com a linguagem e documentação de dados (CNPq: 307227/2009-0)” e “Projeto Neurolinguística Discursiva: Afasia e Infância, um encontro possível (CNPq 312522/2013-4)”, ambos coordenados pela professora Coudry.

1.5. CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS – A AQUISIÇÃO E O USO DA LEITURA E DA ESCRITA

Ao longo de minha participação no CCazinho compreendi que muitas das dificuldades escolares que as crianças apresentam durante o processo de aquisição e uso da leitura e da escrita, na verdade fazem parte desse percurso, contudo por não compreendermos esses processos acabamos por avaliar tais dificuldades como erros, ou pior ainda, como patologias.

A experiência de ler e escrever com as crianças, vividas no CCazinho, mostra o que já se sabe: os chamados erros são dificuldades que podem ser superadas e não se associam à falta de capacidade cognitiva ou à patologia, por parte das crianças. Mas revelam muito sobre a relação da criança com a fala, a linguagem e o escrito e sobre o modo como o processo de aquisição é conduzido (COUDRY, 2006, s.n.)

⁵ Os nomes aqui citados são nomes fictícios que escolhi baseando-me nos mesmos critérios para escolha dos nomes usados no capítulo 2, ou seja, inspirados em meus autores de literatura preferidos.

Também percebi, ao longo da graduação em Pedagogia, que pouco se discute com os professores em formação sobre a patologização da educação e sobre as características, complexidades e dificuldades envolvidas no processo de aquisição e uso da leitura e da escrita. Com isso, questiono: como os professores poderão identificar o patológico se não conhecem o “normal”? O posicionamento da maioria dos professores sobre a patologização traz

um poderoso preconceito em relação ao processo normal de aquisição e uso da escrita/leitura, rigidamente arraigado em uma visão corretiva e normativa de língua e de linguagem, o que resulta na inapropriada patologização de crianças e jovens que estão passando por esse processo (COUDRY, 2006, s.n.).

O acompanhamento realizado no CCazinho despatologiza também o olhar dos cuidadores, na medida que estes passam a compreender as complexidades envolvidas no processo de aquisição e uso da leitura e da escrita.

Essa experiência, me fez acreditar que compreender a complexidade desses processos pode ajudar os professores e as crianças em sala de aula, na medida em que os professores não irão interpretar as hipóteses das crianças como erros, e assim, patologizá-las.

Por considerar esse assunto de vital importância e acreditando que a discussão, principalmente com futuros professores, pode interferir positivamente na vida de muitas crianças, propus a pesquisa que tem como um dos objetivos promover tal discussão.

Durante minha participação, também conheci importantes teóricos que estudam a linguagem e o processo de aquisição da leitura e da escrita, dessa forma compreendi melhor as complexidades desse processo, agora compartilharei um pouco desse conhecimento aqui.

Os pressupostos teórico-metodológicos da ND são baseados em três principais autores, Freud, Vygotsky e Luria, e é a partir dessas teorias que compreendemos o processo de aquisição e uso da leitura e da escrita.

FREUD (1891) destaca a complexidade da aprendizagem da leitura e da escrita, cujo processo ativa um sistema complexo: língua, linguagem e sentido, que a criança já realiza desde seu nascimento, mas que “se soma à coordenação na mão e do olho exigido no desenho da letra; memorização de sua correspondência sonora; memorização da convenção ortográfica e das normas da língua escrita” (BORDIN e COUDRY, 2015, p.131).

Segundo as autoras utilizamos a teorização de Freud para “compreender a heterogeneidade dos caminhos que as crianças percorrem para entrar no mundo da leitura e da escrita, reconhecendo que nem todas entram nele da mesma maneira e no mesmo ritmo” (BORDIN e COUDRY, 2015, p.132). Pois, como mencionamos anteriormente, a ND concebe o sujeito como ser singular.

Também utilizamos de Freud a ideia de que as variedades linguísticas em que o sujeito está submetido, influenciarão o aprendizado, a leitura e a escrita; bem como a ideia de que o erro revela descobertas; e a valorização de que a aprendizagem faça sentido para a criança “considerando que quem sabe ler e escrever não lê ou escreve letras, mas sentidos presentes na fala/língua” (COUDRY e BORDIN, 2012, p.148), segundo Freud o aparelho de linguagem está destinado a associar as palavras a partir de experiências de sentido do sujeito no corpo e na língua” (BORDIN e COUDRY, 2015, p.133).

BORDIN (2010) utiliza a teoria de Freud para explicar como o processo de alfabetização é complexo, a criança precisa realizar diversas associações, é preciso saber o nome, o som e a grafia da letra, é preciso decidir rapidamente entre a fala do nome da letra, a fala do som da letra e a representação gráfica da letra.

PATTO (1991), ao analisar o fracasso escolar, questiona qual é essa ideia desempenho desejado pela escola, na qual a criança é levada a memorizar conteúdos que nem mesmo entende, “o que se ensina e a forma como se ensina torna a tarefa de ensinar e de aprender uma sucessão de atividades sem sentido que todos, professora e alunos, executam visivelmente contrafeitos e desinteressados” (p. 233). Essa, segundo a autora, pode ser apontada como uma das causas do fracasso escolar desses alunos, e entendo também que podemos interpretar como uma das causas da patologização, visto que “via de regra: as crianças não estão atentas ao conteúdo, à professora e aos colegas, ora submergindo numa espécie de “autismo”, ora dedicando-se a atividades que inventam para conjurar o tédio ou para dar algum sentido à sua presença em classe” (PATTO, 1991, p.241).

Na perspectiva da ND também consideramos de extrema importância compreender a noção de aprendizagem em espiral, proposta por Vygotsky, “o desenvolvimento, neste caso, como frequentemente acontece, se dá não em círculo, mas em espiral, passando por um mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior” (VYGOTSKY, 2007, p.56), dessa forma, “aprender exige um movimento em espiral: vai-se para o novo, passando pelo antigo, pelo conhecimento prévio. “O aprender se dá em

saltos qualitativos”, diz o autor, e assim provoca o desenvolvimento” (BORDIN, 2010a, p. 79). Com isso,

entendemos que a criança barrada inicialmente em processo de leitura e escrita tem maiores dificuldades em avançar porque não resgatou, naquelas condições oferecidas pelo professor, conhecimentos específicos pertinentes a tais processos. A experiência de ser aprovado na escola, mesmo sem saber, de fato, ler e escrever faz parte da história de muitos alunos brasileiros. (BORDIN e COUDRY, 2015, p.135).

Também destacamos a importância de corrigir as produções das crianças, analisando com elas suas hipóteses:

o aluno não sabe quando acerta ou quando erra e quando o professor corrige sem explicar o porquê, não se desestabiliza a hipótese utilizada pela criança, em favor de outra, que continuará sendo usada, repetida, sendo indevidamente automatizada. Portanto, somente em mediações diferentes dessa em que o adulto intervém na escrita da criança é que ela terá consciência do próprio processo de leitura e de escrita em andamento. (BORDIN e COUDRY, 2015, p.134).

Foi em minha participação no CCazinho que conheci a teoria do desenvolvimento da escrita na criança, de LURIA (1988/2001). Essa teoria foi muito marcante em minha trajetória, pois ela considera que “a história da escrita na criança começa muito antes da primeira vez em que o professor coloca um lápis em sua mão e lhe mostra como formar letras” (LURIA, 1988/2001, p.143). Além disso, o autor destaca a importância da motivação para que a criança se interesse em começar a escrever, e para que ela compreenda a escrita como uma função social.

Luria define os estágios desse desenvolvimento da escrita, partindo desde o primeiro estágio, onde a criança escreve para cumprir uma função, ou seja, porque deseja imitar o adulto, mesmo sem compreender o significado ou o mecanismo, escrevendo apenas “rabiscos indistintos”, a fase da pré-escrita é como uma brincadeira. Passando pelo início da diferenciação que as crianças fazem entre as formas que devem ser escritas, pela escrita através de imagens (escrita pictográfica), até a escrita simbólica, com o reconhecimento dos elementos do alfabeto e então, dos desenhos gráficos.

Através das leituras realizadas nas reuniões do grupo de pesquisa da ND também conheci a “hierarquia de constituintes silábicos”, ou seja, compreendi que as sílabas são constituídas em CV, CVC ou CCV; e que cada sílaba se compõem de partículas: o ataque e a rima, esta última que se decompõem em núcleo e coda. Sendo que, “o português permite o preenchimento da coda e admite a ramificação do ataque, mas tais sílabas são

mais complexas e são produzidas mais tarde pelas crianças no processo de aquisição da linguagem oral” (ABAURRE, 2001, n/d).

Com isso, entendo que faz parte do processo de aquisição da leitura e da escrita, as dificuldades que as crianças apresentam quanto às sílabas complexas, bem como as omissões ortográficas “em relação à estrutura interna da sílaba, concebida como uma organização hierárquica de suas partes constitutivas” (AMARAL, FREITAS, CHACON e RODRIGUES, 2011, p.864).

Outro assunto que pude discutir são as “trocas” de letras, SILVA (2014) acompanhou um sujeito no CCazinho que foi muito estigmatizado por suas “trocas”, que na verdade são sinais da instabilidade da relação entre som e letra, ou seja, trata-se do processo normal da aprendizagem da escrita. Segundo CAGLIARI (1997) é preciso que o professor tenha conhecimento linguístico para interpretar as hipóteses das crianças e compreender as instabilidades da escrita como parte do processo e não como erros: “a criança não sabe escrever: está aprendendo; e como não tem todas as informações, procura achar a sua lógica e coerência, podendo chegar a resultados inesperados” (p.55), o autor defende que é preciso considerar as reflexões das crianças: “os erros dos alunos revelam uma reflexão sobre os usos linguísticos da escrita e da fala. Só a escola não reconhece isso, julgando que o aluno é distraído, incapaz de discriminar, aprender, memorizar, se concentrar no que faz” (p. 61).

Todos esses conhecimentos, e muitos outros, adquiri em minha participação no CCazinho, e me aflige saber que meus colegas, futuros professores, desconhecem esses aspectos tão importantes sobre a aquisição e o uso da leitura e da escrita.

1.6. ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO

A ND tem como referência para o estudo da relação entre normal e patológico CANGUILHEM (1978), que faz um exame crítico sobre os conceitos de normal, anormal, patológico, doença, norma e normatividade, os quais permeiam nossa discussão sobre a patologização.

O autor explica que a área médica sempre esteve preocupada em definir o que é normal e o que é patológico. O normal seria aquele que segue a regra, a norma imposta.

Acreditar que devemos ser como a norma imposta, ou seja, ser normal, implica definir um “estado ideal”, que como apresenta Canguilhem, trata-se de um “julgamento

de valor”. Ou seja, valoramos atitudes e comportamentos, escolhendo o que deve ser o ideal.

É certo que, em medicina, o estado normal do corpo humano é o estado que se deseja reestabelecer. Mas será que se deve considerá-lo normal porque é visado como fim a ser atingido pela terapêutica, ou, pelo contrário, será que a terapêutica o visa justamente porque ele é considerado normal pelo interessado, isto é, pelo doente? Afirmamos que a segunda relação é a verdadeira. (CANGUILHEM, 1978, p. 96)

A escolha do estado ideal é feita através da definição da média, observa-se os comportamentos mais frequentes e é a partir deles que se define o padrão do que é normal.

Ao definir-se o estado normal, que é considerado o ideal, constitui-se a norma, ou seja, desenvolvem-se normas e regras para que este estado seja atingido e mantido.

O autor traz a ideia de uma “normatividade biológica”, que seria a força vital de um indivíduo, e que institui as normas do comportamento deste sujeito.

O autor não concebe o ser vivo fora de sua relação com o ambiente, o que os faz normais um para o outro. Para abordar o que é normal Canguilhem define a normatividade, no lugar de normalidade, ou seja, um processo vital através do qual o ser vivo, humano ou animal, se individualiza, do ponto de vista biológico e psíquico. Os organismos põem em ação sua força vital, atualizando-a em ações através de atitudes e comportamentos particulares que o identificam. (COUDRY e POSSENTI, no prelo)

Ou seja, a normatividade biológica é o que leva o sujeito a agir, o que dita o comportamento e define a atitude, “quando uma pessoa se sente ameaçada, a força vital possibilita a invenção em seu cotidiano de forma novas de responder ao que se apresenta como uma barreira” (COUDRY e POSSENTI, no prelo). Por exemplo, o texto citado é o prefácio de um livro, chamado “Dislexicando”, no qual a autora se apresenta como disléxica; ela escolheu escrever um livro mantendo os “erros” ortográficos que considera consequência de sua dislexia, mesmo sabendo que tais “problemas” poderiam ser facilmente solucionados com o uso de um corretor. Isso mostra, segundo Coudry e Possenti, que esse sujeito escolheu usar sua normatividade para se manter disléxica:

o normal, para Canguilhem, pressupõe um valor a ser expresso: aquilo que é como deve ser. Viver é atribuir valor, diz o autor. E isso se dá ao longo da vida e suas transformações por ação da força vital que renova a vida, cria novas formas de relação entre organismo e meio. (...) Você cria normas, no sentido de Canguilhem, que a fazem sentir e agir como um ser vivo, individualizando sua relação com a escrita que é valorada por você em várias passagens de seu texto, até para rir de sua dislexia e

causar riso com as soluções que inventa. (COUDRY e POSSENTI, no prelo)

Dessa forma, compreendo que: a sociedade institui as normas, determinando-a através de médias de comportamentos frequentes, estes são os comportamentos considerados como normal; cabe ao ser humano se adequar a essas normas, pois se ele fugir desse padrão será considerado anormal; cada indivíduo tem uma normatividade biológica, que é sua individualidade; entretanto, como o corpo está submetido à vida, ele não toma decisões completamente apartadas da norma social, ou seja, nossa individualidade se submete às normas sociais.

essas normas não são fruto de hábitos individuais que determinado indivíduo poderia adotar ou abandonar, a seu bel prazer. Admitimos uma plasticidade funcional do homem, ligada, nesse homem à sua normatividade vital, mas não se trata de maleabilidade total e instantânea, nem de maleabilidade puramente individual. (CANGUILHEM, 1978, p.138)

Observei nas discussões feitas pela ND que podemos usar esse conceito de normatividade para compreender as crianças patologizadas, dessa forma, compreende-se que essas crianças têm uma normatividade diferente da norma imposta como convenção social, não se trata de uma ausência de normatividade, mas de uma normatividade diferente da aceita socialmente. Para que essa criança vá bem na escola é preciso que ela ajuste sua normatividade, que controle seu comportamento, que se enquadre na norma social. Contudo sua normatividade diferente é considerada “erroneamente” como patologia, visto que se considera que “o patológico não é a ausência de norma biológica, é uma norma diferente, mas comparativamente repelida pela vida” (CANGUILHEM, 1978, 114).

Adequar-se à norma social é o que todos fazemos diariamente, nossos comportamentos oscilam entre essa divisão normal/patológico, contudo, em geral, conseguimos, nos manter no comportamento considerado normal. Essas crianças não conseguem controlar sua força vital, ou melhor, ajustam sua força vital para que ela corresponda ao ideal esperado.

Contudo o sujeito considera essa força vital diferente que ele possui como normal, como a disléxica que escolhe continuar disléxica, ela opta por não se enquadrar na norma social, mas por manter sua normatividade diferente. No CCazinho buscamos auxiliar a criança mostrando a ela como a escola, e a sociedade como um todo, espera que ela se comporte, o que é, e o que não é permitido (por exemplo, que devemos ouvir o outro

quando ele fala conosco), pois assim a criança compreende e ajusta, aos poucos, sua normatividade de forma que ela consiga ter sucesso na escola, por exemplo.

BARTHELSON (2014) também relaciona a concepção de normatividade com a patologização das crianças, ela se apropria de Foucault e explica que segundo esse autor, o “sujeito incorrigível do século XVII-XVIII” “será no século XIX o *indivíduo anormal*”, ao refletir sobre essa consideração do autor, e olhando para as crianças do CCazinho, ela aponta:

Os anormais seriam hoje as crianças equivocadamente diagnosticadas por patologias e estigmatizadas em suas dificuldades. Nessa direção, também é possível estabelecer um paralelo entre a clínica como “lugar de correção” desse sujeito anormal, e sua “aparelhagem de correção” como os recursos usados pela clínica no trabalho com essas crianças: jogos, brinquedos, testes, programas computacionais. Dentre esses recursos, temos o DSM-IV, que não somente classifica essas crianças, mas também determina os limites para seus aprendizados (BARTHELSON, 2014, p. 52)

É importante compreender o sujeito na contemporaneidade, para contextualizarmos o processo de patologização atualmente, para isso a ND recorre a BIRMAN (2012).

Segundo o autor a sociedade se transformou ao longo do tempo, o que modificou os sujeitos; atualmente os sujeitos vivem no desamparo psíquico, são individualistas e narcisistas, disseminam a violência, a crueldade e a destruição.

A saúde se transformou no ideal humano, as pessoas estão obcecadas em ter uma saúde perfeita, manter a juventude e buscar a longevidade, alguns até mesmo procuram pela imortalidade. Essa preocupação extrema nos leva a um estado de “estresse permanente”. Esse “estresse está no centro do mal-estar atual, produzindo diferentes sintomas psicossomáticos” (BIRMAN, 2012, p.72)

Nesse contexto destaca-se o papel dos medicamentos, afinal “a magia das drogas psicofarmacológicas, que pretendem agir sobre o mal-estar no próprio corpo, em estado nascente, regulando diretamente os humores deste” (BIRMAN, 2012, p.75), ou seja, os sujeitos estão buscando na farmacologia uma solução para o mal-estar atual, banalizando ainda mais a medicalização.

Segundo Birman (2012) o processo de medicalização começou há muito tempo:

Assim, iniciado com a polícia médica e a higiene social, na Alemanha, na França e na Inglaterra, a medicalização do espaço social passou a promover o ideário da saúde no lugar anteriormente conferido à salvação, no espaço social pós moderno, permeado que aquele era pelo imperativo da religião. Constituiu-se então a clínica e a medicina social,

frente e verso que são da mesma folha, isto é, do mesmo processo de medicalização do espaço social. As categorias de normal, anormal e patológico passaram a dominar os discursos médicos e as políticas públicas, que visavam normalizar as populações. (...) o que estava em questão era a conjugação rigorosa dos registros do corpo disciplinar e do corpo-espécie, matérias-primas por excelência do poder disciplinar e do biopoder, de maneira que o adestramento corporal era a contrapartida para a programação eugênica da população saudável e com boas possibilidades de reprodução biológica e social. (BIRMAN, 2012, p. 77 – 78)

Atualmente os discursos médicos estão presentes no senso comum, ditando as normas sociais, segundo PETRI (2015) trata-se de uma forma de dominação ideológica, há uma gramática médica que dita as regras: “como se pode ser e como não se pode ser”, os sujeitos tem adequado sua subjetividade a essas regras, modificando sua prática cotidiana:

Pelo funcionamento discursivo da medicalização, o sujeito acredita experimentar a certeza de que não ficará doente, de que pode alcançar ideais de beleza padronizados pela mídia do espetáculo, de que poderá adiar o envelhecimento, de que poderá driblar o sofrimento e a morte. E é na esteira desta potencialização do sujeito que nos deparamos com a urgência e a frequência dos exames preventivos (que invariavelmente detectam alguma coisa); com a procura desenfreada pelas academias de ginástica e clínicas estéticas (que, na maioria das vezes, culminam com as cirurgias plásticas); com a busca da juventude eterna, seja por meios comportamentais, seja por tratamentos revolucionários; com a busca da vida eterna, seja pelas experiências de clonagem, seja por meio de congelamento de sêmen ou de embriões. (...) De um lado, os detentores do saber sobre a vida (saúde/doença), todos vestindo branco; e, de outro lado, o paciente, só e nu, aquele que deseja conhecer a fórmula da vida saudável e que aceita que lhe digam como deve proceder e como não deve proceder. (PETRI, 2015, p. 29 - 30)

Com o discurso médico ditando como a sociedade deve proceder, observamos uma medicalização exacerbada, que traz como consequência:

1) Patologização: excesso de diagnósticos que se fazem por testes que conduzem à expropriação da experiência com a linguagem e o com outro. 2) Tecnicamente: banalização dos sintomas porque não se conhece o funcionamento normal do processo de entrar no sistema, que se faz por várias portas, nem o sujeito de seu tempo. 3) Há momentos mais complexos no processo que requerem intervenção. E não testes: que representam a ação dos dispositivos em sujeitos fabricados/assujeitados. (COUDRY, 2014, p.23)

BARROS e MASINI (2015) também apontam que os sujeitos têm sido incentivados socialmente a buscar a psicofarmacologia: “mais do que controlar a dor física, na

contemporaneidade as pessoas têm buscado controlar os sentimentos e as sensações que permeiam as relações humanas” (p. 9).

Tal busca tem levado a dependência física e psíquica, o que tem instaurado na sociedade, segundo Birman, a cultura das drogas. Esse contexto já se disseminou em toda sociedade, em variadas faixas etárias e classes sociais, alcançando até mesmo as crianças em suas escolas.

Dessa forma, na sociedade atual sofremos com a pressão de corresponder à normatividade, de ser sãos e de apresentar um desempenho cada vez melhor, e quando não conseguimos somos patologizados, nos tornamos doentes e somos medicados.

A normatização da vida tem por corolário a transformação dos *problemas da vida* em doenças, em distúrbios. Aí surgem, como exemplos na atualidade, os *distúrbios de comportamento*, os *distúrbios de aprendizagem*, a *doença do pânico*, apenas para citarmos alguns entre os mais conhecidos. O que escapa às normas, o que não vai bem, que não funciona como deveria... tudo é transformado em doença, em um problema biológico, individual. A medicalização é fruto do processo de transformação de questões sociais, humanas, em biológicas. Aplicam-se à vida as concepções que embasam o determinismo biológico, tudo sendo reduzido ao *mundo da natureza*, conforme já discutimos. (MOYSÉS, 2001, p. 176)

Mas para que tudo isso ocorra, para que a sociedade consiga controlar nossa normatividade biológica, para que todos concordem e sigam os padrões sociais, muitas vezes sem nem perceber que o fazem, é necessário que a sociedade mantenha a norma instituída, que instaure “instrumentos normatizadores”:

O poder da norma pressupõe o poder do que definem, aplicam, avaliam a norma. A necessidade da sociedade por instrumentos normatizadores reverterá em poder para determinados campos da ciência, com destaque para a medicina, psicologia e educação. O olhar clínico assumirá junto com o poder de normatizar, também o poder de vigiar, examinando e de definir sanções corrigindo desvios da norma. (MOYSÉS, 2001, p. 176)

Ou seja, “o corpo está preso no interior de poderes muito apertados que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1994, p. 154), contudo é preciso disciplinar esse corpo, exercer uma “coerção” que o obrigue a atuar da forma como se deseja.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente no

decorrer da época clássica, são construídos esses <<observatórios>> da multiplicidade humana para os quais a história das ciências guardou tão poucos elogios. (FOUCAULT, 1994, p. 154)

Esses “observatórios” foram implantados como um “aparelho de Estado”, instituições que tem como objetivo a normatização.

O ser humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma <<anatomia política>> que é também igualmente uma <<mecânica do poder>> está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos <<dóceis>>. (FOUCAULT, 1994, p. 127)

Segundo Patto (1991) a escola é uma dessas instituições normatizadoras, visto que ela surge com a função de padronizar, “imposta como instrumento de unificação nacional” (p.29). Além disso, Patto comenta que a escola utiliza mecanismos disciplinadores para docilizar o corpo, como o “quadriculamento”, proposto por Foucault, que seria o posicionamento dos corpos na sala de aula:

a ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente... (FOUCAULT, 1994, p.134)

Para disciplinar o corpo também se faz uso da punição, segundo o autor, “a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal” (FOUCAULT, 1994, p. 160), contudo ele aponta que há uma nova forma de punir, na qual a tortura deixa de ser no corpo, como na antiguidade, e passa a ser na alma, ou seja, a tortura passa a ser introjetada, e muitas vezes sequer a percebemos, “deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata” (FOUCAULT, 1994, p.15), passa a ser uma punição velada.

Em suma, “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normatiza” (FOUCAULT, 1994, p. 163).

Dessa forma, penso que consegui construir aqui um panorama sobre como a definição médica de normal e de patológico influencia o comportamento dos sujeitos,

visto que através dessas concepções determina-se a norma social, ou seja o comportamento ideal que se espera dos sujeitos, através de Canguilhem. Também apresentei a discussão de Foucault que mostra como o Estado instaura instituições normatizadoras, que visam enquadrar a normatividade biológica dos indivíduos, para que eles se disciplinem e se tornem corpos dóceis, seguindo o padrão desejado. E analisei, a partir de Birman e de Petri, como a medicalização se alastrou na contemporaneidade.

1.7. AS CONSEQUÊNCIAS DA PATOLOGIZAÇÃO

Segundo Patto (1991) desde o fim do século XVIII já estava presente a concepção de que o problema de aprendizagem era uma anormalidade orgânica, ou seja, era um problema do sujeito, houve apenas uma mudança na nomenclatura: de “anormais escolares” para “crianças problema”, mas em ambos os casos os sujeitos eram vistos como desajustados e objetivavam corrigir seus desvios.

Apesar dessa situação a autora explica que até a década de 60 havia duas vertentes, de um lado estavam os que localizavam as causas da dificuldade de aprendizagem nos métodos da escola, e de outro os que acreditavam que o problema estava no aluno, contudo com o passar dos anos essa última vertente ganhou cada vez mais espaço e mais adeptos. Desde então muitas pesquisas sobre o assunto foram feitas, e a maioria das explicações envolviam aspectos externos a escola, como a desigualdade social, “a causa principal do fracasso encontrava-se no aluno, cabendo à escola uma parcela de responsabilidade por não se adequar a este aluno de baixa renda” (PATTO, 1991, p. 112).

Tal observação foi feita há alguns anos atrás, atualmente

observa-se uma exacerbação da individualidade, transferindo-se para o sujeito a responsabilidade por todos os seus males e as suas dores; já os médicos cabe o papel de prescrever e determinar a gramática do bem viver. A partir do momento em que o sujeito é diagnosticado, ele passa a ser mais um portador daquele mal, e, naquele momento, a sua história pessoal é apagada quase que instantaneamente, assim como é silenciado o modo de produção de tal enfermidade e as circunstâncias que o trouxeram até ali. (PETRI, 2015, p. 30-31)

Dessa forma, considero que a situação está cada vez mais exacerbada, podemos observar isso através das novas indicações do DSM V,

Vejamos o que aconteceu com o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, versão 5), documento desenvolvido, primeiramente, com o objetivo de caracterizar categorias

nosológicas de doenças psiquiátricas: há pouco mais de cinquenta anos, quando ele surgiu com o intuito de se criar um instrumento comum entre os profissionais da área da saúde para a categorização de alterações psiquiátricas, eram seis as categorias de diagnóstico. Hoje são mais de trezentas. O aumento do número de categorias e os critérios ali colocados exacerbam o número de diagnósticos realizados em todo o mundo. (...) Dentre os transtornos descritos no novo DSM, estão, por exemplo, “desregulação do temperamento com disforia” e “síndrome do risco psicótico”. O primeiro refere-se a crianças que “fazem muita birra” e o segundo, a adolescentes que possuem “algum comportamento extravagante”. A inclusão de características do desenvolvimento humano, passíveis de serem compreendidas na dimensão tempo/espaço das sociedades em um manual de diagnósticos psiquiátricos, pode ser compreendido como um indício de que a medicalização da vida está em franca expansão na atualidade e devemos nos atentar para isso. (BARROS e MASINI, 2015, p.10 – 11)

Vale a pena lembrar, como o faz Bordin:

De maneira nenhuma negamos a existência real das patologias citadas e nem de seus portadores, mas sabemos que suas incidências são baixas. O que seguramente negamos são a naturalização e a conotação do caráter epistemológico desses diagnósticos. Não compreendemos porque apenas a criança tem que ser responsabilizada e marcada no próprio corpo pelo seu insucesso escolar. (2008, p.246-247)

Um dos principais objetivos e de extrema importância para essa discussão é o reconhecimento de que o processo de patologização traz consequências, afinal,

tem levado, de um lado, à rotulação de crianças absolutamente normais e, de outro, a uma desvalorização crescente do professor, cada vez menos apto a lidar com tantas “patologias” e “distúrbios”. A criança estigmatizada incorpora os rótulos, introjeta a doença. Passa a ser psicologicamente uma criança doente, com consequências previsíveis sobre sua autoestima, sobre seu autoconceito e, aí sim, sobre sua aprendizagem. Na prática, ela confirma o diagnóstico/rótulo estabelecidos. (COLLARES e MOYSÉS, 1994, p.29)

Através da minha experiência com as crianças do CCazinho percebi que a criança passa a acreditar no diagnóstico, assumindo a culpa pelo seu fracasso escolar, para explicar essa situação, a ND utiliza WATZLAWICK (1994), que chama esse fenômeno de um diagnóstico que se *autocumpre*, que corresponde ao fato de que um diagnóstico pode “desencadear reflexos pavlovianos”, ou seja, “determinadas formas de conduta assumem, em virtude de sua valoração cultural e social, a significação de manifestações patológicas” (p. 107). Essa explicação deriva da teoria do autor sobre profecias que se *autocumprem*: “uma profecia que se *autocumpre* é uma suposição ou vaticínio que tão-

só por ter sido feito converte em realidade o evento suposto, esperado ou profetizado, e dessa forma confirma sua própria “exatidão” ” (WATZLAWICK, 1994, p.97).

Segundo a teoria de Watzlawick é possível que um fato que ainda não ocorreu, ou seja, que pertence ao futuro, influencie e determine o presente. É diferente de pensar as consequências futuras de um ato, pois

“as coisas só se desencadeiam em função das medidas adotadas como (presumida) reação ao curso esperado dos acontecimentos. A suposta reação (o efeito) é efetivamente, portanto, uma ação (a causa); a “solução” cria um problema; a previsão de um fato faz com que ele se confirme.” (WATZLAWICK, 1994, p.99)

Contudo, é importante informar que “só quando se acredita numa profecia, ou seja, só quando ela é vista com um fato que já penetrou, digamos assim, o futuro é que pode influir no presente e assim se confirmar.” (WATZLAWICK, 1994, p.101)

Com isso, por exemplo, uma criança apresenta dificuldades na escola, o professor, não sabe lidar com essa dificuldade, diz para o aluno que ele tem uma dificuldade; dessa forma, a criança “descobre” que tem um “problema” que não consegue aprender por algum motivo, caso seja dito a essa criança que ela possui uma patologia, torna-se ainda mais grave, ela passa a acreditar que possui uma doença, afinal, adultos em quem ela confia, como a professora, o médico e a família, disseram isso a ela. A criança não questiona essa informação, a interpreta como um fato, e passa a se comportar como incapaz de aprender. Com isso, o diagnóstico, muitas vezes falso, interfere em sua vida, se torna uma profecia que se *autocumpre*, e, por fim, a criança realmente não aprende.

Essa situação é muito comum nas crianças do CCazinho, elas chegam com um sentimento de incapacidade e de inferioridade, acreditam que não são capazes de aprender. Trata-se de “crianças a quem foi atribuído um diagnóstico – que corresponde a dificuldades de várias ordens para aprender – que passa a funcionar como uma barreira para o aprendizado formal da escrita. Por sua vez a criança passa a corresponder a essa (suposta) condição desviante” (COUDRY, 2006/2007, s.n).

Ao longo de minha participação no CCazinho conheci diversas crianças e notei algumas semelhanças em seus comportamentos e em suas características. Uma das que mais me chamou atenção foi a insegurança. As crianças não acreditam em sua capacidade, por exemplo, quando pedi a Cecília (8 anos, no 3º ano) que escrevesse uma palavra (diante de um contexto favorável para isso) ela disse que não sabia e que não iria conseguir, se negando até mesmo a tentar.

MOYSÉS (2001) também observa crianças “que-não-aprendem-na-escola” e percebe que elas acabam por introjetar uma incapacidade, se prendendo a uma doença que não existe, é o que ela chama de “institucionalização invisível”, o que também acaba por realizar uma “profecia”: “as crianças colocadas nesta classe já estão condenadas ao fracasso, antes mesmo de começarem as aulas. Estigmatizadas, reagem como delas se espera, reafirmando o estigma” (p.19).

A professora Ana Archangelo (PEREIRA e ARCHANGELO, 2014), que também realiza um trabalho de acompanhamento de crianças com dificuldades de aprendizagem, e que, em sua maioria, advém de um meio de exclusão social, também percebe a forte presença desse sentimento, segundo ela é como se a criança desenvolvesse uma “capacidade para não aprender”.

Além disso, um outro sentimento destacado por ela é o de desamparo (VILLELA e ARCHANGELO, 2014), isso porque a criança com dificuldades não tem encontrado suporte na sala de aula, “os sentimentos de incapacidade, de fracasso, de abandono, quando não de culpa, presumivelmente os acompanham – em maior ou menor grau – em suas trajetórias educacionais” (p. 52-53).

Ao longo do acompanhamento realizado no CCazinho esse sentimento da criança mudava, trata-se de um processo demorado e trabalhoso, mas as crianças passam a acreditar em sua capacidade, acreditar que podem aprender, e com isso, ousam tentar.

Isso ocorre porque o CCazinho busca proporcionar um ambiente de aprendizagem diferente da escola: as atividades propostas, que envolvem fala, leitura e escrita, fazem sentido para as crianças, que, por sua vez, sabem o que estão aprendendo. Com essa forma de trabalho, as crianças se envolvem e conseguem aprender vários temas interdisciplinarmente, além de serem expostos à relação entre o verbal e o não verbal, o que comprova que o problema não está na criança, como apontava o diagnóstico.

Contudo, há uma outra consequência da patologização, consiste no fato do professor desacreditar do aluno por conta do rótulo que ele carrega, ao saber do diagnóstico esperam um fracasso, ou um insucesso, e assim, o aluno terá um desempenho à altura do esperado. Patto explica que já em 1991 os rótulos dos alunos eram um tema frequente, “os “melhores” e os “piores” alunos tornaram-se assunto de domínio público e por esta via perpetuam-se como “competentes” e “incompetentes” (PATTO, 1991, p.294). Segundo Watzlawick isso ocorre porque tais diagnósticos, e profecias, são construções mentais, e isso possibilita que a crença do investigador sobre a capacidade do sujeito influencie no desempenho e na avaliação final desse sujeito.

Menino maluquinho não existe mais, está rotulado e recebendo psicotrópicos para TDAH; Mafalda está tratada e seu Transtorno Opositor Desafiante (TOD) foi silenciado; Xaveco não vive mais nas nuvens, aterrisou desde que seu Déficit de Atenção foi identificado; Emília, tão verborrágica e impulsiva, está calada e quimicamente contida; Cebolinha está em treinamento na mesma cabine e nas mesmas tarefas usadas para rotulá-lo como portador de Distúrbio de Processamento Auditivo Central (DPAC) e assim está em tratamento profilático da dislexia que terá com certeza quando ingressar na escola; Cascão é objeto de grandes debates no comitê que está elaborando o DSM V⁶, com divergências se ele sofreria de TOCS (transtorno obsessivo compulsivo por sujeira) ou de TFH (transtorno de fobia hídrica), mas tudo indica que chegarão a um acordo e os dois novos transtornos recém inventados serão lançados no mercado, pois quanto mais transtornos melhor. (COLLARES, MOYSÉS, RIBEIRO, 2013, p. 44)

⁶ Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, versão 5.

CAPÍTULO 2 - HISTÓRIAS, NOSSAS HISTÓRIAS...⁷

Neste capítulo apresentarei pequenos trechos de situações, pensamentos e vivências. São vinte e uma breves narrativas. Para essa escrita, refleti sobre as informações encontradas nas pastas das crianças, sobre seus acompanhamentos no CCazinho, e me coloquei no lugar delas, buscando compreender o que elas sentiam e o que diriam sobre sua vida.

Dessa forma, as narrativas trazem meu olhar, minha perspectiva, que pode não expressar com exatidão a realidade, é como eu vejo essa criança; mas compreendo que a única que poderia escrever com plena verdade sobre si mesma seria a própria criança. Para que possam saber de onde parte minha reflexão deixo sublinhado a fala da criança, ou de sua família, que foi registrada nos dados das pastas, e dos quais partiu minha reflexão.

Cada criança recebeu um nome fictício inspirado em um dos meus autores de literatura preferidos, algumas crianças inspiraram mais de um relato, por isso seu nome se repete e identifico em quais outras histórias essa criança está. Os títulos das narrativas são baseados em músicas que me remetiam, de alguma forma, aquela criança e a sua história. Também explico brevemente quem é esse sujeito, focando nas “queixas” que levaram essa criança ao acompanhamento, ou seja, se havia laudo médico ou relatório escolar, ou qual era a dificuldade que a criança ou a família percebiam.

Para explicar melhor como foi o processo de construção dessas narrativas ilustrarei o “passo-a-passo” da Narrativa 1.

2.1. Tenho que correr o risco, ter uma chance⁸

Essa primeira narrativa foi inspirada em uma conversa que tive com Cecília durante seu acompanhamento individual:

Inv: Você gosta da escola?

Cecília: Eu gosto.

Inv: O que você mais gosta da escola?

⁷ Título inspirado na música “Dias de luta, dias de glória” de Charlie Brown Junior.

⁸ Título inspirado na música “Breakaway”, de Kelly Clarkson (Talvez eu não saiba onde elas me levarão, mas / Tenho que continuar, continuar).

(Cecília demonstrou estar pensando sobre o assunto)

Inv: Por exemplo, tem alguma matéria que é sua preferida? Português, matemática, artes...

Cecília: Minha parte preferida são as provas!

Inv: As provas? (risos) Como assim? Você gosta de fazer prova?

Cecília: Eu adoro as provas! Aquela que eu fiz semana passada era muito legal! A... Prova Brasil!

Inv: A Prova Brasil?

Cecília: É! Era só pintar os quadradinhos.

Inv: Mas... Essa prova tem texto, não tem? Muitas coisas escritas?

Cecília: Tem.

Inv: E como você faz? Porque você ainda não sabe ler, não é?

Cecília: Eu não leio os textos. Eu só escolho um quadradinho. Eu escolho um quadradinho e pinto!

Refletindo sobre esse diálogo com Cecília, e me colocando no lugar dessa criança, pois esse é o objetivo dessas narrativas: produzir a partir do que me sensibilizava e objetivar, a partir de minhas palavras, o que as crianças subjetivamente diziam em relação às exclusões vividas, ou seja, no contato com as crianças produzir dizeres constituídos na relação com as palavras delas e com minhas “contra palavras” que emergiram desta relação, elaborei a narrativa:

Eu gosto da escola, mas parece que ninguém me entende.
Ta, eu não leio e não escrevo, mas eu gosto. Adoro as provas!
Aquelas provinhas de pintar quadradinhos são bem legais!
É só escolher um quadradinho! Acerto tudo sem nem precisar ler!

Ao fim de cada narrativa trago um breve resumo sobre o sujeito em questão:

★ Cecília chegou ao CCazinho com 8 anos, sem saber ler e escrever, apenas reconhecia as letras, assim como seu irmão, que também estava sendo acompanhado no CCazinho. Cecília não permaneceu muito tempo em acompanhamento, seus pais estavam se divorciando e sua mãe precisou começar a trabalhar, o que a impedia de levar os filhos ao acompanhamento.

2.2. Facilmente não existe por aqui⁹

Não dá para ficar na sala de aula.

Tem muitas pessoas lá na sala. E eu tenho muita vergonha!

Não consigo ficar lá com todo mundo me olhando... Rindo de mim.

Sei que eles pensam que sou burro, que não vou conseguir aprender...

Tenho medo... E se elas estiverem certas?

★ Trudi tem 9 anos, ainda está em acompanhamento no CCazinho, o qual iniciou em 2015. Trudi nasceu com icterícia neonatal e precisou de banho de luz, como precaução para o desenvolvimento de futuras doenças foi encaminhado para acompanhamento na APAE. Frequentou a associação até os três anos e retornou aos cinco por não se adaptar na escola. Atualmente também faz acompanhamento com psiquiatra, diagnosticado como “distúrbio de atividade e da atenção”, e “transtorno hiperkinético de conduta” (CID10: F90.0 e F90.1)¹⁰ (Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.8 e 2.13)

2.3. Tente outra vez¹¹

Meu problema é que não consigo aprender sozinho.

Só aprendo se a professora ficar do meu lado.

Mas ela fala que não pode ficar só do meu lado o tempo todo.

Então ela me deixa sozinho, e aí eu não aprendo.

Às vezes ela fica tão brava que me manda para a sala da coordenadora.

E lá eu faço atividades com ela e aprendo.

O que será que tem de errado comigo?!

⁹ Título inspirado na música “Desconfio”, de CPM 22 (Sei como que as coisas são / Mas nunca que vou compreender / Ignorância e julgamento sem porquê).

¹⁰ (O CID, assim como o DSM mencionado anteriormente, é um manual médico utilizado para a identificação das patologias. No caso, o diagnóstico de Trudi trazia apenas os códigos referenciando o CID, tivemos que pesquisar para compreender do que se tratava esse diagnóstico.)

¹¹ Título inspirado na música “Tente outra vez”, de Raul Seixas (Tenha fé em Deus, tenha fé na vida (...)) Basta ser sincero e desejar profundo / Você será capaz de sacudir o mundo, vai / Tente outra vez / Tente / E não diga que a vitória está perdida / Se é de batalhas que se vive a vida).

★ Matthew chegou ao CCazinho há poucos meses. Segundo o Neurologista ele apresenta “dificuldade de aprendizagem associada a fatores sócio culturais”; a pediatra aponta “dificuldades de convivência familiar, as quais poderiam justificar problemas de comportamento e desvio de atenção na escola”; e segundo a escola ele apresenta “dificuldade de atenção e de concentração, necessitando de intervenção constante, fala sozinho, conversa com as mãos e se distrai muito com o seu próprio material”.

2.4. Parece que vai ser sempre assim, nada dá certo pra mim¹²

*Não aguento mais isso.
Todo ano é a mesma coisa: tenho que ir à escola.
Mesmo sem saber ler ou escrever.
Já faz tantos anos isso que perdi a conta...
O pior é que não sei se um dia vou conseguir, se vou aprender.
Nossa, isso tudo me deixa tão nervoso...
Nem consigo me concentrar, só fico pensando...
até quando vai ser assim?
Mas eu sempre passo de ano, mesmo sem saber.
A professora nem sabe mais o que fazer.
Ano passado minha mãe ficava nas aulas comigo.
E eu ficava morrendo de vergonha.
Sei que ela só queria ajudar, mas não era legal...
e no fim, nem funcionou! Continuo sem saber.*

★ Gayle atualmente tem 17 anos, frequentou o CCazinho dos 9 aos 13 anos. Chegou ao CCazinho apresentando dificuldades para escrever e não lia. Na pré-escola Gayle não teve problemas, estava em processo de alfabetização, contudo no primeiro ano se recusava a frequentar a escola, por fim foi aprovado no segundo e no terceiro ano sem saber ler e escrever. As queixas tratavam, em sua maior parte, de sua intensa agitação na sala de aula.

(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.11 e 2.16)

¹² Título inspirado na música “Quem já perdeu um sonho aqui? ”, de Hateen (Quem já perdeu um sonho aqui / Sabe o que é decepção / Só quem já perdeu tudo o que tinha / Pode entender).

2.5. O importante é ser você¹³

*É um inferno ir pra escola.
A diretora já me chamou de burro.
A professora disse que eu nunca vou conseguir aprender.
Eu nem fico na sala, passo horas no pátio, sozinho.
Se eu volto pra sala os outros riem de mim.
E também me chama de burro.
Fico muito nervoso... Sinto tanta raiva.
Às vezes nem consigo controlar.*

★Suzan tem 12 anos, frequentou o CCazinho dos 8 aos 11 anos. Tem laudo de “necessidades especiais com relação ao aprendizado”, a professora o caracterizava como “agitado, inquieto, interfere nos assuntos da sala mesmo que não lhe diga respeito, não aceita regras e limites, apresenta perigo para si e para outros alunos”. (Trata-se do mesmo sujeito do relato 6 e que participa do relato 2.20)

2.6. Uma razão para começar de novo¹⁴

*Tudo é silêncio.
Na minha cabeça está sempre muito quieto.
Meus pais estão sempre bravos comigo.
Eles gritam e gesticulam, dizem que eu me faço de bobo,
que eu dou as costas enquanto eles falam comigo.
Eu não entendo...
Também vou mal na escola, eles falam que sou “dissimulado”.
Somente anos depois, no CCazinho,
descobri que tenho uma deficiência auditiva.*

¹³ Título inspirado na música “Máscaras”, de Pitty (Diga, quem você é me diga (...) Ninguém merece ser só mais um bonitinho (...)) O importante é ser você, mesmo que seja, estranho / Seja você, mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro / Mesmo que seja, estranho, seja você, mesmo que seja).

¹⁴ Título inspirado na música “The reason”, de Hoobastank (Eu não sou uma pessoa perfeita / Há muitas coisas que eu gostaria de não ter feito / Mas eu continuo aprendendo).

★ Gillian tem 22 anos, frequentou o CCazinho dos 11 aos 16 anos. Gillian apresenta uma deficiência auditiva que foi percebida no CCazinho, antes disso ele já havia feito algumas cirurgias devido uma “otite média serosa bilateral”, contudo seus pais não perceberam sua perda de audição. Por conta disso Gillian ia mal na escola, apresentando erros na escrita, e fala nasal.

2.7. Querem que eu cale e obedeça¹⁵

Já cansei disso tudo. Não entendo o porquê tenho que ir a tantos lugares. Não sei o que fazer nesses lugares. Dizem que vão me ajudar, mas não está ajudando em nada! Não mudou nada! Mas eu tenho que continuar... Já perdi as contas de quantos anos de quantos lugares, de quantas pessoas... É médico, neurologista, psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, reforço escolar, sala de recursos, professor especial. Mas nada adianta, ninguém consegue me ajudar...

★ O relato de Julia foi escrito após a leitura de todas as pastas, unindo falas que se destacaram e que encontrei em mais de um sujeito.

2.8. Me diga, o que há de errado com a sociedade?¹⁶

Ainda sou pequeno, mas já vivi muita coisa... Já fui há vários lugares pra me tratar. Minha mãe disse que desde que eu era só um bebezinho ela me leva a APAE. Foi o médico que falou que eu precisava ir lá. Para prevenir, evitar possíveis doenças que eu poderia ter no futuro. Não sei se funcionou... Eu já tenho 9 anos e ainda tenho que ir nos médicos.

¹⁵ Título inspirado na música “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)”, de Capital Inicial (E depois de tudo ainda agradeça / Ser só alguém dizendo "sim").

¹⁶ Título inspirado na música “Crazy”, de Simple Plan (Está todo mundo ficando louco? / Irá alguém me salvar? / Alguém pode me dizer o que está acontecendo? / Me dizer o que está acontecendo / Se você abrir os olhos / Você verá que algo está errado).

★ Trudi tem 9 anos, ainda está em acompanhamento no CCazinho, o qual iniciou em 2015. Trudi nasceu com icterícia neonatal e precisou de banho de luz, como precaução para o desenvolvimento de futuras doenças foi encaminhado para acompanhamento na APAE. Frequentou a associação até os três anos e retornou aos cinco por não se adaptar a escola. Atualmente também faz acompanhamento com psiquiatra, diagnosticado como “distúrbio de atividade e da atenção”, e “transtorno hiperkinético de conduta” (CID10: F90.0 e F90.1).

(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.2 e 2.13)

2.9. Professores continuam ensinando, pastores continuar pregando, o mundo continua girando¹⁷

Tenho problema de fala. Não sei muito bem o que isso significa, mas já me falaram isso muitas vezes. Parece que sempre tive. Minha irmã e minha mãe também tiveram. Mas o delas já passou. O meu não. Tive até que fazer um exame. O resultado era enorme... Muitos nomes...

“Distúrbio específico de aprendizagem; problema de percepção visual; imaturidade perceptivo-motora; problema no reconhecimento do esquema corporal; problema de memória visual e de memória auditiva” Muitos problemas... Nem sei o que tudo isso quer dizer! Mas imagino que seja grave... Nem minha professora entendeu esses negócios... A médica passou um site, www.dislexia.org.br. Achei que minha mãe ia ficar feliz porque agora temos um exame pra dizer o que eu tenho, mas ela está mais brava, disse que a médica devia ter dado um tratamento ou uma solução, mas parece que não tem nada assim.

★Jojo tem 15 anos, frequenta o CCazinho desde 12, no último ano apenas em acompanhamento individual, e atualmente em processo de alta com acompanhamentos mensais. Como relatado, foi diagnosticado com dislexia e apresenta o laudo de “distúrbio específico de aprendizagem” com várias observações detalhando o quadro.

¹⁷ Título inspirado na música “Higher Ground”, de Stevie Wonder (As pessoas continuam aprendendo (...)) Não deixe ninguém decepcioná-lo (eles com certeza vão tentar).

2.10. Eles querem que você se sinta mal, pois assim eles se sentem bem¹⁸

Sou hiperativo. TDAH. O médico que disse. Também disse que eu preciso de um remédio. Mas eu odeio esse remédio. Chama Ritalina.

É horrível... Quando eu tomo, parece que perco minha voz.

Eu tento falar, mas eu não consigo. É como se eu estivesse preso dentro de mim mesmo. Mas eu tive que tomar, por 2 anos! Agora não tomo mais. Graças a Deus!

Não acho que eu preciso desse remédio...

Acho que sem ele eu sou eu de verdade, eu mesmo e mais feliz.

★ Com 12 anos, Joann está há pouco menos de um ano em acompanhamento no CCazinho. Encaminhado ao neurologista pela escola, por queixa de “baixo rendimento escolar, agitado, não consegue parar quieto, dificuldade para se concentrar nas atividades”.

2.11. Eu espero a minha vez¹⁹

Nunca me falaram nada. Minha família nunca brigou comigo por eu ser assim. Mas eu percebo... percebi que tem algo errado. Já tô na 3ª série e não sei ler nem escrever. Eu tento aprender, mas é muito difícil...

Não sei que letra escolher. Sei que não sou como ou outros. Mesmo sem ninguém ter me falado, eu sei. Vejo meu pai nervoso. Acho que ele tem medo, ele deve pensar que eu nunca vou conseguir, que eu não vou aprender. É por isso que ele me leva nos médicos, está procurando uma explicação. Ah, eu também queria uma explicação, uma solução! Por isso estou nesse lugar novo, no CCazinho. Vim para resolver meu problema de ler e de escrever.

¹⁸ Título inspirado na música “Tamo aí na atividade”, de Charlie Brown Junior (Eu nasci pobre, mas não nasci otário / Eu é que não caio no conto do vigário / Eu tenho fé em Deus pra resolver qualquer parada (...) Não, eu não me sinto mal / Eu sobrevivo a todo lixo / Todo ódio, com amor / Eu sou o valor / Das coisas simples / Eu dou valor / Pras coisas simples).

¹⁹ Título inspirado na música “Espero a minha vez”, de Nx Zero (Se o medo e a cobrança, tiram minha esperança, / tento me lembrar, de tudo que vivi, / e o que tem por dentro, ninguém pode roubar / Descanso agora, pois os dias ruins, / todo mundo tem, / já jurei pra mim, não desanimar).

★ Gayle atualmente tem 17 anos, frequentou o CCazinho dos 9 aos 13 anos. Chegou ao CCazinho apresentando dificuldades para escrever e não lia. Na pré-escola Gayle não teve problemas, estava quase alfabetizado, contudo no primeiro ano se recusava a frequentar a escola, por fim foi aprovado no segundo e no terceiro ano sem saber ler e escrever. As queixas tratavam, em sua maior parte, de sua intensa agitação na sala de aula. (Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.4 e 2.16)

2.12. As coisas estão melhorando²⁰

Nossa, meus pais já estão há um tempão naquela sala. E eu aqui fora. Tem uma moça querendo conversar comigo... é estranho. Mas pelo menos ela me deixou desenhar. Adoro desenhar. Mas não sei ler, nem escrever. Quer dizer, escrever eu sei apenas meu nome. Nossa... Eles estão demorando tanto. O que será que eles tanto fazem lá dentro? Nem sei porquê estou aqui, será que aqui eles vão me deixar normal? Sei que minha mãe não me acha normal, normal como meu irmão, ela nunca falou pra mim, mas eu percebi, eu sei.

★ Kiera, 13 anos, participou do CCazinho por 6 anos. Apresentava muitas dificuldades na escola, queixando-se de problemas de coordenação motora e desatenção, a professora a encaminhou para o neurologista. Kiera aprendeu a ler e a escrever no CCazinho. (Trata-se do mesmo sujeito do relato 3.2)

2.13. Quem vai dizer que eu não posso fazer tudo²¹

Tô na avaliação do CCazinho. Estão me fazendo várias perguntas... Ainda bem que minha mãe está aqui comigo. Me perguntaram se eu sei o que é regra. Mas que pergunta é essa?! Claro que eu sei! Tão pensando o que de mim, que eu sou burro?! Eu explico que regra é tipo não beliscar, não bater... e ninguém pode ir contra.

²⁰ Título inspirado na música “3 Things”, de Jason Mraz (Eu faço três coisas quando minha vida desmorona (...) Sei que acima das nuvens o sol está brilhando / As coisas estão melhorando / O amor é a resposta em que estou me apoiando).

²¹ Título inspirado na música “Upside Down”, de Jack Johnson (Bem eu posso tentar, e enquanto eu giro eu começo a descobrir / As coisas nem sempre são como parecem (...) Eu quero virar a coisa toda de cabeça para baixo / Eu vou encontrar as coisas que eles dizem que não podem ser encontradas / Eu compartilharei este amor que eu encontro com todo mundo).

Então me perguntam se na minha casa tem regra. É claro! Será que essa mulher é mesmo professora?! Então ela me explica que perguntou isso porque no relatório que minha mãe trouxe está escrito que eu não respeito regras. Mas é claro que respeito! Minha mãe diz que é sobre o começo do ano... Ela vai começar a contar! Então eu interrompo, explico que no primeiro dia foi assim, agora mudei. Eu sei que mudei! Será que todo mundo ainda pensa isso de mim?!

★ Trudi tem 9 anos, ainda está em acompanhamento no CCazinho, o qual iniciou em 2015. Trudi nasceu com icterícia neonatal e precisou de banho de luz, como precaução para o desenvolvimento de futuras doenças foi encaminhado para acompanhamento na APAE. Frequentou a associação até os três anos e retornou aos cinco por não se adaptar a escola. Atualmente também faz acompanhamento com psiquiatra, diagnosticado como “distúrbio de atividade e da atenção”, e “transtorno hiperkinético de conduta” (CID10: F90.0 e F90.1).

(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.2 e 2.8)

2.14. Desculpe-me, eu não posso ser perfeito²²

Mais uma avaliação.

Mas essa parece diferente. Estão conversando comigo... querem me ouvir. Não sei porquê estou aqui... Não faço ideia!

Meu pai está reclamando, falando que eu leio por dedução, que eu não compreendo o que leio.

Ele também disse que eu erro muito e por isso uso muito lápis e muita borracha, e que eu tenho dificuldade para falar, porque sempre erro ao falar Madagascar.

★ Veronica tem 10 anos, participou do CCazinho durante seus 9 anos. Havia muita reclamação por parte da escola, “demora para copiar, trocas de letras, leitura silabada, dificuldade de interpretação”. Contudo, no CCazinho percebíamos uma outra Veronica, que adorava ler, lia com facilidade e fluência e compreendia o que lia.

(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.20)

²² Título inspirado na música “Perfect”, de Simple Plan (Eu só quero te deixar orgulhoso / Eu nunca vou ser bom o bastante para você).

2.15. Vamos mostrar a eles o que você vale a pena²³

Que vergonha... estou em uma avaliação. Mas não tinha jeito, tinha que vir, preciso consertar minha fala! A professora disse que tenho problema de leitura e de escrita, porque falo errado. Também demoro muito para escrever. É que tenho que ficar pensando qual letra usar... E ler é ainda pior! Também tenho que ficar pensando, lembrando quais são as letras que estão ali e o que elas formam juntas. Tem letra que eu não sei ler. Por isso eu demoro muito pra ler. Fico com tanta vergonha... E sempre tem alguém me olhando, me analisando.

★ Cassandra frequentou o CCazinho por 5 anos, quando chegou sua leitura se limitava a decifração de sílabas, a psicóloga disse a família que se tratava de “dificuldade de aprendizagem”, a professora queixava-se muito de “problema de fala”, mas a escola se recusou a reprovar Cassandra.

2.16. Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar²⁴

Gosto de ler gibis, é meu tipo de livro preferido! Consigo entender a história apenas olhando as figuras. Não preciso ler. Por isso eu gosto, porque não sei ler e consigo entender mesmo assim. contei isso para minha cuidadora e agora ela quer que eu faça um gibi! Eu não posso fazer isso! Ela não entende? Eu não consigo! Por que ela me pediu isso? Ela não sabe que eu não sei?! Que não vou conseguir!?

★ Gayle atualmente tem 17 anos, frequentou o CCazinho dos 9 aos 13 anos. Chegou ao CCazinho apresentando dificuldades para escrever e não lia. Na pré-escola Gayle não teve problemas, estava quase alfabetizado, contudo no primeiro ano se recusava a frequentar a escola, por fim foi aprovado no segundo e no terceiro ano sem saber ler e escrever. As queixas tratavam, em sua maior parte, de sua intensa agitação na sala de aula. (Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.4 e 2.11)

²³ Título inspirado na música “Firework”, de Katy Perry (Você já se sentiu / como um saco de plástico / deriva através do vento / Querendo começar de novo (...) Você não tem que sentir / Como um desperdício de espaço / Você é original / Não pode ser substituído / Se você soubesse / O que o futuro reserva).

²⁴ Título inspirado na música “Try”, de Pink (Já ficou preocupado por isso poder ser arruinado? / Isso faz você querer chorar? / Quando você está por aí fazendo o que você está fazendo / Você está apenas sobrevivendo?).

2.17. Eu só rezo pra ficar bem²⁵

Minha cabeça não é boa.

Nunca entendi o porquê. Só sei que é assim.

Quando tenho que escrever minha mente não lembra que letra usar.

Não sei qual letra escolher... Também esqueço tudo, as letras, os números, as contas, os trabalhos, as coisas que devo fazer...

Minha cabeça é muito ruim!

★ John tem 17 anos e foi acompanhado no CCazinho dos 13 aos 16 anos. John não estava indo bem nos estudos, sua mãe ficou muito preocupada porque o tio de John tem problemas mentais, então ela achou que suas dificuldades escolares fossem indício de um problema grave.

2.18. Diga o que você precisa dizer²⁶

Não gosto de ler ou de escrever. Não gosto mesmo! Também não acho importante. Sempre me perguntam isso, eu sei o que todos querem que eu responda, mas eu prefiro dizer a verdade. Não, não acho importante saber ler e escrever! E sempre vem a próxima pergunta...

E quando você tiver uma profissão? Você não acha importante saber ler e escrever para ter uma profissão?! É, para isso pode até ser importante.

Mas só para isso mesmo. Isso tudo é muito chato...

★ Jamie, 14 anos, frequentou o CCazinho durante seus 12 anos. Diagnosticado com “TDAH + provável quadro de ansiedade”. A escola queixava-se de “26 ocorrências obtidas pelo aluno por falta de tarefa e indisciplina em sala”, além de falta de interesse, de participação, de concentração e de compreensão.
(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.20)

²⁵ Título inspirado na música “Só rezo”, de Nx Zero (Só Deus sabe o quanto eu corri / E o que fiz pra chegar aqui (...) Não me julgue por não ser igual / Carrego a verdade aqui no olhar).

²⁶ Título inspirado na música “Say”, de Jason Mayer (Tome toda a sua honra desperdiçada / Tome todas as frustrações passadas (...) Não tenha medo de continuar).

2.19. Eu não serei apenas um rosto na multidão²⁷

Não quero ser um fracassado!

Todo mundo me acha um, só porque tenho 14 anos e não sei ler nem escrever. Sei muitas outras coisas, mas ninguém liga. Dizem que sou preguiçoso, que não tenho força de vontade...

Sei que sou lento, mas posso mudar! Posso ser mais rápido!

Não sei se um dia vou conseguir ler e escrever.

Mas sei que não quero ficar um fracassado.

★ Charles tem 14 anos, começou o acompanhamento no CCazinho neste ano. Já foi diagnosticado com Asperge e Dislexia, atualmente o laudo é de “Transtorno específico de linguagem escrita”.

2.20. Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem²⁸

Estou assustado. Não quero sair de perto da minha família. Acabamos de fazer uma avaliação no CCazinho, falaram pra gente continuar aqui, participar da festa. Parece que é o encerramento do semestre. Ainda estou nervoso. Meus pais parecem felizes. Parecem ter, finalmente, encontrado um “conserto” para mim. Minha mãe contou pra professora aquilo que o médico disse, que eu era dislético... Estou com medo, o que as pessoas vão pensar de mim agora que já sabem? Então, um garoto que estava ali perto disse: “Não se preocupe, eu também era dislético!”

★ Jamie, 14 anos, frequentou o CCazinho durante seus 12 anos. Diagnosticado com “TDAH + provável quadro de ansiedade”. A escola queixava-se de “26 ocorrências obtidas pelo aluno por falta de tarefa e indisciplina em sala”, além de falta de interesse, de participação, de concentração e de compreensão.

(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.18)

(Com participação de Suzan, do relato 2.5)

²⁷ Título inspirado na música “It’s my life”, de Bon Jovi (Vocês vão ouvir minha voz / Quando eu gritar isso bem alto / É a minha vida / É agora ou nunca).

²⁸ Título inspirado na música “Mais uma vez”, de Legião Urbana (Ou que seus planos nunca vão dar certo / Ou que você nunca vai ser alguém).

2.21. Nunca se sinta como se fosse menos do que perfeito pra caramba²⁹

Na escola eu não tenho amigos. Os outros alunos tiram sarro de mim...
Falam que sou gorda, que tenho sardas. Me acham feia e chata. Então
quando eu vim pro CCazinho estava com muito medo, mas aqui foi
diferente... Eu fiz amigos! Adoro ir pro CCazinho. Entendo as
atividades, posso participar. Eles não brigam porque eu leio devagar.
Acho que aqui sou uma das mais inteligentes! Até ajudo as outras
crianças! Aqui sinto que sei... sou feliz! Por isso, não posso sair do
CCazinho! Sei que vou muito bem nas atividades, por isso tenho medo
de que me mandem embora. Por isso que não posso melhorar na escola,
porque aí não irei mais ao CCazinho. Isso não pode acontecer!

★ Veronica tem 10 anos, participou do CCazinho durante seus 9 anos. Havia muita reclamação por parte da escola, “demora para copiar, trocas de letras, leitura silabada, dificuldade de interpretação”. Contudo, no CCazinho percebíamos uma outra Veronica, que adorava ler, lia com facilidade e fluência e compreendia o que lia.

(Veronica acabou saindo do CCazinho porque mudou de horário na escola e não conseguia comparecer.)

(Trata-se do mesmo sujeito do relato 2.14)

²⁹ Título inspirado na música “F**kin’ Perfect”, de Pink (Querido, querido, por favor / Se em algum momento você se sentir / Como se fosse nada / Você é perfeito pra caramba pra mim / Você é tão mau / Quando fala sobre si / Você está errado. Mude essas vozes / Na sua cabeça).

CAPÍTULO 3 – ... DIAS DE LUTA, DIAS DE GLÓRIA³⁰

Neste capítulo apresentarei histórias de vida de três sujeitos patologizados que foram acompanhados no CCazinho. Essas histórias, assim como as narrativas do capítulo 2, foram escritas sobre minha perspectiva. Após realizar entrevistas com os sujeitos e ler os relatórios e dados da pasta do CCazinho, refleti sobre como essa criança contaria sua própria história. Trago então, mais uma vez, meu olhar (para saber o que a criança, seu familiar e sua cuidadora realmente disse sobre a história do sujeito, leia as transcrições das entrevistas, nos apêndices).

Os títulos, assim como no capítulo anterior, foram inspirados em músicas que me remetiam a esses sujeitos e suas histórias. Mas nessas histórias, quem escolheu os nomes fictícios foram as próprias crianças.

A primeira história é de Kauan que foi a última entrevista realizada e o último caso acrescentado à pesquisa. Fiquei na dúvida se deveria convidá-lo a participar da pesquisa, pois não encontrei nenhuma informação quanto a diagnósticos, dessa forma, não tinha certeza se o caso dele se caracterizava como patologização seguindo os critérios de seleção que estabelecemos perante o Comitê de Ética. Contudo eu me lembrava de sua mãe queixando-se da professora e de seu posicionamento quanto às dificuldades de aprendizagem de Kauan. Eu não sabia detalhes da história, mas entrei em contato com eles, convidando-os a participar, eles aceitaram e fiquei sabendo que Kauan está participando da Guardinha em Campinas, o que indica que ele estava dando prosseguimento aos seus estudos. Na entrevista, a mãe me confirmou que não havia diagnóstico ou relatório escolar, o que, de certa forma, não caracteriza a patologização que eu propus investigar nesta pesquisa. Contudo a entrevista de Kauan foi uma das mais marcantes, pois Kauan não conseguiu se pronunciar. Ele não me contou sobre sua vida, sua experiência, sua dificuldade inicial ou sobre sua superação, quem respondeu as questões foi sua mãe, enquanto Kauan chorava. Kauan chorou durante praticamente toda a entrevista, um choro dolorido, que mostrava o quanto tudo aquilo o machucou, o quanto foi sofrido para ele. Eu refleti muito sobre essa entrevista, sobre a história de Kauan, não há uma patologização formal, não há um diagnóstico ou um relatório que o classificava com alguma patologia, mas ele ouviu e ele sabia que não correspondia aos padrões estabelecidos, que não aprendia como e quando deveria, que não era como os outros,

³⁰ Título inspirado na música “Dias de luta, dias de glória” de Charlie Brown Junior.

dessa forma, passei a considerar que Kauan nos traz uma outra forma de patologizar, uma forma um tanto oculta, mas que não deixa de ser uma patologização. Não foi “comprovada cientificamente” pelo médico, mas foi evidenciada pelos padrões sociais e pelos professores. Foi um pouco mais informal, um pouco mais velada, mas foi tão impactante quanto um diagnóstico. Mesmo sem um laudo médico Kauan sabia que havia algo errado, uma dificuldade, e foi marcado com esse rótulo, sofreu com esses sentimentos. Considero esse esclarecimento de suma importância, bem como a reflexão sobre o que de fato consideramos patologização, e que na verdade ela pode encontrar outras formas de ocorrer.

A segunda história é de Goku, uma trajetória repleta de tristezas que ficou marcada entre os casos do CCazinho pela realização de um teste, uma avaliação padronizada, realizada depois do seu acompanhamento no CCazinho, onde aprendeu a escrever e ler com compreensão. O diagnóstico, entretanto, mostrava uma criança que não correspondia a Goku.

Contudo esse caso também me incomodou após a realização das entrevistas, pois ouvi coisas inesperadas, descobrindo novos detalhes dessa história (como por exemplo, o fato de Goku usar medicamento e de sua avó continuar levando-o para realizar diversos testes), além disso percebi que é muito difícil compreender quem é Goku, as diferentes vozes falam coisas diversas sobre ele, enquanto o próprio Goku, muito tímido, ficou calado durante a entrevista, e depois se retirou para que eu continuasse a entrevista apenas com sua avó. Dentre essas diferentes falas, em alguns momentos não foi possível abarcar o discurso do cuidador e das anotações na pasta, juntamente com o da família, pois eram falas opostas, com isso optei por priorizar como norteador da narrativa o que a família decidiu me contar.

A terceira história é de Emily, que é um caso muito representativo para o CCazinho, Emily chegou sem saber ler ou escrever e foi alfabetizada durante seu acompanhamento, de uma forma que envolve a leitura de mundo. Emily foi nomeada detetive-investigadora do CCazinho, sua missão era descobrir de onde vinham as pessoas que frequentavam o campus, mais especificamente os arredores do CCazinho, para isso ela saía com a cuidadora lendo as placas de carro e anotando as cidades de onde eles vinham.

Outro estranhamento que todas as histórias me causaram foi a percepção de que os pais não são tão emponderados quanto imaginei, não atribuem a dificuldade escolar a dificuldades presentes no processo de aquisição da leitura e da escrita, assim como não

veem o diagnóstico como uma patologização; mas veem como se a criança tivesse realmente a patologia prescrita, mas tivesse se curado ao longo desse período.

3.1. Não são só memórias...³¹

Não gosto de falar sobre o que aconteceu.

(...)

Na verdade, eu queria muito ter esquecido.

Tentei tanto, com todas as minhas forças, mas eu não consegui. Ainda lembro.

Lembro da minha história, de como tudo foi tão difícil, de como eu era diferente dos outros... dos outros alunos, dos meus irmãos.

Desde quando comecei na escola eu tive dificuldades, eu não aprendia como todo mundo.

O médico nunca me deu um papel que comprovasse, que dissesse que eu realmente tinha uma doença, assim como ele também não deu um nome para o que eu tinha. Mas mesmo sem esse papel, sem a palavra do médico, eu sabia.

Minha mãe disse que percebeu que eu tinha dificuldade, que não aprendia ou fazia igual as outras crianças, logo no jardim de infância. Mas ela pensou que logo fosse passar. Eu estava só no começo, era só o jardim de infância, nem era escola direito... Mas não passou tão rápido assim.

Eu não fiz a pré-escola. Devia ser o próximo passo, depois do jardim, mas naquele ano mudaram a lei, falaram que quem tinha 6 anos devia estar no primeiro ano do ensino fundamental, então eu não pude fazer o pré, fui direto para o primeiro ano.

Eu não me lembro com detalhes o que eu estava fazendo errado, ou que eu achava mais difícil. Mas lembro que a professora sempre dizia para minha mãe que eu tinha dificuldades, que precisava de ajuda. Ela falava para procurarmos fonoaudióloga, psicóloga, psicopedagoga...

Tive a mesma professora no primeiro, no segundo e no terceiro ano. E em todos esses anos eu tive essas dificuldades. Eu falava errado, lia muito pouco, trocava as letras quando ia escrever, sempre tentei fazer todas as atividades que ela me passava, mas era tudo muito confuso.

³¹ Título inspirado na música “Memórias”, de Pitty (... São fantasmas que me sopram aos ouvidos / Coisas que eu / Nem quero saber).

As transcrições das entrevistas nas quais essa narrativa se baseia pode ser lida no apêndice 9.1.

Minha mãe estava sempre no posto de saúde, procurando a ajuda que a professora falava que eu precisava. Ela parecia cada vez mais preocupada. Eu ia para o quarto ano, e ela sabia que isso não era certo, que eu não sabia tudo o que deveria saber, que se continuasse assim, passando de ano mesmo sem saber o que deveria, com minha dificuldade, as coisas iriam só piorar; então ela fez um acordo com a escola e com a professora, pediu que eles me reprovassem, teve até que assinar um termo para isso. No começo eu não achei muito legal, os outros iam passar de ano e eu não. Eu não era o único com dificuldades na sala, tinha mais gente, e eles iam passar de ano, e eu não. Mas minha mãe insistiu muito, ela disse que eu faria o terceiro ano de novo e nós iríamos correr atrás, não ia ser um ano perdido, pelo contrário, no fim eu ia sair ganhando, ia começar o quarto ano sem tantas dificuldades.

Ela ainda não tinha conseguido nada no posto de saúde. Então foi para a UNIP, onde comecei a ir na fonoaudióloga e na psicóloga. Minha mãe também participava, também ia na psicóloga.

Me ajudou muito. Naquela época era muito difícil, meus problemas não eram só na escola. Em casa eu também tinha dificuldades. Eu tenho um irmão mais novo, ele nasceu pouco tempo depois que eu, e eu não sabia como lidar com isso. Acho que não estava preparado para ser um irmão mais velho de alguém, eu ainda era um bebê, e queria continuar sendo. Então eu agia como um bebê, para que minha mãe me tratasse como estava tratando meu irmão que tinha nascido. Por conta disso eu usei fralda para dormir até os cinco anos, só parei quando comecei a ir na psicóloga, por isso acho que me ajudou muito. Eu que decidi parar, disse para minha mãe que não precisava mais comprar fralda para mim, eu não ia usar.

Hoje ela conta que se arrepende, que não sabia o que fazer, que não tinha maturidade, que achava que estava fazendo do jeito certo, mas que hoje vê que na verdade o que ela fazia era errado.

Talvez meu comportamento naquela época também fosse errado, mas a gente não sabia. Eu não sabia como agir, e ela não sabia como reagir. Acho que essa questão influenciou na aprendizagem, me atrapalhou na escola, porque aconteceu tudo junto...

Eu tinha aquelas dificuldades na escola e a professora ficava falando para minha mãe que ela precisava dar um jeito, me levar na fonoaudióloga, na psicóloga. Mas demorou para minha mãe conseguir, ela não tinha dinheiro para pagar e não conseguia pelo posto de saúde... ela sentia muita culpa porque não conseguia e a professora só ficava cobrando, minha mãe me explicava que estava tentando, estava correndo atrás.

Mas quando eu iniciei o acompanhamento na UNIP comecei a melhorar. Fiz seis meses de psicóloga e de fonoaudióloga. A fono era muito legal, me ajudava com as palavras, me ensinava a falar direito, mas ela se mudou e saiu desse emprego. Minha mãe ficou com muito medo, agora que eu estava melhorando ia acabar os acompanhamentos?! Ela disse que a substituta ia chegar, me ligar e continuar o acompanhamento, mas isso nunca aconteceu.

Antes de ir embora a fonoaudióloga me indicou um outro lugar. O CCazinho. A gente foi lá, fez uma avaliação e começou a participar. Eu participava do grupão e do individual. Era muito legal, a gente lia, fazia brincadeiras, até um filme a gente fez! Nossa... fazer esse filme foi muito legal, chamava “A viagem do medo”, nós que criamos o roteiro, os personagens, o cenário, o figurino, depois nós atuamos e gravamos tudo, e por fim fizemos um lançamento do filme, tinha tapete vermelho, e nós até demos autógrafos para as mães!

Quando cheguei no CCazinho eu já sabia ler e escrever, mas era difícil... escrever era ainda mais difícil que ler.

Minha mãe também gostava de participar do CCazinho, ela ficava no grupo de mães, e sempre disse que aprendia muito lá. Dava para ver que mesmo em casa ela ia mudando o jeito dela. Acho que eu também fui mudando, com o grupo das crianças, com o que eu ia aprendendo lá...

Ao mesmo tempo que eu fazia esses acompanhamentos, estava fazendo o terceiro ano de novo na escola, e dessa vez com outra professora, isso também me ajudou bastante.

Minha mãe sempre lembra daquela primeira professora, de como se enganou sobre ela, achando que ela estava nos ajudando, quando na verdade não estava. Ela apenas dizia para minha mãe tudo o que eu tinha de dificuldade, mas nunca tentou me dar uma atenção especial ou uma atividade diferente. Ela dizia que minha mãe tinha que dar um jeito, na sala ela passava a mesma atividade para todo mundo, e nem se importava se a gente conseguia fazer ou não.

Depois de cinco anos de acompanhamento no CCazinho nós saímos. Faz pouco tempo. Eu ainda gostava muito de lá, e minha mãe também, mas ela estava mudando de emprego e ficou mais difícil arrumar horário para participarmos. Mas eu já tinha aprendido muita coisa, nossa... melhorei muito, nem tenho mais aquelas dificuldades para ler e escrever. Minha mãe diz que eu tô 100%! Não que eu saiba tudo... Ela diz que ter alguma dificuldade todo mundo tem, que não tem problema, mas que se olharmos como

eu era e como estou agora, vamos perceber que eu mudei muito, que superei essas dificuldades... E eu concordo com ela.

Minha mãe também fala que se eu não tivesse ido ao CCazinho não teria evoluído tanto, que por ela nós participaríamos para sempre, porque foi muito bom, e sempre aprendemos muito lá, mas temos que dar espaço para outras pessoas, para as crianças que ainda tem aquelas dificuldades que eu tinha.

Eu ainda tenho algumas dificuldades, agora em matemática. Não é uma dificuldade tão grave, que me atrapalha, eu só não entendo algumas coisas e minhas notas não são as melhores. Mas acho que também tem um pouco haver com meu professor, é o mesmo desde o quinto ano e sempre foi difícil...

Então é isso, pode parecer fácil, pode parecer que é só uma história, que já foi superada, mas eu ainda lembro disso tudo, e não é uma lembrança que eu gosto de ter, se eu pudesse eu esqueceria. Não quero ficar sofrendo, então tento olhar para o agora. E quem eu sou hoje? Sou o Kauan.

Tenho 15 anos, adoro jogar futebol, pratiquei por muito anos na minha vida, mas hoje não tenho tanto tempo. Eu continuo estudando, na verdade estou estudando bastante mesmo, vou todo dia a escola, estou no 9º ano. Já fiz um curso de informática, e agora estou fazendo de inglês. Também faço Guardinha, que também é um estudo. A Guardinha prepara a gente para começar a trabalhar. É um ano de curso, estou na metade e tem sido muito legal, fiz novas amizades. São várias aulas, cada mês estudamos um tema diferente, com uma turma diferente, com novos amigos.

Acho que estou indo bem, esses dias uma empresa foi lá para contratar novos funcionário, eles analisaram vários perfis, olhando nossas informações, e me selecionaram! Só depois souberam que eu ainda não tenho a idade certa, que só posso ser contratado no próximo ano. Mesmo sem poder ser contratado fiquei muito feliz porque as empresas só pegam os melhores alunos, e tem muita gente estudando lá, e eu fui selecionado!

Não planejei muita coisa para o meu futuro. Vou continuar estudando, arrumar um emprego... ainda não sei que profissão quero ter, mas acho que tenho tempo para decidir...

Ao longo desse tempo já mudei muito. Sempre fui muito tímido, ainda sou, continuo bem calado, mas acho que melhorei um pouco. Até participei como *promoter* com meu irmão, em uma danceteria para adolescentes. Também compus uma música, um funk, que gravei com meu amigo e colocamos no *Youtube*. Imagine só, pra quem tinha aquela dificuldade toda pra escrever, já estou até compondo música!

Música composta por Kauan:

Mansão do Guarujá

Eu arruaço na mansão do Guarujá
Sol de 40 graus, a Lupa 24k³²
Mizuno e Adidas é conforto no meu pé
Já vim roubando a cena, rodeado de mulher
Eu passei de 600, ninguém entendeu nada
Pisante Nike gel pra dar aquela confortada
Os tanque é V8; não é pá, nem me sentindo
Mas o ronque do motor paralisou todos os bicos³³

³² Referência a uma marca de óculos de sol.

³³ Nas gírias do Funk “bicos” significa pessoas.

3.2. Uma tragédia, eu tenho medo que seja...³⁴

As pessoas gostam de mim assim que me veem. Me acham fofo. É como se elas quisessem me abraçar e me “levar para casa”. Eu sei disso, sinto isso. A única que não quis me levar para casa foi minha mãe. Ela me abandonou.

Na verdade, teve outras pessoas que também em abandonaram, mas acho que foi sem querer... Já minha mãe, ela realmente me deixou.

Meu pai morreu antes que eu nascesse, em um acidente de carro, e minha mãe ficou muito triste. Às vezes penso que foi por isso que ela me abandonou. Mas em outras vezes nem eu mesmo acredito nisso. Hoje ela tem uma outra família, um marido e outros filhos. Ela não abandonou esses filhos. Então talvez o problema fosse eu mesmo.

Meu avô também morreu, foi pouco antes de eu entrar no CCazinho. Eu fiquei tão triste. Chorei muito. Ainda sinto muita falta dele. Eu nem gosto de falar sobre isso...

Eu tenho um irmão mais velho. Ele também foi abandonado. Mas tudo isso só aconteceu quando eu nasci. Quando eu nasci minha mãe não me quis. Quem cuida de mim e do meu irmão é minha avó, mãe da minha mãe. Minha mãe combinou isso com minha avó, no início ela cuidaria de nós dois, enquanto minha mãe ia trabalhar e estudar. Isso porque ela ainda era muito nova, e tinha ficado muito abalada com a morte do meu pai. Era um acordo. Mas parece que esse acordo não deu muito certo, no fim de semana minha mãe saía comigo e com meu irmão, não dava notícias, minha avó ficava muito preocupada, e muito brava. Eu era muito pequeno, ainda nem tinha dois anos, não lembro disso, foi minha avó que contou. Ela disse que por causa dessa confusão falou para minha mãe que só cuidaria da gente se ela desse uma documentação para ela, que legalizasse tudo isso, então minha avó ficou com nossa guarda.

Minha avó diz que desde pequeno eu sou diferente. Ela percebeu isso. Eu não cresci como meu irmão. Demorei para andar e para falar. Não conseguia comer nada sólido, ela tinha que bater tudo no liquidificador.

Quando eu fui para escolinha apareceram novos problemas, a professora logo chamou minha avó para dizer que ninguém na escola conseguia entender o que eu falava.

³⁴ Título inspirado na música “Mercy”, de One Republic (Tudo o que eu quis dizer / Tudo o que eu quis fazer / Desabou agora / Tudo o que eu quis sentir / Que eu quis amar (...) Anjo da piedade / Como você me encontrou? / Onde você leu minha história?).

As transcrições das entrevistas nas quais essa narrativa se baseia pode ser lida no apêndice 9.2 e 9.3.

Mas meu irmão me entendia, eu lembro disso, ele entendia e até explicava para os outros o que eu estava dizendo. Além disso, eu tive uma doença chamada purpura³⁵. Por isso não podia ir para escola, começou quando eu tinha quatro anos e eu fiquei estudando com minha avó em casa até os seis anos.

Depois entrei no primeiro ano. E novamente a professora chamou minha avó, disse que não tinha condição de me deixar na sala de aula, porque eu levantava muito da cadeira, porque ficava dançando, cantando rap, andava em cima da mesa... eu não parava quieto, e por isso ela falou que não era possível dar aula para mim.

Minha vó conta que não sabia o porquê eu tinha essa dificuldade, se era algo meu, dentro de mim mesmo, ou se é porque eu não fiquei aqueles anos fora da escola.

Ela não sabia o que fazer. Então procurou ajuda no centro de saúde, que me encaminhou para uma psicóloga da Unicamp, ela fez um teste e detectou que tenho “déficit de atenção”. Então eles me encaminharam para a PUC, e até hoje eu vou lá, no psiquiatra.

Também fui encaminhado para fonoaudióloga, e falaram que futuramente eu precisaria fazer acompanhamento também com pedagoga e com terapeuta ocupacional. E fiz vários outros testes ao longo desses anos.

Além disso, preciso tomar um remédio, chamado Ritalina. Tomo um comprimido antes de ir à escola. Antes precisava tomar dois comprimidos. Minha vó disse que no futuro talvez eu nem precise mais tomar, ela já tentou parar com o remédio, mas acho que não gostou do resultado, falou que eu regredi. Eu queria parar com esse remédio. Minha avó diz que também quer, e que logo vai parar, que o médico disse que eu ainda preciso, pelo menos por mais um tempo. Então eu ainda tomo esse remédio. Mas espero que chegue logo esse dia em que não vou mais precisar desse remédio... Por causa desse remédio eu preciso fazer um monte de exames, de seis em seis meses, para ver se está tudo bem...

Minha avó chorou muito quando soube que eu tinha “déficit de atenção”, ela tentou não demonstrar, tentou esconder de mim que ficou triste, ela dizia que devíamos agradecer, que não era nada grave, eu não ia precisar de uma cirurgia e nem corria risco de vida. Que ficaríamos juntos, seríamos fortes e daríamos um jeito. Mas que precisaríamos de ajuda, que teríamos que procurar alguém para nos ajudar, mas que seria difícil, porque não conhecíamos ninguém e nem sabíamos nada sobre essa doença, então

³⁵ A púrpura ocorre quando pequenos vasos sanguíneos se juntam ou vazam embaixo da pele, formando manchas e placas de cor roxa na pele (<http://www.minhavidacom.br/saude/temas/purpura>).

teríamos que ter cuidado em quem confiar. Por isso acho que até hoje ela procura novos médicos, me leva em novos acompanhamentos... Acho que ela não consegue só acreditar em alguém, então prefere procurar várias opiniões...

Eu sempre percebi que tinha dificuldades sabe. Eu não entendia muito bem o que acontecia, mas percebia que por mais que eu tentasse, e eu tentava muito, tentava ler direitinho, tentava escrever, eu não conseguia ir bem como os outros alunos. Eu ficava triste com isso. E minha família percebia, eles ficavam tristes comigo, o que me deixava mais triste ainda.

Foi uma amiga da minha mãe que falou sobre o CCazinho, ela estudava letras na Unicamp. Fui lá com minha avó e começamos um novo acompanhamento. No começo eu participava de um grupo, onde ficavam várias crianças, mas acho que pensaram que eu estava fazendo muita bagunça, porque me tiraram desse grupo, e eu comecei a fazer só um acompanhamento individual. Nós fazíamos muitas atividades, lia muito, escrevia, criávamos histórias...

Era muito legal no CCazinho. Minha avó diz que eles conseguiram despertar coisas que já estavam em mim, mas que ninguém tinha conseguido encontrar antes. Acho que me ajudou nas dificuldades que eu tinha na escola. Hoje se a professora pede para ler um texto na aula, eu leio! Antes eu tinha dificuldade para falar e para ler, eu trocava umas letras, lia umas letras errado, então a professora nunca me chamava para ler.

Hoje em dia eu vejo minha mãe de vez em quando, como eu falei, ela tem outra família, e mora com eles em outro Estado. Antigamente eu visitava ela e o marido dela, mas ele não é muito legal. Eu não gostava dele, sempre voltava triste. Minha avó costuma falar que quando eu vou para lá eu regrido. Não sei o que é isso. Uma vez eu fiquei muito triste porque vi ele batendo na minha mãe. Ele também não gostava da gente, reclamava quando estávamos lá, acho que ele não deixa minha mãe ver a gente mais vezes. Eu gosto da minha mãe, gosto muito. Mas queria que ela vivesse com a gente, como as outras mães, sabe... A gente se vê muito pouco, só quando ela vem aqui para cidade, aí nos visita com meus novos irmãos.

Mas em um desses testes que continuamos fazendo, descobrimos que tenho uma outra doença, sou “Hipotônico”, meus ossos são diferentes, são mais fracos, e isso faz com que eu tenha dificuldade para escrever. Preciso usar lápis mais grossos, porque essa doença atrapalha meus movimentos.

Fiquei no CCazinho por um ano. Estudamos vários temas. Lembro que me ajudou muito também na matemática. Eu não conseguia resolver os probleminhas, ficava muito

confuso com as informações. Então eles me mostraram como fazer isso, como ler um problema e entender as informações, entender o que ele estava perguntando e como eu fazia para chegar na resposta.

Já no fim do acompanhamento eu fiz outro exame, igual aquele primeiro. Quando saiu o resultado eles ligaram marcando uma reunião para conversar com minha avó. Fiquei preocupado, com medo que fosse algo muito grave. Quando minha avó voltou ela estava muito mal, percebi que ela tinha chorado.

Só depois um tempo eu soube o que falaram para ela. Eles falaram que o que eu tinha era um “braço do autismo”, que ia ficar quase um autista. Eu não sei o que é um autista, mas ela disse que eu não ia entender o que ela estava falando, que não conseguiria perceber se ela estava brava ou feliz, se estava me perguntando alguma coisa... e eu ia só sair andando sem responder. Ela ficou muito triste porque pensou em tudo que nós já passamos, em todos os médicos que fomos, em todos os acompanhamentos... Fizemos tudo isso pra chegar no fim e eu ficar desse jeito! Mas eu não sei de onde tiraram essas coisas. Não sei como seria possível eu não entender essas coisas, não saber se minha vó está brava ou feliz... Minha avó se acalmou depois que conversou com a professora Maza, do CCazinho, ela disse a minha avó que aquele diagnóstico estava errado, que ela também não entendia como haviam chegado naquele resultado, porque aquelas informações não falavam sobre o Matheus que eles conheciam, dos acompanhamentos no CCazinho.

Não sei porque falaram isso, eu melhorei muito nesses anos, mas pelo que essa médica falou, nem parece... Minha avó diz que eu melhorei 80%! Que antes eu chegava da escola e não sabia contar nem que matéria eu tinha tido.

Minha avó também ficou mais exigente, ela diz que viu no CCazinho que eu tenho um potencial maior, que eu consigo fazer mais coisas, ela descobriu que pode pedir mais coisas para mim.

Ela lembra de antigamente, que teve que ir na escola, com minha fonoaudióloga, explicar que eu era diferente. Que precisava sentar na frente, que se eu não estivesse prestando atenção a professora devia tocar em mim, para que eu voltasse a prestar atenção...

Mas eu mudei muito, principalmente depois do CCazinho. Minha avó chama de autonomia. Antes quando as pessoas diziam coisas sobre mim eu concordava, aceitava. Hoje eu respondo, eu questiono e discuto. Acho que antes não sabia quem era o Matheus. Agora eu sei, sei quem eu sou, o que eu gosto, o que eu quero, e tento lutar pelo que eu quero.

3.3. Eu não vou desistir³⁶

Miles³⁷ disse que se as pessoas fossem chuva ele seria uma simples garoa enquanto Alaska seria um furacão. É um pouco estranho... Mas acho que meus pais também são assim.

Meu pai é calmo e calado, como seria a garoa; e minha mãe é agitada e falante, certamente ela seria o furacão. E eu? Sou um pouco dos dois... uma mistura.

Costumo falar que há duas Emily's, a Emily calma e a Emily difícil, quando eu estou brava... ah, ninguém me suporta. Será então que sou uma tempestade?

Só sei que sempre fui assim. Meu pai me contou que nasci com refluxo, um problema que faz os bebês vomitarem tudo o que comem, isso fez com que eu já nascesse muito nervosa, estava sempre chorando e deixando meus pais aflitos.

Mas passou. Na vida é assim, as coisas mudam. Resolvemos um problema e logo aparece outro...

Voltei a deixar meus pais preocupados quando entrei na escola. Era uma nova dificuldade, uma dificuldade de aprendizagem.

Foi bem no comecinho, comecei a ir para a escola, precisava ler e escrever, e percebi que eu não conseguia. Mas os outros alunos conseguiam. Eu era diferente. E eu percebia isso. Era como se eu tivesse uma deficiência, uma deficiência para aprender, que me tornava diferente dos outros.

Eu não sabia o porquê isso acontecia comigo. Meus pais também não entendiam. E acho que eles também não sabiam o que fazer para me ajudar. Foi a professora que me mandou no médico, ela viu que eu tinha muita dificuldade no aprendizado, e também disse que eu tinha problemas de coordenação motora, então ela falou que eu precisava de um neurologista, e me encaminhou para o CIRASE³⁸, para que eles me ajudassem.

Fiz meu primeiro exame com uns 5 anos, não lembro bem... estávamos procurando uma resposta para minha dificuldade na escola. E o exame mostrou que eu tinha uma pequena disfunção no cérebro. Era bem de leve, mas me fazia ter toda aquela dificuldade.

³⁶ Título inspirado na música "I won't give up", de Jason Mraz (Temos muito a aprender / Deus sabe que somos dignos / Não, eu não desistirei).

As transcrições das entrevistas nas quais essa narrativa se baseia pode ser lida no apêndice 9.4 e 9.5.

³⁷ Personagem do livro "Quem é você, Alaska?" de John Green.

³⁸ CIRASE é o Centro Integrado de Recursos de Aprendizado e Saúde Escolar, do município de Sumaré.

No fundo eu já sabia que tinha algum problema. Eu via que era só eu, da turma toda, que tinha dificuldade em aprender. E não era só eu que via, os outros alunos também percebiam, era estranho, muito esquisito mesmo... e eu me sentia a burra! Mas até então eu tinha esperança de estar errada, de que fosse tudo uma confusão e que não tivesse nada de errado comigo, que houvesse um outro motivo para que eu não conseguisse aprender. Então, quando o médico falou que eu realmente tinha uma dificuldade eu vi que não tinha jeito mesmo, que era verdade. Que eu não conseguia aprender. E, naquele momento, eu tive certeza, seria assim para sempre! Eu não conseguia ver esse diagnóstico como uma ajuda, como uma solução para o meu problema, na verdade ele estava só confirmando esse problema, ele estava destruindo o que restava das minhas esperanças.

Acho que meu pai já esperava que o resultado fosse indicar algum problema, só depois eu soube, mas a minha mãe teve esse mesmo problema. Quando ela estava na escola ela tinha dificuldades de aprendizagem, ela não conseguia aprender, e por isso nem terminou os estudos, saiu na 5ª série mesmo. Ela saiu porque a professora disse à mãe dela, minha avó, que não tinha mais jeito, ela não ia aprender mais nada. E o meu pai, que já sabia dessa história, imaginou que fosse um problema desses genéticos, que passam da mãe para a filha. Ele só não tinha certeza porque o meu irmão não tinha nada, ele era completamente normal.

Eu contei que eu tenho um irmão? Pois é, eu tenho. Ele é mais velho. Então quando comecei a ter essas dificuldades ele já estava na escola, já aprendia sem dificuldade nenhuma. E por isso minha mãe ficava se perguntando o que tinha de errado comigo, por que eu não era normal como o meu irmão?

No fundo eu sempre pensei que não fosse conseguir aprender, que nunca iria ler ou escrever, acho que meus pais também pensavam isso, o meu pai estava sempre preocupado... E eu ficava cada vez mais nervosa. Eu tentava ler, tentava escrever, tentava muito, me esforçava, mas eu não conseguia. Isso me deixava cada vez mais irritada. Nossa, eu ficava muito nervosa, muito mesmo. E meu pai não sabia o que fazer para me ajudar, ele falava para eu ter calma, para eu tentar devagar, e ele sempre dizia que uma hora eu ia conseguir.

Como nós não sabíamos o que fazer continuei indo no CIRASE, por dois anos, fazia uns acompanhamentos, com a psicóloga, e com a terapeuta ocupacional. Mas não funcionava muito, eu ainda não conseguia ler ou escrever. E mesmo sem ter resolvido minhas dificuldades a terapeuta queria me dar alta.

Foi quando a minha prima, que estuda na UNICAMP, no IEL, conseguiu uma vaga para mim no CCazinho. Isso foi no fim de 2008... eu estava no jardim II, pela segunda vez.

Eu sabia porque estava indo para o CCazinho, era porque não sabia ler e nem escrever, quer dizer, escrever só o nome.

As atividades lá eram bem diferentes da escola... Eu fazia muitos passeios. Saía andando pela Unicamp com a minha cuidadora, nós levávamos uma prancheta e escrevíamos. Escrevíamos o nome das coisas que víamos, copiávamos placas, e líamos, líamos muitas placas, placas dos prédios, de nomes de rua, de localização, e de carro, nossa... lemos muitas placas de carro.

Precisei interromper meu acompanhamento por um tempo, porque o horário da escola havia mudado então eu não conseguia ir para o CCazinho, mas logo resolvi esse problema e voltei. Era uma outra cuidadora, e nós recomeçamos, voltei a passear e a ler placas, nossa, eu estava ficando muito boa nisso! Conforme o tempo foi passando eu melhorava cada vez mais. As palavras não eram mais estranhas para mim, não eram apenas letras colocadas juntas, eu conseguia ler e entender! Na verdade, depois de um tempo, eu conseguia ler rapidamente, e eu não precisava mais copiar, eu lia e depois escrevia tudo sozinha!

Depois disso nós começamos a escrever histórias. Eram histórias que eu mesma inventava, teve até um diário! Nós também fizemos atividades no computador, eu adoro usar o computador!

Durante esse período meus pais se separaram, eu fiquei muito triste, então em alguns dias eu chegava muito chateada, e não queria fazer atividade nenhuma. Nesses dias eu era a Emily difícil, uma tempestade cheia de trovoadas...

Eu fiquei 6 anos no CCazinho. E nesse período eu aprendi muita coisa. Mas o mais importante, eu aprendi a ler e a escrever. Foi difícil, muito difícil, mas eu consegui! E quando eu consegui... nossa, me senti uma vitoriosa! É por isso que dizem que não devemos abaixar a cabeça, devemos sempre ter a cabeça erguida.

Meu pai também ficou muito feliz! Nossa... acho que ele ficou mais feliz do que eu! Ele disse que sempre soube que eu iria conseguir, que sempre confiou em mim e acreditou na minha capacidade, que ele nunca teve dúvidas que um dia eu iria aprender. Mas eu sei que quando consegui ele sentiu um alívio, muito grande, e mesmo com toda essa confiança, ele se tranquilizou.

Eu não tinha tanta confiança não... sempre tive medo de nunca conseguir. Tinha medo de repetir de ano, mas até hoje não repeti nenhuma vez! Graças a Deus!

Foi esse acompanhamento no CCazinho que me ajudou, talvez por ter uma “professora” só para mim, ou talvez porque elas explicavam as coisas de um jeito que eu entendia, ou até mesmo porque eu entendia as atividades, eu tinha vontade de fazer essas atividades, e lá, eu não me sentia a única com dificuldades, a burra da sala... Não sei exatamente o que foi. Mas, tenho certeza que se eu não tivesse ido para o CCazinho, eu nunca teria aprendido a ler ou a escrever.

O meu pai sempre agradece ao CCazinho, por ter me ajudado no meu desenvolvimento. Eu ainda não gosto muito de ler não... Ainda prefiro desenhar, nossa... se deixar eu desenho o dia todo!

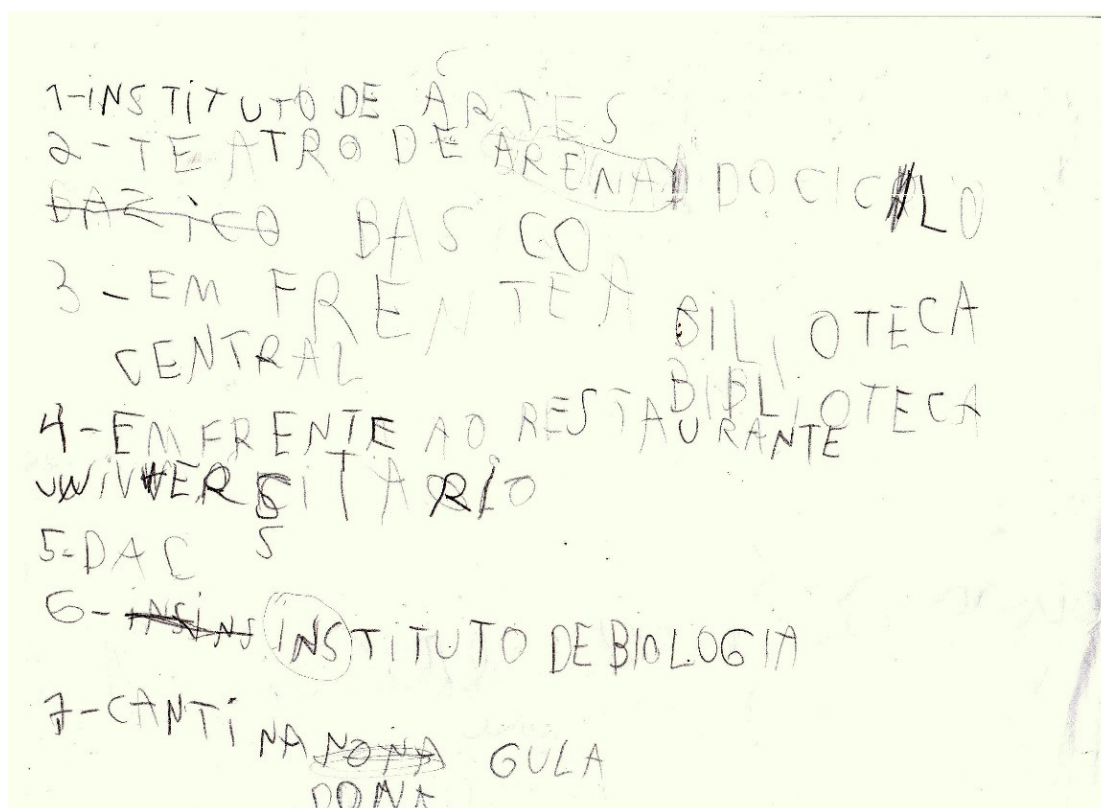
Deixei de participar do CCazinho há dois anos, foi uma escolha minha. Eu percebi que já tinha aprendido. Que eles já tinham me ajudado como podiam, agora era só me esforçar na escola e tudo daria certo. Então encerramos meu acompanhamento. Mas eu ainda converso com minha antiga cuidadora, pelo *facebook*. Sempre mando um “Olá”, nós também conversamos sobre os jogos, eu adoro jogar na internet!

Já estou no sétimo ano. Atualmente, o único probleminha na escola é minha caligrafia, que eles reclamam porque falta capricho, mas eu acho que dá para entender muito bem o que eu escrevo, acho que o importante é que os outros consigam ler, e isso todos conseguem. E o mais importante afinal, é que hoje eu estou escrevendo!

E de saúde também está tudo ótimo... hoje só tenho uma tireoide, mas que está controlada. Ah, e estou ajudando minha tia no salão de beleza dela, e pretendo fazer um curso de cabelereiro, (talvez eu também faça um curso de MMA³⁹, acho muito legal! Mas não conta para o meu pai...).

Para o meu futuro, eu sonho muitas coisas. Pretendo ser artista, apresentadora sabe... fazer vídeos para o *youtube*, fazer filmes... E eu quero ter uma casa enorme! Uma mansão! Com cinco quartos, duas cozinhas, três banheiros... Não sei como vou conseguir tudo isso, mas pode ter certeza que eu darei um jeito!

³⁹ “Mixed Martial Arts”, ou em português “Artes Marciais Mistas”. São artes marciais que incluem golpes de luta em pé e técnicas de luta no chão.



Escrita de Emily, anotação dos lugares por onde passou nos arredores do CCazinho.

1. Instituto de artes
2. Teatro de arena do ciclo básico
3. Em frente a biblioteca central
4. Em frente ao restaurante universitário
5. DAC
6. Instituto de biologia
7. Cantina Dona Gula

Transcrição das anotações de Emily

CAPÍTULO 4 – ANALISANDO OS DISCURSOS ENCONTRADOS

Neste capítulo farei uma análise sobre algumas das narrativas apresentadas no capítulo 2 e 3. A análise foi pensada a partir de uma conversa com meu orientador na qual definimos cinco temas que surgiram na escrita das narrativas, tanto as curtas quanto as longas, e que me despertaram interesse em discutir.

Dessa forma, após escolhida as temáticas voltei às narrativas escritas a fim de escolher narrativas que ilustrassem os temas a serem analisados. O intuito é analisar essa situação observada na prática através dos referenciais teóricos, também já apresentados nessa pesquisa, dessa forma, a análise será orientada pelos pressupostos teóricos metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND).

4.1. MEU FILHO É NORMAL?

O primeiro tema envolve as concepções que permeiam a sociedade e que os pais trazem ao CCazinho, ou seja, aqui me preocupo com o discurso dos pais ao chegar ao CCazinho. Quando se dão conta da dificuldade do filho, quando percebem, ou são avisados, que o filho vai mal na escola, os pais passam a questionar o que há de errado, na busca por uma solução, para ajudar seu filho, acabam questionando se seu filho é normal. Em muitos casos lembram-se do irmão que já frequentou a escola e que não apresentou problemas, tomando esse outro sujeito como parâmetro para analisar a “normalidade” do filho. Essa situação nos mostra também a concepção de normal e de doença que está presente no senso comum. Foi justamente isso que me chamou atenção e me fez escolher esse tema, em algumas falas dos pais eles comparam seu filho com o irmão, e em muitas eles questionam e se preocupam se o filho é normal, acreditando que ter uma dificuldade na escola, ou um ritmo diferente para aprender, o caracteriza como “anormal”. Dessa forma, percebemos que, como apontado no capítulo 1, as noções de normal e de patológico saíram do âmbito da medicina, pais e professores passaram a utilizar esses conceitos e a julgar quem é normal e quem não é. Também podemos ver a força da norma imposta, os pais sabem como deveria ser e quando seu filho não corresponde a esse padrão esperado, eles percebem que algo está errado; por já terem naturalizado a norma social, acreditam que realmente seu filho tem algum “problema” que o leva a desviar dessa norma.

Essa ideia fica bastante clara quando percebemos que, atualmente, se uma criança apresenta um comportamento diferente do esperado ou um rendimento escolar abaixo da média, ou seja, afasta-se do que é considerado norma e do ideal de perfeição, pais e professores procuram ajuda de profissionais como médicos, fonoaudiólogos ou psicopedagogos, buscando explicar o problema que o filho apresenta. (...) desde a infância são estabelecidos padrões de normalidade e, no sentido de se querer padronizar as crianças e jovens, principalmente, podemos pensar na família e, sobretudo na escola, como dispositivos de poder, (...) ou seja, como esses dispositivos buscam controlar os sujeitos, todos aqueles que não se adequam a esse controle são vistos como um problema a ser resolvido. Como consequência, ao invés de se questionar o sistema em que essas crianças estão inseridas, busca-se uma justificativa biológica para suas dificuldades. (ANTONIO, 2011, p. 30)

Podemos observar isso na história de Emily (contada no subcapítulo 3.3, e também no 2.12, onde ela recebeu o nome de Kiera), a mãe de Emily falou na avaliação para ingresso no CCazinho que Emily não era normal como seu irmão. Durante a entrevista o pai de Emily recordou essa época, quando ela começou a apresentar as dificuldades na escola, ele diz que ficou muito preocupado e se lembrou que a mãe de Emily também apresentou tais dificuldades em sua trajetória escolar, tanto que acabou por não concluir os estudos, assim o pai ficou preocupado que Emily tivesse alguma doença que envolvesse o aprendizado, e que havia sido passada de mãe para filha.

Também é o caso de John (2.17) quando chegou ao CCazinho sua mãe estava muito preocupada que suas dificuldades fossem sintomas de uma doença mental grave, visto que o tio de John apresenta uma grave doença mental.

Essas situações mostram que os conceitos de Normal e de Patológico não estão só no ambiente médico, mas foram incorporadas na sociedade, as pessoas julgam as outras baseadas no que compreendem por “normal”, e a noção de doença que compõe o imaginário dos pacientes é, como propôs Canguilhem, um julgamento de valor: “doente é um conceito geral de não valor que compreende todos os valores negativos possíveis. Estar doente significa ser nocivo, ou indesejável, ou socialmente desvalorizado, etc.” (CANGUILHEM, 1978, p. 93)

Mesmo quando não há o diagnóstico formal, a família formula um com base no senso comum, na divulgação da mídia e por conselho de professores e profissionais ligados à escola. Diante disso, pergunta-se aos pais o que sabem a respeito desses diagnósticos, o quanto esse diagnóstico explica as questões apresentadas pelo filho (BORDIN, 2010, p.15).

Devemos considerar que esses pais não sabem como agir ou pensar, eles também foram “disciplinados” pela sociedade, e acreditam que há um normal, que as dificuldades dos filhos em aprender não correspondem a norma imposta socialmente, dessa forma,

estas crianças que “conquistaram o direito de entrar pelos portões da escola, mas ainda não conseguiram, apesar de toda sua resistência, de sua teimosia em querer aprender, derrotar o caráter excludente da escola brasileira” são levadas ao consultório porque uma vã esperança conduz os passos seus e de seus familiares: um diagnóstico que confirme a comodidade das crenças e preconceitos. (MOYSÉS, 2001, p.10)

Outras pesquisadoras da ND também observam essa incorporação dos conceitos de normal pelas famílias, por exemplo, BARTHELSON (2014) observa um caso onde os pais não percebiam nada de errado com o filho, pelo contrário sempre o consideraram “normal”, mas a partir do momento que são alertados, questionados e cobrados pela escola, passam a rever essa consideração, gerando uma desconfiança quanto a normalidade do filho.

Quando, então, a escola passa a chamar os familiares para falar sobre o comportamento de MT e também sobre a sua dificuldade de aprendizagem, instala-se uma desconfiança no interior da família. Diante do desenvolvimento neuropsicomotor de MT sem nenhuma intercorrência, a família estranhou os dizeres da escola, já que até então, ele sempre se mostrou “normal”, ou seja, dentro do esperado para uma criança de 8 anos. Afinal, o que está acontecendo com essa criança, já que psiquicamente, a criança costuma ser vista, quase sempre, como um reflexo das relações que estabelece nos ambientes que frequenta, no caso de MT, são a escola e a família? (BARTHELSON, 2014, p.39-40)

Barthelson analisa o papel definidor dessa suposta doença na vida de MT, visto que passa a definir seu passado e seu futuro, um exemplo claro disso é a fala da mãe de MT: “Ele não tem jeito, não tem saída, ele não muda” (BARTHELSON, 2014, p. 51).

4.2. NÃO CONTE PARA ELE!

Ao buscar uma explicação e uma ajuda para seu filho que apresenta dificuldades escolares, ou seja, quando tenta compreender o que deu errado, o porquê esse filho não é normal, os pais acabam indo atrás dos diagnósticos, muitas vezes orientados pela escola.

Alguns pais, quando recebem o diagnóstico querem preservar o filho, não querem que ele se identifique como “anormal”. Esse é o segundo tema.

Me impressionou o fato de que alguns pais tentam esconder dos filhos a dificuldade que lhe são reveladas, talvez eles acreditem que se não comentarem o assunto, se fingirem que está tudo bem, será melhor.

É o caso de Gayle (2.11), na avaliação a família contou, sem a presença de Gayle, que se incomodavam muito com sua dificuldade. Ele era o primeiro menino da família, depois de duas irmãs mais velhas, o pai tinha grandes expectativas sobre ele, e acabou extremamente frustrado por conta da sua dificuldade, ele não entendia o porquê seu filho era assim.

Contudo a família destacou, também na avaliação, que nunca cobraram ou discutiram com Gayle por conta disso. O pai despejava suas frustrações na mãe, e eles nunca falaram abertamente com Gayle sobre sua dificuldade, com medo de que isso significasse pressioná-lo. Dessa forma, a família tentava preservar a criança.

Mas será que essa preservação é possível? Será que a criança não percebe a insatisfação velada? Será que na sala de aula ela não se reconhece como diferente dos demais? Será que a criança não sente a dificuldade? Ou não percebe que essa dificuldade tão forte que ela sente quanto à aprendizagem não deveria ser assim?

Ao mesmo tempo, questiono: será a intenção verdadeira dos pais preservar ou conservar?

A atitude dos pais de Gayle me causou um estranhamento muito forte, visto que a maioria dos pais que chegam ao CCazinho acreditam no diagnóstico, veem ele como uma explicação que facilitará sua busca por ajuda, ou mesmo que explica o que está ocorrendo e com isso permite que se aliviem as preocupações.

Provavelmente os pais de Gayle acreditavam que se não falassem ou não demonstrassem essa singularidade do filho, ele não iria perceber o quanto fugia da norma, o quanto era “anormal”. E, ao mesmo tempo, ao não falar eles negavam para o filho e para si próprios o fato de que o filho era diferente, e que não correspondia a expectativa inicial do pai; dessa forma, podemos interpretar essa vontade de proteger o filho como uma necessidade da família de proteger também a si mesmos quanto a verdade sobre as dificuldades do filho.

4.3. É ISSO QUE EU SOU – DIZ A CRIANÇA

Na maioria dos casos, o que ocorre é a identificação com o diagnóstico, a criança e sua família compreendem que ela realmente apresenta a patologia com a qual foi

diagnosticada, é o comprovante de um fato, que, em muitos casos, acaba por culpabilizar a criança:

a criança e seus familiares, por sua vez, frequentemente apontam, pelo menos num primeiro momento e no ambiente escolar, deficiências ou distúrbios localizados em si mesmos como causa desse fracasso, culpando-se pelas dificuldades de escolarização (PATTO, 1991, p. 177)

É o que acontece com Emily (3.3), que também foi estudada por GARCIA (2012):

A principal queixa vinha de Dona A., mãe de GG, que se dizia preocupada com a filha, que não conseguia acompanhar/assimilar os conteúdos trabalhados pela escola de maneira satisfatória, além de ser muito dispersa. Procurando uma “explicação” para o comportamento da filha, Dona A. a levou a uma série de profissionais, que pediram uma série de exames. O diagnóstico veio, GG foi classificada como uma criança que apresenta “Dificuldade de aprendizagem” (nomenclatura bastante vaga, principalmente quando tratamos do desenvolvimento e de processos de aprendizagem de uma criança). Apesar de não ter tomado remédios, o diagnóstico se fez bastante presente na vida de GG, sempre presente como uma espécie de fantasma rodeando suas dificuldades escolares e, de certa forma, justificando-as. (p. 10)

Emily compreendia que tinha uma dificuldade, que era diferente dos demais alunos da sala, e isso fazia com que ela se sentisse “a burra”, como ela mesma nos contou.

Não é um caso isolado, como contei no capítulo 1, as crianças que chegam ao CCazinho chegam com um forte sentimento de incapacidade, de insegurança e de culpa, isso porque eles já receberam o diagnóstico, já se identificaram com o rótulo

Trata-se de doenças que são *fabricadas* e que acabam por submeter os sujeitos, vulneráveis que são pelos *corpos dóceis* ou *inertes* nos quais foram transformados. Ou seja, são sujeitos que sofrem um processo de *dessubjetivação* pelo dispositivo, por não questionarem o lugar em que os diagnósticos os colocam, e, além disso, por não terem um conhecimento linguístico e técnico que permita que se faça esse tipo de questionamento. (ANTONIO, 2011, p. 50)

CALIMAN (2013) entende esse processo como consequência de um “biodiagnóstico”, que “não funcionam apenas como tecnologias que controlam, classificam e estigmatizam” (p.111), mas produzem também “bioidentidades” e “biossociabilidade”.

É como se essas crianças chegassem sem esperanças, acreditando que seu destino está fadado ao que determinou aquele rótulo, ou aquele professor, ou mesmo aquele comentário da família.

Ou seja, disseram para elas que elas tinham um “problema”, uma dificuldade, e elas acreditaram. Acreditaram tanto que internalizaram esse diagnóstico, de forma que passaram a se comportar como era esperado delas, fazendo com que o diagnóstico se *autocumprisse*, como nos colocou Watzlawick (1994).

Vemos nos dois casos o importante papel da família nesse contexto, os pais também se convenceram do diagnóstico do filho, e passaram a esperar dele certos comportamentos, que seriam, futuramente, justificados com o laudo. Ora, se a criança tem o laudo e tem apresentado tantas dificuldades na escola, quem poderia esperar que ela aprendesse?

Várias crianças trouxeram esse sentimento, carregavam a certeza de que não conseguiriam e de que eram incapazes de aprender.

4.4. A DOR DE UM RÓTULO

Muito frequentemente, essas crianças e jovens, quando começam a participar das atividades do CCazinho, dizem “não sei” antes mesmo de que se explique a elas o que vamos fazer juntos. Nos primeiros encontros, elas se mostram interessadas pelas atividades propostas, porém, quando percebem que terão que escrever e ler, resistem. Isso, talvez, revele suas experiências prévias de leitura e escrita, sobretudo na escola, podem ter sido desprazerosas e sem sucesso e, por isso, devem ser evitadas. (BORDIN, 2010a, p. 79)

Continuando do tema anterior, quando a criança internaliza o diagnóstico, ela passa a se sentir um “doente”, um incapaz de aprender. Esse sentimento é muito dolorido, ele cria barreiras, fazendo que a criança nem queira tentar, “carregava o estigma de *criança que não aprende*, de *criança que tem problema*, de *criança que é diferente das outras*, o que lhe causava um grande sofrimento” (MOUTINHO, 2014, p.18).

Moutinho está se referindo a Kauan (3.1), que em sua pesquisa é chamado LP:

LP, ao chegar ao CCazinho, diz uma frase que é reveladora de que ele tomou parte desses estigmas para si: “eu não sei ler nem escrever, mas eu queria...”. Ao dizer essa frase, os olhos de LP marejaram, evidenciando, assim, o sofrimento e a frustração que seu percurso escolar havia lhe causado até o momento. (MOUTINHO, 2014, p.61)

Kauan foi a entrevista que mais me surpreendeu, mesmo tendo superado esse estigma, ele ainda sofre ao se lembrar de tudo, o que me mostrou o quão dolorido foi essa experiência para ele.

COUDRY e FREIRE (2008) trazem uma história escrita por MP, que ele intitula como “aprendendo a entender”, na qual o personagem principal não conseguia se expressar sozinho, ele precisava de um intérprete que explicasse para os outros o que ele estava tentando dizer, dessa forma,

A história que MP inventa se apresenta como um lugar de conforto (que acolhe e contém a sua própria história espelhada na história do Frogui) e de conflito (que o faz confrontar com seu sofrimento de ser um menino diferente em um mundo de supostos iguais). (COUDRY e FREIRE, 2008, p.40)

4.5. QUANDO A CRIANÇA SENTE QUE É CAPAZ – A SUPERAÇÃO DO ESTIGMA

Eles chegam cansados de serem cobrados por um sucesso escolar que não acontece e já desenvolveram uma série de estratégias para sobreviverem a essa situação. Apresentam-se com motivação quase nula para ler e escrever, embora refiram o desejo de ler e escrever, como se por um passe de mágica isso possa acontecer. Assim, uma preocupação permanente é a de resgatar a motivação, o interesse por estes processos e isso se dá quando descobrem a função social da leitura e da escrita na própria vida. (BORDIN, 2010b, p. 15 - 16)

Durante o acompanhamento realizado no CCazinho desconstrói-se esse rótulo que a criança traz, buscamos mudar o sentimento que ela carrega, mostrando para ela sua capacidade, fazendo com que sinta que pode: que pode escrever, que pode ler, que pode aprender, que pode tentar e que pode errar.

Com isso a criança supera o rótulo. Exemplos dessa superação são as histórias de Emily (3.3) e Kauan (3.1).

Kauan que recentemente compôs a letra de um funk, era um garoto que não conseguia escrever, ou seja, houve um grande avanço. Ainda no fim do acompanhamento de Kauan, Moutinho (2014) que foi cuidadora de Kauan observou essa superação:

Este movimento provocado pela ND na vida de LP e de sua família, sobretudo na vida de sua mãe, desconstruiu os estigmas que ele carregava e o libertou da vergonha que sentia, tanto por precisar de ajuda, quanto por seu falar infantilizado. É crucial ressaltar, também, que LP nunca desanimou nem se negou a fazer nenhuma das atividades propostas por sua professora, em reforço escolar, ou pelas cuidadoras, no CCazinho. Acreditamos que o estigma construído ao redor de suas dificuldades afetaram suas condições emocionais e sua disponibilidade em interagir com os demais, mas que nunca lhe furtou a esperança de que pudesse superar suas dificuldades de fala, leitura e escrita. Desta

maneira, vimos que a possibilidade de um diagnóstico teve um efeito negativo na vida de LP, mas que, apesar de tantas consequências ruins, ele não tomou este rótulo para si por completo: a partir do momento que percebe que tem condições de melhorar seu desempenho escolar, recusa a posição de sujeito assujeitado e a condição de representar um corpo dócil, passando a expor sua subjetividade e idiossincrasias em sua casa, na escola e no CCazinho. (p. 166)

E Emily, que foi alfabetizada no CCazinho e hoje conversa com sua antiga cuidadora pelo *facebook*, GARCIA (2012), que realizou o acompanhamento de Emily no CCazinho explica que:

quando iniciou as atividades no Ccazinho, GG pôde entrar em contato com a leitura e a escrita do “mundo real”, e não com as cópias a que estava acostumada a fazer na escola. De uma forma estimulante, e que se mostrou eficiente, GG foi colocada diante de situações concretas de escrita: uma de suas cuidadoras, Imc, circulava pela universidade com GG, enquanto esta anotava as placas de carros e os nomes das suas cidades de origem, aproveitando para se familiarizar com os estados brasileiros e com os adjetivos pátrios. Foi dada a GG a “missão” de fazer uma pesquisa sobre os carros que frequentam a Unicamp, ela deveria listá-los para que pudesse ser feito um levantamento sobre os lugares onde moram as pessoas que frequentam a Unicamp. Esperta e inteligente, GG gostou muito da atividade e se mostrou disposta a ler as placas e anotar os nomes das cidades em uma prancheta. Esse procedimento foi adotado como medida de inserir GG no sistema alfabético, já que ela não lia, embora já tivesse visto muitas vezes as letras nas atividades de cópia que realizou na escola. (p. 15-16)

O fato de que essas crianças atualmente, encontram sentido em suas escritas, que usam seus conhecimentos, indica que elas compreenderam a função social da escrita, reconhecendo o valor social desta. Isso porque no CCazinho

o sujeito é tomado em sua historicidade (considerando sua família, relações afetivas, características pessoais, gostos, sofrimentos, perdas, etc.) e o acontecimento da aprendizagem, no caso da leitura/escrita, é indissociável da história do próprio sujeito, ponto de partida para novos caminhos. Por se tratar de atividades mediadas, não se perde de vista a ética que acompanha as práticas dos profissionais que lidam com essa população. O próprio sujeito é levado a conhecer seus processos de leitura e de escrita: quando acerta e quando erra, o que não entende, como é seu ritmo de aprender para dimensionar a importância da escola, da leitura e da escrita em sua vida. As atividades propostas e os dados que delas derivam são analisados em relação ao ponto do processo em que a criança se encontra, sendo crucial a manutenção do interesse e o envolvimento por parte dela e de seu cuidador. Tais atividades contemplam o uso social que fazemos em nossa sociedade de práticas de leitura e de escrita e são incorporadas na relação social e afetiva que a criança vivencia com a escrita. Os conteúdos escolares que as crianças trazem para as sessões individuais por não compreenderem são

ressignificados nas experiências prévias e atuais do sujeito, e os termos metalinguísticos são desdobrados em relação ao sentido e a operações mais abstratas. (BORDIN, COUDRY, 2015, p. 141-142)

Houve no CCazinho uma outra história, de outra criança, que ilustra vários desses temas discutidos aqui, mas principalmente a superação. Contarei essa história no capítulo 6, trago-a como o encerramento deste trabalho.

CAPÍTULO 5 – REFLETINDO SOBRE A PESQUISA

Meu objetivo ao realizar esta pesquisa era compartilhar, não apenas os saberes sobre esse tema pouco discutido na Faculdade de Educação da Unicamp, a patologização, mas principalmente minha experiência no CCazinho. Participar das histórias dessas crianças que conheci, e que foram acréscimo imensurável para minha vida pessoal e uma transformação para minha vida profissional.

Dessa forma, tentei trazer aqui, um pouco do que eu senti, mostrando como essas histórias me marcaram. Espero ter conseguido transmitir ao leitor, um pouco desse conhecimento técnico sobre a patologização, instigando questionamentos, incentivando mudanças de perspectivas. Mais do que isso, espero que as histórias dessas crianças possam ensinar aos leitores, assim como me ensinaram e me inspiraram.

A proposta dessa consideração final é refletir sobre o papel do CCazinho na vida dessas crianças, visto que, compreendo que sem a participação delas neste espaço a vida delas seria completamente diferente, e de uma forma negativa.

Então, o que torna o CCazinho diferente? Porque lá essas crianças aprendem e na escola não? Compreendo que há muitas formas de responder essa pergunta, há muitos aspectos que diferenciam o CCazinho da escola e que colaboram para o “sucesso” desses acompanhamentos. Contudo, talvez o mais importante seja a concepção, a teoria que norteia nossa prática, que no caso corresponde aos pressupostos teóricos metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND), porque é essa teoria que nos faz olhar para essas crianças de um outro jeito, a ND compreende que:

Quando então nos referimos a um cérebro em ação (para usar uma expressão de Luria, 1979), há sempre um sujeito em questão; se há um sujeito, não se pode dele esperar atitudes padronizadas, médias e regulares. Talvez seja esse o equívoco da escola: supor que os alunos – porque têm todos as mesmas estruturas cerebrais próprias da espécie – aprendem do mesmo modo, seguindo os mesmos passos e ao mesmo tempo. Esquece-se, porém, da heterogeneidade que caracteriza esse

denominador comum: a variação funcional do cérebro humano. (COUDRY, FREIRE, 2005, p. 13-14)

Dessa forma, ao compreendermos o cérebro da perspectiva da ND, percebemos que não é possível padronizar, visto que “dependendo da educação, da vocação e da história de vida, o que é novo para um indivíduo é rotineiro para outro. Portanto, os papéis dos dois hemisférios na cognição são dinâmicos, reveladores e individualizados” (GOLDBERG, 2015, p.62. Tradução livre).

Com isso, ao olharmos para criança estamos olhando de fato esse sujeito, concebemos que cada indivíduo é único, logo buscamos compreender quem é essa criança, qual a sua história, seu contexto; e sabemos que ao considerá-los como únicos, devemos também considerar que cada um reagirá de uma forma, cada um escreverá de um jeito, em um ritmo, e nós respeitamos essa singularidade,

recusamos essa ordem de coisas que determina de antemão, desconsiderando a relação da criança com a escrita, uma categoria patológica a que a criança pertence, por apresentar certas características no processo de aquisição e uso da leitura/escrita. Em suma, as crianças que frequentam o CCazinho têm aprendido a ler com compreensão e escrever com sentido. Entram para o mundo das letras por diversos caminhos e em seus ritmos próprios, como sujeitos históricos que são. (BORDIN e COUDRY, 2015, p.143-144)

E essa forma de agir é praticamente o oposto do que vemos na escola e na sociedade atualmente, pois, como colocado anteriormente (BARROS e MASINI, 2015), a escola desconsidera os modos próprios do sujeito, busca apenas padronizá-los através da adequação de seus corpos, com isso tem se tornado um espaço no qual o sujeito está “fadado a “não sentir”, a “não fazer sentido”. Desconsidera-se, aí, o que é próprio do Ser-Sujeito – a linguagem – do se(nti)r sujeito na relação com o mundo” (BARROS e MASINI, 2015, p. 11).

Enquanto para a ND,

diferentemente das metodologias psicométricas, importa a relação heterogênea entre sujeito e linguagem e não uma relação pré-estabelecida entre a falta (para se atingir a normalidade) e a patologia; importam sujeitos comuns marcados por sua relação com a linguagem (fala, leitura e escrita), corpo/práxis, percepção, imaginação, vontade, e não sujeitos idealizados. Tem importância, portanto, nessa relação, a reversibilidade de papéis discursivos desempenhados pelos sujeitos em situações de interlocução, historicamente situadas. Daí o interesse pelas mais diversas manifestações da relação entre o sujeito e a linguagem que ocorrem em crianças em processo de aprendizado. (COUDRY, 2013, p.6)

Há muitos outros tópicos que eu poderia abordar, muitas outras discussões que poderia fazer, mas seria impossível falar de tudo. Dessa forma, espero ter conseguido incentivar um outro olhar sobre aquelas crianças; as que são chamadas de problemas; de desajustadas; de terríveis; de bagunceiras; de insuportáveis; aquelas que parecem não conseguir aprender; que não param quietas; que não obedecem; que, às vezes, trazem um diagnóstico; que vem marcadas com um rótulo; que já ouviram tanto que não podem, que não conseguem, que nunca irão aprender, que passaram a acreditar, que foram convencidas de que são burras, que querem algo impossível, e que por isso tem medo de tentar; mude sua perspectiva, não aja com pré-conceitos, e mostre a elas que é possível.

CAPÍTULO 6: ÚLTIMAS PALAVRAS

Como eu já disse, e já até repeti algumas vezes, o CCazinho transformou minha vida, sou extremamente grata a esse feliz encontro com a professora Coudry, com a professora Bordin, e com esse belíssimo trabalho. Contudo eu ainda não falei de um sujeito, a primeira criança que acompanhei no CCazinho.

Quando conheci Relâmpago I ele já estava no CCazinho e já havia passado por uma grande transformação. A primeira coisa que ouvi sobre Relâmpago I foi que se eu não o encontrasse deveria procurar em cima das árvores.

Ao longo dos anos ouvi muito sobre como ele era antes, mas ainda assim, descobri muitas coisas na entrevista que realizei com ele e com sua família para esta pesquisa.

Trago abaixo essa história. A última história dessa pesquisa e que, de certa forma, reúne os tópicos discutidos aqui anteriormente: a patologização, o sofrimento e a superação.

6.1. Relampâgo 1 em: Bem-vindo a minha vida!⁴⁰

Você já se sentiu como se estivesse desmoronando?

Você já se sentiu deslocado?

Como se você não se encaixasse

E ninguém te entendesse?

(...)

Ser machucado, sentir-se perdido

Ser deixado no escuro

Ser chutado quando você está caído

Sentir-se maltratado

Estar à beira de entrar em colapso

E ninguém está lá para te salvar

Não, você não sabe como é

Bem-vindo à minha vida

(...)⁴¹

A primeira coisa que as pessoas veem ao olhar para mim são meus olhos. Tá, eu sei que eles são lindos, mas eu queria que as pessoas vissem além... além dos olhos. Até mesmo porque esses olhos eu sempre tive, já o restante... eu nem sempre fui assim.

Eu não me lembro de tudo, até porque quando tudo começou eu ainda era muito pequeno. Mas minha mãe e minha tia me contaram.

Eu batia muito na minha tia. Sempre que estava com ela eu dava socos e chutes, eu gritava, gritava que ela era burra e que não me entendia. Era ela que levava eu e meus irmãos para a escola, e nosso percurso era assim, eu batendo nela e dizendo que ela era burra.

Acho que essa era a forma que eu tinha de pedir ajuda. Porque ela realmente não entendia, não entendia quem eu era e o que eu precisava. E eu precisava que ela me entendesse, para que assim alguém me ajudasse, então eu gritava, gritava que ela não me entendia. Mas isso só a deixava mais confusa, então eu a chamava de burra, porque ela não conseguia me entender. Eu a chamava de burra porque era assim que os outros me chamavam.

⁴⁰ Título inspirado na música “Welcome to my life”, de Simple Plan (Não, você não sabe como é / Quando nada parece certo / Você não sabe como é / Ser como eu).

As transcrições das entrevistas nas quais essa narrativa se baseia pode ser lida no apêndice 9.6.

⁴¹ Trechos da música “Welcome to my life”, de Simple Plan.

Mas na verdade não era só na minha tia que eu batia. Eu sentia muita raiva, sempre. Isso começou quando eu ainda estava na creche. Minha tia trabalhava na mesma creche em que eu ficava, então ela acompanhou tudo bem de perto.

Esse meu comportamento prejudicou muito minha tia e minha mãe, a escola achava que era tudo culpa da minha mãe, que ela não tinha me dado educação, que ela era uma irresponsável e incompetente, eles nem falavam com minha mãe, resolviam as coisas com minha tia, eles também não acreditavam que eu realmente fosse filho dos mesmos pais que meus irmãos, não entendiam como eu era desse jeito e meus irmãos tão “normais”, ou como minha mãe soube educar eles e não eu. Minha mãe trabalhava na prefeitura, e a escola não acreditava que aquela mulher, que fazia um trabalho tão bom, pudesse ser minha mãe, eles achavam que minha tia tinha uma outra irmã, uma irmã irresponsável que não conseguiu educar o filho.

Eu não obedecia ninguém, e isso deixava a professora, a diretora, todos muito bravos. Minha tia também enfrentou problemas, as pessoas viam como eu me comportava no caminho para à escola e começaram a perguntar como aquela mulher que apanhava do sobrinho podia cuidar das outras crianças na creche?!

Até que minha tia cansou disso tudo. Ela não sabia o que fazer, só sabia que precisava fazer alguma coisa. Então ela pediu ajuda na escola, falou para a coordenadora que eles deviam ajudar a família. Depois de vários meses que ela insistiu na escola eles deram um encaminhamento para o psicólogo. Então eu comecei a fazer tratamento no posto de saúde.

Mas o acompanhamento no posto de saúde não dava muito certo, eles demoravam muito para marcar outra consulta, parece que eles nem se importavam... Depois de um tempo eles me transferiram para o CAPS⁴², e lá eu continuei meu acompanhamento com o psicólogo.

Ao longo desse período eu tomei quatro remédios diferentes, o médico ia mudando os remédios, procurando um que tivesse um efeito melhor. Foram esses médicos que descobriram que eu tenho TDAH e sou bipolar. Minha família não ficou triste com o diagnóstico, ela ficou mais aliviada... Minha tia dizia que era como se alguém finalmente tivesse escutado a gente, que antes parecia que ela estava gritando sozinha,

⁴² Centro de Atenção Psicossocial Integração, segundo o site oficial (<https://www.spdm.org.br/onde-estamos/outras-unidades/centro-de-atencao-psicossocial-caps>), “os Centros de Atenção Psicossocial (Caps) são unidades de atendimento intensivo e diário aos portadores de sofrimento psíquico grave, constituindo uma alternativa ao modelo centrado no hospital psiquiátrico e permitem que os usuários permaneçam junto às suas famílias e comunidades”.

numa ilha deserta: “Olhem! Escutem!”. Então o diagnóstico era como se o médico estivesse concordando que tinha alguma coisa errada, e era isso que elas queriam, não para mostrar para escola que eu não era malcriado, mas porque saber o que está errado é a chance de começar a procurar uma solução!

A creche ainda não gostava de mim, eu ficava no período integral, acho que dava muito trabalho, eles queriam que minha mãe me tirasse da creche, ou que mudasse para eu ficar só meio período. Minha tia disse que é porque eles não gostam de crianças diferentes lá, eles não queriam crianças imperfeitas.

Quando eu ia começar o primeiro ano, do ensino fundamental, mudou a lei, mudou a idade que as crianças devem entrar na escola. E como eu já tinha frequentado a creche, e no período integral, eles decidiram que eu podia pular um ano, então eu fui direto para o segundo ano.

Era uma nova escola, mas eu era o mesmo Relâmpago I, as coisas foram ficando ainda mais complicadas. Essa escola também não me queria lá. Nessa época minha mãe pagava uma cuidadora para ficar comigo e com meus irmãos enquanto ela estava trabalhando e nós não estávamos na escola. Essa moça me deixava na escola, eu ficava cerca de uma hora lá, aí eles ligavam para ela me buscar, porque não queriam que eu ficasse na sala de aula com os outros; ela me levava para casa, depois, antes da hora da saída, ela me levava de volta para escola e poucos minutos depois minha mãe chegava para me buscar na hora da saída. Eu não sabia que isso era errado, então nunca contei para minha mãe...

Minha tia só descobriu porque começou a perguntar sobre as provas, as avaliações da escola, e eu nem sabia o que era isso. Ela achou estranho e perguntou para minha mãe, que também não soube responder. Então minha tia ligou na escola, descobriu o número da minha matrícula e depois entrou no sistema das escolas, pela escola onde ela trabalhava, e descobriu que eu não estava matriculado na escola, não no ensino regular... estava matriculado apenas na sala de recursos. Quando ela soube ficou muito brava, ela detestava a sala de recurso, dizia que a sala ia me prejudicar, que eles queriam me convencer que eu não tinha capacidade para aprender, além disso a escola não tinha essa sala de verdade... Na mesma época elas proibiram a cuidadora de me buscar mais cedo na escola.

A escola ficou brava, porque agora eu ficava lá o tempo todo. Pouco depois que eu chegava na escola, eu entrava 13:00, às 13:30 eles ligavam para minha mãe, falando que eu estava dando muito trabalho e que ela devia me buscar, mas ela estava trabalhando e

não ia. Apesar de ter que ficar na escola o tempo todo das aulas, eles não me deixavam na sala de aula, eu ficava no pátio, sozinho. Eles falavam que eu não podia entrar na sala, que ia atrapalhar, então eu ficava andando pela escola, no pátio...

No pouco tempo que eu entrava na sala o restante dos alunos tiravam sarro de mim, eles também me chamavam de burro, e então eu ficava com tanta raiva, eu não conseguia controlar e queria só bater, bater em todo mundo.

Por causa da confusão com a minha matrícula minha tia e minha mãe estavam sempre indo em reuniões com a diretora e com a secretaria de educação. Em uma dessas reuniões, fui espiar a conversa da janela. Eu não ficava na sala de aula, sempre ficava no pátio, então era muito fácil ir até a janela da sala da diretora e ficar vendo e ouvindo tudo. Nesse dia, mais uma vez, elas discutiram por minha causa. Acho que a diretora nunca me quis lá, ela queria que minha mãe me levasse para casa e desse um jeito em mim. Como minha mãe não concordava ficavam as duas muito bravas, elas sempre gritavam uma com a outra, e nesse dia não foi diferente... A diretora gritou que eu nunca conseguiria aprender, e minha mãe e minha tia gritaram em resposta que ela estava errada, que eu conseguiria sim! Elas até bateram na mesa. Elas acreditavam de verdade nisso, mas talvez elas só acreditassem porque gostavam muito de mim, elas não queriam que a diretora estivesse certa... Mas eu pensava que se a diretora já teve tantos alunos, ela devia saber do que estava falando. Então eu acreditava. Acreditava que era um burro, e que nunca conseguiria aprender.

O meu pai se separou da minha mãe há muito tempo... Ele não tentava me ajudar nessas situações. Minha mãe disse que é porque ele não sabe o que fazer, ele tem muitos problemas na cabeça dele, e se ele não sabe o que fazer com esses problemas dele, imagine com os meus... Mas a minha avó sempre esteve por perto, de quinze em quinze dias eu vou pra casa dela. E algumas vezes nas férias eu fico por vários dias. Eu adoro ir lá brincar. Mas agora meu pai não mora mais com minha avó, ele tem outra família, agora eu quase nem vejo ele.

Na época em que a cuidadora me levava embora da escola mais cedo, e a época em que eu ficava o período todo, mas no pátio, foram dois anos, dois anos frequentando a escola sem ir para a sala de aula.

Então minha mãe e minha tia decidiram me mudar de escola. Minha tia viu todas as escolas que dava para gente ir, de ônibus, ou de perua, e ligou. Ela ligou em todas as escolas e perguntou “Vocês querem uma criança especial na sua escola? Vocês querem a minha criança especial na sua escola?”. Minha tia diz que ama ser tia, e que ela acha que

tia tem que participar da vida do sobrinho, por isso ela sempre esteve tão presente e sempre tenta me ajudar.

Apenas uma escola disse que queria uma criança especial, a escola Ondina. E foi lá que eu fui estudar. Era uma escola muito boa, eles acreditavam que eu podia aprender e tentavam me ensinar. Eles reuniram todos os alunos com dificuldade em uma sala, a intenção era ajudar esses alunos, porque essa turma tinha menos crianças, e a professora podia se preocupar mais com cada um.

Aconteceu tudo muito perto, o encaminhamento para o CAPS, a escola nova e a chegada ao CCazinho.

Foi em meio a essas inúmeras ligações da minha tia que conhecemos o CCazinho, uma pessoa indicou e lá fomos nós...

No começo eu também não queria ficar lá, eu ia no caminho batendo na minha tia, dentro do ônibus. Nas primeiras semanas eu não ficava no grupo com as crianças, eu saía e ia no grupo de mães, lá eu batia na minha tia na frente de todo mundo. Eu também brigava com a professora Sonia e com a professora Maza, cheguei até a chutar a professora Maza.

Mas minha tia acreditou muito no trabalho do CCazinho, ela me levava mesmo quando eu batia nela dentro do ônibus, quando eu brigava com ela e não queria ir, quando me recusava a me vestir ela saía de casa comigo sem sapato e sem camisa mesmo. Os passageiros dentro do ônibus ficavam horrorizados quando eu batia nela dentro do ônibus, eles queriam parar o ônibus, queriam que a gente descesse e queriam até chamar a polícia. Mesmo quando estávamos no ônibus eu, minha tia, e meus dois irmãos, eu batia nela ou em um dos irmãos. E ainda assim minha tia nunca desistiu de mim.

Depois eu comecei a gostar do grupo, e de ir para o CCazinho. As atividades eram muito diferentes, lembro que logo nos primeiros dias que eu fui nós criamos super-heróis, desenhamos e escrevemos sobre eles e depois fizemos o próprio personagem com retalhos de tecido, foi aí que criei o “Homem-Arara”. Até hoje eu invento histórias envolvendo o Homem-Arara, e já fiz vários outros super-heróis que inventei em casa com essa técnica que aprendi, como o “Vergonho”, que eu até levei para o CCazinho.

Minha tia diz que no começo eu era muito inseguro, tinha medo de ser agredido moralmente lá, como era nos outros lugares. Ela conta que eu só perdi esse medo e comecei a ir para lá com “mais amor” depois do filme que fizemos no CCazinho. Fizemos um filme chamado “A viagem do medo”. Fomos nós que inventamos a história e os

personagens, depois construímos o cenário e o figurino, e atuamos e filmamos tudo, no fim teve o lançamento do filme, com tapete vermelho e sessão de autógrafos!

Me lembro também de outra atividade que gostei muito, foi a construção de uma casinha de argila, levei semanas para terminar, junto com a Kátia. Foi a primeira atividade que eu consegui fazer em várias semanas, antes eu só fazia atividades que duravam pouco tempo, porque se deixávamos para a outra semana eu perdia o interesse e não queria terminar. Mas essa casinha eu continuei, e bem animado em todas as semanas. Quando terminamos eu levei para casa, mostrei para toda família, mas aí ela caiu! Desmoronou! Eu fiquei tão triste. Mas eu uso esse conhecimento que aprendi construindo essa casinha até hoje, construí outras casas com meus irmãos em casa, agora de madeira, meu avô me empresta as ferramentas e eu oriento meus irmãos sobre como devemos fazer. Já construímos nosso quartel general no quintal, que foi destruído, usamos o material para construir uma casa de dois cômodos!

No individual eu também comecei a escrever um diário, o diário do Ninja de Raios, outro personagem que eu inventei... Hoje com meus irmãos eu faço o Clube de Heróis, que começou com o ninja de raios, eu contei para meus irmãos essa história que eu havia inventado, e disse que eles também podiam inventar super-heróis! Cada um inventou um. E desde então nós inventamos cada vez mais, sempre brincamos com esses super-heróis que inventamos.

Eu ainda não tinha me alfabetizado quando cheguei ao CCazinho, mas minha nova escola sabia do trabalho que era feito lá, e apoiavam muito. Com o trabalho nesses dois lugares, e com a ajuda da minha família, eu aprendi a ler e a escrever.

No fim eu já conseguia até vir para o CCazinho sozinho, um dia me desencontrei da minha tia no terminal e fui sozinho, minha família ficou muito preocupada, porque não sabia onde eu tinha ido, mas deu tudo certo...

Depois de quatro anos no CCazinho eu mudei de período na escola, comecei a estudar à tarde, então tive que parar de ir no grupão e fazer só o acompanhamento individual de manhã, mas eu não gostava muito, eu sentia muita falta das outras crianças, do grupão! E minha tia sentia falta do grupo de mães. Como eu já tinha aprendido bastante, decidimos parar com o acompanhamento.

A escola continua muito bem, quando eu ia passar para o quinto ano minha família pediu que a escola me retese, que eu fizesse o quarto ano de novo, para recuperar aquele primeiro ano que eu tinha pulado, para que eu estudasse e conseguisse acabar com minhas dificuldades. Meus professores hoje nem acreditam que eu já tive tantas dificuldades.

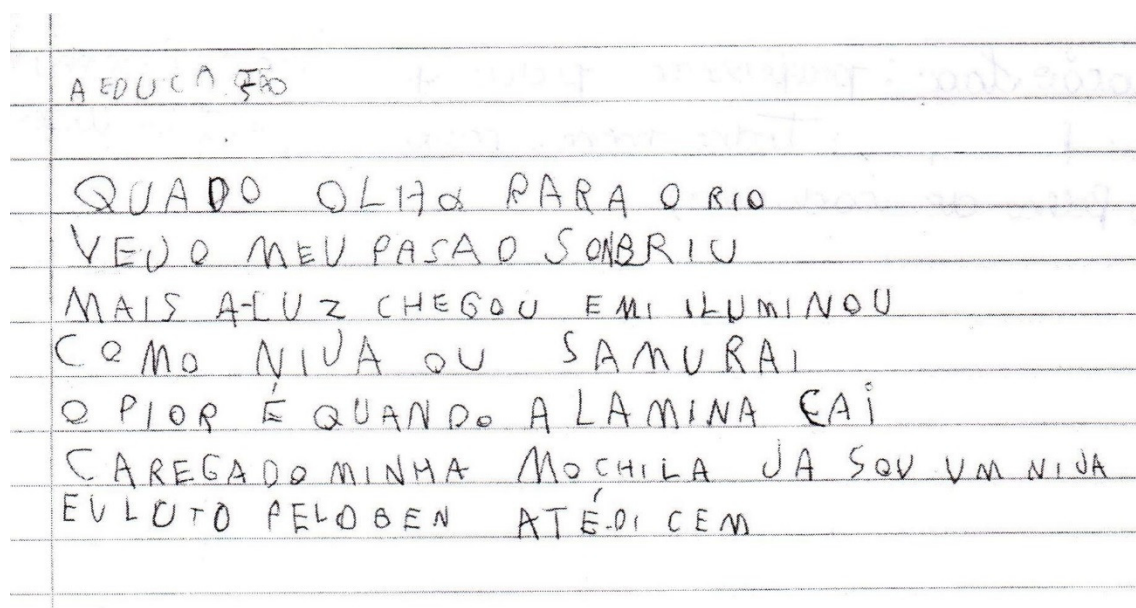
O CCazinho foi muito importante na minha vida, foi lá que eu fiz meu primeiro amigo. Acho que me senti tão acolhido nesse lugar que quando eu já estava lá há algum tempo e chegavam novas crianças eu sempre ia conversar com elas e chamá-las para brincar comigo. Hoje eu tenho vários amigos na escola, mas antes ninguém queria ficar perto de mim, minha fala que isso é a sociabilidade e que eu aprendi no CCazinho.

Minha tia e minha mãe falaram que a maior mudança foi que eu comecei a acreditar em mim, que lá eles me mostraram que eu tenho capacidade e que eu aprendi isso, hoje sou determinado, tento fazer as coisas, e da melhor forma que consigo. Naquela época eu sempre falava que não prestava e que devia morrer, eu achava que não ia conseguir aprender nunca. Então hoje, olhando para tudo isso que passou, sinto que foi tudo uma grande vitória, minha e de toda minha família.

Hoje quando vemos um problema sempre pensamos que deve haver uma solução, pois depois de tudo o que vivemos, e conseguimos superar, não é possível que apareça um problema sem solução! Quando eu fico nervoso eu vou para o meu quarto, respiro fundo e leio um livro, estou lendo a série Eragon, eu gosto muito de ler! E hoje eu sorrio, antigamente eu nunca sorria, ficava sempre emburrado.

Eu aprendi a ler e a escrever, sinto como se eu tivesse voltado lá naquela escola e dado um soco na cara daquela diretora que disse que eu nunca conseguiria!

Teve um dia, quando eu já tinha superado a agressividade, e tinha aprendido a ler e a escrever, que a professora pediu que escrevêssemos um poema, ela não me deu papel, até hoje não sei se ela esqueceu ou se achou que eu não conseguiria, mas eu abri meu caderno na última página e escrevi um poema, um poema sobre a educação.

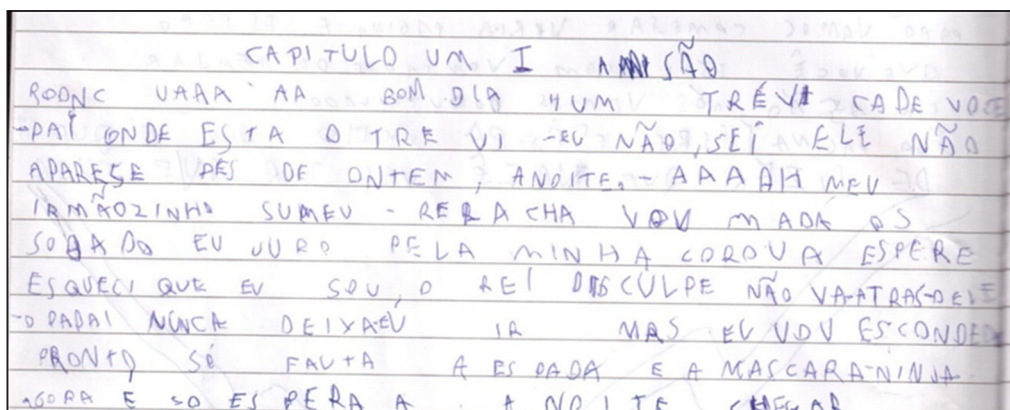


A educação
Quando olho para o rio
Vejo meu passado sombrio
Mas a luz chegou e me iluminou
Como ninja ou samurai
O pior é quando a lâmina cai
Carregando minha mochila já sou um ninja
Eu luto pelo bem até de cem

Transcrição do poema escrito por Relâmpago I.



Foto da casinha de argila construída por Relâmpago I.



Cópia do começo do Diário do Ninja de Raios, no qual Relâmpago I escreve como o personagem Raier.

CAPITULO 1 – A MISSÃO

(RONCOS) (BOCEJO) RAIER ACORDA À PROCURA DO IRMÃO:

- BOM DIA, HUM, TRÉVI? CADÊ VOCÊ? PAI ONDE ESTÁ O TRÉVI?
- EU NÃO SEI, ELE NÃO APARECEU DESDE ONTEM À NOITE.
- AH, MEU IRMÃOZINHO SUMIU!
- RELAXA, EU VOU MANDAR OS SOLDADOS PROCURAREM POR ELE.

MAS TRÉVIS NÃO RELAXA E PENSA: EU JURO, PELA MINHA COROA, QUE IREI ENCONTRAR MEU IRMÃO. ESPERE, ESQUECI-ME DE QUE SOU O REI! PAPAÍ NUNCA VAI ME DEIXAR IR ATRÁS DELE. MAS EU IREI ESCONDIDO. É SÓ ESPERAR A NOITE CHEGAR.

Transcrição do trecho do diário escrito por Relâmpago I.

7. Dedicatória

Gostaria de dedicar esse trabalho de conclusão de curso ao querido Relâmpago I.

Como disse, participar do CCazinho transformou minha vida, e acredito que se naquele meu primeiro ano de CCazinho eu tivesse acompanhado outra criança, não teria sido uma experiência tão significativa; talvez se meu primeiro caso tivesse sido outro sujeito eu não teria ficado tão envolvida a ponto de não conseguir deixar de participar no fim do ano.

Caro Relâmpago I, você foi a primeira criança que acompanhei, e ao longo de nossos dois anos juntos você me ensinou tantas coisas...

O curso de graduação em pedagogia, na Unicamp, nos propõe muitas reflexões. Costuma-se dizer que é um curso muito teórico, que ele não nos prepara muito bem para a prática, mas nos ensina a pensar. Refletimos sobre a educação, pensamos o que está certo e o que está errado, e como poderíamos fazer diferente. Nos apresentam ideias maravilhosas, que se colocadas em prática transformariam as escolas, mas são ideias tão transformadoras que muitas vezes sabemos que são apenas utopias. Contudo, realizar seu acompanhamento no CCazinho me deu esperanças de que essas ideias não sejam assim tão utópicas...

Entre tantas coisas aprendidas algumas se destacam.

Quando você precisava sair da sala, passar alguns minutos ao ar livre e depois voltar; quando saímos para caminhar no campus e você saía correndo pelo gramado (mas sempre se mantendo perto da minha vista!); quando depois de nos conhecermos melhor, você deixou de correr e passou a caminhar ao meu lado, me contando coisas sobre sua vida; e quando você me pediu que incluísse em nosso cronograma um passeio mensal pelos arredores, porque você precisava desse “ar livre”; quando você se desinteressava e não conseguia fazer uma mesma atividade por mais de uma semana, exigindo que eu planejasse atividades rápidas, você me ensinou sobre respeitar o tempo de cada criança, o ritmo, aceitar as singularidades.

Quando construímos nossa casinha de argila e conseguimos superar essa dificuldade de se interessar e se concentrar em uma mesma atividade por várias semanas seguidas, você me provou o valor pedagógico do lúdico, e o quanto uma atividade artística pode ensinar mais do que muitas apostilas; quando você não gostava das atividades que eu trazia, o que me ensinou a ter sempre o plano A, o B e o C, e a estar sempre pronta

para pensar uma nova atividade; quando eu pedia sugestões de temas para pesquisarmos e você trazia seus gostos, você me ensinou que ouvir a criança não é uma tarefa simples, que escolher partir dos interesses da crianças às vezes significa trabalhar um assunto que não lhe agrada muito, mas que vale a pena, e o que importa é a criança.

Você não sabe, mas eu já ouvi algumas vezes que não sirvo para ser professora, porque eu não grito com as crianças. Mas você me confirmou que não é preciso gritar, que podemos estabelecer uma relação de respeito que acaba por trazer certa autoridade. Obrigada por me mostrar uma autoridade que eu nem sabia que tinha, e, principalmente, por me mostrar que ela pode ser estabelecida a partir de uma outra relação.

Saber que pude ajuda-lo um pouco em seu aprendizado me deixa muito agradecida e orgulhosa, saber que as atividades que planejei com tanto carinho foram significativas, e que você até levou para casa algumas dessas ideias é uma satisfação muito grande.

A verdade é que enquanto você percebia sua capacidade no CCazinho, você também me mostrava a minha.

Como eu te disse da última vez, você mudou minha vida, completamente. Sou extremamente grata a Deus por colocá-lo em minha vida, e a você por ter me ensinado a ser uma educadora muito melhor.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M. *Dados da escrita inicial: indícios da construção da hierarquia de constituintes silábicos?* In: HERNANDORENA, C. L. M. (Org.) *Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos*. Pelotas: EDUCAT/ATAB, 2001, pp. 63-85.

_____; COUDRY, M.I.H. *Em torno de sujeitos e olhares*. Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista v. 6, n. 2, 2008, p. 171-191.

AMARAL, A. S. do; FREITAS, M. C. C. de; CHACON, L.; RODRIGUES, L. L. *Omissão de grafemas e características da sílaba na escrita infantil*. In: Revista CEFAC, São Paulo, v. 13, nº 5, septiembre-octubre, 2011, p. 846-855.

ANTONIO, Giovana Dragone Rosseto. *Da sombra à luz: a patologização de crianças sem patologias*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 2011.

BARROS, Renata Chrystina B; MASINI, Lucia. *Prefácio*. In: BARROS, Renata Chrystina B; MASINI, Lucia (orgs). *Sociedade e medicalização*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, pp 9 – 19.

BARTHELSON, Betina Rezze. *Relações de sentido no processo de aquisição e uso da leitura e da escrita*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 2014.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª edição, 2014.

BORDIN, Sonia Sellin. *Excesso de diagnóstico na leitura e escrita: vivências com a linguagem no CCazinho*. Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista. Vol.6, Nº2, dezembro de 2008, p. 243- 275.

_____. *Fala, Leitura e Escrita: encontro entre sujeitos*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 2010a.

_____. *Dislexia, Dificuldade de Aprendizagem, TDA/H, e outros: falsos diagnósticos na área de leitura e escrita?* Discursividade – Web Revista. Edição número 7 de dezembro, 2010b. Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/06%20Sonia.pdf>> Acessado em 22 de dezembro de 2014.

_____; COUDRY, M.I.H. *Excluir para depois incluir*. In: BARROS, Renata Chrystina B; MASINI, Lucia (orgs). *Sociedade e medicalização*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, pp 129 – 146.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. 10a ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CALIMAN, L.V. Os bio-diagnósticos na era das cidadanias biológicas. In: COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M. A. A; RIBEIRO, M. C. F. (orgs). *Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, pp.109 – 118.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M.A.A. *A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico: a patologização da educação*. In: Alves ML, coordenador. *Cultura e saúde na escola*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação; 1994. p. 25-31. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf>. Acessado em 22 de dezembro de 2014.

_____; MOYSÉS, M. A. A; RIBEIRO, M. C. F. (orgs). *Apresentação*. In: COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M. A. A; RIBEIRO, M. C. F. (orgs). *Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, pp.15 – 20.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. *Patologia estabelecida e vivências com o escrito: o que será que dá?* In: 7º Encontro Nacional sobre a Aquisição da Linguagem (ENAL), 2006, Porto Alegre. CDROOM, 2007.

_____. *Relatório Projeto CNPq*, impresso em 2007.

_____. *Relatório Projeto CNPq*, impresso em 2010.

_____. *Neurolinguística Discursiva: afasia e infância - um encontro possível*. Projeto CNPq. Impresso em 2013.

_____. *O que é preciso saber/fazer para enfrentar a patologização*. In: 62º Seminário do GEL. 2014.

_____; BORDIN, S.S. *Afasia e infância: registro do (in)esquecível*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, n. 54.1, Campinas, Jan./Jun., 2012, p. 135-154.

_____; FREIRE, F. M. P. *O trabalho do cérebro e da linguagem: a vida em sala de aula*. Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

_____; FREIRE, F. M. P. *Cérebro e linguagem: em ação na sala de aula*. Cefiel/IEL/Unicamp, 2008.

_____; FREIRE, F. M. P. *Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND)*. In: COUDRY, M.I.H; FREIRE, F.M.P; ANDRADE, M.L.F. (Org.). Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2010, v. 1, p. 23-48.

_____; POSSENTI, S. *Avaliar discursos patológicos*. Discursividade – Web Revista. Edição número 7 de dezembro, 2010. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/01%20Maza%20e%20Sirio.pdf> Acessado em 22 de dezembro de 2014.

_____; POSSENTI, Sírío. *Prefácio: DesDislexicando*. No prelo.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 11ª edição, 1994.

FREIRE, F.M.P. *Para quem serve o diagnóstico?* In: MARÇALO, M.J; LIMA-HERNANDES, M.C; ESTEVES, E; FONSECA, M.C; GONÇALVES, O; VILELA, A.L; SILVA, A.A. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora, 2010, p.135 – 155. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slgl11/11.pdf>> Acessado em 22 de dezembro de 2014.

FREUD, S. (1891) *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973.

GARCIA, Bruna Leite. *Considerações neurolinguísticas sobre leitura e escrita na afasia e na infância*. Monografia. Unicamp, Campinas, 2012.

GOLDBERG, Elkhonon. *El cerebro ejecutivo – Lóbulos frontales y mente civilizada*. Barcelona: Crítica, editorial Planeta, 2015.

KOBAYASHI, A. M. *Patologização da infância: à palmatória do século XXI*. 8ª Semana da Educação UNICAMP. Campinas, 2014.

LURIA, A.R. *O desenvolvimento da escrita na criança*. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988/2001.

MINAYO, M.C.S. *Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais*. In: Revista Saúde Pública. São Paulo, volume 25, nº 3, 1991, pp. 233-238.

MOUTINHO, I.C.N. *À procura de um diagnóstico: uma análise neurolinguística*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas, 2014.

MOYSÉS, M. A. A. *A institucionalização invisível: crianças que não aprendem na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

_____; COLLARES, C.A.L. *Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência*. São Paulo: Psicol. USP. Vol. 8 N. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100005> Acessado em 02 de setembro de 2015.

_____; COLLARES, C.A.L. *Medicalização: o obscurantismo reinventado*. In: COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M. A. A; RIBEIRO, M. C. F. (orgs). *Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, pp.41 – 64.

NAVARRO, P.R. *Aprender a ler e escrever: a experiência no CCazinho*. Discursividade: Web Revista. Ed. 07, dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/07/Arquivos/07%20Paloma.pdf>>. Acessado em 25/03/2014.

PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A.Queiroz Editor, 1991.

PEREIRA, Doraci Degan Ramos; ARCHANGELO, Ana. *O encontro com o outro tecendo possibilidades de ser*. In: ARCHANGELO, Ana (Org.). *Professores que não jogaram a toalha*. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Cap. 1. p. 21-52.

PEREIRA, Kátia Cristina Brolezi. *Crianças da década 2000: dificuldades ou novas necessidades no processo de aquisição da leitura e da escrita?* Relatório parcial projeto CNPq. Impresso em 2014.

_____. *Crianças da década 2000: dificuldades ou novas necessidades no processo de aquisição da leitura e da escrita?* Relatório final projeto CNPq. Impresso em 2014.

_____. *Histórias do CCazinho – A criança além da patologização*. Projeto de pesquisa CNPq. Impresso em 2014.

_____. *Histórias do CCazinho – A criança além da patologização*. Relatório parcial projeto CNPq. Impresso em 2015.

_____. *Histórias do CCazinho – A criança além da patologização*. Relatório final projeto CNPq. Impresso em 2015.

PETRI, Verli. *O discurso da (não) medicalização e suas implicações na constituição do sujeito*. In: BARROS, Renata Chrystina B; MASINI, Lucia (orgs). *Sociedade e medicalização*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, pp 21 – 33.

PLATÃO. *A República*. Sintra: Europa-América, 1975.

SILVA, Lara Ribeiro Da. *Estigmatização e patologização de crianças: a obscura relação entre fala, leitura e escrita durante a alfabetização*. Trabalho de Conclusão de Curso. Campinas, Unicamp, 2014.

UNICAMP. *Ementa da disciplina AM035*. Ano desconhecido A. Disponível em: <<http://www.dac.unicamp.br/sistemas/horarios/grad/G1S0/AM035.htm>> Acessado em: 30 de agosto de 2015.

_____. *Ementa da disciplina AM045*. Ano desconhecido B. Disponível em: <<http://www.dac.unicamp.br/sistemas/horarios/grad/G2S0/AM045.htm>> Acessado em: 30 de agosto de 2015.

VILLELA, F. C. B.; ARCHANGELO, A. *Crianças com “problemas de aprendizagem”: do desamparo ao preconceito*. In: GALLO, S. *As diferentes faces do racismo e suas implicações na escola*. Campinas, SP. Ed. Leitura Crítica, 2014.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 7ª ed. 2007.

WATZLAWICK, Paul. *Profecias que se autocumprem*. In: WATZLAWICK, Paul. *A realidade inventada*. Editorial Psy II, 1994. p 97-116.

9. APÊNDICE

9.1. Apêndice 1 – Transcrição Entrevista LP e SP

HISTÓRIA: LP – ENTREVISTA 1: LP e SP (mãe)

(Entrevista realizada em 16 de setembro de 2015, no CCazinho.)

Inv: A pesquisa que eu vou fazer, eu vou contar as histórias de algumas crianças que participaram do CCazinho e que já saíram. É, aí eu teria assim, algumas questões pra fazer pra vocês, mas eu queria começar assim, perguntando... Ah, e eu ia fazer junto, não sei se vocês preferem separados, mas acho que assim um vai complementando o outro... se não tem que falar todas as perguntas pros dois... É, LP, queria que você, se eu falasse assim pra você que eu quero que você me conte a sua vida, o que você me contaria, primeiro? (silêncio)

Inv: Quem é o LP?

LP: Sou eu.

Inv: E o que você diria sobre você?

(silêncio)

SP: Não sabe o que dizer sobre você?

(silêncio)

LP: Tenho 15 anos?

(LP responde perguntando a sua mãe, que confirma com a cabeça)

Inv: E alguma coisa que você acha que é importante que aconteceu na sua vida até agora? (silêncio)

Inv: Todas as crianças com quem eu fiz entrevistas ficam envergonhados na hora de contar, mas é que eu acho legal ver o que vocês escolheriam contar primeiro. Você pensar em tudo o que você já viveu e falar assim, ah a primeira coisa que eu gostaria de contar pra outra pessoa seria isso.

SP: Faz um resumo.

Inv: Depois eu vou perguntando...

SP: Isso...

(silêncio)

SP: Faz um resumo agora desse ano, o que que você tá fazendo esse ano, né? Pra começar... Que que você acha que está sendo bom... O que você não está fazendo que você gostaria de estar fazendo e não está tendo tempo... Entendeu?

LP: Estudando, fazendo guardinha.

SP: Que que você gostaria de fazer mais? Mas não dá tempo? O dia dela tá corrido...

(silêncio)

Inv: Eu acho que tem alguma coisa aí... que você queria estar fazendo, mas não está. Pelo jeito que sua mãe falou...

SP: É, eu acho que sim... Porque ele gostava de fazer, dede... 5, 6 aninhos...

LP: Futebol.

Inv: Futebol?

SP: ...sempre fez, e agora não tá dando pra fazer, entendeu?

Inv: Você ia numa escolinha de futebol? Ou você jogava com os seus amigos?

LP: Ia em uma escolinha de futebol.

SP: Ele participava no SESI. Ai depois ele saiu do SESI e começou a vir nesse... porque aí eu vim aqui, lembra... e era de terça e quinta, aí ele ia só dia de quinta, que o professor liberou ele, pra ir na quarta e na quinta... mas aí começou muita correria né, eu comecei a trabalhar e tudo... não dá tempo pra fazer mais nada. E agora esse ano ele parou... Ele começou a ir, primeiro ficou só no futebol de salão, acho que ficou um ano e pouco né LP? Quase dois anos, só no futebol de salão a noite, mas aí esse ano também não tá indo mais, porque futebol de salão tem que treinar acho que duas vezes na semana, e aí depois tem jogo, aí joga longe... Como ele levanta seis e meia, eu coloco o despertador em cima da hora, vai pra escola, da escola ele chega em casa por volta de meio dia e trinta e cinco, eu já deixo o prato de comida pronto, ele almoça correndo, coloca uma camiseta, pega o material da guardinha e vai pra guardinha. Chega em casa por volta do que, umas cinco e meia né? Cinco e meia, quinze pras seis. E aí tem lição de escola, tem trabalho da guardinha também pra fazer... coisas assim... não teve como, saiu do futebol.

Inv: eu ia pedir pra você me explicar o que que é a Guardinha.

(silêncio)

SP: Que que é a guardinha pra você? Você sabe melhor do que ninguém explicar, tá lá todo dia...

LP: Ah... a guardinha você estuda pra você arruma emprego.

Inv: Ah... É um preparo pra você poder ir trabalhar numa empresa. E tem um tempo, assim, de duração?

SP: Um ano.

Inv: Um ano?

SP: Porque ele só pode ser encaminhado pra uma empresa com dezesseis anos.

Inv: Ah...

LP: No primeiro ano.

Inv: E aí eles mesmo já vão te encaminhar pra uma empresa?

SP: O objetivo da guardinha não é encaminhar pra empresa... não é um emprego em si.

Inv: Uhum.

SP: É, esse ano... Quando o GP (irmão de LP) fez era diferente... Já mudou o formato lá. Esse ano eles pegam um mês, tem as disciplinas... matemática, português, qual a outra que tem LP?

LP: E vai fazendo novas amizades...

SP: É.

LP: ...porque, não é igual... Antes era só uma sala só, agora, tipo é 25 dias...

SP: Mistura!

LP: ...depois aí você escolhe a classe que você quer ir, então mistura...

SP: Faz turmas diferentes, né? Não é o mesmo... Quando o GP fez, três anos atrás... ele ficou em uma sala, tipo a sala dele era o ano inteiro aquele grupinho. Agora não, agora mistura. Chega no, por exemplo, essa semana ele tá de folga, porque ele estuda quatro semanas, qual foi a matéria que você estudou agora no último mês?

LP: Jogos matemáticos e... protagonismo juvenil.

(LP sempre se pronuncia em um tom de voz muito baixo, próximo a um sussurro)

SP: Jogos e o que?

LP: Jogos matemáticos e prota... protagonismo juvenil.

Inv: Hum.

SP: Ah, tá. Então é, tem, faz o mês inteiro aquilo, aí tem trabalho também daquilo, não sei o que... aí ele fica uma semana em casa, pra dar uma descansada né, tal... E aí quando ele voltar ele já vai em outra matéria, outro... entendeu?

Inv: Hum... É legal! E pra entrar lá, como que é? Tem que fazer prova... tem que?

SP: É... O LP entrou, na verdade entrou até depois, porque tem uma data de inscrição, você vai lá, faz a inscrição, aí eles vão pré-aprovar aquela inscrição, liga, quando eles chamam pra passar pela entrevista. E eu tava numa correria no serviço, perdi o dia da... da pré-inscrição né, que eu tinha que tido fazer. E o GP ia lá toda quinta-feira, eu pedi pro GP falar com o coordenador de lá né, falei ah por favor, pede pra ele, vê se tem como

né, eu não fui na primeira reunião, mas eu quero muito colocar o LP lá. Ai ele... o coordenador de lá, como gosta muito do GP, e acho que fez também pra ajudar né... Ai ele falou, não, fala pra sua mãe vir amanhã... vim falar comigo, tal e participar da reunião. E aí ele foi aprovado, e entrou lá. Começou em fevereiro né? É o ano todo... aí ele vai até o final do ano. Ai ele, graças a Deus ta bem. Agora no, no meio do ano, no meio do ano não, foi... março? Não sei, março ou abril... não vou lembrar... Foi uma empresa lá, avaliar os adolescentes, e a coordenadora do grupo pegou lá a pasta e... não olhou a idade dele. E selecionou ele pra passar pela entrevista.

Inv: Ah, que legal!

SP: Aí quando a outra foi olhar, falou não, o LP não pode, não tem dezesseis anos. Entendeu?

Inv: Entendi.

SP: Aí eles fazem entrevista lá dentro, sabe... como se ele fosse fazer uma entrevista de emprego. É... e eles fazem umas pegadinhas né, ele chega em casa contando... que eles faz umas pegadinha, de tal, isso e aquilo, se acontecesse, o que ele faria, né...

Inv: Ah, que legal!

SP: Então, é muito bom... O objetivo, é igual eu falo pra ele... O objetivo lá não é chegar no... no ano que vem, ele faz aniversário em dezembro, não é chegar em dezembro, ele faz dezesseis anos e ele fala eu quero arrumar um emprego, quero ser encaminhado... Tem gente que não consegue, né, porque se você não atingir a meta, ele não vai conseguir se encaminhado pra uma empresa. Porque a empresa vai selecionar e só vai pegar os bom. Pra eles né... entre aspas... bom pra empresa... Não que ele não seja bom. Mas de repente é tanto adolescente que ele pode ser que não consiga aquela vaga, né. Eu falei, mas claro que o objetivo é você aprender e conseguir a vaga, porque você, agora o contrato dele, se for empresa, é um ano, quando o GP fez, o GP ficou um ano e onze meses, trabalhando. E agora mudou, agora é um ano só. Eu falei, mas tá ótimo! Você vai sair com dezessete anos, né, depende da empresa que você vai... que seja uma empresa pequena, grande, qualquer que for... é uma experiência. Você vai pôr em pratica aquilo que você tá aprendendo na guardinha. E ainda continua indo na guardinha, uma vez por semana, entendeu? Eles vão na guardinha, ficam o dia inteiro lá, faz um curso intensivo. Então quer dizer, é dois anos de guardinha e um ano de emprego né. Mas... pra ele tá sendo muito bom.

Inv: Ta, agora eu vou voltar um pouco assim a história. É, você teve algum diagnóstico?

SP: Um laudo?

Inv: ... de médico. É.

SP: Hum... Não, não teve diagnóstico nenhum.

Inv: Ou da professora... Porque a... o foco assim era nas dificuldades que...

SP: Isso.

Inv: ... ele apresentou durante o processo de aquisição...

SP: De alfabetização.

Inv: ... na escola. Aí eu queria saber como que foi esse processo... Quais foram as dificuldades.

SP: A dificuldade do LP quando ele tava... quando ele entrou... foi o primeiro ano que a criança entrava na escola com 6 anos. Foi justo no primeiro ano foi o ano que ele foi. Que era pra ele estar no pré, ele já foi direto pro primeiro aninho. Aí ele ficou o primeiro ano, quando foi o segundo ano já percebia já, algumas dificuldades. Quando, na escolinha infantil, já né... eles davam alguma coisa assim, aí já percebia que... né, as dificuldades, tal... mas achava que era normal, tal... quando fosse pra escola...

Inv: No infantil era o jardim?

SP: Isso. Que eles dava mais figura... tal, essas coisa assim... ele escrevia era muito pouco né. E aí ele foi pro primeiro aninho, ficou um ano. Quando foi... eu já percebi antes, a dificuldade dele. Aí foi pro segundo ano, aí eu, acho que foi no segundo ano, foi no segundo ou no terceiro. Ele repetiu um ano. Faz tanto tempo que eu... Eu não lembro se foi no segundo ou no terceiro ano, quando ele passou pro terceiro aninho que eu fui, aí eu comecei a correr atrás pra conseguir. Fui num posto que não tinha nada a ver com a minha região, sabe. Fiz o cadastro.

Inv: Ele já sabia ler e escrever?

SP: Lia muito pouco e a escrita dele era muito... trocava muitas letras. Ele fazia. Tudo o que pedia na sala de aula ele fazia, fazia lição em casa, tal, mas era muito confuso né LP? Ele trocava muitas letras. E aí como ele tinha dificuldade... E, na hora de falar também, ele falava errado, né, na época. Ele tinha sete aninhos. Então ele ficava muito retraído, muito fechado. Aí quando ele foi, ele repetiu um ano, no segundo ano. Quando foi pra ir pro terceiro aí eu fui na escola, eles iam passar ele de todo jeito, aí eu falei não, não quero que passe, é. Vocês vão passar ele, ele não vai acompanhar. Eu prefiro que ele fique no segundo ano. Aí conversei na escola, falei com o professor, com diretora, porque né, eles iam, pelo conselho iam aprovar e ia passar ele. E eu assinei um termo que eu não queria. Aí ele ficou. Ele ficou um ano, um ano a mais, no terceiro ano, ele fez o terceiro ano e ficou no terceiro ano mesmo. Mas foi um acordo entre eu e a escola, porque eu não queria

que passasse ele. Na época expliquei pra ele, tal... né, porque que ele iria ficar, porque aquele ano a gente ia trabalhar, né, ele ia correr atrás e ele ia melhorar e não ia tê tanta dificuldade. Dificuldade a gente sempre tem, mas que não ia tê tanta dificuldade, né, que não ia ser um ano perdido, no final das contas ele ia ganhar esse ano. E aí foi. Eu fui no posto, posto de saúde que a gente pertence, não consegui, eu tinha que passar ele por fono e por psicóloga. Não consegui. Aí eu consegui na, na UNIP. Foi daqui que me indicaram. Acho que foi uma pessoa daqui... que me indico. Aí fui consegui passar com ele na UNIP... passou uns seis meses, ele passou por psicólogo né, e eu passava também que, era igual aqui, tinha o grupo das crianças e o grupo das mães. E na época eu também não tava muito bem né, de vida, com as minhas coisas, tal, mas o meu objetivo lá era ajudar o LP, não... Mãe é mãe né, o objetivo meu era ajudar o LP, e no final das contas eu acabei, sabe, beneficiando muito. Depois ainda continuei mais um ano lá. . Ai o LP fez psicólogo durante uns seis meses. Aí... aí eu consegui fono, ele passou seis meses por essa fono, que chamava MA, chama MA, foi pra São Paulo, e foi essa fono que me indicou aqui na Unicamp, porque aí ela ia embora, tinha feito, passado num concurso e ia trabalhar em São Paulo. E eu fiquei desesperada, falei “gente e agora, o que que eu faço?”. “SP eu vou deixar tudo aqui, anotadinho, pra ele ser encaixado no próximo, a fono que vim me substituir, tal, não sei o que. E até hoje nunca chamou. Nunca chamaram mais. E eu fiquei desesperada, falei “e agora? O que que eu faço?” E ela me indicou aqui. Acho que ela conhecia a IM, que foi que acudiu o LP também, desde o começo. Aí ela indicou aqui. Falou “Não, vai lá, quem sabe você não consegue lá? Não sei se vai ter fono lá, né, mas vai lá que vai ser bom” tal. E eu vim, a gente fez a entrevista, desde aí... A SS atendeu ele um bom tempo, que é fono né. A SS e a IM elas atendiam junto. E aí ele foi né, se encaixando no grupo, tal. Ele gostava muito de vir pra cá. Eu parei mesmo no último ano, foi ano passo, meio do ano... Um pouco antes das férias. Ia entrar de férias e eu parei. Porque tava muita correria. Eu comecei a trabalhar registrado, e tava muito complicado pra mim, sabe? E eu fui dizendo não, o LP já atingiu o objetivo dele né, e eu falava nas reuniões, quando a gente conversava sobre, com as mães, falei “Não existe nada 100% vida, né, mas na, mas na minha avaliação o LP já tá 100%. Ele já tá, entendeu? Ele já pode... Dificuldade, vai ter? Todo mundo tem dificuldade! Você tá com 60 anos tá tendo dificuldade em alguma coisa, não é? Então, daí eu parei de vir. Tava muito cansativo. Toda terça-feira vir pra cá. Aí eu resolvi parar

Inv: É, e a professora dele nessa época? Ela falou alguma coisa pra você? Que ele tinha dificuldade...

SP: Então, a professora dele na época, foi a professora do primeiro aninho, do segundo aninho, do terceiro aninho. Era a mesma professora. E eu até falei pra SS uma vez, a SS ria, falei SS, olha como a gente confunde né, as coisa né, porque eu achava que a professora, ela... ela... ela... eu achava que ela tava me ajudando, e no final das contas ela não tava me ajudando, “Ah o LP tem dificuldade nisso e naquilo, deixa lá”. Ela não estimulava ele, entendeu? A aprender. Então ele fez o primeiro e o segundo com ela, quando ele repetiu, quando ele foi fazer o terceiro ano de novo, que ele repetiu, ele... teve outra professora. Aí ele deu uma deslanchada na escola, deu uma melhorada. Aí eu falava aí quando a gente fazia reunião com os pais, falava assim, nossa, sabe assim, quando você recorda, fala gente eu achava que ela tava me ajudando, e ela não tava me ajudando, ela só tava prejudicando ele, entendeu?

Inv: Você lembra algumas coisas, por exemplo, que ela dizia...

SP: Porque ela, ela... é.... conseguia... sinalizar tudo as dificuldades dele.

Inv: Ela falava...

SP: Ela falava tudo. E eu percebia isso. Todas as dificuldade que ela passava pra mim eu percebia também. Só que ela na sala de aula ela não fazia nada pra ajudar a dificuldade. Pra ele... pra estimular ele nas dificuldades dele. Porque, se ele tá aqui com você, eu passo pra você a dificuldade que ele tem, você tem que trabalhar em cima daquilo. E ela como professora, ela tinha que trabalhar em cima daquilo, e ela não fazia, entendeu?

Inv: Você sabe se ela, por exemplo, dava as mesmas atividades que pros outros alunos? Ou se ela não dava atividade?

SP: Não, dava as mesmas atividades. Mas ela não se importava se ela fizesse ou não, entendeu?

Inv: A tá... então não eram atividades específicas...

SP: Não, “vou dar uma atividade pra ele, mas vou focar nele hoje”, entendeu? “Vou dar um trabalho de sala, os outros alunos eu sei que sabe, mas eu vou focar naquele que”... Mas não era só ele não. Na sala dele tinha uma meia dúzia que... claro que não era o mesmo problema dele, mas que tinha suas dificuldade. E ela deixava... Entendeu? Então no final das contas, depois que passa que você vê né, ela não me ajudou em nada, ela só prejudicou ele, né. Aí como no terceiro ano ele ficou com uma outra professora, aí ele foi deslanchando. Aí a gente já tava vindo aqui. Que a gente vinha, a gente veio cinco anos?! Acho que eu vim quase cinco anos.

Inv: Você lembra que ano que vocês chegaram aqui?

SP: (silêncio) Não lembro o ano exatamente. Acho que foi em 2... 2000 e... eu fiquei passando... tanto educador já vi passar... acho que foi em 2008, 2008, eu acho que foi julho de 2008... Ai foi um ano que entrou de greve. Foi o primeiro ano que começou aquele negócio de gripe suína, a gripe não sei da quantas. Eu fui... Eu vinha, a SS vinha me atender, a SS tava ruim também, e eu tava muito ruim na época já com gripe, tal... Foi no primeiro ano que começou essa gripe, acho que foi em 2008. Aí eu vim em julho, fiz a entrevista, aí entraram de greve, aqui a Unicamp entrou de greve na época. Aí ele começou a vir acho que em setembro, se não me engano... Final de agosto, setembro. E eu naquele desespero... falei “gente, agora que eu consegui vai entrar de greve lá”. Porque tava todo mundo de greve tal né. E aí depois, daí pra frente, não parei mais de vim aqui... continuei... foi muito bom.

Inv: É, qual que era a sua reação quando a professora falava dessas dificuldades dele pra você? Como você se sentia?

SP: Não, a professora chegava em mim e falava as dificuldades dele, que ele tinha que passar por fono, que ele tinha que passar por psicólogo, blá-blá-blá, blá-blá-blá. Eu falava “gente, eu tô correndo atrás!” E na época eu até não tava numa situação financeira boa, entendeu? “Eu tô fazendo o que posso, mas pra mim tem que ser pelo Estado, tem que ser pelo SUS, e eu não conseguindo! Que que eu posso fazer se eu não tô conseguindo”, né? E...

Inv: Ela meio que deixava pra você

SP: É. Eu falava pra ela que “eu sei que ele tem dificuldade! Eu tô vendo. Eu tento ajudar o máximo que eu posso”. Mas na época eu não tava lá essas coisas né, então... Hoje em dia, nossa... Se voltar lá atrás, eu taria 100% né, totalmente diferente daquilo, sabe? Eu era muito estressada... e devido a tudo que acontecia... Então juntou tudo, virou aquele... Mas eu nunca deixei de fazer nada por eles, entendeu? Tanto por ele e tanto pelos irmãos. Então...

Inv: Tem quantos irmãos?

SP: Tem mais dois.

Inv: Mais velhos?

SP: Tem o GP de 18, que vai fazer 19 né, em... dezembro. 18 anos e oito meses né. O LP tem 15 e oito meses, também faz em dezembro, e tem o EP.

Inv: Mais novo?

SP: É. O EP tem 14, faz 15 anos ano que vem. Então é aquela dificuldade de sempre, mas... Aí quando eu consegui passar ele na UNIP por psicólogo lá, aí fez fono por seis

meses, com a MA, que era nossa, excelente, sabe? Nunca vi uma profissional tão boa, sabe? A menina, no meio dessa... Teve um tempo que, um pouco antes da fono, deu consegui a MA, eu passei aqui no Barão, aqui no Barão Geraldo, a fo... lá da UNIP me indicaram, eu pagava, acho que vinte, não sei se era vinte reais, por consulta, era uma fono também. Aí vinha aqui, depois, aí... aí mudou a fono, eles colocaram uma menina nova pra atender ele, que não entendia nada de nada, aí foi quando eu consegui a MA, aí eu comecei a passar com a MA né, passou seis meses, e de lá a gente veio pra cá.

Inv: Você lembra desse período? Dessas coisas que foram acontecendo? Dessa professora...?

(LP fez que não com a cabeça)

Inv: Não?

SP: Acho que ele não recorda muito não.

Inv: É... E como que foi o acompanhamento aqui no CCazinho? Foi vários anos né?

SP: Foi, vários anos. Não lembro, se foi em 2008... a gente chegou... quase cinco anos, ou cinco anos, não me lembro.

Inv: E desde o começo você participava do grupão, e do individual com a IM? E como que era? As atividades, por exemplo, o que que você lembra que você fazia? Que que você gostava de atividades?

LP: Tinha tirinha... Fazia brincadeiras... A gente fez um filme...

SP: Foi muito bom o filme.

(silêncio)

Inv: Em que ano você tá agora? Na escola?

LP: 9º ano.

SP: 9º ano.

Inv: Ah.

SP: 8ª série né.

Inv: E o individual sempre foi com a IM? Ou com a SS?

SP: Isso.

Inv: Em algum momento você tomou algum remédio? Algum medicamento? Por conta da...

SP: Não. Por causa da dificuldade não.

Inv: E quando você chegou no CCazinho, você já sabia ler e escrever?

SP: Sabia. Já sabia... Com dificuldade, mas sabia.

Inv: Você achava que era difícil ler e escrever?

LP: Achava que escreve era, não! Lê era mais difícil.

Inv: Escrever era mais fácil?

LP concordou com um movimento de cabeça.

Inv: E como você se sentia nessa época que você tinha dificuldade?

(silêncio)

Inv: Por exemplo, na escola, você achava que era só você que tinha? Ou você via que os outros colegas, que sua mãe comentou, tinham dificuldade?

LP baixou a cabeça e voltou a chorar.

(silêncio)

LP: Os outros colegas também tinham.

Inv: E quando você veio pro CCazinho, você sabia porque você tava vindo aqui?

LP concordou com um movimento de cabeça.

Inv: É uma questão que a gente começou a fazer agora, nas avaliações, acho que antigamente não tinha, sabe, mas hoje a gente fala “Porque que você tá aqui? Você sabe porque você veio até aqui?” Eu acho que nas avaliações mais antigas assim não tinha...

SP: É, acho que não tinha.

LP continuou chorando e sua mãe pegou lenços de papel na bolsa para eles.

SP: Tá fazendo eu borrar minha maquiagem...

(risos)

Inv: Tô me segurando.

(risos)

SP: Sou daquelas assim, se é pra rir a gente ri, se é pra chorar a gente chora.

(risos)

Inv: Porque você está chorando LP?

(silêncio)

SP: É ruim lembrar né? Do que passou... Quando é uma coisa boa você lembra e dá risada né...

Inv: É, mas acho que você tem que pensar onde você tá agora né...

SP: É. Mas quando é uma coisa ruim, você lembra e chora.

Inv: É.

(silêncio)

Inv: Eu queria perguntar pra você qual foi assim a importância do grupo de mães, durante o acompanhamento, que você participou...

SP: Nossa, o grupo de mães pra mim foi muito bom, muito bom. Tanto que no último ano, que eu vim acho que quatro meses, quatro, cinco meses, né, que eu parei um mês antes das férias. Acho que eu parei um mês antes das férias. Acho que eu vim até maio. Primeira semana de maio, e depois parei. É... no último ano já não era... eu já não achava o grupo de mães tão... tão bom. Porque... antes, antes... por exemplo, era a SS, a... como chama... a MC, tinha a psicóloga, né... lembra que tinha uma psicóloga... só que eu não lembro o nome dela agora, é tanto nome...

Inv: Era a MO?

SP: A MO! Tinha a MO... então a gente ia, a gente falava sobre nossos filhos, tal, as coisas, mas a gente falava da nossa vida, sabe? A atividade da gente, tinha pai, tinha um pai que participava, o SJ, o nome dele, eu lembro que ele participou o ano todo né? Mas a gente não tinha vergonha de falar sobre as coisas que acontecia. E era uma coisa muito boa... a gente desabafava no grupo, a gente chorava, a gente ria, né, a gente fazia tudo, consolava a outra, tal. Era muito bom, sabe. E aí quando foi o último ano, foi um menino.

Inv: Ah.

SP: Lembra? Não sei se ele ficou o ano todo... eu não lembro o nome daquele menino.

Inv: Acho que era JO.

SP: Então, aí foi esse menino que foi ficar no grupo, a MC ia ficar lá muito pouco, porque ela tinha, ela tava dando uma atenção maior aqui... as crianças tavam né, mais... mão tavam respeitando as monitora, tal, né. Que ela ia e ficava mais aqui, pra colocar mais disciplina. Sabe, do jeito dela, né. Então ela não ficava tanto lá, mais com a gente. E aí ficou estranho o grupo, sabe? Porque... acho que também, acho que não tinha confiança nele né, igual a gente tinha antes né, nas outras pessoas que participavam no grupo. Mas... e aí eu resolvi que eu ia parar sabe... porque...

Inv: Ele já sabia ler e escrever né...

SP: É. Ele tava bem, ele já tava, no último ano ele já tava como ajudando né, já tava auxiliando né, e aí eu já vi que ele tava muito cansado, sabe? Cinco anos né... Então eu falei “não”...

Inv: E o grupo de crianças que tava vindo tava mudando né?

SP: Tava. Tava vindo muita criança... tinha aquelas criança menorzinha e tal né. Os maiores que tavam vindo, quer era pra continuar, que tava vindo no começo do ano, não veio... Acabaram as dificuldades, foi falado no grupo... porque que a criança tinha parado, porque que ia vim depois, uns ia começar a vim depois, tal. E aí a gente resolveu parar, porque não tava dando, sabe? Tava muito corrido.

(silêncio)

Inv: Ah, o dos irmãos eu já perguntei... E os irmãos dele, tiveram alguma dificuldade na escola?

SP: O GP nunca teve dificuldade, no aprendizado. Sabe... Excelente. O EP também... O EP a dificuldade dele é... É desligado. Mas pega no pé de vez em quando, volta. Coloca na linha de novo. Também não tem dificuldade no aprendizado não, sabe? Nunca... Normal.

Inv: E o que você acha que aconteceu em relação a ele ter essa dificuldade? Que foi... alguma coisa com a professora, que não dava atenção pra ele... ?

SP: Eu ach... Eu... Ao meu ver a dificuldade do LP foi: eu arrumei dois filho um perto do outro. Não tinha a maturidade que eu tenho hoje, né? Claro que eu tentava o máximo, fazer pra um o que eu fazia pro outro, tal... E ai, no final das contas ele queria ser tratado como um bebê, né? O EP, que era o bebezinho, e ele também queria ser tratado igual, porque ele sentia ciúmes. E eu cuidava da casa, eu fazia tudo, né. Tinhas os três pra cuidar. Então eu... eu achava que eu tava... é, fazendo o certo. Tratando ele como um bebê, né? Tanto que o LP ficou usando fralda até uns... pra dormi ele não dormia sem fralda, não podia dormir sem fralda, ele ficou usando fralda até quatro, quase cinco aninho. Tinha que coloca fralda nele pra dormi. E aí, uma briga danada entre o meu marido e eu, porque ele não me entendia, achava que era frescura, tal né. E, aí ele parou. Quando eu comecei na UNIP, que ele fez seis meses lá, ele... ele parou. De, de usar fralda, entendeu? Ele... na época eu passei ele por homeopatia, e deu o remedinho homeopata, e tal, as gotinhas pra ele. Acho que fez três meses, três, quatro meses... desse tratamento, desse remedinho. Cabo! Ai um dia as fralda tava acabando, ai eu, fui falar pro meu marido que tinha que comprar fralda, acho que eles iam no Extra, não lembro como que foi... Ai ele mesmo falou “Não mãe, não é pra comprar mais. Não vou usar mais!” Ainda deixei umas lá né, falei vai que precisa por... Porque fazer xixi, ele fazia muito xixi, então não dava pra ficar sabe, porque o colchão ia estragar, ia ficar aquele cheiro forte, então... Acho que uns três, uns três, quatro meses, ele tava lá na UNIP, ele parou de fazer xixi, e nunca mais...

Inv: Foi com o psicólogo então?

SP: Foi. Passando com o psicólogo. Ai ela, foi, ela encaminhou pra homeopatia, e ai ele tomou aquela dose, duas gotas, três gotas, não me lembro... E ai, daí em diante, não precisou mais usar, entendeu? Então acho que a dificuldade dele, acho que, no final das contas, acho que... acho que eu mesma, como mãe acabei ajudando, sabe? A te a dificuldade. Porque sabe... eu ia tratar de um, eu já aproveitava pra trata dos dois, né? E

sabe aquela coisa, assim, você achava que tava fazendo o certo, e no final das contas você tá fazendo errado?! Então, eu tinha que dá banho nele no chuveiro, não na banheira igual eu dava banho no menorzinho, né? Mas eu fazia tudo igual, que nem eu fazia no outro, que eu achava que era o certo, que eu tava demonstrando carinho daquele jeito, né. E aí no final das contas eu acabei prejudicando ele. E filho cada um é, cada um tem o seu jeito, né? Não tem... Acho que é... acho que é assim.

Inv: Vai aprendendo na prática né?

SP: Uhum... Vai aprendendo no dia-a-dia.

Inv: É, e depois de sair daqui do CCazinho, o que aconteceu? Na vida do LP. Por exemplo, ele continua na escola?

SP: Continua.

Inv: Mudou de período?

SP: Não. Ele continua na escola, estuda de manhã.

Inv: Na mesma escola?

SP: Na mesma escola.

Inv: Aí tem o curso né?

SP: Tem o curso, que ele começou esse ano, ele faz na parte da tarde né, é... é todos os dias. Entra uma e meia, sai cinco horas. E... Mas tá bem... Faz o curso... Fez um ano de informática, que eu paguei pra ele e pro irmão. E agora tá fazendo inglês. É um ano também. Tá fazendo todo sábado.

Inv: Tá fazendo ainda?

SP: Isso. Todo sábado eles vão no curso. Tá muito parado... Tá parado, não tá fazendo atividade nenhuma...

(risos)

Inv: Quais mudanças que aconteceram na vida de vocês que você considera que foi por conta da participação no CCazinho?

SP: Tanta coisa.

(risos)

SP: Acho que eu aprendi mais... tê mais... tê mais controle. Sabe, eu era muito ansiosa... A SS que que ria comigo, quando eu ia conta as coisas no grupo. Tinha uma vez... Ela ria tanto! Uma vez aconteceu uma coisa na minha vida, que eu fui contar no grupo de mães e a SS falava assim: “SP, mas olha! Quem pode falar que você é a mulher que chegou aqui, né... três quatro anos atrás?” E no ano retrasado, que eu tava contando, então, nossa... melhorou demais. Porque o que eu aprendi aqui, eu tentava colocar em prática em casa,

né? E o LP acho que foi a mesma coisa. Tudo o que ele aprendia aqui no grupo né... de um jeito ou de outro ele, por mais que ele é calado, é mais fechadão, tal, mas de um jeito ou de outro ele acabava usando aquilo em casa, com os irmãos, a mãe, o pai... E aí foi Foi muito bom, gostamos, foi muito bom... se eu pudesse eu continuava aqui pro resto da vida, mas não posso porque eu tenho que dar a chance pra outras pessoas que também né, tão ai correndo atrás pra tentar né. Mas eu sinto muita falta do grupo.

Inv: Quer acrescentar alguma coisa LP?

LP fez um sinal negativo com a cabeça.

Inv: É... O que você acha que teria acontecido, se vocês não tivessem participado do CCazinho?

SP: Acho que o LP não teria evoluído, igual ele evoluiu né. Porque... As dificuldade ele tem. Acho que... por exemplo, o LP agora tá com muita dificuldade em matemática, né. Ele sempre teve dificuldade em matemática. Mas... Eu acho que a dificuldade dele em matemática, desde que cê entrou lá na escola né LP? Quinto ano né? É o mesmo professor né. E... e o professor é... É um professor bom, ele ensina, tal...Mas as crianças pega né, fica meio com receio dele, tal. E ele... Todo ano ele pega as mesmas salas. A criança passa de ano, o adolescente passa, e ele vai atrás. Ele pega a sala, ele quer acompanhar até o final. Então, eu penso assim, acho que se tivesse mudado, colocado outro professor de matemática, quem sabe a... a dificuldade que ele tem não seria tanto, né. Porque ele já conhece o professor. Então ele sabe as dificuldades que ele tem com aquele professor, né. Então... é...

Inv: E você gosta desse professor? Ou é... é meio chato?

SP: Você gosta dele?

LP: Mais ou menos.

SP: Mais ou menos!

(risos)

Inv: Tem pesquisas assim, que dizem, por exemplo, se a criança não gosta daquele professor vai ser muito mais difícil de aprender né.

SP: Então! Então! E esse professor... Teve uma época que as mães fez abaixo assinado, fez um monte de coisa pra tirar ele, porque ele é estúpido, tal... O LP acho que ele nunca foi porque ele nunca reclamou, né... Tanto que quando eu vou na reunião, ele vai conversar comigo ele fala “Ele é capaz, ele tem capacidade pra fazer tudo... só que ele tem que se esforçar um pouco mais. Num sei o que, num sei o que... Mas ao mesmo tempo que eu acho que o LP tem que se esforçar um pouco mais, eu acho que ele como professor

teria que fazer a parte dele. Concorda comigo? Tá, o LP tem dificuldade nisso e naquilo. Então eu não vou poder ajudar ele na sala de aula, porque eu tenho trinta e poucos alunos, mas o LP então vai fazer reforço. Não pode vir depois da semana, porque agora ele tá na guardinha, mas nunca... nunca... A escola... A escola passa pra você que o aluno tem dificuldade nisso e naquilo, mas em si, a escola não faz nada. Deixa na mão dos pais seguir... Entendeu? “Seu filho tá com dificuldade em matemática, se ele não se esforçar ele não vai passar de ano.” E aí?! Se vira! O que eu tô fazendo eu tô fazendo ali dentro da sala de aula, e pronto, acabou. Sabe? Eu acho que a escola em si deveria falar “Não, o LP, fulano, ciclano, tem dificuldade em matemática e é nisso! Então vamos formar esse grupinho?” “Vamos!” “Que dia vocês podem vir?” “Posso vir no sábado à tarde!” “Então duas horas, no sábado à tarde, o professor vai entrar aqui, vai dar aula, uma hora e meia, duas horas, tirar a dúvida de vocês!”. Não é? Mas... não tem! Você vê ela que tem aula de reforço pra isso, pra aquilo, mas... o LP nunca participou, entendeu? Ele nunca foi colocado no grupo de... de alunos pra participar dessas aulas. “Ah mais...” Eu falei um dia pro professor. Falei “professor, mas... é GU, GU, já que você tá me apontando, toda vez que eu venho na reunião você fala a mesma coisa, que o LP ele, ele ficou com 4 né LP? No primeiro bimestre e no segundo também. Em matemática, ele ficou com nota vermelha. Falei o LP tá com nota vermelha, já no segundo bimestre com você. Porque que não encaminha ele? Pra fazer um reforço?” A gente dá um jeito né, pra ele fazer esse reforço. Aí ele falou “Mãe, mas tem aluno que tem muito mais dificuldade que o seu filho.” Falei tá, e eu vou pagar por isso? Ele paga por isso? Falei pra ele. Porque outros tem uma dificuldade maior que ele? Eu não tenho condições de pagar um professor particular pra ele, né. Falei porque que não encaixa ele numa aula de reforço? Não tem professor que vem aí dá aula de reforço? É o que ele fala... que tem aluno que tem muito mais dificuldade que o LP, então eles colocam aqueles alunos. Às vezes colocam aqueles alunos e aqueles alunos nem vão... Porque os pais não tem nem aí, a criança... Aí fica lá, usando a vaga que um aluno, não só o LP, como qualquer outro aluno que tenha dificuldade poderia tá lá. E com certeza o pai ia levar e buscar, ou ia fazer ir, né. Entendeu?

Inv: E na guardinha tem matemática?

SP: Tem. Eles teve.

Inv: E lá como é que é? Você acha que lá você foi melhor? Você conseguiu entender mais?

LP concordou com a cabeça.

Inv: Matemática também é complicado né, se você não entende uma coisa lá no começo, depois você vai usando ela e...

SP: É, é complicado, mas ele ensina bem, entendeu? Acho que a dificuldade tá aí pra todo mundo né, e... acho que ele tem que esforçar, do jeito que pode, mas também não tem que exigir tanto né; claro que tem hora você tem que pegar no pé. “Olha, tá fazendo isso, tem que se esforçar um pouco mais, tem que fazer isso, fazer aquilo, Mas eu acho que... não é coisa que vai prejudicar, entendeu? Ele vai... em matemática, acho que enquanto ele viver... eu acho né, ao meu ver, mas pode ser que não, pode ser que ele dá uma deslanchada e nunca mais, não tenha mais essas dificuldades né, em matemática. Mas... não atrapalha ele em nada, ele faz todas as atividades, né... Se não consegue, ele dá um jeito.

(silêncio)

(LP continuava emocionado e chorando baixinho)

Inv: E como que foi, por exemplo, superar essa dificuldade que você tinha pra ler e escrever? Como você se sentiu com isso?

SP: Fala você. Quando você não conseguia ler toda a palavra, tinha que ficar soletrando... Que que você sentiu?

LP continuou chorando em silêncio, e não respondeu.

SP: Já conseguiu fazer até teatro... Agora ele não tá tão tímido, fez até uma música!

Inv: Você toca algum instrumento?

A mãe balançou a cabeça em negativa.

Inv: Fez cantando?

SP: É, cantando.

(silêncio)

SP: Fez uma música de funk, colocou até na internet...

Inv: Ah é?!

SP: Ele tá dando um tempo.

(risos)

SP: Ele não tá tão tímido, igual ele tava. Ele participou de... como é que é LP? Que você fez lá? Se.. Promoter né? Ele participou acho que duas... Duas vezes você participou? De promoter?

LP continuou em silêncio, de cabeça baixa.

SP: É uma... danceteria, que abriu ali no Taquaral, agora acho que não vai te mais... Só pra adolescente. Aí ele participou como promotor... Foi lá duas vezes... Era três horas da tarde, o pai dele levava, ele e o irmão. Depois buscava, oito e meia, nove horas.

(silêncio)

SP: Não tá tão tímido assim mais, tá mais solto.

Inv: É que é um assunto difícil né.

SP: Ele só não gosta muito de falar.

(risos)

SP: Em casa também, em casa as vezes eu pergunto alguma coisa pra ele... Falo LP, responde! Em compensação o EP fala que... Tem hora que até irrita né LP?

Inv: Eu lembrava que o LP era quieto...

SP: Ele é.

Inv: ... pensei como é que vai ser.

(risos)

SP: Esses dias teve um churrasco na casa de um parente do meu marido, e ele lá, quietinho, só na dele, sabe... ele é sossegado.

(silêncio)

Inv: Quais são os planos pro futuro?

(silêncio)

SP: E aí, quais seus planos?

Inv: Você vai começar a trabalhar né?

SP: É... Se Deus quiser né.

Inv: Aí vai continuar estudando né? Fazendo o Ensino Médio... E depois? Vai tentar fazer uma faculdade? Já sabe que te interessa?

(silêncio)

LP fez um leve sinal de negativa com a cabeça.

SP: Ainda não decidiu.

Inv: Ainda vai pensa no assunto...

(silêncio)

Inv: E, é... eu não posso usar seu nome de verdade na minha pesquisa, que é pras pessoas não te reconhecerem. Aí eu queria perguntar se você tem alguma sugestão de nome... Pode ser, sei lá, tipo nome de pessoa mesmo, que você acha legal, nome de personagem, de artista... Qual nome você escolhe pra você?

(silêncio)

SP: Que nome você escolhe?

LP fez sinal de negativo com a cabeça.

(silêncio)

SP: Pensa aí... Um nome que você gosta, de artista...

(silêncio)

SP: Ela vai colocar qualquer nome lá eim...

(risos)

Inv: É, você tem que escolher... Ó, eu tenho mais três que eu entrevistei. Aí, um escolheu “Goku”, o outro é a GL, do SJ, que escolheu “Emily”, e o outro foi o IA, ele escolheu “Relâmpago i”... Agora falta você. Falta escolher o seu.

(silêncio)

Inv: Quer escrever?

SP: Tá pensando...

(silêncio)

Inv: Você trouxe o caderno? Alguma coisa dele?

SP: Trouxe.

Inv: Então eu vô ali ligar o computador, porque ele demora pra ligar, ei depois eu escaneio... Vai pensando aí no nome... As perguntas que eu tinha eram essas, então se vocês quiserem acrescentar alguma coisa...

A investigadora sai da sala, e retorna poucos minutos depois.

Inv: Você decidiu o nome?

SP: Não, eu que tô falando um monte de nome pra ele. Mas ele não gostou de nenhum nome não.

(risos)

SP: Ele não concordou não...

Inv: A sua mãe escolher não tem graça, porque ela já escolheu o seu.

SP: É, então... Eu tô falando de zoeira... aí eu falei assim “ó tá gravando”.

(risos)

SP: Eu esqueci.

Inv: Eu esqueci também.

(silêncio)

Inv: Você quer acrescentar alguma coisa?

SP: Não...

Inv: Quer falar alguma coisa LP?

(silêncio)

Inv: O LP complicou o meu trabalho, porque... a proposta, a gente colocou assim, que eu ia ouvir, por exemplo, tô conversando com você, com sua mãe, aí eu olho as coisas que tá anotado na pasta dele, de quando você vinha no CCazinho, e eu vou tentar conversar com a IM também. Vê o que que ela conta também. Não sei se eu vou conseguir... Tô super atrasada com meus prazos assim... É, e aí depois eu junto tudo isso e eu tenho que me colocar no lugar do LP...

SP: Ixi...

Inv: ... eu tenho que pensar o que o LP diria sobre aquilo.

(risos)

Inv: Vai ser muito difícil!

(silêncio)

SP: Tem tanto nome! O GTA lá, que você joga... Fala um...

(silêncio)

Inv: Você assiste filme?

(silêncio)

Inv: Escolhe de algum filme...

(silêncio)

SP: Falei pra ele colocar Chaves.

(risos)

Inv: Ou se não, o nome daquele professor lá... que você falou...

SP: GU!

Inv: GU!

(risos)

LP: Não sei.

SP: Não vem nenhum na cabeça? Nenhum? Mas você que tem que escolher... Você tem que escolher o nome... Ela não pode usar o seu nome mesmo.

(silêncio)

SP: Pode ser um nome comum. Se você não sabe nenhum nome de filme, desenho...

(silêncio)

SP: Pega o nome de um parente que você não gosta!

(risos)

Inv: Ou que você gosta...

SP: É, mas é melhor do que não gosta!

(risos)

(silêncio)

SP: Você pode colocar um nome pra fazer uma homenagem pra alguém...né?

A investigadora concordou com a cabeça.

SP: Né, eu vou falando aqui, pra ele ir pensando...

(silêncio)

Inv: Você usa internet LP?

LP e a mãe concordaram com a cabeça.

Inv: Usa as redes sociais?

LP e a mãe concordaram com a cabeça.

(silêncio)

SP: Não decide o nome?

Inv: É difícil... Por isso que eu falei, vou deixar pra eles escolherem, se não eu vou ter que escolher...

(silêncio)

SP: Ele tá pensando! É impossível que eu não ta pensando em nenhum nome! Já me passou trocentos nome pela cabeça! Se fosse eu já tinha uma lista!

(risos)

Inv: Ela ia por um nome gigante assim, uns dez nomes... não consegui escolher...

SP: É, eu gostei de todos... quero homenagear todo mundo...

(risos)

SP: Aqui tem o quem eu gosto, quem eu não gosto.

Inv: Fala um nome pra você. Eu não sei se eu vou usar, mas...

SP: Escolher um nome pra mim? Um nome pra mim... Acho que eu colocaria o nome da minha mãe, CL...

(silêncio)

SP: Pode colocar qualquer um, só não pode ser o seu mesmo...

LP: Kauã

Inv: Como?

SP: Kauã... Kauã você tirou daonde? De algum desenho?

LP deu de ombros.

Inv: Com K?

LP concordou com a cabeça.

A investigadora escreveu no papel Kauã e mostrou para LP.

Inv: Assim?

LP: Tem N.

Inv: N?

E colocou, formando “KAUÃN”

LP: Sem o acento.

A investigadora riscou o acento.

Inv: Assim?

LP concordou.

Inv: Quer falar alguma coisa?

LP negou com a cabeça.

Inv: Era só isso mesmo.... É, e o caderno?

LP pegou os cadernos e eles foram para outra sala escanear algumas páginas.

Observação:

Não conseguimos entrevistar a cuidadora de LP, que o acompanhou no CCazinho, contudo utilizamos produções científicas de sua autoria, no qual ela analisa o acompanhamento realizado com LP.

9.2. Apêndice 2 – Transcrição Entrevista MG e AL

HISTÓRIA: GOKU – ENTREVISTA 1: MG e AL (avó)

(Entrevista realizada em 18 de abril de 2015, na casa de MG.)

Observação: A entrevista foi realizada na casa de MG (onde moram MG, sua avó e seu irmão). A avó participou da entrevista completa, MG respondeu algumas questões e se retirou para o quarto com seu irmão.

AL(avó): Ela vai conversar com você, senta aí direitinho!

Inv: Eu vou fazer uma entrevista com você, ‘ta’ bom?

AL: Aí, vocês parecem galinha, olha o pé da Kátia o que que tem de arroz.

Inv: Ah, eu nem vi!

(MG estava arrastando sua cadeira para se aproximar de sua avó)

AL: Não é aqui! É pra você ficar longe de mim mesmo! Pra não aparecer eu.

(risos)

AL: Pra eu não aparecer né, que aparecer eu é índio.

Inv: É ... Eu queria que você me contasse um pouco da sua história, se eu falasse assim, para você me contar quem é o MG? Como é a história do MG, que que você contaria?

MG: Huum...

(MG ficou em silêncio pensando sobre o que contar)

Inv: Quantos anos você tem? Vou te ajudar...

MG: Eu tenho 11 anos.

Inv: Tem 11?

MG: Vou fazer 12!

Inv: Você vai fazer 12! Você sempre morou aqui?

MG: Uhum. Quando... É, eu acho que minha vó pegou eu quando tinha um ano, né vó?

AL: Uns dois anos.

Inv: Aí você começou a morar com a sua avó?

MG: Ahã.

AL: Não, você nasceu nessa casa.

MG: É... Mas depois, porque minha mãe ela não conseguia... cuidar de mim, porque ela tinha trabalho.

AL: Olha pra ela...

MG: Ela falou que... ela falou que ia trabalhar, pra minha vó, e ela deixou eu aqui, e meu irmão. Ai... É, aí eu morei aqui. E... Até hoje.

Inv: E o CCazinho? Porque a entrevista que eu tô fazendo com você é porque você participou do CCazinho, com o BA... lembra? Como que foi?

MG: Foi... legal.

Inv: Você gostava de lá? Das atividades?

MG: Eu... Ele fazia pergunta pra mim...

AL: Olha ali e fala direitinho.

(silêncio)

AL: Onde você ficava lá no CCazinho?

MG: Nós ficava na sala de aula.

Inv: Hum. É, e porque que você foi pro CCazinho?

MG: Porque... eu não lembro.

Avó olha com olhar questionador para a investigadora, questionando se pode intervir.

Inv: Depois você complementa, que é mais pra ver a opinião dele... E, você gosta assim, de computador, de videogame?

MG: Uhum.

Inv: Você joga bastante?

MG concordou com a cabeça.

Inv: Você já sabe ler e escrever não é?

MG concordou com a cabeça.

Inv: Quando você foi pro CCazinho você já sabia também, não é?

MG: Uhum.

Inv: Eu tinha marcado aqui, eu olhei um pouco a sua pasta, assim o que a gente tinha anotado no CCazinho, e aí eu tinha separado algumas coisas pra te perguntar. É... Eu vi que você fez um acompanhamento num lugar que se chama AudioClin, acho que é isso, não é? Ou foi...

AL: É, o AudioClin foi uma clínica...

Inv: Ah, de fazer exame?

AL: Não, de... AudioClin era uma clínica... uma clínica de fonoaudiologia.

Inv: Ah ta... E aí você ia lá fazer um acompanhamento?

AL: Lembra, da doutora NA?

MG: Lembro.

AL: Do pé do Guarani?

MG: Lembro.

AL: É lá que você fazia o que?

MG: Fono.

Inv: E lá você fazia atividades também, não fazia?

MG: Fazia.

Inv: E como que eram as atividades lá, você lembra?

MG: Mais ou menos. Era... umas folhas pra gente... escrever nelas. É, tipo desenhava algumas vezes. A gente jogava jogo... de memória, e só. Só.

Inv: Você gostava dessas atividades?

MG: Uhum.

Inv: E aí eu vi também na pasta, tem um, tipo uma apostila, que se chama “Manual Papa Terra”.

AL: Ele tem até hoje.

Inv: Era... era da escola? Era...

AL: Não, era dessa...

Inv: Da fono?

(Avó parou para abrir a janela)

AL: Acontece que quando ele saiu da fonoaudióloga, ela deixou essa, esse manual com ele.

Inv: Mas era pra ele fazer em casa, então?

AL: É. É pra fazer em casa. Aí eu fui devolver, ela falou assim, não, faz ele continua fazendo.

Inv: Ah, entendi... e você gostava das atividades desse também?

MG: Uhum.

AL: Gosta? Por falar nisso, faz tempo que você não faz né...

Inv: Hã... A tá, então, a gente tava falando sobre quando você foi pro CCazinho, aí no dia que você foi lá, a primeira vez, que você fez a avaliação, você comentou, perguntaram isso pra você também. E você disse assim, que era porque você tinha problema de pensar. Você lembra disso?

MG: Lembro.

Inv: Que que você acha disso agora?

MG: Não.

Inv: Você não tinha?

MG: Eu tinha mais ou menos. Mais ou menos. Só que... é... tinha... problema de matemática eu não sabia... é... falar... fazer a conta que era. Qual era a conta.

Inv: Pra entender o problema?

MG: É.

Inv: Mas aí agora você já consegue?

MG: Ahã.

Inv: Hum...O que que você pensa sobre ler e escrever?

MG: Hum... Legal. Um pouquinho.

Inv: Um pouquinho legal? Você gosta? Você costuma ler algumas coisas? Por exemplo, gibi. Você lê gibi?

MG concordou com a cabeça.

Inv: Qual gibi você gosta?

MG: Dragon Ball Z.

Inv: Dragon Ball Z? Olha, eu nem sabia que tinha gibi do Dragon Ball Z! Eu achei que era só o desenho na TV! Nossa... que legal! Hum... Vou contar porque que eu perguntei

isso também, quando você fez a avaliação lá no CCazinho, você contou assim que ler e escrever, quando você lê e escreve a sua vida ficava mais chata. Ai agora mudou então? Você gosta mais de ler e escrever?

AL: Escrever sim, mas lê...

MG: Eu leio.

Inv: só o Dragon Ball?

AL: Pra ler um livro... Ele ta lendo um livro.

Inv: Qual livro você ta lendo?

MG: O... É o... É, eu não lembro o nome.

(risos)

AL: Vai lá pegar. Pode ir lá pegar?

Inv: Pode.

MG sai da sala para buscar o livro.

AL: Ele, ele não gosta de ler.

Inv: Ah, mas...

AL: Tem dificuldade.

Inv: A maioria das crianças dessa idade prefere computador, videogame...

MG voltou trazendo o livro.

MG: A maldição do segredo das joias.

Inv: Aí que legal, parece que é de mistério.

AL: É, é de aventura.

Inv: Deve ser legal... Hãh... O MG ele fez o exame do processamento auditivo, não fez?

AL: Fez duas vezes.

Inv: E, você lembra como que era esse exame? O que tinha que fazer...

MG: Não.

AL: A vó vai recordar. Aquele um, que você coloca o fone...

MG: Ah é. É que eu ouvia um som aqui e aqui não. Aí bate aqui e aqui não, aqui falava.

MG explicou gesticulando entre os dois ouvidos.

AL: Fala pra ela, eu entro em uma cabine...

MG: Vai ponha um...

Inv: Fone de ouvido?

MG: Um fone de ouvido. Depois ficava um barulho aqui e aqui não, e tinha que falar o que era aqui. Ai um barulho aqui e aqui não, e tinha que falar o que era aquele lá.

Inv: Eu não conheço esse exame, só de ouvi falar...

AL: Não... Você coloca um fone de ouvido, porque eles queriam saber qual o lado do ouvido que ele tinha mais dificuldade pra ouvir, então ele colocava um fone... aí vinha o barulho só aqui, aí tinha que falar o que que ele ouviu. E daqui aqui... se não ele juntava os dois, pra ver vários sons. Que tinha que distinguir que som que era.

Inv: E cada um fazendo um barulho?

AL: É. Porque ele tem dificuldade na sintonia fina.

Inv: Hum.

AL: Não sei se você já ouviu falar...

Inv: Não.

AL: Um dia se você puder... A parte fina, que que é, aquele barulho que tá lá no fundo, que você tem que descobrir onde... Entre um trem e um caminhão tem que escutar o barulho. É essa sintonia fina que ele tem dificuldade.

Inv: Entendi.

AL: E repetir sons, repetir sons né MG? E o que mais?

MG: E... só.

AL: Você lembra do sino?

MG: Ahh...

AL: Tinha vários aparelhos, conta pra ela.

MG: Aí eu fiz, eu ficava de costas, e fazia o barulho, e eu tinha que descobrir qual barulho que é.

AL: Ficava de costas, ela tocava um sino, ele não tava vendo, “barulho do que que é esse?”, “que que isso?”, entendeu? Ela ia falando até ele... porque ele tinha de descobrir. O negócio dele não é visual, é auditivo, né.

Inv: Hum... Você faz alguma coisa nos outros dias da semana? Por exemplo, além de ir pra escola?

MG: É... eu brinco.

Inv: Você brinca.

AL: Que que você faz duas vezes por semana?

MG: Eu...

AL: Participa...

MG: Ah! Lá... eu faço natação!

Inv: Natação?

AL: Natação.

Inv: Ah, que legal!

Inv: Você gosta de nadar?

MG: Ahã.

Inv: Aí, ó, vou ler um pedaço aqui, que também tava na sua avaliação, que foi assim, depois de conversar com vocês, a gente se reúne pra fazer um relatório daquela avaliação né. Aí a gente vê quais serão os próximos passos, e aí um dos passos era que ele ia fazer o acompanhamento com o BA, e aí tava assim, ó: “fortalecer e ver como ele pode mostrar pra escola o que percebemos que ele tem de conhecimento de fala, leitura e escrita”. Então, por exemplo, eles viram que você sabia ler, sabia escrever, e que tinha que achar um jeito de você levar isso para a escola também, mostrar para seus professores. O que você acha? Acha que você conseguiu mostrar pra escola?

MG: Uhum.

Avó: Muito né?

MG: Porque se a professora falar pra ler um texto a gente lê!

Avó: Você está lendo! Então, ele tá desenvolvendo a leitura.

Inv: Antes ele não lia na escola?

Avó: Não é que ele não lia, mas como ele trocava muita letra e tinha dificuldade de falar, então a professora quase não chamava ele, entendeu?

Inv: Aham. Entendi

AL: E a partir do momento que fizeram esse trabalho (no CCazinho) ele começou a ter mais autoconfiança. Acho que era isso que ele estava precisando...

Inv: Então você acha que o CCazinho foi importante?

MG: Uhum.

Inv: Que te ajudou?! Legal...

Avó: Eu acho que o CCazinho explorou nele uma coisa que estava lá parada, entendeu? Porque eles “jogavam” o tema e ele tinha que desenvolver... escrever o que ele entendia... Eu percebi isso, ele ficou mais confiante, antes ele era mais retraído.

Inv: Tá bom. Acho que do MG era mais isso.

MG saiu, foi para o quarto, e a investigadora continuou a entrevista com a vó de MG.

Inv: Pode começar, assim, é pra você ir me contando a história dele. Não sei, se você aceitar, eu posso ir fazendo perguntas no meio...

AL: Ah, acho... acho... Mas você queria o que? Que eu começo desde quando? Que ele nasceu?

Inv: Isso.

AL: Bom, como ele falou, ele nasceu aqui, a minha filha era muito nova né, teve o GA primeiro, depois ele.

Inv: O GA tem quantos anos?

AL: 13.

Inv: É um ano mais velho.

AL: É um ano e três meses mais velho. E... por conta de umas ocorrências que houve... e, ela deixou os meninos aqui, mas era assim, pra eu cuidar. Como não deu certo esse acordo que nós fizemos, eu falei pra ela que eu ficaria com eles só se eu tivesse uma documentação. Porque se não, ficava...

Inv: Ela não morava aqui?

AL: Morava.

Inv: Ah, ela morava aqui.

AL: É, porque foi o seguinte...

Inv: Não na mesma casa.

AL: Na mesma casa.

Inv: E aí, como ficava?

AL: Porque ela teve um relacionamento com o pai dos meninos, aí teve o GA, depois engravidou do MG, um mês antes do MG nascer, o pai morreu, em um acidente de carro. Então ela ficou sozinha com os dois. Ela ficou meio perdida, e ela era muito nova, tinha 18 anos pra 19, e... aí nós combinamos que ela ia é... trabalhar, estudar, ela ficaria aqui, e eu cuidaria dos meninos, só que isso não ocorreu, então ficava muito difícil, porque eu cuidava das crianças a semana inteira, e chegava de final de semana ela pegava as crianças e sumia. Ia pra um lugar, pro outro, e eu aqui, tinha minha preocupação né. Aí eu falei pra ela, se ela não queria deixar eu com eles, mas oficialmente, aí ela deixou. Ela foi fazer a vida dela, e eles ficaram comigo desde então, aí ela foi pra... partir pra tentar uma vida dela.

Inv: E aí você tem a guarda deles?

AL: Tenho. Tenho a guarda deles. E... Disso daí, a gente sempre notou que o MG era diferente. Ele demorou pra andar, demorou pra falar, ele... na hora de comer, quando introduziu papinha, ou... ou coisa sólida, eu tinha que bater no liquidificador, porque ele não conseguia engolir. Então foram assim umas coisas... Porque tinha a referência do GA.

Inv: Hum.

AL: Entendeu? Se eu não tivesse essa referência eu não teria percebido. E ele entrou na escolinha... Eu sempre levando ao médico, mas era uma coisa muito recen... ele era muito

novo pra gente fazer alguma coisa. Até quando ele entrou na escolinha e a professora veio falar comigo. Que ele tinha 5 anos e ninguém entendia o que ele falava. E realmente, ninguém entendia. O GA era o tradutor dele. Ai ele... ocorreu que nesse meio tempo entre o 5 e o... 6 pra 7, 4, 4! 4 pra 6 anos, ele deve duas vezes uma doença que chama púrpura, não sei se você sabe, o que é...

Inv: Ah, eu dei uma olhada assim, na internet, é na pele né?

AL: Não. A Púrpura dele era... Não, é porque quando você fica com Púrpura você fica com manchinhas na pele, fica com umas... quando, quando você tá com... dengue, você tem as manchinhas porque suas plaquetas abaixam. Ele não tinha plaqueta. Ele tinha 3.000 só, quando descobriu. Então ele teve assim, um afastamento da escola, por um tempo, então não deu pra gente tê uma base do que era dele, ou porque ele não foi pra escola.

Inv: Mas você lembra assim, quanto tempo ele ficou sem ir pra escola?

AL: Ficou seis meses.

Inv: E ele já tava no primeiro ano? Ou era educação infantil?

AL: Não, tava no infantil. Então, aquela fase dele de... descoberta, eu dava em casa, mas não é... É diferente. É diferente. Aí entrou no primeiro ano e foi quando a professora falou que não tinha condições de manter ele na sala, porque ele levantava da carteira, ele dançava no meio da sala, ele dançava rap, ele andava só na carteira, ele não parava, ele não tinha como dar aula para ele. Foi quando eu... não sabia o que fazia, então fui no Centro de Saúde do Jardim Conceição... e do Centro de Saúde me encaminharam pra Unicamp, foi quando eu fiz o teste com uma psicóloga lá, e ela detectou que ele tinha déficit de atenção. Depois ela me encaminhou pra PUC, que ele está até hoje, com a parte de psiquiatria...

Inv: Ah, ele ainda vai?

AL: É. Mas nesse meio tempo, eu fiz o teste na ETAPA, não sei se você conhece a ETAPA aqui. É... Depois da ETAPA eu fui no, no CEAPRE. CEAPRE, da Unicamp lá, de fono...

Inv: Uhum.

AL: Ficou um tempo no CEAPRE, fez outro teste, ele continuava com a sintonia fina.

Inv: Uhum.

AL: Entendeu? E... e foi... encaminhando ele, com fono, depois, falaram pra mim, que mais pra frente ele precisaria de uma pedagoga... e uma, terapia ocupacional. Só que na

época eu não tinha como localizar isso, porque a pedagogia e TO, não tem como tem psicólogo, assim, da...

Inv: Do SUS né?

AL: Não, mesmo da Unicamp, da PUC... É laboratório né, que fala?

Inv: Uhum.

AL: Que atende gratuitamente... então... Depois eu acabei descobrindo, mas o MG passou por várias situações assim... de exames. Tanto que ele toma Ritalina.

Inv: Ele ainda toma?

AL: Ainda toma. Não tem como tirar.

Inv: Você tentou?

AL: Tentei tirar e ele deu uma regressão muito grande.

Inv: Entendi.

AL: Entendeu? Só que ele toma uma vez por dia só.

Inv: Uhum.

AL: Que é a hora que ele vai pra escola.

Inv: Ah.

AL: E nós fizemos teste. De seis em seis meses, eu faço todos os testes nele. Exame de sangue... eletrocardiograma... é, de crescimento. Por causa da Ritalina.

Inv: Hum.

AL: Então tá tudo normal.

Inv: Entendi.

AL: Então não tendo... não teve nenhum, assim... Teve só um acréscimo. No caso do CCazinho, a minha filha tem uma amiga, uma amiga que chama MA, que faz pedagogia, faz letras! Lá na Unicamp. E a MA comentando com ela, falou porque que você não leva no CCazinho?

Inv: Uhum.

AL: Eu nem conhecia... Aí eu fui lá, conversei com a MC, conversei com a SS, e ele ficou um tempo indo lá. Só que as crianças que estavam lá, eram crianças assim... que tinham alguns problemas que eram visíveis. Assim... neurológico, físico... eu não sei como eu poderia explicar pra você. Pro MG não foi bom.

Inv: No grupo né?

AL: No grupo. Não foi bom, porque ele regrediu.

Inv: Entendi.

AL: Aí eu conversando com o BA, com a MC, eu falei “Olha MC, eu agradeço muito, mas eu acho que não é pro MG.” Sabe... Ai surgiu o BA e a MO, que seriam cuidadores dele...

Inv: Isso só individual?

AL: Só individual. E foi muito bom. Porque ele... assim... despertou nele... eles despertaram no MG alguma coisa... assim, que a gente não estava conseguindo. Foi um ano muito bom, foi muito proveitoso para ele.

Inv: Uhum... É... Atualmente ele tem contato com a mãe dele?

AL: Olha... hum... Como que eu poderia falar? A última vez... Não frequentemente.

Inv: Ele se mudou não foi?

AL: Ela tá morando em Minas. É que ela morou um tempo aqui. Mas houve... Ela tem um companheiro dela, o marido dela, que... só trouxe assim, coisas não agradáveis pra vida dela. Ela tem mais três filhos com ele.

Inv: Hum.

AL: E, e eles assistiram muita coisa que ele fez. Então... Uma época o MG deu uma regredida muito grande. Mas aí... Ele praticamente, proíbe ela de vê-los. Entendeu? E, e... e eles, assim... contato de mãe, não. E é engraçado, porque a gente sabe que amor é convivência né. Ela não tem a convivência. Então fica um... os dois... sabe, assim... não consegue se enxergar como mãe e filho. Porque não tem aquela convivência, ela não conhece... mas o amor tem. O amor tem. Dela por eles e deles por ela. Mas...

Inv: É diferente.

AL: Mas não tem assim... não sabe como chegar, né. Porque eles têm um pouquinho de receio. Não conhece na verdade, né... Mas quando ela vem aqui pra Campinas eu faço de questão de, de... que ela veja, que eles vejam, os irmãos, eles gostam demais dos irmãos.

Inv: Ah, então eles se conhecem.

AL: Conhecem. Vieram aqui, vai fazer uns quatro meses... Ficou aqui em casa sabe. Eles brincam com eles... Se conhecem... São dois meninos e uma menina. Gosta muito deles.

Inv: E a idade, mais ou menos?

AL: o AN ta com 7, o GU 5 e a SO 3.

Inv: Hum, entendi... Esse acompanhamento com a fono, por quanto tempo ele fez? Ele já parou né?

AL: Olha, o MG, ele fez com a fono, por acho que uns 2 anos. Agora em abril ele vai retornar. Porque o plano de saúde dele é o seguinte, acho que todos os planos de saúde são assim, você tem direito a tantas sessões.

Inv: Ah, entendi.

AL: então a sessão dele parou. Então no começo de abril ele inicia. Vou começar com a fono, pretendo né, eu pretendo com a pedagoga, e com a terapeuta ocupacional, porque nesse meio tempo, foi feito um teste nele, eu não sei se você já ouviu falar de hipotonismo.

Inv: Não.

AL: O MG é hipotônico, que que é? Ele tem a parte da musculatura flácida... entendeu? Além disso, ele tem idade óssea baixa, pra idade dele, ele tem sempre dois anos abaixo. Já teve mais, teve três anos abaixo, mas hoje ele vai fazer 12 anos, tem idade óssea de 10. Então ele, tudo é diferente... dente dele caiu agora, porque o dente é a parte óssea... E, e esse hipotonismo a gente descobriu porque assim, ele tinha uma letra, que se você visse... até hoje. Caderno dele, é como ele escreve... entendeu? Ai foi feito um teste, descobriu que o dedinho dele, ele faz assim e dobra só isso, esse negócio de fazer assim, o dedo levanta, então a... que que a TO descobriu, chama hipotonismo, hipotônico. Se quiser um dia descobrir... pra pedagogia eu acho é bem importante.

Inv: Parece ser bem interessante.

AL: Bem interessante. É... Então... Ele faz movimento com a mão, algum trabalho... Os lápis dele tem que ser diferente, aquele jumbo.

Inv; Ah, mais grosso.

AL: Mais grosso. A caneta também, tem que ser triangular, não pode ser caneta comum, porque ele tem dificuldade de pegar. A caneta é muito fina e ele aperta muito, tanto que fica uma coisa sabe... é bem diferenciado. Tem umas coisinhas... Que se um dia você for fazer, é bom pra você observar...

Inv: É uma coisa que atrapalhava ele né...

AL: Demais... Demais. Porque eu falava pra ele... Eu comprava, comprava o caderno de caligrafia, fazia o coitado escrever que nem um louco...

Inv: Coitado.

AL: Eu não sabia... Não era isso. E agora, uma coisa assim que eu passo pra você, todo hipotônico tem defici... déficit de atenção.

Inv: Hum.

AL: E todo... Nem todo que tem déficit de atenção é hipotônico, mas o contrário é.

Inv: É porque deve ser difícil né, ele não consegue escrever, e tem que prestar atenção naquilo... atrapalha né.

AL: Olha, ele... é... eu... eu acho que o que mais fui atrás de tratamento é porque, eu acho que com o tempo isso vai se resolvendo, a criança vai desenvolvendo, mas... Kátia, o que

eu mais peguei foi o sofrimento dele. Como que uma criança que tem déficit de atenção sofre. Porque ele é... ele é... ele percebe que ele não consegue acompanhar, ele percebe que ele não deslancha, entendeu? E isso, pra ele, ele sofre... porque ele é cobrado, né. Avida cobra, a escola cobra, a professora taca matéria na lousa, ele não consegue copiar, chega em casa não lembra o que estudou... entendeu? Então, tudo isso, e acho que ele... se sente mal. É difícil...

Inv: Aqui eu ia falar do exame né, que eu já te perguntei. Ah eu ia pedir pra você conta, porque eu lembro que a MC falou que você fez esse exame depois, eu não lembro se foi quando ele já tava no fim do CCazinho, aquele outro exame... Acho que foi o auditivo mesmo, não foi?

AL: Foi. Foi lá no CEAPRE.

Inv: E aí ela falou, que você tinha ido conversar com a médica, e que depois você foi no CCazinho conversar com ela, porque a médica tinha dito umas coisas assim meio estranhas...

AL: eu não lembro muito bem... Eu não lembro do assunto, você acredita?

(risos)

AL: Eu deletei eu acho... Eu fui conversar com a... com a responsável pela fono, e eu não lembro que que ela falou que me deixou desesperada. Eu fui atrás da SS, pra conversar... ela não falou o que que era?

Inv: Ah, deixa eu pensar... eu acho que...

AL: Se você falar uma palavra talvez eu...

Inv: Eu acho que ela falou alguma coisa que... que ele ia te uma regressão, que por exemplo, se você falasse alguma coisa ele não ia saber se era uma pergunta...

AL: Ahhhh. É. É. Não... é assim, isso daí também foi feito na Unicamp, foi detectado lá no começo. Que que acontece, lá no primeiro exame, lá na Unicamp, ela falou o seguinte, que o caso do MG, ele é... quando ele chegava em casa eu falava assim “MG, que...”, porque eu não sabia o que tava acontecendo, “que que tá acontecendo?” Às vezes eu ficava brava com ele e ele olhava pra mim... como se... assim sabe... “o que que ela falou?”, porque ele não conseguia detectar é... o que era brabeza, o que era felicidade, ele não conseguia distinguir... Porque essa parte, do processamento auditivo central, ele sabia que eu tava brava pela minha expressão, mas não pelo que eu dizia. Quando eu fui da segunda vez, eu sei o que ela falou. Ela falou do autismo. Que ele... se continuasse assim, ele ia ser um tipo de um autismo. Quando eu falasse com ele, ele ia virar as costas e sai, e não ia da atenção pra mim... e ia piorar cada vez mais.... Era um braço, o que ela quis

dizer é que o que ele tem é um braço do autismo. E que ele não sabia, se eu perguntasse pra ele, ele não sabia o que que ele ia responder... ele não sabia nem o que que ia fazer. Falei gente, tanta luta pra chegar nisso daqui! Não é possível... entendeu? Aí eu fui atrás da MC, falei MC, olha... Ela falou “não, você esquece isso, esquece porque não é verdade”. E não, e, realmente não é. Agora, que ele tem um tino diferente, ele tem. Ele tem... o tempo dele. Mas... assim, ele é muito no GA. Então, o que acontece, o GA quer, ele também quer. E ele vai. Ele não sabia desenhar, mas se eu mostrar o desenho que ele fez... Você vai ver... Porque o GA desenha muito bem. Então foi isso aí. Eu acho que foi uma infelicidade. Porque quando eu terminei, o do CEAPRE, eu fui chamada pra conversar né, pra dar um feedback, tal, e ela me falou isso, que ele ia piorar cada vez mais. Que ele ia ser assim, que ia fazer isso, que ia fazer aquilo. Eu fui murchando na cadeira, que eu não sabia que que eu fazia. Eu saí de lá e não sabia nem pra onde que eu ia. Aí eu liguei pra MC, falei “MC, eu to desesperada”, ela falou “não, esquece isso, ele não vai ser assim, não é o caso dele. É uma irresponsabilidade que ela fez com você”. Isso que ela falou.

Inv: ... Ah, eu ia comentar sobre as queixas, que quando ele chegou tinha um relatório da escola, que dizia que as queixas eram “desatenção, disperso, dificuldade em memorizar conteúdos, memória de curto prazo, dificuldade em ordenar o pensamento, dificuldade de memória, atenção e linguagem”, e aí você até comentou, que o MG, o que ele via na escola num dia... no outro ele já não lembrava, eu ia perguntar como que tá atualmente?

AL: Olha, ele melhorou muito, ele melhorou muito, só que o MG, eu não sei se é uma coisa que ele faz pra sobreviver... o que interessa ele lembra... e muito, mas quando não interessa... Então o que tá acontecendo, é o caso do livro, ele lê e ele conta pra mim cada... capítulo, então eu descobri isso, agora, como ele era, melhorou uns 80%. Porque na escola, ele chegava da escola, ele nem sabia que matéria ele tinha tido! Chegava com os caderno em branco. Quando nós descobrimos a situação do MG, aí eu tive uma reunião na escola, eu fiz uma reunião na escola, e a fonoaudióloga dele foi, converso... explicou o caso dele, que ele não podia ser tratado como uma criança... sentar em qualquer carteira, ele tem que sentar na frente, e quando ele estivesse muito disperso era pra professora tocar nele, “MG!”, aí ele... entendeu? É isso... Ele melhorou 80%, porque acho que as mudanças foram bastante.

Inv: É, tinha algumas perguntas que eu coloquei assim, que eu ia perguntar pra todas as crianças que eu fosse entrevista, essas que eu fiz era mais só pro caso do MG mesmo.

Hãm. Eu ia perguntar assim quem fez o diagnóstico, mas acho que, no começo foi a fono né? Primeiro?

AL: ... Seguinte... é...

Inv: Teve vários...

AL: Não. É... A primeira vez que o MG foi, foi... Tem uma igreja de São Pedro, o apóstolo, aqui perto da minha casa, que ela tem uma fonoaudióloga que ela atende gratuitamente toda segunda-feira. E eu fiquei sabendo dessa fono. E eu fui lá e ela fez um diagnóstico. Só que ela falou assim, “eu não posso falar em que nível que ele tá, porque a fonoaudiologia tem vários ramos, você teria que levar na Unicamp”. Foi quando eu fui no posto de saúde, aí eu fiz com a... acho que é JU... depois eu vou procurar... vou procurar... a parte que ela fez do, do déficit de atenção. Foram praticamente dois ou três dias de teste, pra não ficar muito cansativo. E foi que ela detectou... e que eu comecei o tratamento, até poderia fazer lá na Unicamp mesmo, mas na época não tinha vaga... Tinha não sei quanto tempo de espera. Aí eu comecei aqui, depois eu descobri que meu plano, que o plano dele cobria, e eu fui indo... eu nunca fui na Unicamp mesmo, fazer. E fui... depois, no CCazinho, eu conheci uma menina, que cuidava de uma criança, que tinha bastante debilitação, ela quase não falava, ela babava, ela passava com a SS...

Inv: Ah, eu sei quem é, é a RA.

AL: A RA! Isso! Eu conversando com essa moça, ela falou assim pra mim “porque que você não”, e ela é fonoaudióloga... ela me arrumou um lugar no CEAPRE.

Inv: Hum... Eu sei quem é. Não lembro o nome dela... acho que é IS.

AL: É, acho que é IS, uma morena bonita?

Inv: É... eu conheci ela.

AL: Então, ela, ela me arrumou um horário, porque... eu tava conversando com ela, tudo... Foi quando eu fiz, chegou uns diagnóstico, fui lá na fonoaudiologia, fui lá, fiz. Depois, passado um tempo, eu... lá me ligaram... que gostariam de fazer um teste, como eu fiz na... aqui na ETAPA, só que esse teste, se você for pagar é 200, 300 reais o teste. E ele tava precisando de criança, que fosse nessa linha, e eu fui fazer. Mas eu acho que... eles tem um pensamento diferente, da, do pessoal do CCazinho.

Inv: Nossa, muito!

AL: Muito. Eu fiquei assim...

Inv: Chega até a te briga...

AL: É? É... eu percebi, porque eles são muito assim, é isso, é isso, é isso! Entendeu? E vocês começam a trabalhar, pelo que eu percebi do CCazinho, com cada criança, onde pode mexer, foi isso que ajudou o MG. Mas as vezes nem toda mãe pode ir né...

Inv: É, como que foi assim a sua reação, quando você soube desse diagnóstico? Tanto o primeiro lá, de déficit de atenção, quanto esse último...

AL: Vou falar uma coisa pra você, eu chorei!

(A avó se emocionou e chorou se lembrando durante a entrevista)

Inv: Ah, desculpa...

(silêncio)

Inv: É tudo tão triste né...

AL: Ele não tem nada de grave. Ele não tem um câncer, não tem... Mas, assim, o que me pegou na época, é você trabalhar com o desconhecido. É você trabalhar com uma coisa que não é aparente. Onde você vai? Em quem você confia?

Inv: Você não sabe o que fazer né...

AL: Eu não sei, eu não sabia até quanto eu podia confiar nas pessoas. Tanto que pra tomar a Ritalina eu demorei oito meses, entendeu, foram oito meses de teste, chegou um ponto... não dava mais, entendeu? Eu tava ficando cansada, ele tava ficando cansado, eu falei: “eu vou dá!”. E foi bom, foi bom que agora, ele começou com duas, agora eu tirei uma, e daqui a pouco, se Deus quiser vou tirar a outra, então assim, é uma coisa, assim... Não é que a criança precisa ta mancando, precisa ta com o olho torto, pra te uma doença, é uma situação de longo prazo... Todas as crianças que tem isso daí, não é de uma hora pra outra que sabe. Você tem que batalhar, você tem que fazer, tem que dedicar, então você fica meia perdida.

Inv: Uhum.

AL: Entendeu? Foi isso que aconteceu. Eu senti assim... nossa! No diagnóstico. E ao mesmo tempo, eu agradei por não ser uma doença grave. Que ele não precisasse fazer uma cirurgia, que ele não tivesse pouco tempo de vida, entendeu? Mas, ao mesmo tempo, é seu neto né? Você gosta! É isso...

Inv: Ah, eu ia perguntar do CCazinho, mas a gente já conversou né, sobre como que ele chegou né, até lá... Ah, eu não sei... Eu tinha marcado assim, como esta a vida dele atualmente, mas acho que a gente já até conversou sobre isso...

AL: Olha, o MG, ele é uma criança assim, muito carinhosa, carinhosa demais, pegajoso, na verdade. É... eu acho que, tudo isso que aconteceu, o CCazinho principalmente, deu autonomia. Se você falar alguma coisa pra ele, ele vai falar “não, não sou assim!”

Entendeu... “Eu não sou assim!!!” Ele responde pra você. Antes tudo o que você falava pra ele, ele aceitava, porque ele não sabia se ele era ou não. Agora ele sabe quem é o MG. E ele não aceita qualquer coisa! Ele é... boca dura, responde... se eu falar com ele, ele responde na hora. Então antes ele não fazia, ele ficava assim apático. Então hoje ele sabe que existe o MG, que é uma pessoa, e ele sabe o que ele quer. E ele luta pelo que ele quer... Então ele é uma criança feliz. Ele vive cantando ai... Vive fazendo coisas, tem o quartinho dele, que eu sou viúva, vai fazer três anos que eu fiquei viúva, assim, foram... quando ele perdeu o pai dele ele não tinha nascido ainda, mas quando ele perdeu o avô há três anos atrás, ele deu uma recaída muito grande, porque era o única figura masculina que ele tinha, e... ai, mas acho que aqui em casa, Kátia, eu procuro fazer assim ó, tem duas palavras, que é não sei e não consigo, isso a gente, eu procuro tirar deles, se não sabe, vai aprender, se não consegue, tenta. E eu falei pra eles, “Olha, somos nós três, temos que dar conta da nossa vida!”. E assim a gente vai... Entendeu?

Inv: Uhum. É... seria uma coisa assim... O que que você acha que teria mudado na vida dele se ele não tivesse ido pro CCazinho? Seria muito diferente? Seria...

AL: Olha, eu acho que se ele não tivesse ido pro CCazinho ele teria assim... como que eu poderia falar? Ele estaria estagnado. Porque? Quando... É difícil você achar uma fono, especializada em déficit de atenção, não existe, é muito pouco. Eu consegui, a TA da clinica sete, aliás, mentira, não é da clínica sete não, ela chama... Ah, eu não lembro o nome dela agora. Então é o seguinte, ele estaria assim, quando ele fez a fono, a fono era muito boa, só que ela ficava naquele negócio assim, t, d, ba, pa, e isso pra ele, é a mesma coisa que nada. Então, o que que o CCazinho fez, pelo que eu vi as vezes que o BA fez, dava textos pra ele copiar, pra ele fala assim não, que que você entendeu disso? Que que você sabe disso? Entendeu? Eu acredito que deu mais confiança. E ele deslanchou, assim... Igual na parte que ele falou do problema, agora se você der um problema pra ele, ele sabe fazer. Quantas vezes o BA dava problema pra ele? Eu falava BA, me ajuda na matemática, pelo amor de Deus, ele e a MO, eles traziam papéis de casa, com os problemas feitos, e lia pra ele, e mandava ele pra lousa. Que que você entendeu? No começo, não entendia nada. Ai o BA começava, ele a MO, “Olha, pensa bem, ta falando isso, ta falando aquilo”, então agora se você... ele pega! Eu acho que foi assim, uma das... eu muito importante. E, assim, as vezes, tem mãe que não... que acha que demora, tem casos que é mais complicado que o dele, mas pelo que eu vi, todas as mães lá, elas tem confiança no CCazinho. E eu já falei pra muita gente, tem muita clínica que não conhece o CCazinho, sabia? Não conhece. Eu falo “gente é lá na Unicamp, na parte de letras, não

sei o que”... eu falo. Não eu to com um paciente assim, eu tentei ligar lá... Eu falo tenta segunda-feira, ou ligar, passei o telefone pra muita gente, não é assim que chega lá e vai consegui vaga. Tem que fazer uma entrevista... Explico tudo. Mas eu acho que foi uma das... E outra coisa... É... Pra mim também foi importante, entendeu? Porque, assim, quando ele fazia só a fono eu não via muito rendimento. E com ele lá houve rendimento, então eu vi o quanto eu posso exigir dele. E tem que exigir. Porque ele é capaz! Entendeu?

Inv: Uhum. Eu acho que era isso mesmo. Ah, eu queria perguntar mais uma coisa pro MG, que eu esqueci.

AL: MG! MG! Vem aqui um pouquinho, fazendo favor... A Kátia quer fazer uma pergunta pra você.

Inv: Sabe o que eu queria te perguntar, eu vou escrever a sua história né, e não vou usar o seu nome, porque não pode, porque assim, se alguém lê e te reconhecer... Então eu queria perguntar se você tem uma sugestão de nome, pra eu usar... vai ser como um personagem, que é você...

MG: Hum...

(silêncio)

Avó que tinha saído para chamar MG volta.

Inv: Eu pedi pra ele escolher um nome, porque eu não posso usar o nome dele, então falei pra ele escolher assim, um nome que ele gosta...

AL: Você não descobriu ainda? Goku!

Inv: Pode ser...

AL: Do Dragon Ball Z!

Inv: Ah é, você gosta do Dragon Ball.

AL: Acabou? Era só isso?

Inv: Era.

9.3. Apêndice 3 – Transcrição Entrevista BA

HISTÓRIA: GOKU – ENTREVISTA 2: CUIDADOR BA

(Entrevista realizada em 8 de setembro de 2015, no CCazinho.)

BA: Você conseguiu entrar em contato com eles?

Inv: Sim. Eu fui lá na casa deles.

BA: E aí, como que ele tá?

Inv: Ah, eu não sei. Ele tá bem, mas eu acho que ele continua fazendo muita coisa, tipo, fazendo vários exames, indo em psicopedagoga...

BA: É?

Inv: Essas coisas assim, sabe?

BA: Sei.

Inv: Ah, e a avó dele me falou que ele toma remédio também, ainda, disse que ele toma Ritalina e eu não sabia, sabe...

BA: Nossa, mas isso ela nunca contou, ela falou que tinha tirado já o remédio dele.

Inv: Então, eu ia te perguntar isso também... Porque eu não sabia que ele tomava. Não tinha nada escrito na pasta, sabe?

BA: Não... Pelo que eu lembro ele não tava tomando.

Inv: E aí eu perguntei pra ela e ela falou assim “Ah, ele toma Ritalina”. Aí eu fiquei meio em choque né. Aí ela falou assim... que parece que antes ele tomava duas por dia, e agora ele tá tomando só uma.

BA: Hã.

Inv: Alguma coisa assim ela falou... Ela falou que no futuro ela pensa em tirar sabe...

BA: Hã.

Inv: Mas ela falou que ele ainda tava tomando. E eu acabei nem conversando tanto assim com ele, ele foi pro quarto e ficou com o irmão dele no quarto.

BA: Ahã.

Inv: E eu acabei falando mais com a avó mesmo.

BA: Olha, isso eu não sabia. Eu devia ter trazido a minha agenda, quando eu fiz o primeiro, o primeiro relatório dele... eu te enviei meus relatórios dele?

Inv: Não. Mas eu acho que tem um na pasta. Eu tinha visto o seu na pasta, mas se você quiser mandar...

BA: Eu não tinha mandado pra você já?

Inv: Não.

BA: Quem que me pediu que eu mandei os dois relatórios dele?! Alguém tinha me pedido. Alguém do CCA.

Inv: Não fui eu não.

BA: Me pediu e eu enviei pra essa pessoa, os dois relatórios que eu tinha feito sobre ele, que eu tenho dois bem grandes.

Inv: Eu vi um na pasta que era grande também.

BA: Nesse aí, que eu acho que é o primeiro, se você olhar, eu acho que tem lá, que ele não tomava Ritalina.

Inv: Ah. Entendi. Porque achei estranho mesmo ela falar isso, “Ué, a gente não tava sabendo...”.

BA: É.

Inv: É... vou começar assim, pedindo pra você me contar os aspectos que você considera marcante da história do MG.

BA: Tá, da história... Já tá gravando?

Inv: Já.

BA: A tá! Da história do MG ates do CCazinho?

Inv: É...

BA: Ou durante?

Inv: Os dois. Tudo.

BA: Tudo. Tá. Antes do CCazinho, aí o que lembro bem assim, foi da entrevista com a... com a vó dele, quando fez, foi eu, a SS, e a TA. A TA ainda tava aqui no CCazinho também. Foi nós três que fomos na entrevista com a... com a avó dele. E eu lembro que era uma história, trágica, assim, de várias gerações, de morte... e principalmente, de uma relação muito forte, de vários membros da família, ou com droga, ou com crime... Era assim, uma história muito, muito triste. Então assim, eu lembro que o pai dele havia falecido antes dele nascer. E parece que o pai era... usuário de droga. E... o avô paterno também havia morrido por conta de droga, assim... A mãe tinha abandonado eles pra ficar com um homem, e esse homem bateu na mãe dele, na frente dele, e ele tinha contado pra avó sobre isso, foi quando a avó cortou as relações com a mãe do MG. E, não deixou mais ele ir pra lá. Porque... parece que ele tinha apanhado do padrasto, parece que ele tinha visto a mãe também apanhar. E... A mãe tinha sido usuária de drogas durante a gravidez, ela falou que ela não sabia se isso podia ter afetado ou não o MG, mas parece que a mãe tinha fumado maconha durante a gravidez, eu lembro da vó contar isso. Bem, era toda uma história de tragédia. E a última tragédia tinha sido a morte do avô, por questão de alcoolismo. Então... então era assim uma história de perdas. Todas assim... muitas perdas. Tinha perdido a calopsita dele também, recentemente, quando ele veio pra cá. E quando ele começou... e eu quis atendê-lo, porque ele tinha sido criado pelos avós, e eu não fui criado pelos avós por questão de abandono dos meus pais, mas eu nasci, meus pais eram muito novos, então meu pai tava fazendo faculdade e minha mãe também. Então eu fui criado pelas minhas avós, tanto materna quanto paterna, por conta da condição dos meus

pais ainda estarem estudando e começando a trabalhar. Então eu quis atender porque eu conhecia muito essa história de... eu tinha vivenciado isso também, essa criação pelas avós. Quando ele entrou aqui no CCazinho, uma coisa que chamou muita atenção da gente, é que ele é inteiro imaturo, desde o corpo dele, pelo menos isso chamou muita atenção minha, e da MO, que atendia ele comigo, ele era muito pequenininho, e tudo, a fala dele era de uma criança ainda, a... os gostos dele eram muito infantis ainda. Então ele... Gostava muito de desenho, se eu não me engano ele já tava com 11, era 10 ou 11 anos quando ele veio pra cá. E a gente achava ele todo muito infantil assim, a fala dele era muito infantil. O que marcou muito assim, de fato, os acontecimentos, ele aqui com a gente, pelo menos comigo, assim... Foi que as dificuldades dele foram que as dificuldades dele foram mudando durante o processo, assim... ele tinha uma dificuldade muito grande de leitura e, parecia pelo menos, de leitura e escrita, aí a gente conseguiu dar conta disso, aí mudou pra matemática. Então foram aparecendo... Quanto mais a gente cavava, mas ia aparecendo outros problemas em relação a ele. E... Ele foi dando conta muito rápido. Não precisou de tanto tempo no caso dele. A gente ia dando conta e concertando... Concertando é até um termo ruim né, mas a gente ia ajeitando com ele. Mas uma coisa que era muito difícil, era que dentro de casa aparecia que as coisas não mudavam. A avó dele protegia ele muito, a avó dele fazia as coisas por ele... E, a gente pedia pra ela deixar ele mais independente, pra ela deixar ele arrumar o café da manhã... E isso não foi acontecendo. E quando a gente pegou e falou que achava que ele já tava bem, tal, que já podia até pensar em sair, em ter uma saída... Ela já entendeu como alta e nunca mais voltou pro CCazinho. A gente tentou contatar ela, tal, mas ela entendeu que tava tudo bem, que tinha dado alta, e saiu. Então assim, da história é isso que eu me lembro mais, assim...

Inv: ela falou pra mim que a gente que não entrou em contato com ela.

BA: Não!

Inv: Gente, eu to achando muito estranho, porque são discursos assim...

BA: Não, não. Porque, assim... Quando deu um ano, quando começou o ano de volta, eu falei com a MC, eu tinha acabado de terminar a graduação, ia começar o mestrado, e ia começar a trabalhar, falei MC, eu não consigo mais voltar. Mas eu, se não me engano, passei pra LR, o contato, e a LR tentou ligar pra ela várias, várias vezes, e ela... não, não retornava a ligação. Eu também tentei ligar pra ela, da minha casa, umas duas, três vezes, chamava, chamava e ninguém atendia. Não sei se o número mudou, mas depois ela me ligou apareceu aqui “Vó MG”. Então ela não mudou de número. Mas eu lembro que,

quando alguém conseguiu falar com ela, eu lembrei disso, quando alguém conseguiu falar com ela, e acho que foi a LR, ela falou assim, “Ah, mas o BA falou que ele tinha tido alta!”... Se você for conversar com a LR ela vai contar isso. Que tinha uma questão de, que ela falou de “Ah, mas falaram que tinha tido alta!”. Eu até expliquei, falei que nós poderíamos pensar em alta, quando a gente comentou com a MC, a gente falou “Ah, MC a gente tava pensando em dar alta”, a MC falou “Não, acho melhor esperar mais seis meses, se ele tiver bem encaminhado nesses seis meses, vamos acompanhar, aí sim dá alta, mas agora não, um ano é muito pouco”. Então teve toda uma questão de se ele ia ter alta, ou não. Mas a gente tinha deixado em aberto, ela virou e entendeu que não tinha, e nunca mais voltou, né.

Inv: Eu imaginei mesmo que tivesse tido alguma confusão, ela falou assim pra mim, acho que no meio da entrevista, ela falou assim que uma das coisas que ela achava ruim aqui era que não tinha tido uma finalização... Que você falou que ia ligar pra marcar uma reunião e depois você acabou não ligando...

BA: Ahã.

Inv: Falei “Ah, o BA se formou né, e a MC tem sempre meses que ela viaja né, e precisa dela pra reunião do encerramento, e se ela não tá não dá pra fazer”.

BA: Sei. Não, mas foi isso. E eu lembro assim que o... Realmente, tinha que ter, né, com certeza, mas tinha essa questão, de que a gente tentou, tentou, tentou e ela não atendeu. Quando ela atendeu ela falou que já tinha tido alta e tudo o mais. Foi isso...

Inv: É... eu ia perguntar como que era assim o acompanhamento, as atividades que vocês faziam...

BA: Ah. Ele não vinha no horário, né. Tanto por conta dos horários dele, quanto dos meus, ele não vinha no mesmo horário das outras crianças. E foi uma coisa até, que a gente comentou com a MC, que quando ele teve aqui, nas duas primeiras vezes que ele veio, com todo mundo, não... não deu liga assim, porque ele era muito pequenininho, e as crianças, os outros meninos, eram muito expansivos assim, e ele ficou meio na dele assim. Ele não conseguiu se soltar muito. E os acompanhamentos era assim, levava uma hora, uma hora e pouco, de acompanhamento, eu lembro que a gente começou com uma hora de acompanhamento, não dava conta. Era muito pouquinho, chegava e já terminava assim...

Interrompemos a entrevista para que a investigadora pudesse pedir a uma criança que havia chegado para o encontro coletivo que aguardasse fora da sala.

BA: Aí a gente passou pra uma hora e meia de acompanhamento com ele. No começo a gente fazia muita atividade de leitura e escrita. Eu e a MO. Questão de pontuação, que ele não tinha muito, é... questão de conseguir fazer uma história completa. A gente começou a fazer uma história em quadrinhos com ele, mas a história em quadrinhos acabou não virando muito, porque ele ia muito pra parte do desenho e esquecia um pouco da escrita, daí a gente começou a fazer como se fosse um livrinho com ele, vários contos sobre um personagem que ele criou. A gente ficou que tava começando a ficar muito simples. Estava se resolvendo por si mesmo. No meio do ano a avó falou “tudo melhorou, o que continua baixo é a questão da matemática”, e a professora falou que não é porque ele não sabe, ele sabe fazer a operação matemática, mas ele não consegue interpretar enunciado... Então daí a gente pensou acho que tá meio sem sentido continuar nessa parte de narrativa, tal, se ele tá dando conta, e, realmente, os textos dele melhoram muito. E ele conseguia interpretar os textos que estavam no livro didático que eram bem difíceis pra idade dele, pelo menos pelo que eu achava. Então a gente abandonou um pouco isso, e a gente foi pra parte de interpretação de exercício de matemática. E daí a gente deu muito exercício de lógica pra ele, pra resolver exercício de lógica. A gente ia até no IMECC, pra ele sentir o ambiente diferente, “olha, aqui é o lugar da matemática”.

(risos)

BA: E, ensinando ele a fazer, a gente fez, reorganizar principalmente, grifar, então a gente grifava os exercícios com ele... Grifar o exercício, a gente fazia o exercício de matemática com ele, pra ele entender. Porque o que ele fazia, ele pegava, ele via lá números e palavras chave, soma, subtrai, e ele pegava aqueles números e começava a fazer conta! Independente do que que o exercício tava pedindo! Então a gente começou a trabalhar “Olha primeira parte do exercício, que que você tem que fazer? Ah, esse aqui é pra somar, então, organiza essa conta. Depois, que você faz essa conta você vai ler...” A gente ensinou ele a organizar o exercício. Mas ele não sabia coisas que a gente achava que já tinha que tá na ponta da língua de uma criança da idade daquela idade. Ele ainda tinha dificuldade com tabuada, ele fazia conta na mão, então, 7 vezes 7, ele tentava conta na mão. Que é muito mais fácil decorar que é 49, na tabuada! Mas ele fazia na mão. Então, foi umas coisas que a gente foi tentando trabalhar muito. E quando terminou o atendimento, ele não tava pronto. E era assim, uma coisa angustiante comigo e com a MO, que a gente trabalhava uma coisa, parecia que tava acertado. Vinha a próxima, o próximo, é... a próxima... sessão, do zero de novo. Parecia que ele tinha dificuldade realmente de manter um padrão assim, de ficar, de ir evoluindo, ter uma evolução. Toda

vez tinha que começar de novo do zero com ele, foi uma coisa que foi cansando muito a gente, e também a atitude dele, ele não mudava esse jeitinho infantil dele, e uma vez até... a MO foi falar com ele e eu fiquei com a avó dele, pra gente dá uma chamada nela, nesse sentido, porque ele continuava muito infantil. E a teoria que eu fiz com a MC, usando até a DOLTO, foi que ele continuava infantil porque ele continuava sendo tratado infantil, então a fala dele, ele ainda tinha troca de letra, de criança assim, era p por b, t por d, f com v, que são essas trocas muito do começo da escrita. E o que eu achava dele, era que justamente, por conta dessa história trágica dele né, de um monte de perda, um monte de, é... tragédias né. A avó dele continuava... superprotegia ele... e como a avó dele tinha tido muito problema, na adolescência, com a filha, eu acho que ela tentava evitar que ele se tornasse adolescente. Que ele crescesse. Pra evitar. Porque quando ele tá criança ela conseguia dominar. E acho que ela queria evitar um pouco desse aborrecimento. O outro irmão dele ia super bem na escola, ia super bem em tudo, não sei o que... mas, era um menino com 13 anos, muito infantil também. Muito, muito infantil. De corpo também, um menino muito mirrado, muito pequeno. E, assim, não parecia um adolescente de 13 anos. Hoje assim, eu tenho alunos de 11 anos que é mais maduros que esse menino. Muito tímido, muito bobão assim... De domínio do corpo mesmo assim, você percebia. Vestido de uma maneira infantil, sabe. De moletom, moletom com o Mickey. Isso é uma coisa que eles não usam mais depois de uma certa idade. Mas ele era assim. Então eu acho que essa avó ela não queria deixar esses meninos crescerem. Pra ainda conseguir... Então como ele não precisava crescer, ele não precisava falar como uma pessoa mais velha. Ela falava muito chorando, muito pra dentro. Muito criancinha assim... Então a gente percebia muito disso. Então eu tive que chamar ela pra dar um... e ela não deixava ele fazer o café da manhã dele, ela arrumava o quarto dele, então tudo era muito... muito criança, sabe? Ele tinha uma vida super regrada assim, isso era uma questão boa, positiva, mas tudo regradinho com coisas de criança. Não tinha uma vida de um adolescente. Tudo bem que ele tinha 11 anos, mas era tudo muito de criança, muito infantil. Então eu achava que ele tinha esse comportamento porque ela deixava a situação pra ele... Então quando eu falei pra ela “Viu, você deixa ele fazer o café da manhã”, “Ah, mas se ele se queimar, não sei o que...”, ele vai se queimar, ele demora duas horas? Que ele demore duas horas! Mas que ele faça o próprio café. Esquentar o leite no micro-ondas com Nescau, e passar pão com manteiga, não é muita coisa, mas ela fazia por ele. Ela falava “Ah ele demora muito, eu não aguento, começo a fazer eu”. Falei “Não, isso que a senhora tem que parar. Tem que fazer ele arrumar a cama”, se o quarto vai ficar uma zona, vai ficar sujo, deixa o

quarto dele uma zona, sujo, mas não arruma a cama dele! Era coisa que ela não tava... que ela não entendia ainda.

Inv: É... eu não conhecia direito o caso, então não sei... Mas fiquei pensando que talvez ele ainda seja assim porque ele cresceu pouco, isso prejudica... Ele tá um pouco mais alto. Eu só vi ele na avaliação. Ele bem pequenininho... e aí quando eu vi ele já tava mais alto. Mas ele fala bem baixinho assim, bem pra dentro...

BA: Isso!

Inv: Mas eu fiquei em dúvida assim, se ele tinha ficado assim por causa da entrevista...

BA: Não, é o jeito.

Inv: Mas eu falei só um pouquinho com ele. Fiz algumas perguntas, depois ele foi pro quarto, e eu fiquei só com a avó mesmo.

BA: E era uma criança que, por mais doce que ele fosse, eu não senti que eu consegui criar uma conexão com ele, e eu esperava criar com ele. Nem eu nem a MO. Logicamente a gente gostava dele, tal, gosto dele, quando eu vi ele um pouquinho maior, deu uma saudade dele né, porque você cria um laço. Mas é uma criança que eu não conheço muito. Eu não conheço muito ele, porque ele era muito fechado. E era um negócio assim, como ele era muito fofinho, muito bonitinho, você acabava se afeiçoando a ele mas você não criava um laço direito com ele. Ele ficava nisso, ele parava ali. E eu acho que era um pouquinho de resistência dele, mas é o jeito dele mesmo. Eu nunca passei... Pareceu sempre uma aula particular assim, diferente do GU, que foi o primeiro caso que eu atendi, que já teve uma interação maior... Ele era mais velho, mas já consegui criar mais um laço. Sabia quem era o GU. O MG eu tinha dificuldade de saber quem ele era.

Inv: Eu ia comentar assim, que eu vi na pasta que ele usava uma apostila que chamava Papa Texto, que era de um outro lugar. E como você tinha perguntado pra mim como que ele tava, eu perguntei de onde era isso, ela me explicou, e aí ela falou que era pra ele continuar fazendo, que a ideia dela era manter isso. Porque ela achou positivo...

BA: Mas isso não foi a gente que passou não.

Inv: Não! Eu imaginei! É só porque, ela continua assim, buscando outros lugares...

BA: É, teve uma coisa que assustou muito ela, que quando ela já tava aqui no CCazinho, e agora que eu me espantei, porque quando ela falou... o diagnóstico dele, se você pegar tem na pasta, é uma análise estranhíssima. Tá falando que ele tem... pode ser considerado Déficit de Atenção. É um diagnóstico não fechado de Déficit de Atenção. Por conta disso mesmo ela ia começar, olha como ela não contou a mesma coisa. Talvez esteja aí minha dificuldade de conhecer esse menino. Porque eu achei que ela era super aberta, talvez ela

não seja tão aberta assim... Ela falou que, e eu lembro, a SS deve lembrar também, porque ela falou que ia começar tratar com Ritalina, mas daí ela tava feliz, porque vindo pra cá ela não ia fazer isso. E a gente falou “Não, não trata, não sei o que...”. Então ela falou que ia começar, tava lá “recomenda-se tratamento com Ritalina” e ela ia começar, mas ela tava muito insegura, ela tinha medo. Pra gente tinha ficado isso, então que ele não tava tomando Ritalina. Mal sabia que ele tava tomando duas vezes por dia! É... E depois, no meio, ela fez uma avaliação, a MC tava com uma aluna aqui de estágio, e a aluna decidiu levá-la pra fazer uma... aquele teste do... áudio central?

Inv: Processamento auditivo?

BA: Processamento Central, é isso?

Inv: Processamento auditivo, alguma coisa...

BA: Processamento auditivo central, alguma coisa assim. O diagnóstico assustou muito a avó dele. Porque o diagnóstico dele deu uma coisa absurda... Deu que é quase um autismo. Que ele ia ficar centrado em si, que ele não ia mais responder. Tava falando que ele tinha problema muito sério não sei aonde no cérebro... O diagnóstico era, se essa criança não for tratada agora, com uma fono, não sei o que, não sei o que lá, vai desenvolver, vai ficar parecendo um autista. Foi um diagnóstico muito pesado. A avó ficou desesperada. Ela marcou uma reunião com a MC a MC explicou. Então sempre teve essa questão de não saber direito... De meio que forjar um diagnóstico pra ele. Assim, tem que ter alguma coisa, entendeu? Mas a avó, ela queria assim, encontrar um problema, pra resolver. Mas era difícil encontrar esse problema, até porque não era um problema... biológico, vamos dizer. Que você trata com alguma coisa e... Mas eu não sabia dessa questão que ele tomava Ritalina e ainda está tomando, pra mim isso é totalmente novidade... Mas... Ela continuou com algumas coisas, daí tinha muita coisa, tinha muita atividade, ela levava numa psicóloga, numa psicopedagogo, numa pedagoga, não lembro o que... Que os exercícios... A gente falou “Olha, ou é o CCazinho ou é isso”. Não sei se era o Papa Texto, mas eu sei que tinha uns exercícios assim, ridículos. De preencher, terminar a palavra, eram uns exercícios ridículos, que a gente chegou pra ela e falou “Olha, a senhora tem que escolher o tratamento. Ou é esse tratamento com ela, ou é o nosso, porque não vai bater...”

Inv: Eu ia pedir pra você falar desse exame que ela fez, tava perto dele tã alta né?

BA: Foi. Mas foi um exame, que demorou pra ser marcado, se não me engano na primeira vez que ele fez não deu certo... E eu lembro que a avó comentou que ele ficou muito assustado com o exame. Eu não sei como é feito o exame, mas ele ficou muito assustado.

E esse exame deu um resultado... ridículo! Porque bastava olhar pra criança! Pra começar, esse negócio de se tornar autista, acho uma coisa super estranha né, a criança nasce com autismo né. E se você olha pra criança, você via que ele não tinha nada parecido com um autismo. Não era uma criança hiperativa, hiperativa no sentido de que não parava de se movimentar, não tinha nada disso, era uma criança que conversava, olhava no olho... Então você falava “Mas como que pode ter isso? Como que pode ficar desse jeito?” Era uma criança super afetuosa, ele abraçava... E era muito delicado, a letra quando ele via que não tava boa ele apagava... Mas o resultado indicava uma coisa tensíssima assim, de uma criança que ia ficar presa no mundo dela... que não ia conseguir evoluir, que não ia conseguir se desenvolver... Eu não lembro direito o que que era, mas era alguma coisa central. Uma parte central do cérebro dele que não tava funcionando direito, um negócio assim... Agora, depois dessa história da Ritalina, estamos descobrindo uma outra coisa, porque ela tinha falado que tinha largado a psicopedagoga, na época, agora eu não sei! E agora eu tô entendendo porque que a gente fazia, fazia coisa com o MG e parecia que não tava saindo do lugar!... Mas esse exame, foi passado pra ela de uma forma muito violenta. Você não chama uma vó de um menino, e diz pra ela que a criança vai virar autista! E que se ele não começasse a tratar agora, não sei o que... É aquele negócio, pra entrar na lógica da medicalização...

Inv: Você sabia alguma coisa da questão de escrita? Ela me falou, parece que ele tem, é uma doença, que mexe com o músculo, ou com o osso, e ele não consegue por exemplo, segurar no lápis direito, e ele tem que usar aqueles lápis jumbo sabe... bem mais grossos. E ela falou que descobriram isso, e por isso ela acha que ele tinha tanta dificuldade pra ler e escrever, e que agora ela compra só esses lápis especiais assim, pra ele escrever, porque se você der esse é muito fino e parece que ele não consegue segurar...

BA: O que eu lembro que na época ela falou era uma doença com sangue...

Inv: É... o púrpura não é?

BA: Púrpura! Que teve uma época ele teve que ficar quase um ano e meio em casa, e quem ensinava as coisas era ela. E isso realmente pode ter afetado um pouco, porque ele perdeu muita coisa. Agora, essa questão de escrever... eu lembro que a mão dele era muito pequena.

Inv: Ele usava lápis normal?

BA: Usava lápis normal. Não tinha dificuldade. Tanto que ele gostava muito de desenhar, e ele desenhava super bem com o lápis normal! Mas, tá vendo? É uma criança que parece tem 500 mil doenças... é muito frágil, perante os olhos dela, e pra ele mesmo, acho que

ele foi absorvendo essa questão da fragilidade... tudo é muito difícil. Agora, essa questão do lápis também é novidade. Ele não tinha uma letra maravilhosa, tanto que uma vez a gente passou um caderno de caligrafia, pra dar uma ajudada, mas, ele não tinha dificuldade aparente de pegar no lápis, é outra coisa que eu tô descobrindo agora... Não sei se ela descobriu isso depois...

Inv: Teve algum contato com a escola?

BA: Não, não teve. Nenhum.

Inv: E você sabe se teve uma melhora, se a avó comentou, por exemplo, que o acompanhamento surgiu melhora na escola?

BA: Sim, isso ela falou. Na época ela tava muito preocupada... A preocupação dela era ele vai conseguir ir pro ano que vem? Ele vai conseguir dar conta o ano que vem? E eu lembro que a professora tinha falado pra ela que ele tinha melhorado muito, que ele ia conseguir dar conta sim. Então, ele começou, as notas dele não eram baixas, era uma escola estadual, não sei qual era o nível de exigência, mas ele começou com notas regulares, depois que ele começou vir aqui, melhorou tudo, menos matemática. Foi quando a gente começou a trabalhar mais matemática com ele, e no fim do ano a avó ficou muito feliz, porque a professora falou que ele dava conta de ir pro ano que vem. O medo da avó era que ele passasse de ano e no próximo ano ele se perdesse mais ainda.

Inv: Eu tinha uma última questão, mas não sei se você vai conseguir responder, o que você acha que o MG pensa sobre leitura e escrita?

BA: Eu acho que pro MG, a escola, de um modo geral, era muito sofrimento... E, ele era muito infantil, então ele gostava das coisas muito fora da escola, ele gostava de desenho, de skate, ele ia começar a fazer alguma atividade que eu não lembro qual era, ele era fissurado por videogame, e por anime, ele ia em festival de mangá... Então eu acho que pra ele era um sofrimento. Era uma criança bem desse mundo de tela, multimodal, jogava muito joguinho, mexia no celular... A avó também começou a gostar, ficava com o celular... Então não sei se na casa tinha uma cultura de ler. Outra coisa no caso do MG, interessante, não sei se eu comentei é que o irmão era muito bom aluno, o irmão gostava muito de ler, o irmão já tinha lido todos os livros do Harry Potter, o irmão isso, o irmão aquilo, o irmão tava fazendo inglês porque ele amava e tinha conseguido uma bolsa... Então tinha essa questão de comparação muito forte, entre o MG e o irmão... Então eu nunca soube se o MG gostava de ler, eu sei que o irmão gostava de ler. Ela priorizava esse lado positivo... Então não sei se leitura e escrita fazia sentido pro MG, mas ele não queria... se engajar. Eu diria isso.

Inv: Eu acho que era isso. Tem alguma coisa a acrescentar?

BA: Não sei, o MG foi um caso que eu não fiquei muito feliz com o que acabou acontecendo, com o final...

9.4. Apêndice 4 – Transcrição Entrevista GL e SJ

HISTÓRIA: EMILY – ENTREVISTA 1: GL e SJ (pai)

(Entrevista realizada em 22 de julho de 2015, no CCazinho.)

Inv: Se eu falasse assim pra você me contar a sua história, a história da sua vida, por exemplo, o que que você mealaria assim?

GL: Nossa, tem tanta coisa...

Inv: Muita coisa? Mas como você começaria me contando? Quem é a GL? Como foi sua vida até agora?

GL: Ah, minha vida é um pouco difícil... só que, tem a GL calma e tem a GL difícil.

Inv: Pode contar...

GL: A GL...

(SL que estava assinando o TCLE interrompeu para confirmar o dia)

GL: Aí, como eu falei, a GL calma é uma pessoa bem sincera... e bem ativa. A GL difícil ninguém me suporta quando eu estou brava.

Inv: Ah é?

GL: É! ... Ah, não sei mais o que falar...

Inv: E como que foi, por exemplo, quando você era pequenininha e começou a ir para a escola, e tinha que aprender a ler e a escrever?

GL: Ah, é, eu não conseguia... como que eu vou falar? Eu tinha uma é... (gesticulando) como fala? Defi...

SL: Deficiência.

GL: É, uma deficiência para aprender.

Inv: Hã... E, como que era? Por exemplo, você foi vários anos na escola assim e depois você veio para o CCazinho?

GL: É, aí eu fui pro CIRASE, depois do CIRASE⁴³ eu vim pra cá.

⁴³ Centro Integrado de Recursos de Aprendizagem e Saúde Escolar

Inv: Ah, eu vi que na sua pasta tem um monte de desenhos, que quando você ficava aqui você fazia vários desenhos e você falava que gostava muito de desenhar. Você ainda gosta de desenhar?

GL: Gosto, ah, se deixar eu desenho o dia inteiro!

Inv: É?! (Olhando folha de anotações). Fui anotando algumas coisas. ... Ah, eu li também que você fazia vários passeios, aqui pela Unicamp né?

GL: Uhum.

Inv: Quando você fazia o acompanhamento aqui no CCazinho né?

GL: Uhum.

Inv: Você saía com quem era, você lembra?

GL: Com a MF.

Inv: Com a MF? E como era esses passeios?

GL: Ahh... Era divertido! Legal...

Inv: Você anotava coisas? Escrevia?

GL: Ahã.

Inv: Sobre o que? Você lembra?

GL: Ah tem tanta coisa que agora eu nem lembro.

SJ: As placas GL, as placas de rua.

GL: Ah é, placa! Placa de carro, essas coisas...

Inv: E, você fez acompanhamento com a MC também por um tempo? Ou não?

GL: Agora eu não lembro.

Inv: A MC conta que tinha... eu não lembro se era a GL... mas ela conta que tinha duas crianças que ela saía para passear e elas iam na cantina passear, liam o cardápio, não lembro se era você...

GL: Não

SJ: Não, não, não era com a GL não.

Inv: Ah, você fez acompanhamento também com a SS né enquanto você esteve aqui?

GL: Uhum.

Inv: Tá. Hum, e a GL tem algum diagnóstico, do médico, que passou... falando que ela tinha alguma coisa?

SJ: Olha, a gente fez, fez um diagnóstico, mas eu não tenho esse exame comigo. Porque já faz muito tempo, ela já tinha o que? 5, 6 anos...

Inv: Foi antes dela vir pro CCazinho?

SJ: É.

Inv: E você lembra o que que falava?

GL: Não tinha dado nada, né pai? Que eu lembro não tinha dado nada não...

SJ: Não, GL, você tinha uma pequena...

GL: Dificuldade para aprender.

SJ: Uma pequena disfunção no cérebro, mas uma leve. E isso causava que ela tinha dificuldade em ler, no aprendizado né... Agora, eu tenho um diagnóstico aqui ó, do CIRASE. Você quer dar uma olhada? (Pegou na sacola)

Inv: Ah, eu quero.

SJ: Aqui ó, quer ver... Tá tudo aqui. Tem até umas coisas que a MF escreveu... Umas coisas do CCazinho, e tem do CIRASE.

Inv: Ah, entendi... Depois eu posso tirar cópia?

SJ: Pode, pode tirar, fica tranquila, pode tirar...

Inv: Tá. Você lembra em que ano você começou a vir aqui no CCazinho?

GL: Hum...

SJ: Hum...

Inv: Eu vi, acho, que a avaliação foi em 2009.

SJ: Eu sei que nós ficamos aqui, acho que foi sete anos GL?

GL: É...

SJ: É foi sete anos.

GL: (que estava contando nos dedos) Não, acho que foi... Nós ficamos sete anos, então nós entrou em 2007 aqui pai. Que lembra que nós...

SJ: É, então, mas você tá quanto? Um ano ou dois? Dois anos?

GL: Dois anos que a gente saiu daqui.

SJ: É, é mais ou menos uns dois anos que nós saímos daqui.

Inv: E, você aprendeu a ler e a escrever?

GL: Uhum.

Inv: Foi quando você estava aqui no CCazinho, ou foi antes de vir?

GL: Não...

SJ: Não, não.

GL: Quando eu vim pra cá, aí que eu consegui aprender mais.

Inv: Então quando você chegou você ainda não sabia ler e escrever?

GL: É.

Inv: Tá. E você lembra como estava na escola? Se você estava no primeiro ano, no segundo?

GL: Quando eu tava aqui eu tava no... terceiro.

Inv: Terceiro ano?

GL: Quando eu vim pra cá...

SJ: Nossa, no terceiro ano?

GL: Quando eu vim aqui eu tava no terceiro. ... Lembra pai, que em 2007, ó, eu tava no terceiro. Tava no terceiro ano.

SJ: Ah é, é... Tá certo.

Inv: E em que ano você está agora?

GL: No sétimo.

Inv: Ah, que legal! Jajá vai estar acabando.

SJ: É.

Inv. Tá. E quando vocês... Por quê que vocês foram até o médico pra fazer esse exame? A escola pediu? Teve alguma coisa assim? Por exemplo, a escola falou pra ela ir no médico pra ver...

SJ: Não, porque era assim né, quando ela entrou na escola, aí a professora viu que ela tinha dificuldade no aprendizado, e encaminhou ela pro CIRASE, tem um papel do CIRASE aí... Pra ajuda... Pra ajuda no aprendizado. Ai nisso, nesse, acho que ela ficou uns dois anos no CIRASE?

GL: Uhum.

SJ: Ficou uns dois anos no CIRASE. E nisso, tinha uma sobrinha, uma sobrinha minha...

GL: Que estudava aqui, aí ela conseguiu que eu viesse aqui, aí nós começou a vir pra cá.

Inv: Entendi. É, e como que a escola reagia? Com essa questão de você não conseguir aprender antes? Você fazia as mesmas atividades que todo mundo na sala? A professora chegava a reclamar de alguma coisa? Ou ela só fez o encaminhamento mesmo?

GL: Não... é que algumas atividades eu fazia, mas algumas não. Portanto, ano passado a professora me deu outra atividade, fora... eu tinha uma atividade, quer dizer, atividade prova, e ela me deu mais duas, pra eu fazer enquanto isso, enquanto os outros tava fazendo.

Inv: Porque, por exemplo, se você veio pra cá quando você estava no terceiro ano, aí no primeiro e no segundo você continuou indo só na escola, não é? E você ainda não sabia ler e escrever... por isso que eu perguntei, se elas passavam algum tipo de coisa, se chegavam a reclamar, né...

SJ: Não, não... Não, assim, a professora, a professora quando tinha reunião ela falava assim, da dificuldade né, da GL, de aprender lê, escrevê, essas coisas assim né. E aí ela, a professora, já deu o encaminhamento pro CIRASE.

Inv: Mas você sempre ficou na sala também? Por exemplo, eles não falavam que você não podia assistir a aula?

GL: Não.

SJ: Não, não, não. Não, não fez nenhum... sabe... normal. Não excluíram nada ela.

Inv: E quando você veio aqui pro CCazinho, o que que você esperava?

GL: Ah...

Inv: O que você achou que iria ter?

GL: Nada de mais...

Inv: E como que foi?

GL: Ah, foi legal... Foi bom, me ajudou e muito! Que eu falava as palavras... as palavras erradas.

Inv: Ah, é, você fez fono aqui também né, com a SS?

SJ: Fez, fez, fez fono com a SS. Ajudou muito a GL, no desenvolvimento dela, viu. O CCazinho... ajudou bastante.

Inv: E depois que você parou de vir no CCazinho, o que que aconteceu? Você continua na escola...

GL: Ah, eu continuo, bem né...

Inv: Melhorou assim, questões de leitura e de escrita, você acha?

GL: Mais ou menos...

SJ: A escrita não tá essas coisas... Tá meio garrancho ainda, mas isso...

GL: Mas dá pra entender.

Inv: A letra né?

SJ: É, as letras, isso... a letra. Mas é por pouco, um pouco mais, pelo esforço dela né GL?

GL: É.

SJ: É o esforço dela...

GL: Eu tento fazer minha letra melhor, maaas... não dá. Tô tentando, mas.

SJ: Você qué dá uma olhada?

Inv: Claro. E você gosta de ler?

GL: Mais ou menos...

Inv: Você andou lendo algum livro assim... recentemente?

GL: Ah, não...

SJ: Ah, ela não gosta de ler não...

GL: Meu caderno (o pai havia pego na sacola e ela entregou)

Inv: Nossa, esse é seu caderno atual?

GL: Aham.

Inv: Que enorme!

GL: Minha letra mudou muito...

Inv: Ah, dá pra entender sim!

SJ: Pra quem não sabia escrever né...

Inv: Sim...

SJ: Entendeu?

Inv: Depois vou tirar algumas cópias.

SJ: Pode tirar...Pode tirar

Inv: É, e você faz, por exemplo, algum curso atualmente?

GL: Não.

Inv: E planos para o seu futuro?

GL: Ah... Já tenho tudo na cabecinha aqui! (gesticulando)

Inv: O que que você planejou?

GL: Um dia ter uma casa enorme, com cinco quarto, duas cozinha, três banheiro...

SJ: O GL, acho que ela está se referindo a um plano profissional, não é isso?

Inv: Também, os dois...

SJ: Ah, os dois...

GL: Eu vou ter uma mansão!

Inv: E como você vai conseguir essa mansão?

GL: Ah, dando um jeito! E eu quero ser artista.

Inv: Artista? De tv, de cinema, assim?

GL: Eu quero ser apresentadora, fazer clipe no *youtube*, e quero fazer filme.

Inv: Ah... Você assiste bastante clipe no *youtube*?

GL: Ah, eu gosto. E eu ouço música.

Inv: Tem pessoas agora né, que ficam famosas fazendo vídeo pelo *youtube*. Eu já ouvi falar... É... e por exemplo, assim, a relação com a família, como que era antes, quando ela ainda tinha dificuldades assim, em ler e escrever... e como está agora? Você acha que mudou?

SJ: Como assim? Eu não tô entendendo...

Inv: Ah, a relação entre vocês...

GL: A relação pai, como que era antes que eu não sabia ler e escrever e agora que ela quer dizer... Continua a mesma.

Inv: Não afetou então?

SJ: Não, não. Não, assim, assim... por exemplo, a gente ficava, eu, no meu caso, ficava preocupado né? Eu falei caramba, pensava comigo, será que ela não nunca vai conseguir né, ler, escrever, né? Agora pelo menos ela já sabe ler, já sabe escrever.

Inv: Tranquilizou?

SJ: Tranquilizou, sim, tranquilizou.

Inv: E você, também pensava isso?

GL: Ah, eu... Eu falava assim não vou conseguir, ixi, não vou conseguir, vou repetir de ano, vou repetir... mas aí não repeti nenhum ano, até hoje... graças a Deus!

SJ: E a GL você via assim que quando ela não conseguia escrever ou lê, ela ficava muito irritada, ela ficava nervosa, né GL? Eu falava calma, você vai aprender... calma, vai devagar, né... escreve devagar lê devagar né, que você vai conseguir!

Inv: Ficava estressada?

SJ: Isso... que ela não conseguia... ela tinha vontade de aprender, mas não conseguia.

GL: Ainda tenho, mas eu não consigo.

Inv: E o nervosismo atrapalhava também né? É...

INV: O que que você acha que teria acontecido na sua vida se você não tivesse vindo pro CCazinho?

GL: Eu acho que eu não conseguia nem ler nem escrever ainda.

SJ: É eu acho que... É, eu também acho que ela não ia conseguir não... nem ler e nem escrever.

Inv: Ah, eu tinha perguntado se atualmente você faz algum curso, tal; é, você vai em algum médico? Por exemplo, faz fono em algum lugar? Alguma coisa assim?

GL: Não...

SJ: Não... Assim, ela tem a parte assim... quando a GL frequentava o CCazinho ela já tinha esse problema, da tireoide, sabe? Não sei se vocês têm um...

Inv: Eu vi em alguma coisa... eu vi em algum lugar na pasta dela.

SJ: Então, mas ela tá em tratamento, né, com a médica, tudo... Tá normal, a médica, tanto que a médica até dispensou o remédio; mas tem que ir todo ano assim, pra ela fazer uma avaliação.

Inv: Um acompanhamento?

SJ: Um acompanhamento.

Inv: Como que é? Eu não sei muito bem, a questão da tireoide...

SJ: Tireoide... a Tireoide meche com o hormônio da pessoa né...

GL: Uhum. Tem a tireoide de emagrecer e tem a tireoide de engordar.

Inv: Hã. E qual que você tem?

GL: Qual... Eu tinha a de engordar, mas não tenho mais, graças a Deus, Deus curou.

Inv: Hum. Ah, tem uma questão, eu acho que a gente já até conversou um pouco, que seria assim, as mudanças que você acha que ocorreu na sua vida pela sua participação no CCazinho?

GL: É... mudou né. Quando eu tava aqui eu tava aprendendo, fazendo as coisas, como fala... aprendendo mais. Agora eu saí porque eu achava que mais não precisava... porque já sabia lê e escreve... aí eu parei de vim.

Inv: E, é lembrei de outra coisa... Você falou que foi no terceiro ano né, que a professora falou que você tinha dificuldade, e falou pra você ir praquela outro lugar... Antes disso, por exemplo, você fez educação infantil, creche...?

GL: Não.

SJ: Não.

Inv: Entrou no primeiro ano?

SJ: Ela fez o jardim, não foi GL?

GL: Jardim...

Inv: E a professora do jardim falava alguma coisa?

GL: Que eu saiba não.

SJ: Não, o jardim, o jardim na realidade é mais é, é mais pra, como se fala... é mais é brincadeira né, no caso. Agora, o que foi mesmo nota essa dificuldade foi na escola mesmo.

GL: É.

Inv: Mas foi só no terceiro ano, ou desde o primeiro ano?

GL: É, foi desde o primeiro ano.

SJ: Primeiro ano né?

GL: Aí, foi com a professora... qual professora mesmo que foi pai?

SJ: Não foi a Iara?

GL: Acho que...

SL: Ou a Márcia? A Márcia Mondine é do jardim I né?

GL: É, jardim I. Eu acho que foi a professora ... aí como que chama, Fabiana.

SL: Fabiana, isso, foi a Fabiana. Professora Fabiana.

Inv: De que ano? Em que ano que ela deu aula pra você?

GL: Primeiro.

Inv: Primeiro?

SJ: Primeiro ano.

GL: Não, não, não, foi no segundo, que ela me deu.

SJ: Quem que deu aula pra você no primeiro?

GL: A Iara. Só que a Iara era meio doidinha da cabeça.

Inv: Ó, a memória tá boa.

SJ: Tá certo... Eles tem a cabeça melhor que a gente.

Inv: É, nossa... Hum... E, por exemplo, ela falava assim que você tinha dificuldade pra aprender, tinha mais gente na sua turma que você acha que também tinha dificuldade? Ou você achava que era só você?

GL: Não, quem tinha mais dificuldade em aprender era eu. E eu tinha uma amiga desde o prézinho que me ajudava nas lição de casa.

Inv: Entendi, e você acha que os outros alunos da classe percebiam, que eles te olhavam diferente?

GL: Uhum.

Inv: Como que era isso?

GL: Era estranho, era esquisito.

Inv: Como você se sentia?

GL: A burra!

Inv: Aí tem uma pergunta aqui que é assim, qual é o impacto que o rótulo, o diagnostico traz? Então, dizer que você tem dificuldade para aprender, qual foi o impacto desse rótulo na sua vida? Por exemplo, quando o médico falou “Ah, você tem uma dificuldade para aprender”, você achou que isso era um problema? E que, por exemplo, ia ser assim para sempre? Como que foi?

GL: Ah, a mesma coisa que você disse... que ia ser assim pra sempre.

Inv: Ou você achou que, por exemplo, que ele estava te dando uma ajuda, falando que era isso que você tinha?

GL: Não.

Inv: E você SJ, o que achou quando o médico falou isso?

SJ: Bom, eu... assim, porque a mãe, a mãe dela... a mãe dela ela é assim também, sabe... ela tinha esse mesmo problema que a GL, sabe. Minha sogra, minha sobra conta pra mim que ela fez até a 5ª série. E ela tem dificuldade também, sabe, no aprendizado, igual a GL.

Tanto, tanto que a diretora da escola chamou a minha sogra e falou que, por exemplo, a mãe, a mãe né, falou que não tinha como ela aprender mais, isso naquele tempo né... que não tinha jeito. Então no meu entender, já era um problema genético, que passou de mãe para a filha. Só que o menino, meu menino já não tem esse problema de aprendizagem.

Inv: Ele é mais velho ou é mais novo?

SJ: Não, ele é mais velho, ele tem 15 anos, é mais velho, tá. Então... Mas, eu sempre pensei assim, sabe que a GL tinha capacidade de ler e escrever como uma pessoa normal. Tanto que as professora em reunião, quando a mãe vai, falam que a GL tem capacidade... sabe, às vezes ela é preguiçosa! Não é GL?

GL: É, algumas vezes, algumas vezes.

SJ: Ela fala assim: A GL tem capacidade para aprender, pra ir adiante, só que as vezes ela é preguiçosa.

Inv: Isso agora? Ou sempre falaram isso?

GL: Não, sempre.

SJ: Sempre, sempre.

Inv: E como foi pra você superar esse diagnóstico? Ver que você conseguiu aprender?

GL: Foi difícil, mas consegui.

Inv: Mas o que você sentiu depois? Por exemplo, quando você aprendeu a ler e a escrever, e você viu que não ia ser assim para a vida toda, que não ia ser sempre que você não ia saber ler e escrever.

GL: Ah, achei bom...

SJ: Oxi, você se sentiu uma vitoriosa não é GL?

GL: Uhum... Nunca se pode deixar, você não pode cair... é como fala? Nunca se pode abaixar a cabeça, tem que sempre deixar a cabeça erguida.

MC: Kátia se você quiser...

(MC e outra cuidadora interromper a entrevista para conversar com GL.)

(...)

Inv: E você, o que você sentiu quando ela aprendeu a ler e a escrever?

SJ: Ah, eu fiquei muito feliz né, ixi... Fiquei muito feliz! Falei... Mas eu não tinha dúvida que ela ia aprender, sabe? Ainda mais quando a professora falava que ela tinha capacidade. Só dependia dela né, e depende dela ainda né. Por exemplo, no caso de melhorar a letra né...

GL: É, mas o pai...

SJ: É só dar um capricho né GL?

GL: Ô pai, mas pelo menos os professor entende né, pai?

Inv: Pelo menos está escrevendo.

SJ: É.

Inv: E o que você acha que foi diferente, por exemplo, do CCazinho pra escola? Que aqui você aprendeu e talvez lá você não conseguisse... você falou que talvez se você não tivesse vindo pra cá você não teria conseguido aprender.

GL: É que tem certos professor que não explica. Tipo assim, o professor de geografia, ele explica, só que ele é meio chatinho pra explicar, e eu tava em dúvida em matéria... Ai... eu consegui. Tô conseguindo. E os professor não qué me dar nota baixa.

Inv: Como assim?

GL: Que eles qué sempre dá nota alta pra mim, mas...

Inv: Porque você vai bem nas aulas?

GL: É.

Inv: Ah.

GL: Só quando o Salomão não está perto de mim... Mas quando o Salomão está perto de mim eu não consigo estudar de jeito nenhum.

Inv: Quem é Salomão?

GL: É um menino da minha sala, ele taca borracha...

SJ: Eu não tô sabendo...

GL: Borracha...

Inv: Ele atrapalha seus estudos?

GL: É, ele atrapalha. Ele é o mais arteiro da sala. Ele já, já cato o tênis dele e tacou do outro lado da sala.

Inv: Ele senta perto de você?

SJ: Então ele é bagunceiro.

GL: Ele é bagunceiro, só o nome dele que é santo, mas o resto... Meu Deus do céu, não dá não...

SJ: Sabe o que, o que eu vejo, no meu ponto de vista, porque, você pensa bem, uma professora tem que cuidar de trinta, trinta e cinco aluno né? Não pode dá atenção, né, pra todos né. Então o CCazinho, no caso da GL, ajudou porque ela tinha, por exemplo, um acompanhamento, tinha uma professora no caso, que ensinava ela...

Inv: Só pra ela...

SJ: Só pra ela! Entendeu? E na escola ela não ia te isso, pensa bem... não ia. Como que ia desenvolver? Não tem como... entendeu? Por isso que eu acho, acho não, tenho certeza

que o CCazinho ajudou nessa parte do desenvolvimento dela, tanto na escrita né, quanto no ler, sabe.

Inv: É, e, por exemplo, os outros aspectos assim, de desenvolvimento, quando ela nasceu... anda, fala, foi tudo normal, assim, no tempo certo?

SJ: Foi, não, assim, quando a GL nasceu ela teve um problema de refluxo...

Inv: Hum...

SJ: Certo? Ela teve muito refluxo, muito, muito... Nossa, ela gritava, né, ardia o estômago, sabe... o que ela comia ela, vomitava... Então, o nascimento dela, a criação dela, foi meio... difícil. Mas, tudo passa, né. Tudo muda... E veio essa parte de aprendizagem... Mas tudo se desenvolve, né... não tem nada que...

Inv: Tá, uma última pergunta... Já tô terminando.

SJ: Não, não, pode ficar despreocupada... pode perguntar.

Inv: Não, era... era mais isso mesmo que eu queria saber... Não sei, se tem alguma outra coisa, que vocês queiram falar... Sobre a sua história, pra complementar...

GL: Eu não tenho mais nada não, pra falar. Cê tem?

SJ: Não...

GL: Eu não tenho mais nada.

Inv: É, quando eu for escrever o texto eu não vou usar o seu nome de verdade, porque é pras pessoas não reconhecerem. Então eu queria perguntar se você tem alguma sugestão de nome.

GL: Pode por Emily, tá bom?

Inv: Emily?

GL: É.

SJ: Emily?

GL: É.

SL: Bonito nome...

Inv: Com Y?

GL: Uhum.

Inv: Um L ou dois?

GL: ... Pode ser com...

Inv: Escreve aí como é o seu Emily...

GL: Não... Pode ser assim mesmo...

Inv: Assim? Tá... É, eu vou tirar cópia disso...

SJ: Se você quiser perguntar mais alguma coisa pode perguntar...

Inv: Ah, eu acho que era isso... Ah, eu ia falar também, onde que vocês moram atualmente?

GL: Em Sumaré.

Inv: Em Sumaré?

SJ: É.

Inv: Vocês sempre moraram lá? Ou antes era em Campinas?

GL: Não!

SJ: Não! ... Eu, eu no caso, eu vim com dois ano e meio morar... eu nasci em Ricardo, é uma cidade do interior de São Paulo, com dois ano e meio eu vim... Ai com dois ano e meio eu vim pra Sumaré, entendeu? Agora já faz o que... cinquenta ano, mais, que eu moro em Sumaré, sabe? Só que o endereço da GL, porque eu e a mãe, é divorciado né, ela mora...

GL: Eu moro numa casa e ele...

SJ: Eu moro em outra. Agora, não sei qual endereço você vai querer...

Inv: Não... não é endereço. Não precisa de endereço, na verdade. É porque eu tinha visto assim que ela frequentava neurologista em Sumaré, e assistência social em Americana... Tinha na pasta. Ou tinha algum exame com endereço de lá... Alguma coisa assim...

SJ: Não, ela fez muito exame em Americana, inclusive...

Inv: É, aí eu fiquei pensando se você eram daqui, de Americana ou de Sumaré mesmo... Por isso que eu perguntei.

SJ: É, de Sumaré.

Inv: Entedi... Vinha de longe né, pra participar...

SJ: É.

GL: Uhum...

SJ: É, nós viemos. Desculpa não tê vindo antes, mais é que, é por causa do meu trabalho, é horário sabe...

Inv: Magina...

SJ: Agora tá tranquilo, agora tô de férias, ai deu certo... deu certo.

Inv: Aham.

SJ: Deu vim né.

Inv: Ah, você mais uma pergunta, você participou do grupo de mães enquanto você vinha, não é?

SJ: É, eu vinha com a GL. No começo era a mãe, tá. Ai depois como eu, eu comecei a vir porque assim, como a mãe ela é, ela não tava mais, assim, eu tava mais tranquilo porque

eu trabalhava num lugar onde eu podia sair, não tinha problema... a mãe já não, já não podia tanto né. Ai a mãe deixou de vim e vim eu... Mas no começo era a mãe dela que vinha com ela...

GL: Não era pra... Pai, você falou uma palavra errado, vinha... você falou vinha eu, é eu vinha.

(Risos)

SJ: Já tá me corrigindo...

Inv: Já tá super sabida...

SJ: Já, já tá... cê vê, cê vê como que é as coisas...

Inv: E... como que era assim, o grupo de mães, você acha que participar do grupo ajudou você também?

SJ: (Riso) Ajuda... Ajudou sim. Porque a gente sempre aprende né. Mesmo, mesmo assim, eu era bem caladão, porque era só mulher... só eu de homem.

(Riso)

SJ: Eu ficava meio assim... meio, meio...

Inv: “Vou falar o que”... Falar alguma bobagem...

SJ: Não, não, eles sempre me respeitaram, eu sempre respeitei eles, sabe, quer dizer, eles não né, elas... elas sempre me respeitaram. Então quando eu, quando eu tava assim, em reunião com elas, era assim, era mais de família mesmo, né. O filho, que as vezes dava trabalho... sabe? Mas é... no ambiente familiar né... É isso daí...

Inv: Entendi.

SJ: Mas, não tive, não tenho, reclamação nenhuma não... Foi bom. Eu aprendi né, porque a gente não sabia muita coisa... Fiquei sabendo. (Risos)

Inv: Eu nunca participei do grupo de mães...

SJ: É gostoso...

Inv: ... só do grupo das crianças...

SJ: Era gostoso! Sabe, participar... Era meio caladão, ficava só na minha... ouvindo só, não falava nada... Mas eu sempre ouvia. Pra mim foi bão... fiquei sabendo de muita coisa ai que eu não sabia não...

(Risos)

Inv: Aprendeu bastante?

SJ: Aprendi, aprendi muito, foi bão.

Inv: É, e assim, GL, atualmente, que que você gosta, por exemplo, filme, desenho... que que você gosta?

GL: Ah, eu gosto dos dois.

Inv: Fala algum assim, que você goste bastante...

GL: De desenho?

Inv: Pode ser.

GL: Hãh, de pica-pau.

Inv: Pica-pau? E de filme?

GL: Ah, nossa, eu gosto de terror...

Inv: De terror?! Nossa, eu tenho muito medo!

GL: Tropa de elite...

Inv: E livro? Algum assim... gibi, você gosta de lê?

GL: Ah, não né...

SJ: É, ela não gosta de ler não...

Inv: E você tem *facebook*?

GL: Eu tenho!

Inv: ... *WhatsApp*?

GL: Não, eu tenho só *facebook*.

Inv: E você conversa com as pessoas?

GL: Ah, eu converso... Eu converso com a BG...

Inv: Ah, ela me contou que ela conversa com você...

SJ: Ah eu não sabia não... ela que falou que elas conversava.

Inv: E, por exemplo, você posta muitas coisas na sua...

GL: Não...

Inv: Compartilha algumas coisas...

GL: É, eu compartilho.

Inv: E, as coisas que você compartilha, por exemplo, tem texto junto? Ou é só imagem?

GL: É... a maioria é, como fala?

Inv: É vídeo?

GL: Não... é... a maioria é, como fala? De... menino...

(Risos)

Inv: aí, quero ver seu facebook, GL!

GL: é, como fala... tem um lá que... É assim, tem um, tem do Neymar, e tem de Deus, aí tem assim, curta, comenta e compartilha... ai... ai é qual é deus ídolo favorito. Ai tem esses, ai eu vou lá e comp... eu faço isso tudo. Eu entro mais no facebook pra jogar mesmo.

Inv: Pra jogar?

GL: Uhum.

Inv: Os jogos que tem lá?

GL: É.

Inv: E fora os jogos de lá, você joga em outro lugar?

GL: No *friv*.

Inv: O que que é isso?

GL: É um jogo... Um site de jogo.

Inv: E celular, você usa?

GL: Ah, só pra ouvi música.

Inv: Pra ouvi música, ta. É... depois que o texto tiver pronto, não sei, se vocês quiserem eu posso mandar pra vocês verem... vai demorar, eu tenho que entregar só no fim do ano, e ainda tô super enrolada... Mas...

GL: Não, não, de boa...

Inv: Você tem algum e-mail, pra onde eu possa mandar?

SJ: Tem e-mail GL?

GL: Não. Meu irmão tem, mas eu não sei qual que é.

Inv: Então eu te adiciono no facebook, e aí, qualquer coisa, eu te mando por mensagem o arquivo... não sei. Você usa no computador o facebook?

GL: Ahã.

(...) assinatura do outro TCLE.

Inv: e você quer fazer algum curso GL?

GL: Futuramente sim.

Inv: E do que?

GL: De MMA.

Inv: De MMA?!

SJ: Ah, meu deus do céu...

Inv: Você não tem medo?

SJ: Ah GL... Não exagera não... MMA filha?

GL: O pai, eu gosto...

SJ: Pensei que você ia falar... Como é que você trabalha com a tia Rita que é cabelereira...

GL: Eu tô zuando pai...

SJ: Ah, tá...

GL: E eu quero fazer de cabelereiro.

Inv: Você tá trabalhando?

GL: Eu...

SJ: Ela ajuda.

GL: De vez em quando, eu ajudo minha tia.

Inv: Hum... ela tem um salão?

SJ: A minha cunhada, é, a minha cunhada tem um salão de beleza, e a GL ajuda ela.

Inv: Que que você faz lá GL?

GL: De vez em quando... quando tem cabelo pra varrer eu varro, e passo, como fala...

SJ: Lava a cabeça.

GL: Lavo o cabelo... aí quando ela pede pra eu, como fala... Lava... Limpa o salão, eu limpo.

9.5. Apêndice 5 – Transcrição Entrevista BG

HISTÓRIA: EMILY – ENTREVISTA 2: CUIDADORA BG

(Entrevista realizada em 25 de setembro de 2015, no CCazinho.)

Inv: Vou pedir pra você começar contando um pouco como foi assim, com a GL, por exemplo, quem chegou primeiro no CCazinho? Se foi você ... ou se foi ela. Como vocês se conheceram?

BG: Então, eu sabia que ela já tinha feito um trabalho com a MC (outra cuidadora do CCazinho) antes, no CCazinho...

Inv: Ela já estava aqui?

BG: Já tava aqui, só que ela parou por um tempo, por conta da escola, o período não batia, acho que era alguma coisa assim, e aí ela voltou, quando ela estava voltando que eu comecei a acompanhar ela. Com ela e com a MC, de princípio. Então ela já estava aqui antes, só que ela tinha saído, daí ela voltou e a gente começou junto, de novo.

Inv: Ela já sabia ler e escrever?

BG: Ela sabia porque ela tinha passado pelo processo lá com a MC, só que ela ainda estava bastante na decifração ainda, sabe, decifrando código mesmo... silabando, tudo, então...

Inv: A MC tinha me contado também, que ela foi alfabetizada com as placas de carro né?

BG: Uhum.

Inv: Então eu acho que foi mais com a MC então, o processo...

BG: Foi com a MC, mas, então... como eu peguei ela nesse retorno, com ela voltando pro CCazinho, a gente fez isso também. E foi bem legal. Era sair com ela mesmo, lendo placa de carro... só que ela já estava craque quando eu peguei.

Inv: Mas explica um pouquinho assim, o que é esse ler placas de carro...

BG: Como era o processo, você diz?

Inv: É, isso, como que é ler placa de carro?

BG: Tá, então, a gente saía com a prancheta na mão, né, eu com uma e ela com outra, daí eu falava pra gente, primeiro ir observando o que que tinha de escrito pelo IEL assim... Ai a gente ia nos cartazes, via o que que era, e o que ela achava mais legal ela copiava. Teve um dia que ela copiou aula de inglês, era um anuncio inteiro de aula de inglês, que ela achou legal. E aí a gente foi pras placas de carro, meio que pra lembrar o que ela fazia com a MC, e ela batia o olho assim e já sabia. Então ela lia, sei lá, Campinas, e já ia escrever e já escrevia direto, não tava mais copiando e olhando toda hora. Então, quando eu peguei ela nas placas de carro ela já ia muito bem. E a gente fez isso assim por algum tempo, as placas de carro, e depois eu tentei começar a inserir outras coisas... e aí foi, teve a história de escrever um livro de história com ela, das histórias que ela queria inventar. Só que aí não foi muito pra frente porque aí ela ficou bastante resistente depois, ela não queria fazer mais nada... assim, ela fazia birra, e não queria escrever, não queria... Mas a coisa de escrever coisas sobre ela ajudou. Ela fez meio que um diáriozinho assim, contou a história de um menino que ela gostava, mas era uma história meio assim, falando que era outro personagem, mas eu sabia que era a história dela... aí, foi isso...

Inv: Assim, alguma coisa da história dela, você acha que tem alguma coisa da história dela que você ache que foi marcante? Que você se lembre...

BG: Então, na verdade eu acho que, até quando começou a ficar mais difícil de lidar assim, foi por conta do que estava acontecendo na casa dela mesmo, os pais dela estavam brigando muito, eles estavam se separando, e aí acho que isso se refletiu também aqui, né... E... aí é isso assim, a mãe dela é muito agitada, muito fala, fala, fala, muito, o tempo todo, e o pai dela é o oposto, assim, muito calmo, muito tranquilo... e aí acho que ela ficava nesse meio assim, e não conseguia lidar muito com isso... e, acho que é isso assim... mas não lembro de nada da história deles.

Inv: E, quando ela terminou de vir, foi meio que uma escolha dela, não foi?

BG: Foi. Então, porque aí ela começou, a não querer fazer, não querer fazer... e aí eu comecei a tentar com o computador. Ai eu mostrava “Olha GL, eu trouxe o computador!”,

e aí ela respondia “então vamo!” (risos) A gente tentou escrever um pouquinho no computador, mas aí ela falou que não queria mais assim...

Inv: É, ela falou pra mim... ela falou assim que ela sentia que já tinha aprendido tudo, e que não precisava mais!

BG: É, então, eu acho também que ela percebeu isso e não soube também lidar com isso, acho que a saída dela foi falar não quero ir mais! E fazer birra... não quero mais, assim...

Inv: Ah, não sei... tem alguma coisa que você queria comentar assim sobre o acompanhamento, sobre a GL, sobre a família?

BG: Então, o que eu acho interessante é que agora, por exemplo, ela vem falar comigo no facebook né, então, ela não conversa muito, mas ela sempre vem perguntar, “oi, como é que tá?” vem contar que jogo ela está jogando, vem perguntar se eu não quero jogar... então, sei lá, é a sensação de que deu certo assim, mesmo, de que ela conseguiu!

Inv: Ah, e o pai dela comentou que ele não sabia que ela conversava com você.

BG: Ah é?

Inv: Ele ficou sabendo, acho que quando eu chamei ela pra entrevista, alguma coisa assim... ou quando eu falei, aí ele lembrou... aí ela contou pra ele, porque ele nem sabia.

BG: É, mas acho que ela foi a criança exemplo assim, né, porque a MC pegou ela desde o comecinho, alfabetizou, veio com essa história de ler placa de carro, que foi aí que ela entrou mesmo no sistema, assim, de verdade, não ficava só copiando. E... pra chegar e conseguir conversar por escrito assim, é muito legal...

Inv: Você lembra se a escola, se teve alguma participação, se eles vieram aqui?

BG: enquanto eu estava aqui, não. A escola não...

Inv: Acho que são raros né...

BG: É, acho que são raros os casos mesmo em que a escola participa mais.

Inv: É isso!

9.6. Apêndice 6 – Transcrição Entrevista IA, SS e SB

HISTÓRIA: IA – ENTREVISTA 1: IA e SS (mãe) e SB (tia)

(Entrevista realizada em 12 de setembro de 2015, no CCazinho.)

(SS e SB liam e assinavam os TCLEs)

Inv: Posso ir perguntando pro IA, enquanto isso?

SS: Pode...

IA: Pode!

Inv: E aí IA, se eu chegasse assim, e falasse pra você que eu quero que você me conte a sua vida. O que você me contaria?

IA: Hum... As coisas mais importantes e as que eu lembro.

Inv: Que seria...

IA: Seria... Seria a data do meu aniversário, o ano em que eu nasci, que é uma das coisas que minha mãe me conta o tempo todo...

Inv: Qual é a sua data de aniversário?

IA: Dia 24 de dezembro.

Inv: E o ano?

IA: 2002.

(silêncio)

Inv: O que mais você gostaria de contar? Depois eu te faço mais perguntas...

IA: Hãn... Eu vou precisar de ajuda agora.

(IA cutuca sua mãe, que está sentada do seu lado)

SS: Pode responder aquilo que você se sentir à vontade para falar...

Inv: Depois elas complementam...

IA: Tá, eu... Tem uma parte que minha mãe me contou de que... como é que é mesmo...

(silêncio) Que quando eu era pequeno ficava batendo em todo mundo, brigando o tempo todo. Ficava falando que tudo que acontecia era culpa da minha tia...

Inv: Mas você lembra disso ou é o que a sua mãe te contou?

IA: É o que minha mãe e minha tia me contaram.

Inv: E como você lembra de quando você chegou aqui no CCazinho?

IA: Eu lembro que nas primeiras semanas eu, eu ficava... ficava sentado aqui (apontou para uma cadeira na ponta da mesa) o tempo todo de cabeça baixa, aí minha tia ficava ali na sala, na sala da Maza. Aí gente ficava conversando, aí no primeiro ano que eu entrei eles falaram que queriam ajuda pra falar um nome do dinheirinho do CCazinho, aí eu lembro que o nome foi “CCOuro”.

(silêncio)

Inv: Você ajudou a escolher o nome?

IA: Não.

Inv: Não?

IA: Não. O nome que eu coloquei era um nome bem diferente.

Inv: Hãn. (silêncio) É, eu tô fazendo as entrevista junto, assim, porque aí eu faço a pergunta e todo mundo pode responder e ir se complementando... Tá?

SS: Tá.

Inv: Ai, vocês querem que eu espere vocês terminarem?

SS: Pode falar.

SB: Pode falar.

Inv: Ta... É, o IA ele tem algum diagnóstico?

SS: Tem. Tem Transtorno de Déficit de ... Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade e Bipolaridade.

Inv: E como que vocês chegaram nesse diagnóstico? Quem fez? Por exemplo, o médico... Como você foi até o médico, por que que você procurou ele?

SS: Então, de início, o que chamou a atenção foi a... a agressividade do IA. O fato dele não conseguir fazer nenhuma atividade, na escola... nenhum tipo de atividade ele conseguia desenvolver bem, e.... ele não conseguia parar quieto pra brincar, né. Então foi uma das coisas que ajudou no diagnóstico, né, principalmente da hiperatividade foi isso... E aí a bipolaridade minha mãe tinha também, ele tinha muitos comportamentos bipolares, e aí como minha mãe tinha também, aí fechou o diagnóstico de bipolaridade, mesmo que, o médico tava dizendo que assim, o diagnóstico não pode ser definitivo porque era criança, né, mas mesmo assim, foi, foi colocado esse diagnóstico provisório.

Inv: Ta. E quantos anos ele tinha, vocês lembram?

SS: Quando a gente começou a fazer o exame, os primeiros acompanhamentos, ele tinha seis.

Inv: E ele já tava na escola?

SS: Tava, na escola infantil.

Inv: E as professoras, é, recomendaram que vocês levassem no médico?

SB: Na realidade não, na realidade as professoras culpavam a minha irmã, por não dar educação para a criança. Elas consideravam que ele não tinha educação, respeito, é... não, obedecia, odeio essa palavra...

Inv: Pode contar...

SB: Odeio a palavra obedecer, mas elas usavam muito. O IA não obedecia, e dependia da autoridade. Porque assim, com três aninhos o IA foi estudar na escola onde eu trabalhava, três anos pra quatro, tá. E o primeiro ano, que foi metade do ano, ele trabalhou, ficou, com duas professoras, que assim, uma era muito enérgica e muito carinhosa, então, assim, ela conseguia com que o IA fizesse as atividades, mas não terminasse, ela me chamou várias vezes pra observar que o IA não terminava as atividades. Mas que ele fazia essas atividades. Ele não a desrespeitava, ele não a agredia... com ela, tudo bem. Com a

professora da tarde, ela tinha uma... Era duas professoras, ele ficava o dia todo na escola, então ele tinha um comportamento bom, ele gostava da BE. E como ela dava muita liberdade, não cobrava nada, também não tinha problema. Ele não tinha entrado nessa da agressividade. No ano seguinte, com a troca de profissionais que trabalhava, que passaram a trabalhar com ele...

(SB parou porque o irmão de IA, que estava na sala, veio cochichar algo no ouvido da mãe).

SB: No levantar com ele pra ir pra escola, no sair de casa pra ir pra escola, a agressividade dele costumava durar, da hora que eu pegava ele até a hora que ele entrava na escola, eu ia apanhando. E aí, eu, parte psicológica a parte... Então ele batia em mim e na própria cabeça, e ele falava assim: “Você é burra! Burra! Você é burra!”, “Você não entende!”. Eu levava isso pro meu psicólogo. Sempre muito, muito magoada, porque, burra porquê? Não entendo ele... aí o psicólogo falava: “Você tá entendendo o que tá acontecendo com ele?” E eu falava “Claro que não!” “Então... você não entende”. Então vamos, você tem que pegar um caminho pra descobrir tudo isso. Esse caminho foi chegando a tal ponto, que... assim, como ele estava na mesma escola que eu, começou a surgir um boato que eu não teria capacidade pra ser monitora, pra exercer minha profissão; porque se o meu sobrinho vinha me batendo, durante o percurso todo, era porque eu não era uma educadora adequada. Num desses dias, que ele ia me agredindo, eu fui tentando conversar com ele, sobre o que estava acontecendo; eu não estava em horário de trabalho, então eu cheguei pra coordenadora pedagógica da escola e falei “Você tem a obrigação de me ajudar, eu sou família! Eu quero ajuda!”. Entre essa conversa de “eu quero ajuda, eu sou família” a escola levou seis meses pra aceitar escrever uma carta pro posto de saúde.

Inv: Entendi.

SB: E aí, do posto de saúde surgiu a medicação.

SS: Primeiro foi o acompanhamento psicológico, que foi um ano...

SB: Entre aspas né, porque era um encontro com a criança uma vez por mês.

SS: Não, era menos... era a cada 15.

SB: A cada 15?

(SS concordou com um aceno de cabeça).

SB: Que era, depois entrou... começa a entrar o tratamento médico.

Inv: Você lembra desse acompanhamento, no psicólogo?

IA: Lembro.

Inv: Como que era?

IA: Eu gostava... Tanto que, por exemplo, sempre que eu ia marcar eu pedia pra ser no próximo dia.

Inv: Ah.

IA: No dia seguinte do tratamento.

Inv: E aí, depois veio o medicamento?

SB: Aí depois veio o medicamento. A parte do medicamento, da consulta ao médico, essas coisas... sempre foi a mãe que fez.

Inv: Aham. E você lembra o nome do medicamento?

SS: De início foi, foi introduzido a carbamazepina⁴⁴, aí, mais pra frente foi o ácido valpróico⁴⁵ que não deu certo, é... depois, depois quando o tratamento saiu do Centro de Saúde, e foi pro CAPS⁴⁶ infantil, aí foi mudado a medicação pra... Risperidona⁴⁷ e pra Ritalina⁴⁸. Mas, aí levou um tempo... é assim, toda evolução que foi da medicação, foram essas quatro medicações que ele usava.

Inv: Ia substituindo...

SS: Isso.

SB: E por causa da data de nascimento dele, quando houve a mudança de que a criança com seis anos devia ir pra escola, ele, eles pularam etapa. Ele não estava preparado pra ir pra escola, e eles colocaram ele direto no segundo ano.

Inv: Ah, então ele não teve o primeiro ano?

SS: (balançou a cabeça em negativa) foi direto. Porque foi no ano que fez a mudança, no ano anterior a criança ia com sete anos, no final do ano foi decidido agora a criança tem vai com seis anos pro ensino fundamental. E aí ele foi colocado nessa turma, e já foi colocado direto no segundo ano. Era pra fazer primeiro e segundo ano, ele foi colocado direto no segundo ano porque ele já vinha de creche, era já... era... era período integral, então ele já foi colocado direto no segundo ano.

Inv: Uhum.

⁴⁴ Medicamento receitado para tratamento de Epilepsia.

⁴⁵ Medicamento receitado para pacientes com crise parciais e complexas.

⁴⁶ Centro de Atenção Psicossocial Integração, segundo o site oficial (<https://www.spdm.org.br/onde-estamos/outras-unidades/centro-de-atencao-psicossocial-caps>), “os Centros de Atenção Psicossocial (Caps) são unidades de atendimento intensivo e diário aos portadores de sofrimento psíquico grave, constituindo uma alternativa ao modelo centrado no hospital psiquiátrico e permitem que os usuários permaneçam junto às suas famílias e comunidades”.

⁴⁷ Medicamento usado no tratamento de Esquizofrenia.

⁴⁸ Medicamento receitado para o tratamento de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade).

SS: Então, deu uma boa queimada de etapa. Tanto que assim, quando ele tava no quinto ano, no quinto? É, no quinto ano, do ensino fundamental, a coordenadora pedagógica da escola, a gente, o IA, todo mundo, conversou com o conselho, fez conselho de classe, e o próprio IA pediu pra ser retido, pra ele poder amadurecer, recuperar... o estudo que ele não conseguiu ter nos três primeiros anos, que era pra ele poder recuperar esse ano perdido, pra ele poder ir pra segunda fase do ensino fundamental.

Inv: Se vocês quiserem ir contando, eu vou perguntando; se não eu vou só perguntando mesmo... Ah, e aí você tava me contando, que era pra falar se a escola teve alguma coisa a ver com o diagnóstico...

SB: Aí foi onde a professora de educação especial conversou bastante com ele, conversou os educadores, e conversou comigo a respeito de coisas da família, quem é o pai, quais as coisas da minha, da família materna, sobre minha mãe e meu pai, o que eu sabia da família paterna, porque assim, a escola evitava conversa com a minha irmã. Era uma postura inadequada da escola, mas era uma postura que eles achavam... Eles tinham uma visão que eu tinha duas irmãs, uma irmã responsável, que trabalhava na prefeitura, tá, que era uma pessoa de bem, e que eu tinha uma irmã extremamente irresponsável, que não dava educação pro IA.

Inv: Por causa do comportamento dele...

SB: Por causa do comportamento dele. A escola não juntava essas duas pessoas, por nada nesse mundo, e eu tentava falar: “eu só tenho uma irmã!”; “uma irmã única!” Não... na, pros profissionais eles não conseguiam conceber que aquela pessoa, que conseguiu passar no concurso, que conseguiu um trabalho, de boa qualidade na saúde, no mesmo município, tinha um filho que não tinha, na opinião deles, educação. Educação de dentro de casa, da formação. Então eles brigavam muito, eles não paravam pra olhar que apesar disso, de trabalhar na prefeitura, de ter tudo isso, ela era uma mãe com três crianças sozinha, que dava conta sozinha, que nunca abriu mão de nenhuma criança; eles não viam essas outras qualidades, eles só viam que o IA não obedecia. Elas... Acho que teve uma ocasião que eles chamaram a SS pra conversar, e que foi bem estressante, porque assim...

SS: Foi uma pressão pra eu tirar o IA da escola, porque a escola não queria crianças imperfeitas.

SB: É, então, todas as crianças com dificuldade eles davam um jeitinho... hã, uma conversinha... pra que a família colocasse essa criança em meio período, ou retirasse essa criança da escola, é... Mas eles não queriam uma criança com esse tipo de problema no período integral. E o IA era uma dessas crianças que tinha. Aí eles ainda olhavam e

falavam assim, “Mas o IA e o TA são filhos da mesma mãe?”. Aí eu falava “São”. “E o LA, são filhos da mesma mãe?”, que é o LA, né...

Inv: Eles estudavam na mesma escola?

SB: Os três estudavam na mesma escola, os três iam no meu carro, eu era a perua escolar! (risos)

SB: Eu era a pessoa que levava, que respondia bilhete, que ia pra um passeio... eu tava sempre junto. Eu, eu estava sempre junto não por negligencia da mãe, nunca por negligencia da mãe, sempre por opção, por gostar, por querer. O LA agora tá com 9 anos, e eu ia... Às vezes é mais fácil a mãe dele ir até a escola, e eu vou na escola no meio do período, só pra saber se tá tudo bem! É uma coisa minha! Eu amo ser tia! A maior alegria pra mim é ter esses três sobrinhos. Eu amo ser tia, né... Eu acho que tia participa. E minha irmã me dá esse espaço, que me deixa muito feliz. Então, tinha essa... tinha essa questão deles acharem que não era a mesma mãe, que não era a mesma pessoa, era a pessoa capaz, e a mãe do IA. Então, a maior parte da pesquisa pra saber se ia fazer um tratamento, se ia encaminhar pra um tratamento, veio de conversarem comigo, de eu ir cobrar...

(IA interrompeu pedindo uma folha para desenhar)

SB: Veio de eu cobrar, de “eu sou família, eu tenho direito de receber ajuda!” Não colocava nem que era o menino que tinha direito, colocava que era eu que tinha direito pra conseguir saber o que fazer com ele.

SS: Aí assim, o que a gente conseguiu da escola foi primeiro o encaminhamento pro Centro de Saúde, né, que assim, foi muito, muito desgastante pra conseguir esse encaminhamento. Ai, depois de um ano, que a gente foi fazendo o acompanhamento psicológico, aí ele foi pro acompanhamento médico também, psiquiátrico. E, assim, isso ele tinha seis anos quando ele foi encaminhado, é, quase seis anos quando ele foi encaminhado, foi no finalzinho do ano, ele já tava pra fazer seis anos, ele tinha cinco, mas já tava pra fazer seis. E... enfim, a gente conseguiu o encaminhamento, mas o tratamento dele, os médicos, o psicólogo, não levava a sério, né... Então assim, a gente conseguiu realmente um tratamento adequado pra ele, em 2010, que foi a mesma época que a gente conseguiu encaminhamento, é... pra incluir ele aqui, no CCazinho. Foi coisa assim, ele conseguiu aqui em maio e lá em junho, ou foi o contrário, foi uma coisa assim, bem próxima...

SB: Foi, foi quando a gente conseguiu o dinheiro pra pagar a ressonância dele, não foi?

IA: O que é ressonância?

SS: Não, a ressonância foi em janeiro... não, a tomografia foi em fevereiro. A gente fez em março. Mas foi assim, uma coisa bem próxima...

SB: Só quando a gente conseguiu o dinheiro pra fazer a ressonância particular...

SS: Os exames neurológicos né...

SB: Os exames neurológicos a gente conseguiu na pressão, da equipe de saúde municipal, pro caso dele.

SS: Na verdade foi porque eles perderam uma receita e aí eu comecei a gritar que tinha que achar essa receita, porque o menino tinha, eu tinha pagado consulta particular pra conseguir a receita, então eles iam ter que achar a receita do menino, né... Foi aí que, assim que eles acharam melhor dá um jeito e sumir com o menino, e encaminharam por CAPS⁴⁹, graças a Deus!

(risos)

Inv: E vocês comentaram dessa professora de educação especial, né?

SS: Uhum.

Inv: Já era no primeiro ano, assim? Como que ele... ela começou a acompanhar ele na escola mesmo...?

SB: A professora de educação especial no município, na educação infantil ela é itinerante. Ela atua em mais de uma escola. E ela presta auxílio ao professor. E eu como monitora, eu conseguia ter acesso até ela, por ser profissional da escola, então eu cortava o caminho pra chegar até ela, eu ia muito... A hora que ela tava fazendo relatório, a hora que ela tava... é... não ociosa, mas assim, a hora que ela tava longe das vistas da direção, eu conseguia me aproximar dela, pra conseguir perguntar pra ela “que que eu faço com o IA?”. Então sempre minha pergunta era “o que que eu faço com o IA”. Os nomes: burro, malcriado... e outros adjetivos nesse nível, ameaçar com DPDI, então ir na secretaria de educação infantil. E aí quando ele vai pra escola estadual ela traz um grande problema pro IA. Que até aí, querendo ou não, eu dentro da escola, você tem uma certa forma de respaldo. Eles não tinham muita liberdade de largar ele pra lá, né, eu não dava essa oportunidade.

SS: Aí tanto ela estava muito próxima, quanto assim, a gente usava meio um terrorzinho psicológico... “olha, se você não fizer eu vou ter que avisar a mãe dele, né... e a mãe dele se sabe, ela é complicada...”

(risos)

⁴⁹ Centro de Atenção Psicossocial Integração.

SB: é, porque assim, já que eles não conseguiam entender que era uma mãe só, que era uma pessoa responsável, então vamos usar isso a nosso favor!

Inv: Eles não queriam vê você lá...

SS: Não queriam, desde que eu não entrasse na escola, tava tudo certo.

Inv: É... e aí vocês fizeram esses exames, e tiveram esse diagnóstico? Do TDAH e da bipolaridade?

SS: Não, não. O neurológico deu que precisava de acompanhamento... linguístico e neuro... psicopedagógico, neurolinguístico e psicopedagógico. E aí eles, o neurologista só falou “O IA tem condições de aprender. Ele tem dificuldades, mas ele tem condições de aprender!” A tomografia deu normal, o eletro dele deu relativamente normal, dentro do... do quadro que ele apresentava, não tinha grandes alterações, a única alteração que teve já era esperada, por conta da medicação.

(Todos param porque o irmão de IA, que está fazendo um desenho na sala, começa a fazer um barulho com a caneta)

SS: LA!

(risos)

SB: Sem barulho.

SS: Aí, então, assim... foi isso que, assim... é, com essa declaração do neurologista foi mais fácil conseguir os acompanhamentos.

Inv: É, eu ia perguntar qual foi a reação de vocês, ao saber desses diagnósticos, desses como se fosse um problema...

SS: Então, na verdade o diagnóstico foi um alívio, porque assim, a gente até... até quando a gente entrou aqui, a SB entrou aqui, ela falou assim “A minha sensação é que a gente tá gritando sozinho numa ilha deserta: Olhem escutem!” Então assim, quando alguém escutou a gente, “olha, realmente, tem alguma coisa errada” pra gente foi um alívio muito grande. Porque a gente tinha a sensação que assim, era a gente contra o mundo né, era a gente dizendo “olha, tem alguma coisa errada, não tá normal isso que tá acontecendo, tem que ter uma solução!”. E assim, até eu hoje eu olho que assim, o negócio quando começa a ficar feio a gente chega e fala assim “não, tem que ter uma solução!” Então a nossa reação foi mais de alívio. Um grande alívio. A hora que ele falou “foi detectado”, então tem que ter um tratamento, tem que ter uma forma de ajudar ele, tem que ter uma forma de melhorar...

SB: Me marcou muito esse período entre o diagnóstico e a entrada dele na escola estadual, porque foi assim, a escola estadual eu não estava lá dentro, não me achando demais, mas

assim é aquela presença que fazia a diferença. Então, o IA ficava muito pelo pátio, o IA ficava muito... Ele tinha uma cuidadora... pra cuidar dele no período, até chegar a escola. E, assim, essa cuidadora era convencida a levar ele embora quase todos os dias...

SS: Duas horas da tarde, então ele entrava a uma, ficava lá uma as duas, e ela pegava ele na escola.

Inv: Mas era uma cuidadora da escola?

SS: Não! Era uma cuidadora de fora, que era pra cuidar dele fora do horário, enquanto eu estava trabalhando, era pra ela colocar o IA na escola e deixar lá na escola né, então assim ele era devolvido pra ela as duas da tarde, até quinze pras cinco, como eu chegava cinco horas na escola, ele ficava com ela até quinze pras cinco, daí ela devolvia, pra criança... pra dar a impressão que a criança passou o dia na escola.

SB: Foi quando eu, eu perguntei de prova pra ele, eu perguntei de nota, e não recebi resposta, ele... não tinha noção, ela não sabia... o que era prova, o que era avaliação, como era a avaliação da escola del... E, assim, toda escola mostra... como avaliou a criança, a gente mesmo fala pra criança do berçário, pra mãe do berçário, que a avaliação no berçário é se a criança se alimenta, se a criança ganha peso, se a criança, é... engatinha de um jeito ou de outro... É uma avaliação! A gente não tá cobrando da criança... mas a gente tá cobrando que a criança de uma resposta, né. E isso dura até ela fazer seis anos e sair da educação infantil. A gente não vai... na educação infantil a gente não coloca pra ele o que que ele tem que aprender isso aquilo pra... não, mas tem uma avaliação de todo o contexto, tudo o que ele pode aprender, se ele está aprendendo alguma coisa, o que está trazendo, o que ele está ensinando. E eu fui perguntar isso pro IA, IA não tinha resposta. Aí fui perguntar pra SS e a SS não tinha resposta. E aí eu já não estava mais tão envolvida na escola dele como era antes. E aí eu consegui, eu liguei na escola e consegui pegar o RA dele... e aí eu descobri que eu não estava matriculado...

Inv: Nossa!

SB: Ele só era matriculado na sala de recursos...

SS: Que é uma sala de educação especial.

SB: Que a primeira coisa que ela faz é colocar pra criança que a criança não tem capacidade de aprender, né... e desobriga o professor a trabalhar com esse aluno... E o IA estava incluso nos alunos que não iam aprender... ele não tinha matrícula no ensino regulamentar. E aí, eu não perguntei pra mãe dele não, eu fiz, eu mandei um e-mail pra secretaria de educação, pedindo satisfação de porquê essa criança não estava matriculada; porquê que essa criança estava matriculada apenas numa sala que não existia na escola,

porque a escola não tinha sala de recurso... né. E aí eu resolvi começar a entrar, então ia minha irmã de manhã, e eu à tarde, ou ia minha irmã ia à tarde e eu de manhã, e a gente começou a cobrar da escola, não veio...

SS: Teve bastante reunião também com a... com a secretaria de educação, né, a gente...

SB: A gente conseguiu a reunião com a secretaria de educação, a gente nunca conseguiu que fosse registrado em ata, isso era registrado em... Quando a gente pedia pra registrar em ata, era registrado em livros... Como, em livros ata, porém sem abertura e sem fechamento, com folhas em branco, o que tornava totalmente...

IA: Inválido.

SB: Desprezível, né... não é considerado como documento de nada. Livro ata só é considerado documento se não tiver nenhuma linha em branco. Acredito que você tenha esse conhecimento...

Inv: Uhum.

SB: Então, foram registrado nesses livros velhos, que sumiam logo após o registro. Até que uma vez eles colocaram um... uma coisa que eu não concordei, e aí eu fiz o que a minha coordenadora pedagógica na escola me orientou “Toda vez que vocês forem coagidas a assinar um livro ata com coisas que vocês não estão de acordo, assinem de vermelho!” Quanto eu tirei a caneta vermelha do bolso, assim... o livro foi tomado da minha mão...

Inv: Hum...

SB: E umas palavras bastante ásperas... A situação foi caminhando até o dia que a diretora ligou pra mim e pra SS, só que ela não tinha visto o menino na janela.

SS: Que ela gritou que ele...

SB: Que ele nunca iria aprender!

SS: Que ele não tinha capacidade pra aprender! E assim, no que ela gritou pra gente, que o IA não tinha capacidade pra aprender, a gente, mas assim, foi imediato, foi muito engraçado, foi imediato, no que ela gritou a gente gritou “não é não, é você que não tem capacidade de ensinar!”. E, assim... a gente encerrou a... foi esse dia que ela escreveu na ata de, de, que ela assinou a ata...

Interrompemos a entrevista porque o irmão de IA estava mexendo na câmera, a mãe foi chamar a atenção dele.

SS: Então assim, foi bem traumático pra gente, né, porque a gente tentando achar uma forma de... E assim, era aquele tipo de coisa, o IA não entrava dentro da sala de aula, ele

passou dois anos frequentando a escola do lado de fora, ele não entrava dentro da sala de aula, porque ele atrapalhava né, então assim... Não, sem colocar a mãozinha, santo!

(Novamente o irmão de IA mexeu na câmera)

(risos)

Inv: Você apertou alguma coisa?

LA: Não.

Inv: A tá, se não para de gravar...

SS: Então, assim, foi bem... traumatizante pra gente, porque assim, como o IA ficava no corredor, ele via a gente entrando pra... e aí ele se postava atrás, como se fosse ali na janela... Ele se postava atrás, e escutava tudo. E assim, a gente era chamada... Aí depois que a gente obrigou ele a ficar dentro da escola, a gente chegou pra cuidadora e falou não pega esse menino fora do horário porque vão dizer, se acontece um acidente com ele, dentro da sua casa, a escola vai em cima de você, não vai colocar que ela foi negligente. E aí a gente começou a colocar isso pra ela, ela parou de aceitar... Então todos os dias, o IA entrava uma hora, uma e meia a escola me ligava: “vem buscar o IA porque não tem condições”, “vem buscar o IA que ele tá em cima do outdoor”, “vem buscar o IA...”, e aí eu respondia né, “mas se ele tá em cima do outdoor eu não vou poder fazer nada, vocês tem que chamar o bombeiro! Não sou eu que vocês têm que chamar, vocês que tem que ser responsáveis pela criança”... Então assim, gerou um bom desgaste, e assim, o IA não conseguia entrar, ele não entrava dentro da sala de aula...

SB: Ele não se sentia bem-vindo né...

SS: Ele tinha bastante dificuldade, até a escola... o médico recomendou a transferência pra outra escola, mas aí eu falei em outubro a gente vai transferir, eles tão querendo tirar por causa do SARESP⁵⁰... porque é uma avaliação que o Estado faz das crianças, e eles não querem que ele passe por essa avaliação...

SB: Eles não permitiram que o IA participasse dessa avaliação, não permitiram, quem respondeu todas as questões dessa avaliação foi a professora de educação especial. E aí, com esse desgaste, com esse sofrimento, aconteceu uma das atitudes mais bonitas que eu vi em toda minha vida, com relação as crianças. Que foi quando eu tava trabalhando, eu já tava adaptada, estava trabalhando em uma secretária de escola, e eu comecei a pegar o

⁵⁰ Segundo o site oficial “O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) é aplicado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo com a finalidade de produzir um diagnóstico da situação da escolaridade básica paulista, visando orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade educacional” (<http://www.educacao.sp.gov.br/saresp>).

telefone e a ligar pra todas as escolas, onde dava caminho de ônibus ou onde tinha perua... né... e... e eu ligava de escola em escola, e as escolas aqui de Campinas, todas quando eu dizia “Vocês querem uma criança especial na sua escola?”, a minha revolta era tanta, o meu desgaste era tanto que minhas palavras eram exatamente essas “Vocês querem uma criança especial na sua escola?”, “Vocês querem a minha criança que é especial na sua escola?”, e o... esse rapaz que atendeu o telefone, na escola...

IA: Ondina.

SS: Ondina.

SB: Ondina Gonzales Pinto, né IA?

IA: É ao contrário.

SS: Pinto Gonzales? Tá vendo, a gente tá certo... só mudou a ordem!

(risos)

IA: Igual o filme ontem...

SB: E aí, quem atendeu o telefone era um rapaz que... ele era da organização escolar, ele não tinha, é... ele não tinha um cargo que ele pudesse decidir, tá, mas ele tinha tanta certeza que a escola que ele trabalhava tinha como compromisso fazer o melhor pelas crianças, que ele respondeu “eu quero o seu menino especial. Onde você mora?”, a segunda pergunta foi aonde você mora, e eu falei “moro no CDHU”, e ele falou “como que você vai trazer essa criança aqui?”, e eu falei “eu sei que tem uma perueira que faz”, e ele falou assim “você sabe como chegar nela?”, falei “sei!”, “então tá combinado! Você é a mãe?”, falei “não, sou a tia”, “então eu tô aguardando vocês duas aqui, amanhã, tal hora, com tal e tal documento, pra gente fazer a transferência da sua criança pra nossa escola, que ela vai ser muito amada”... E... E até hoje, assim, tenho muito respeito por essa escola, muito respeito por todos os educadores que eu encontrei lá... Fomos sorteadas. Eles receberam o IA de uma forma tão... carinhosa, tão... especial, eles fizeram uma coisa que é completamente ilegal, eles separaram os alunos com necessidades especiais, matriculados em salas conforme manda o governo, certo? Pegaram uma só professora, pra esses 16 alunos, e falou “eu vou trabalhar com esses alunos, vou alfabetizar”; nesse dia que eu estava ligando pras escolas, perguntando se alguém queria a minha criança, uma das professoras, é... entrou na secretaria e me viu lá... chorando, ela falou “menina, porque que você tá chorando?”, e aí eu contei a história do IA pra ela. Ela falou assim “eu conheço um lugar que vai ajudar o seu menino”... eu falei “como que eu faço pra conseguir?”, ela me passou o telefone, eu liguei pra cá, dei o nome dele, e naquele semestre eu vim com a PN, não sei se ela tá aqui ainda...

Inv: Tá.

SB: Tá?! E... Essa professora tinha algum contato com a PN, não lembro o que que era... E aí quando surgiu a próxima vaga, ligaram pedindo pra trazer o IA. Foi aí que a gente se sentiu amparado, acolhido. E... por isso o pé de manga é tão representativo, porque a única maneira que o IA...

IA: Tia!

IA entregou para a tia um desenho que esteve fazendo desde o momento que chegou. A tia admirou o desenho e depois mostrou para a investigadora.

SB: Olha!

IA inverteu a folha, colocando o desenho em outra posição.

SB: Ah, é assim?

IA: Uhum.

SB: E o que que significa esse desenho?

IA: É um desenho abstrato.

SB: Ah, é um desenho abstrato! Mas o que que você tava pensando quando você tava desenhando?

AI: Tava pensando... Em nada!

(risos)

SB: Guarda ele, vamos fazer depois com tinta, em tela... E... Foi assim que a gente encontrou o CCazinho, as cuidadoras, e que você chegou com uma... uma forma diferente, que era aqueles quebra-cabeças que você fazia pra ele... que tinha lh, nh, você lembra IA?

IA: Lembro.

SB: Foram 4 anos, 4 anos né? Que a gente ficou aqui...

IA: Acho que foram 3, 3 e meio...

SS: Acho que 3 e meio...

IA: Não chegou a 4.

SB: E nesses três anos e meio eu não aqui mão de trazer ele, nunca.

IA: Mesmo apanhando no ônibus, ela não deixou.

(risos)

SB: Não deixei de vir trazer. Era muito gostoso, porque eu encontrava outras mães, outras famílias, né, porque tinha vó, eu era a única tia, mas tinha vó e tinha mães.

SS: E tinha madrasta.

SB: E tinha madrasta... Mas, era o único lugar que eu me sentia ouvida, com relação ao Ia. Porque todos os outros lugares que eu comentava com relação ao IA as pessoas

falavam pra mim “Não é responsabilidade sua, larga pra lá...” E aqui foi o único lugar que não me falaram pra largar pra lá.

SS: E, com relação a escola, foi muito bonito o trabalho que o Ondina fez, porque assim, a primeira semana que o IA foi pra escola, eu tava...

IA: Tinha caderno! Eu voltei com caderno!

SS: Ele voltou com caderno!

IA: Com caderno escrito!

SS: Mentira... Não! Não chegou nesse ponto não!

(risos)

SS: Mas, assim, eu cheguei pro IA, depois de uma semana, depois de tudo que a gente tinha passado né, uma semana depois, segunda, terça, quarta, quinta, quando foi na sexta eu falei “E ai IA, que que você tá achando da escola nova?”, “Mãe eu gosto muito de lá, lá eu não sou burro”. Então, assim, foi uma coisa muito bonita, foi... uma coisa que emocionou demais a gente... a professora virava pra mim e falava assim “Mãe, se você quiser eu gravo, eu gravo, eu tento ensinar o IA, eu tento fazer ele escrever!”. Falei “Peraí, você tá me dizendo que ele não foi parar na secretaria?”, “Não, eu tô dizendo que ele não escreve”, “Mas ele ficou dentro da sala de aula?”, “Ele ficou”, eu falei “Não, é você que não tá entendendo! Ele entrou na sala de aula!!!”

SB: Ele entrava e participava na sala de aula. Então, o desafio dessa professora... O dia que ela chegou em casa chorando, eu chorei junto, né. E foi a primeira reunião que eu deixei ela ir sozinha, porque foi a primeira reunião que ela não foi agredida... É... É... Ela nessa reunião ela não foi agredida. Nas outras reuniões eu ia com medo dela ser agredida, porque as coisas que eu ouvia dentro da escola, que eu escutava a respeito dela... Então, assim... Pensa em uma mulher sozinha, três filhos pequenos, com bastante dificuldade, sociais, não só dificuldades de estudar né...

SS: E ele não se relacionava com ninguém. Ninguém, ninguém, ninguém... Não tinha um amigo, não tinha... a maior dificuldade era o contato com a outra pessoa... qualquer pessoa... né, ele tinha muito essa dificuldade. Ah... Aqui no CCazinho que ele foi aprende, que ele foi te o primeiro amigo dele, que foi o... AC?

IA: É.

SS: AC? Que foi o primeiro amigo dele...

SB: AR!

SS: AR! Que foi o ano... eu acho que você não tinha entrado ainda.

Inv: Não.

SS: Eu não lembro se você tava junto ou não...

Interrompemos a entrevista porque o irmão de IA estava tentando pegar o globo terrestre que estava no alto, a investigadora foi ajuda-lo.

SS: E foi o primeiro lugar que ele teve, que ele conseguiu... Que ele falou “mamãe, eu tenho um amigo”. Foi aqui... porque tinha o grupo, e, no primeiro grupo, que era todas as crianças juntas, depois que separava os atendimentos. Então nesse grupo foi o primeiro que ele teve um amigo. Que ele chegou pra gente falando que tinha um amigo.

Inv: Que que você lembra de tudo isso que elas falaram? Da primeira escola, onde você não ficava na sala de aula, da segunda...

IA: O que eu lembro, é de uma única coisa, que quando eu estudava lá meu irmão tinha uma amiguinha que eu ficava falando “namoradinho...” aí eles corriam atrás de mim.

(risos)

Inv: Ele é mais novo, o TA?

SS: O TA é um ano mais novo.

Inv: Então quando ele entrou o IA já estava nessa escola?

SS: Já, já. O primeiro ano do TA foi nessa mesma escola que o IA não foi bem recebido, tanto que assim, a hora que o IA tinha algum problema, eles chamavam o TA, dentro da sala de aula, tiravam o TA de dentro da sala de aula, pra controlar o IA. Uma coisa assim... bem pedagógica, sabe?

SB: Nossa, assim, totalmente dentro daquilo que ensinam na faculdade, né...

(risos)

SB: Eu achei assim... porque como eu trabalhava como magistério, agora você tem a pedagogia pra se basear né... então é tudo que eles ensinam na faculdade... Você tá lá dentro, você sabe.

Inv: É... e depois, o IA mudou de escola, e os outros? O TA e o LA? Eles ficaram nessa escola antiga ou eles foram pra Ondina também?

SB: Nesse ano foi engraçado que os três mudaram de escola, o TA por problemas que ele tava enfrentando, por conta de tudo, carregar todo esse peso junto... eu mandei ele estudar em Barão Geraldo, o IA estudava em Sumaré, e o LA foi transferido pra escola da Médlei. O Instituto Jacarandá. Que é a escola dos funcionários da Médlei, e o LA foi enviado, foi transferido pra essa escola, a pedido da escola, né. E o IA foi pra Sumaré, e o TA foi pra... pra Barão Geraldo, e assim, o TA de tarde, o IA de manhã, e o LA o dia inteiro. Então assim, eles ficaram juntos só a noite.

SB: A escola foi a oportunidade de cada um desenvolver a sua personalidade, né.

IA: Tanto que, quando o TA tava lá, eu ficava com ele até a perueira chegar.

SS: Ficava. Lá embaixo, no prédio, esperando.

Inv: É, desculpa perguntar, mas e o pai do IA, nisso tudo?

SS: Então, é, o pai do IA, ele teve uma dificuldade tremenda de comportamento, né, ele tem também alguns problemas psicológicos, tal... Então, assim, de início ele tentou ajudar, mas... O negócio ficou muito grande, e ele não tinha estrutura emocional pra aguentar com tudo isso, então era a concentração do IA.

Inv: E teve algum período que eles ficaram sem se ver, enquanto isso? Ou não?

IA: Teve! Esse ano e ano passado, ele me viu só uma vez ano passado, e esse ano ele ainda não me viu.

SS: Porque ele morava com a mãe, e agora ele se casou de novo, ele saiu, e acabou não vendo o IA mais.

Inv: Mas você ainda vai pra casa da sua vó por parte de pai?

SS: Isso. Ah, pra lá é difícil segurar em casa, né. A cada quinze dias é assim “Tchau mamãe, tô indo pra casa da vó!” Então assim, com a família paterna eles tem bastante contato, com o pai mesmo não tem... Tanto que assim, eu tenho que falar que eu não sei o que seria de mim, sem meu pai, minha irmã e a MA, que é a avó paterna, porque assim, ela sempre teve muito presente, é... ia no médico comigo, eu falava “MA, preciso ir no médico e vão perguntar da parte paterna, eu não sei responder”, ela ia pra responder. Então assim...

Inv: O relacionamento entre vocês era bom.

SS: É. Com relação as crianças, graças a Deus, a gente é bem unida né.

SB: É sim.

SS: Tanto que...

SB: Esses dias atrás eu me machuquei, e minha irmã estuda agora de sábado, porque ela tá começando a sonhar de novo né... E... a primeira coisa que ela perguntou “Você quer que eu fique com os meninos de sábado?”

IA pegou vários papéis dentro da bolsa e entregou para a investigadora.

IA: Minhas provas.

Inv: Ai... eu posso ver depois?

IA: Pode.

Inv: Se não eu vou me desconcentrar...

Interrompemos a entrevista para a mãe pedir para LA parar de mexer na câmera que registrava a entrevista.

Inv: Quando você começou aqui no CCazinho, você... chegou um tempo, no começo... eu li isso em algum lugar na pasta dele, que você não ficava aqui no grupo, aí você ia lá com a sua tia, ou com a sua mãe, lá pro grupo de mães.

SB: Com a tia.

Inv: Vocês lembram disso?

SB: Lembro.

IA: Não.

SB: Então, você lembra que ele comentou com você que mesmo apanhando eu não desistia de trazer ele pra cá? Então, era assim... eu combinava com minha chefia serviço que nesse dia eu trabalharia de manhã, e que se nesse dia ela não deixasse eu trabalhar de manhã, eu faltaria. E isso aconteceu várias vezes, da minha chefia não querer autorizar, de colega não querer trocar... eu faltei. Faltava! Tive inúmeras faltas justificadas... já até acostumei. A coisa é tão absurda que eu acostumei a faltar no serviço e não sentir falta no salário. Como eu sou funcionária pública, eu preciso ter 30 faltas consecutivas pra eles poderem me processar. E... então eu já avisava, se... na terça-feira é dia de levar o IA no CCazinho, na terça-feira eu vou levar o IA no CCazinho. Então tinha dia que eu tirava ele de casa sem sapato, sem camisa... sabe?

IA: Num lembro disso não.

(risos)

SS: Ah, mas eu lembro!

(risos)

SS: Eu lembro!

SB: Eu catava ele assim, colocava pra fora da porta, trancava, e com o sapato dele na mão a camisa dele na mão, ele me chutando, me empurrando na escada, e levando... E, assim, nesses dias ele se recusava a entrar no grupão. E teve um dia... e esse é um dos dias que eu não esqueço nunca... que a SS ficou muito indignada... Porque ele entrou no grupo... de mães, começou a me bater no grupo de mães, saí... do grupo, pra conter ele, e aí, de repente, ele achou que já tinha me batido bastante, ele resolveu e entrou no grupão. A SS olhou pra minha cara, falou assim “Como que é? Ele entra aqui, ele te tira do grupo, ele conturba tudo, ele te bate, e agora decide que vai no grupão e vai? Não vai! Eu vou tirar ele de lá!” E ela saiu... e tirou ele da sala. E aí depois ele ficou... acalmou, ficou esperto. Mas a gente discutia muito isso, discutia os problemas, tinha dia que eu falava pra ele entra no grupão, a cuidadora falava, quando você chegou outra pessoa já tinha ficado com ele aqui...

Inv: Não. Quando eu cheguei ele já tava aqui.

SS: Já tinha amansado um pouco.

(risos)

SB: Ele tinha amansado muuuito!

Inv: É, me contaram.

(risos)

Inv: Essa parte eu não peguei nada! Me contaram, e eu ficava “Mas como gente? Não é, não é a mesma pessoa...”

SB: Você tinha uma parceira, não sei se você lembra... que ficava com você... não sei se você lembra, mas logo que você entrou você trabalhava em dupla aqui...

SS: A BB, não era?

Inv: No começo eu fiquei com a SS, no primeiro ano era a SS que ficava com o IA, aí eu fiquei junto com ela, aí no segundo ano veio a BB.

SS: A BB!

SB: A BB!

SS: Foi no Segundo?

Inv: É.

SB: Você lembra que ele não obedecia a BB de jeito nenhum?

(risos)

Inv: Eu nunca reparei muito nisso, mas a BB me falou uma vez.

SB: A BB falava com ele e nem... Aí você falava com ele e ele pensava, ele pensava... ele pensava se ele ia respeita ou não. Mas até fiquei triste, porque ela é um doce de pessoa, ela é muito doce! Eu gosto muito dela. E... Mas ela não aceitava ela como...

SS: Ele deu bastante trabalho, e... era assim, eu lá com o celular, que minha irmã ligava pra mim, e eu falava “IA, eu to mandando você ir, é uma ordem da sua mãe! Você vai!”, “Eu não so obrigado a sair com ela!”. Então, assim, teve bastante atrito pra vir...

SS: Teve dias, até a gente tava brincando hoje, falei “Ih IA, não lembro como chega lá, será que você sabe?”, ele falou assim “Ah, depois daquele dia, de ir duas vezes, eu aprendi”. O que que foi esse dia de ir duas vezes? Ele cismou... ele falou pra mim “Eu não vou andar com você”, falei “Não precisa, você indo pro CCazinho ta bom pra mim...”, E, assim, eu sempre percebi que na verdade ele tem uma... inteligência a palavra? Não sei se é isso... Não sei a palavra é inteligência, mas ele sempre teve um (a tia estralou os dedos, para ilustrar), um quê, que ele pega as coisas muito rápido. Eu não preciso falar pra ele que eu to triste, eu ligo e é... “Tia porque que você ta triste?”, eu... “Onde que você

está que você não está na sua casa?”... E, nesse dia ele disse que não ia andar comigo. Então eu peguei o 337, porque ele andava a Unicamp e voltava pro Terminal, e ele disse que não vinha comigo, então eu peguei e deixei passar... Fiz de conta que eu não sabia onde eu tava... Ai a hora que passou o ponto ele falou “Sua burra! Você não viu que passou o ponto?”, eu falei “Eu vi, mas você não disse que ia sozinho?!”, na segunda volta ele já deu sinal na hora certa, já desceu, veio correndo na frente, chegou na minha frente aqui. Teve um outro dia que a gente se desencontrou no terminal, ele veio sozinho.

Inv: ...Ele veio sozinho!

SS: Você lembra?!

(risos)

SS: E eu apavorada!

Inv: E ele nem disse nada pra gente... A gente acho que vocês tinham combinado dele vir sozinho...

SB: Não...

Inv: Ele chegou aqui assim...

SS: Muito tranquilo...

IA: É porque eu já tinha visto vocês.

SB: Você tinha me visto no ponto, mas eu não tinha visto você. Então, ele não me viu e tomou a atitude de vir pro CCazinho né... E ai eu lá na cidade, apavorada, já tinha acionado a polícia, dado as características dele, levado a maior bronca, porque ele estava sem o celular. Porque a escola acha que uma criança de dez anos não pode ter celular, a polícia acha que uma criança de dez anos deve ter um celular.

IA: E eu também acho que eu devo!

(risos)

SB: Então eu achei muito interessante quando o policial colocou isso pra mim, ele tem dez anos? Ele sabe fazer uma ligação, ele tem que ter um celular! E...

SS: Mas foram bastante situações assim... Que assim, a gente pode ficar horas, contando como era difícil trazer o IA...

Inv: Você lembra que uma vez no grupão você chutou a MC?

IA: Não.

(risos)

SS: Mas eu lembro!

Inv: Você lembra?

SS: Eu lembro. Porque chegou... Foi uma das primeiras vezes, que ele chutou a MC e aí a MC pegou, foi lá na minha irmã e falou assim “Tenta controlar ele!”, aí minha irmã ficou desesperada, olhou pra ela e falou assim “Tá vendo, aqui é mais um lugar que o meu sobrinho não cabe!”

(risos)

SS: E ela, a minha irmã, ficou bem chateada e depois eles, teve que largar o IA, que tinha chutado a MC, pra ir socorrer a minha irmã...

SB: Porque foi assim, a MC usou, a MC não tá acostumada, ela tá acostumada a tratar com pessoas especiais, pessoas diferentes, mas ela não tinha aquela especialização pra tratar pessoas bipolar, e ela não tinha noção de onde podia chegar com o IA... E ela chegou pra gente e falou “Ele só vai ficar aqui se ele mudar esse comportamento!”, aí eu falei “Pô, mais um lugar que ele não cabe meu...”

(risos)

SB: E eu entrei em desespero... Porque eu não tinha mais explicação... Foi um dos piores dias dele. Eu já tava totalmente despedaçada... Porque assim, ônibus para pra eu descer, porque eu estava com ele, e ele estava com crise de me agredir... E, assim, um ônibus lotado, e uma criança no banco, agredindo a tia... aí a... os passageiros pararam o ônibus, porque queriam que eu descesse. Falei assim “Não vou descer, tenho direito de estar aqui tanto quanto você. Se você quiser chama a polícia!”, aí chamaram a polícia. O motorista parou e falou assim “Mas quem é que vai descer?”, aí o motorista ficou em pé, eu fiz assim pra ele “querem que eu desça com o menino”, ele falou “Para, vai te catar, vocês não tem o que fazer? Eu tenho horário pra cumprir!” e ele tocou com o ônibus, não esperou a polícia. Porque ele não sabia quem que era pra descer, a hora que ele viu que era eu, e eu já era ali de... tempos, passou a ignorar. Mas a revolta do povo do ônibus, era de querer me agredir, querer agredir ele, tirar a gente do ônibus de qualquer jeito. Desceu umas oito pessoas do ônibus, porque não suportava vê aquilo. E tinha uma pessoa, que eu não sabia quem era, mas ela era irmã de uma das pessoas que ajudou a cuidar do IA, e conforme o IA ia me batendo, ela falou assim “Me dá a sua bolsa”, porque na minha bolsa tinha as coisas né, carteira... E aí ela ficou com medo e falou “Me dá a sua bolsa, eu seguro a sua bolsa”. E ele vinha com o murro e eu colocava a mão, ele vinha com outro murro e eu colocava a mão. Aí tinha hora que eu não via, não dava tempo de colocar a mão, eu levava murro bem na cara mesmo.

(risos)

SB: Mas... E eu fiquei muito tempo nisso. E, assim... outras coisas que eu ouvia, ele com cinco anos, as pessoas diziam que ele não ia completar quinze anos, que a polícia ia matar, que era marginal, bandido. E... Eu começava a chorar... Então a hora que a MC falou “Não tem como ele ficar aqui com esse comportamento”... a reação não foi a MC, foi a...

SS: A fala.

SB: A fala. Que era uma fala que eu ouvia muito, muito, muito, muito. É... Até teve um dia que a gente tava sentada nos bancos especiais, e... entrou uma mulher com um bebe no colo, e eu falei “Eu não vou sair, você vai me tirar daqui a tapa, porque eu não vou te dar lugar.” E minha irmã ficou revoltada comigo, o TA ficou revoltado comigo...

IA: O LA não tinha idade pra ficar revoltado...

(risos)

SB: O LA não tinha idade, e o IA ficou quieto. Mas porquê? Porque quando o IA tava nessas pancadas dentro do ônibus, ela catava a bolsa e dava na cabeça do IA.

Inv: Quem?

SB: Essa mulher do ônibus, que eu recusei da o meu lugar pra ela.

Inv: Ah, você já tinha encontrado ela no ônibus outras vezes?

SB: Ih... Ela pegava ônibus comigo... ela é...

SS: Morava no mesmo bairro né.

Inv: Ahã, entendi.

SB: E eu pegava ônibus com ela direto. E eu andava com o LA amarrado aqui, o TA sentado em uma perna e o IA na outra. Se eu colocasse o IA no canto, da janela, o IA batia no TA, então se eu sentasse primeiro o TA e o IA do lado dos passageiros, o IA não batia tanto. E ela... era muito jovem, não tinha filho ainda, então ela sentava a bolsa, sem dó nem piedade na cabeça do IA. Chegando algumas vezes a atingir a cabeça do LA com a bolsa. E a hora que ela chegou “É um direito meu sentar”, aí quando ela viu que eu não ia ceder, ela ficou batendo boca, mas ela não insistiu, ela foi arrumar outro lugar pra sentar. Ai quando chegou em casa a SS falou assim “Eu não acredito que você fez isso”, falei é, é que você não sabe o que acontecia dentro do ônibus, aquela... abençoada, fazia isso, isso e isso com seus filhos no ônibus. Você acha que eu ia dá lugar pra ela? Mas não ia mesmo! Então foram muitas, muitas histórias da população agir contra o IA, querer tomar atitudes... Eu não sei o que eles queriam que eu fizesse! Eles não queriam ver aquilo né! Ver... pra eles era um sinônimo de... pra eles mesmo incomodava né... E... ai umas coisas que a gente supera. Hoje graças a Deus, ele não me agride mais. Né IA?

IA: É.

SB: Hoje, graças a Deus, ele não agride mais, ele tem um comportamento na escola bom, ele tem notas boas. E, o que o CCazinho me deu, além do que o CCazinho deu pro IA, o que o CCazinho deu a mim, foi muito importante na minha vida. Porque assim, eu não podia aceitar que o IA não tivesse jeito! Falei “Jeito tem!”. Ninguém é perfeito? Não, ninguém é perfeito. Pode até dizer que... ele é bipolar e não ia aprender alguma coisa, mas se ele toma medicação ele tinha que conseguir se controlar... Eu percebi, infelizmente, eu percebi no IA, que tinha alguma coisa muito forte com ele, já no berçário, eu precisava assim, que alguém me ouvisse...

IA: E hoje em dia, eu não fico batendo tanto nos meus irmãos.

Inv: Antes você batia nos seus irmãos?

IA: O tempo todo!

SS: Muito! Muito! De... assim, o menino chegar na escola “Mãe, que que isso na cara do LA?”, “É... ele brigou com o irmão”.

(risos)

SB: E, assim, conselho, não levaram no conselho tutelar porque a gente trazia pra escola. Nos outros também. A situação do IA e a situação em casa. Porque a gente recebia ameaça do conselho tutelar.

Inv: Tá. Vocês têm hora?

(risos)

SS: A gente tá exclusivo pra você hoje!

(risos)

Inv: Hã... Nos diagnósticos falava assim que ele tinha assim “oscilações de humor e baixa autoestima”, vocês acham que melhorou hoje em dia?

SS: Muito!

IA: Não faço ideia do que seja isso!

SS: Melhorou muito! Tanto que... ele falava muito, assim, que ele tinha que morrer, que ele não servia pra nada, que só dava trabalho... E, assim, uma fala que ele não tem mais, né. Ele falava que ele não prestava pra nada... E... as oscilações de humor era uma coisa assim, no momento ele tava carinhoso, no momento seguinte ele já tava... mas assim, olho pra você torto pronto! Já começava a bater né. E, essas oscilações de humor tavam muito... é, assim, você percebe que ele tá contrariado, a gente fala assim “Você não acha melhor você se acalmar?”. “Tem razão!”. Respira um pouco, vai tomar um copo de água, vai, sai, tem hora que ele ta muito nervoso, ele se levanta “Tô indo pra minha cama”, então ele vai lá na cama dele, fica quieto, até ele conseguir...

IA: Às vezes eu fico lendo.

SS: Ah, e ele lê livros agora!

Inv: Ah, é?!

SS: Sabe o “Eragon”, aquele livro dessa grossura? Ele tá lendo!

IA: Eu tô no terceiro livro!

Inv: No terceiro?! Já? São quatro, não são?

IA: São.

SS: São quatro livros, ele começou pelo terceiro, agora ele tá lendo o primeiro. Já leu vários livros de série, assim... menores... mas, assim, o tamanho do livro, é desse tamanho!!!

(risos)

SB: Até assim, esses dias uma amiga perguntou “Você tem um sobrinho que gosta muito de ler né, quem que é? Qual deles que é mesmo?”. É o IA!

SS: É o IA.

Inv: Que bom! Fico muito feliz!

SS: E aí ele pega, ele pega ou a “Bíblia” pra ler, ou esse livro, fica lá no canto dele, a hora que ele se acalma ele vem “Mamãe, agora a gente pode conversar”. E aí conversa né?

IA: É.

SS: Então assim, essas oscilações de humor, elas, apesar de assim, ainda ser presente, porque é o quadro da bipolaridade, já tá muito mais controlado. Ele já consegue perceber que ele saiu, que ele teve essa oscilação de humor, então ele, ele mesmo procura se isolar pra ele se acalmar.

SB: Ele continua em tratamento...

Inv: Ele ainda toma medicamento?

SS: Respiridona.

IA: E a Sertralina⁵¹.

SS: É. E a Sertralina...

SB: Então, assim, as vezes a gente precisa recorrer ao apoio, da escola, não sabe o que faz... E esses dias eu tava magoada, porque ele tinha me machucado, e eu levei pra terapia, eu falei pra ela “eu não vou mais me envolver com ele... Ele já tem doze anos, já sabe o que faz... O que me machuca mais é que quando ele me vê sofrendo e com dor, por causa da agressão dele, ele ri!”, aí ela falou assim “Mas o IA não é mau”, e eu falei “Então

⁵¹ Medicamento usado no tratamento de depressão.

porque ele ri?”, ai ela falou assim “Você já pensou que ele pode ficar envergonhado e ai ele ri de nervoso?”

SS: Com vergonha né...

SB: Aí eu falei “Tá, vou dar mais uma chance pra esse cara”.

(risos)

SB: Aí eu fui e falei pra SS, então vamos aproveitar esse momento e conversar agora sobre isso. E aí a gente foi, eu fui, pedi pra SS, e a gente conversou. Ele falou “É verdade, eu vejo que eu machuquei você, e que, você ainda tá sofrendo porque eu machuquei você, eu fico muito mal, aí começo a rir, não é debochar, é que eu não sei o que fazer”. Ai então a gente conversou, e ele se dispôs a...

IA: Antigamente minha reação era ficar emburrado.

SS: É, ele não sorria. Ele não sorria mesmo. A primeira vez que a gente viu o IA sorrindo a gente fotografou!

(risos)

SS: Porque ele não sorria...

Inv: Que legal! É... Você lembra dessa época que você falava que não queria te nascido e que você dava muito trabalho?

IA: Na verdade... Não.

SB: E você ainda pensa assim?

IA: Só quando, só quando aquele ali (apontando pra LA) e os outros dois querem aprontar comigo.

(risos)

SS: Porque os dois irmãos tão indo a forra agora, né. Agora ele tá mais calminho, então os outros dois tão indo a forra, sabe...

(risos)

SS: Tão tirando o atraso de tudo o que foi antes.

Inv: É... Ele participa dessa sala de recursos ainda? Do atendimento especializado?

SB: Não.

IA: Não.

SS: Não. Quando ele foi pro Ondina a escola não conseguia entender porque que ele tinha ido pra sala de recurso. Eles viraram pra mim e falavam assim “Mas porque que ele tá? Não tem nada a ver...” Então eles marcaram a, eles encaminharam pra uma outra escola, pra fazer o acompanhamento especial da sala de recurso, eu levei ele duas vezes, e eles

tiraram, porque eles falaram “esse diagnóstico não é compatível com o que o IA tem, o IA tem problema de comportamento, e não de... aprendizagem. É? Não...

SB: Cognitivo.

SS: Cognitivo. Então ele tem condições de aprender na sala de aula. Ele não tem essa necessidade. Porque o que eu tinha colocado era que o IA tinha baixo QI... e aí eles falaram “não, o IA não tem necessidade de tá na sala de recursos”, e assim... com seis meses eles tiraram, com seis meses que ele tava na escola eles tiraram.

SB: E se ele continuasse na sala de recurso, o estudo dele só poderia ir até, até o segundo grau. Ele não aprenderia a ler, né. E aí a coordenadora pedagógica, a professora, toda a equipe da escola, achava que o IA tinha um toque de genialidade...

SS: Meu Einstein.

SB: E, assim, se ele conseguisse... se alfabetizar, que até então ele ia na sala de recurso, ele não era alfabetizado, mas a escola tinha um conhecimento total do trabalho que era feito no CCazinho, levava muita coisa de cá, que foi feito, muitos relatos; e aí eles falaram assim “Não, se ele se alfabetizar ele tem condições de ir pra frente. Se ele não tá conseguindo se alfabetizar aqui, mas você achou essa outra porta aqui, então continua, que a gente vai tirar ele da sala de recurso, porque ele tem uma forma, ele tem que fazer... porque na área que ele escolher ele vai despontar”. E... nessa época mais difícil, a minha irmã trabalhava com uma pessoa que tinha um filho, mais ou menos, nesse estilo, né...

SS: Só que ele não era agressivo. Ele tinha... Mas, assim, o que ele fazia dentro da sala de aula, eu chegava “Você não acredita, tá acontecendo isso...”, ela ria, que se matava de rir! E falava “JO fazia a mesma igualzinho!”

SB: Esse moço ele, ele é da área de computação, e ele se destacou na área de computação.

SS: Engenharia genética, não é?

SB: Não, é computação.

IA: Mas você quer saber mais que minha mãe sobre a amiga da minha mãe?

SS: Não, eu não lembro.

SB: Mas se eu ficasse na onda da amiga da sua mãe que falava que você não tinha jeito, onde você tava hoje cara?

IA: Lugar nenhum

SB: Então.

(risos)

SB: E ele escolheu uma profissão que não horário, porque ele não é capaz de cumprir horário. Ai a gente ficou vendo, a gente começou a ver que, essa coordenadora... tinha uma certa razão, hoje o IA fica na sala de aula.

SS: Ele não tem mais problemas com sair, com entrar, né...

SB: E esses dias, as duas corujas foi lá na escola, né... não tinha o que fazer, foi lá na escola... espiar. E ele lá brincando, lá no cantinho...

(risos)

SS: A cara dele!

(risos)

IA ficou muito espantado com a revelação da tia.

IA: Fez o que?

SB: Brincando com várias pessoas, ele interagindo com várias pessoas ao mesmo tempo.

SS: Sete alunos ao mesmo tempo.

SB: Entendeu? Então pra nós foi uma surpresa muito grata né...

SS: Na verdade a gente não tinha ido corujar, a gente tava esperando a coordenação, que tinha chamado a gente pra uma reunião por causa do TA.

(risos)

Inv: É... Vocês lembram mais ou menos a idade com que ele se alfabetizou?

SS: Hum...

IA: 10 anos.

Inv: 10? Foi antes de vir pro CCazinho?

SB: Depois.

SS: Não, foi junto! Junto com o CCazinho.

Inv: Tá.

SB: A alfabetização dele dependeu 70% do CCazinho.

Inv: Você lembra quem que acompanhava ele antes? Eu lembro que era a SS, mas não sei se tinha alguém antes.

IA: Era a SS... e a outra eu não lembro o nome.

SB: Eu lembro o rosto, porque ela era filha dessa amiga que me indicou, na escola, acho que é IM. IM que acompanhava ele.

(silêncio)

Inv: O CCazinho então ele começou em 2010, né?

A família concordou com um movimento de cabeça.

Inv: Como que foi o acompanhamento aqui no CCazinho? Tanto pra você IA, as atividades que eram feitas, o que você achava, tanto o grupo de mães, que vocês participaram.

SS: O grupo de mães é mais ela né, eu vim algumas vezes só... mas no geral foi ela.

IA: Eu gostava de vir aqui.

Inv: Você gostava?

IA: De vir aqui no grupo, mas só depois que eu chegava, porque antes eu não queria vir... não queria vim, não queria fazer nada... Depois que eu entrava...

SB: Ele tinha uma insegurança antes de chegar aqui, né. Ele ia... Ele demorou muito tempo pra entender que ele não ia ser agredido aqui dentro. Quando eu digo agredido eu quero dizer moralmente. Ele demorou muito tempo pra ver que ninguém ia agredir. Eu acho que ele só ultrapassou essa barreira quando foi feito o filme “A viagem do medo”, sabe?

Inv: Eu não tava aqui, mas eu assisti.

IA: A gente trouxe!

SS: A gente trouxe!

(risos)

SB: Se... até eles ensaiarem... porque foi o ano do cinema né, que o CCazinho trabalha com temas né, então eles escreveram o roteiro, eles confeccionaram os figurinos, eles fizeram o...

SS: A caracterização do ambiente.

SB: A caracterização do ambiente, e eles aturaram no filme. E, assim, teve... Teve a tarde de autógrafos.

SS: Teve.

SB: Você deve ter acesso aos registros. Teve foto, as fotos ficaram guardadas aqui no arquivo do CCazinho.

SS: Sim, eles davam autógrafos, todos nós chegamos com folhinhas, canetinhas, pra pedir autógrafo, teve a estreia do filme, que foi em uma das salas aqui, que foi projetado. Foi em uma das salas, não foi?

SB: Foi.

SS: Você veio também né?

SB: Sim.

SS: Aí foi passado lá, bonitinho, aí eles autografaram, tinha tapete vermelho pra eles entrarem, porque... precisa do tapete vermelho, né!

SB: Foi feito com muita seriedade. E aí, nesse ano, que eles trabalharam com o cinema, o IA perdeu o medo. E a partir daí ele começou a vir com mais amor.

IA: Foi no ano de 2011.

SB: Aí quando ele começou a estudar a tarde, aí... já, não consegui trazer ele mais, porque ele sentia falta do grupão né. De manhã não tinha, ele sentia muita falta do grupão. E eu sentia falta do grupo, porque o grupo foi um grande apoio. Pra minha vida, pessoal, não só no tratamento com o IA, mas pra minha vida pessoal foi um acréscimo muito grande. Foi... aprender a aceitar as diferenças, foi entender que... a igualdade...

IA: E hoje quando eu conto na escola ninguém acredita.

Inv: Quando você conta o que?

IA: Quando eu, quando eu... ontem, eu levei um lanche lá pra escola né, aí umas pessoas que não são meus amigos, e nem vão ser, ficaram pedindo meu lanche, aí... eu só dei pros meus amigos... aí, um dos meus amigos falou pra uma dessas pessoas que não é meu amigo, que no passado eu sofria demais, porque eu não tinha nenhum amigo no passado. Mas amigo eu tinha, e esse amigo que falou foi o GA.

Inv: E eles não acreditaram?

IA: Não acreditaram.

SB: Hoje se a gente comenta com professor que o IA faz uso de medicamento, que o IA teve essa defasagem escolar, ninguém acredita!

(risos)

SS: Os próprios professores dele têm, tem... chego pra gente e dito “Mãe, o IA tem um atraso de matéria...”, a gente fala sim, porque ele aprendeu a ler só com 10 anos. “Mas porque que ele ficou retido?”, “Ah, porque ele precisou aprender...”, “Jura? O IA teve essa dificuldade?”, então assim, “Ele desenvolveu bem com a gente!” Então hoje até os próprios professores percebem que teve uma defasagem de matéria, mas como o IA busca... acho que só em português e matemática ele ta hoje né IA?

IA: Não, em matemática, em geografia e em inglês, que eu to ruim.

SS: Não, mas que tem essa defasagem...?

IA: Que que é defasagem?

SS: É... que tá faltando umas coisinhas pra aprender. Conseguiu resolver? Tirar tudo ano passado? Com a AL?

IA: Não.

SS: Não? Então, agora acho que é só português e matemática que ficou a defasagem né, do histórico. Porque as outras matérias ele consegue acompanhar. Claro, como todo aluno

tem dificuldades, tem matérias que ele acha mais fácil... Mas... Ele consegue... No normal ele tem um acompanhamento normal.

(silêncio)

SS: No normal ele tem um acompanhamento normal. Ó que ótimo!

(risos)

Inv: E nos relatórios da escola né, que a gente tem aqui, é... dá pra ver a mudança né, dos primeiros relatórios... e, o último, ah, não marquei o ano, mas era super positivo o relatório...

SB: Era do Ondina esse, o primeiro que vocês têm é do...é dessa escola que a gente tinha muito problema, e o outro é dessa escola que acolheu bem o IA. Até, a gente não tem a cópia desse relatório, a gente trouxe direto.

Inv: Tá, eu posso pegar depois, mandar pra vocês... É, e depois de sair do CCazinho? O que aconteceu?

IA: Bem... eu mudei muita coisa. Tô melhor do que antes... Tô melhor, tô me comportando bem. Diminui as brigas em casa.

Inv: E na escola?

IA: Na escola não tá tendo mais briga. Só teve uma esse ano!

SS: Mas nem conta! Ah, a menina agarrou ele três vezes, ele tirando a menina e a menina agarrando. Aí ele empurrou a menina, a menina machucou.

IA: Não é dessa que eu tô falando não.

(risos)

IA: É da outra.

SB: Essa história foi até muito engraçada, porque... a gente luta pra ter o espaço da mulher respeitado, né. E essa menina queria namorar com ele. E ele não quis. E a escola, a princípio, virou pra minha irmã e falou que ele tinha que aceitar essa agressão, ah porquê... um dia ele ia ter que fazer sexo, um dia ele ia ter que namorar... Eu falei, perai, ele é obrigado? Falei se fosse com sua filha seria considerado estupro. Ai a escola mudou o tom né... que foi o caso que a gente foi chamado... Mas esse outro eu não sei não IA.

IA: Foi a briga que o... o TA e o NA tavam sendo enforcados lá na rua, perto de casa...

SS: Ah!

SB: Não foi na escola.

SS: Ah não, aí foi... Fora da escola.

SB: Foi fora da escola.

SS: A escola só chamou pra saber o que tava acontecendo.

IA: Mas que o menino apanhou legal apanhou.

(risos)

Inv: Mas de você ou do seu irmão?

IA: De mim!

SS: Dele.

Inv: Mas você foi defender seu irmão?

IA: Ahã.

SS: Foi uma situação que foi assim, mais um mal entendido do que qualquer coisa... e... e o IA não teve dó, desceu a lenha mesmo... mas tá tudo certo. Se eu tivesse no lugar do IA eu tinha descido a lenha também, então nem chamei muito a atenção... Só falei ó da próxima vez, olha mais, tenta não se envolver.

SB: A gente chamou mais atenção do irmão mais novo dele, que participou da...

SS: Confusão.

SB: Da, vamos dizer assim, da simulação. Porque aconteceu assim, eles foram fazer uma brincadeira, pra dar um susto no IA, que o TA tava sendo enforcado. Só que o colega que estava enforcando, esqueceu de parar, e o IA...

IA: Não, primeiro eu tirei.

SS: É, ele tirou o TA de lá, aí o menino foi lá e bateu no rosto do IA, ai... O sangue subiu e ai foi meio complicado. A gente chamou a atenção do outro, nem tanto dele. Se tivesse batido na minha cara... Primeiro enforca meu irmão, a hora que solta meu irmão bate na minha cara... Com certeza eu teria batido também né...

(risos)

Inv: É... Quais mudanças vocês consideram que ocorreu pela participação dele aqui no CCazinho?

SS: A sociabilização dele, né. Melhorou muito. Na escola, o fato dele aprender a buscar, eu acho que, ele conseguiu aprender a buscar... as informações né. É... Da pergunta anterior, você tinha falado, quais as dife... como

Inv: Como que tá hoje...

SS: Como que tá hoje! Tem coisas que ele tem mais dificuldade, como escrever em letra de mão, ele não gosta... Aí a gente fala "Olha, você lembra que a MC falava que era importante você fazer letra de mão? Então de vez em quando ele faz letra mão... Pra estimular o lado do cérebro, porque a MC falou, então, a gente busca fazer isso...

SB: Ele não vai passar de três linhas...

SS: Não, ele fez uma prova inteira, tá!

SB: E ninguém me mostra?!

(risos)

SB: Quer dizer que nessa hora ninguém me mostra?! Cadê a prova??

IA: Que prova?

SB: Com letra de mão!!

SS: Eu não sei se foi um trabalho ou uma prova...

IA: Uma prova que eu perdi. Que eu deixei com você.

SS: É, foi aquela que você deixou comigo... que ele tinha escrito inteira de letra de mão... Porque assim, a MC falou que era importante também trabalhar a letra de mão... Então assim, além de todos os benefícios que teve na hora, do aprender a... a ler, aprender a escrever. O fato dele escrever hoje, você vai ver os cadernos dele, tá escrito! Ele ainda tem um pouco de dificuldade, de organizar o caderno, mas é escrito! Tem uma...

SB: É... Quando ele saiu do CCazinho ele escrevia todas as letras emendadas. Então, ele queria escrever “hoje o dia está bonito” era tudo emendado. Hoje tem espaço. Eu não sei se tem pontuação, faz uns dias que eu não olho.

SS: Tem.

SB: O que que mudou? O IA começou a acreditar nele mesmo. Então...

SS: E essa acho que foi uma das principais mudanças né?

SB: Foi. O principal ganho foi ele acreditar nele mesmo. O IA começou a aprender que ele não precisa ser perfeito... Ele se cobrava muito a perfeição, então ele não fazia nada. A sociabilização que hoje ele tem, ele sabe colocar... esses dias atrás, esses meses atrás, aconteceu, tinha uma pessoa que eu considerava muito, que... eu convidei ela e o filho dela pra gente ir no shopping, pras crianças brincarem juntas. E... ela decidiu que ela precisava levar os amigos do filho dela pra brincar porquê...

SS: Meus filhos não eram bons o suficiente pra brincar com o dela.

SB: E o convite era... Deixar eles brincando, porque tem um lugar lá no shopping, pra deixar eles brincando, e a gente fica perto, pra eles terem uma referência pra ir e voltar. Porque os nossos fazem isso.

Interrompemos para a tia conversar com LA que estava observando a câmera que registrava a entrevista.

SB: E... A hora que ele escutou que os amigos iam ele falou “Mamãe, eu não quero ninguém. Eu não vou”. Na hora que ele falou eu liguei pra ela e falei “Olha, nós não vamos mais”, ela falou “Ah mas não dá pra desmarcar com os outros agora”, falei “Azar o seu. Meus sobrinhos são favelados, negrinho, mas são meus e ninguém mexe com eles”.

(risos)

SB: E aí... acabou até abalando até nossa amizade. Depois eu vi o filho dela e mais um fazendo brincadeiras muito pesadas com outra criança, e a criança bateu, aí eu falei pra criança “Você não pode bater, se acalma antes de bater”, aí ele falou “Mas você viu o que eles fazem comigo?”, falei “Eu vi. Está errado você aceitar. Não existe amizade desse jeito. Se eles te tratam assim eles não são seus amigos. Tá errado você bater nele, tá errado você ser humilhado, tá errado você aceitar, é errado eles te trazerem aqui e você aceitar”. Mas, a colocação do IA de “eu vou bater, então eu não vou” é uma consciência. E isso, eu considero que ele adquiriu aqui.

SS: É... essa parte de ter assim, uma maior consciência, do que ele faz, da consequência das atitudes dele, com relação aos outros, acho que foi muito bem trabalhado aqui. Porque assim, uma das coisas que ele gostava de fazer aqui era sair pela Unicamp, mexendo na terra, catando plantinha, catando caquinho... e ele aprendeu que ele gosta de fazer isso e ele pode fazer isso, isso não torna ele imperfeito. Foram coisas que foram bem trabalhadas com ele. Ele ter essa sociabilidade, que foi muito grande, ele ter essa consciência dele mesmo né, das repercussões. Essa última briga que ele contou, que ele teve com o colega, mas que quem provocou foi o TA, acho que encerrou aí o aprendizado dele, mas... tem trazido bastante, teve bastante coisa. O prazer de ler, ele tinha medo de ler, hoje ele tem prazer em ler. E, assim, eu considero que foi tudo conquista do CCazinho, que trabalhou bastante isso com ele... a leitura, o você tem a capacidade de fazer, a sociabilização...

SB: Se você não consegue pela direita, vai pela esquerda, mas você vai. E ele se tornou bastante compenetrado. Lembra que você comentou? No início ele não tinha autoestima, a autoestima dele era muito baixa, hoje não é. Hoje você fala assim “ê menino bonito”, ele sorri. Antes você falava “Olha que olho lindo” você podia contar com o soco na certa! (risos)

SB: Podia contar. Falava do olho dele você podia contar. Era chute, soco, mas alguma coisa saía em função disso.

SS: Até teve uma vez na escola que uma moça falou “Ah você não pode ser mal educado com esse olho tão lindo, porque que você não dá ele pra mim?”, ele falou “Pega! Pega, pelo amor de Deus, tira essa porcaria que eu vou ficar muito contente quando pararem de me falar essas coisas! Pode pegar!”

(risos)

SS: Porque irritava bastante ele, hoje ele até responde “Obrigado”, quando a pessoa fala “Ai que olho bonito”, “Obrigado”.

Inv: É que eu acho que todo mundo fala do seu olho, né IA?

SS: Acho que o que irrita mais é que as pessoas tocam nele, pra falar que o olho é bonito, precisa virar o rosto dele, e isso incomoda muito.

SB: Mas ele já tá até tolerante. Ele permite que a pessoa toque, em seguida ele avisa a pessoa que ele não gosta de ser tocado. Hoje ele já sabe avisar a pessoa, que ele não gosta de ser tocado. Tem a moça da padaria, que vivia mexendo com ele, ela falou assim “Ah meu amiguinho”, ele falou “Eu não sou seu amiguinho.”

(risos)

SB: “Você é amiga do meu irmão”, aí ela veio e perguntou pra gente né, porque que ele tinha respondido isso pra ela, falei porque você toca nele e fala que o olho dele é bonito, para de fala que o olho dele é bonito, que você ganha a amizade dele. Ela falou “Não acredito”, falei “Tenta”, e ela tentou e conseguiu ganhar a amizade dele.

Inv: O que vocês acham que teria acontecido se ele não tivesse vindo pro CCazinho?

SS: Eu não quero nem pensar!

(risos)

SB: Ele teria morrido. No bairro que a gente vive não tem desculpa, não tem perdão, e ele não pede. Então ele estaria morto.

Inv: É... Como que foi essa, é, superar tudo isso... essa superação? De... Superar o fato de que... aquela diretora lá, disse que ele não ia conseguir aprender, de que ele era burro...

SS: Eu acho que assim, que foi uma vitória nossa, porque assim, a gente consegui tra... a gente né, ela... conseguiu trazer, conseguiu buscar, então assim, por uma parte foi uma vitória nossa de assim, ter conseguido um resultado. Mas principalmente foi uma vitória dele, porque ele superou ele mesmo né. Na dificuldade dele era ele contra ele mesmo. Ele não tava contra mim, contra ninguém, tava contra ele mesmo. Então acho que assim... foi maravilhoso! Foi uma vitória tanto minha quanto dele né. Acho que então, nas devidas proporções, fomos todos vitoriosos.

Inv: O IA, volta aqui, pra eu te fazer mais algumas perguntas.

IA tinha saído da mesa e se aproximado do irmão, do outro lado da sala.

(silêncio)

SS: Agora é a parte boa.

Inv: Ainda não.

(risos)

Inv: Em algum momento você achou que você não ia conseguir aprender?

IA: Uhum.

Inv: Quando a diretora falava que você não ia conseguir, você acreditava?

IA: Acreditava.

Inv: E agora, que você aprendeu, como você se sente?

IA: Eu me sinto... Como se tivesse dado um soco na cara dela!

(risos)

Inv: Você... é, não sei se você se lembra, mas uma vez é... eu lembro que o IA, quando eu cheguei no CCazinho você já era essa outra pessoa, já não tinha a parte da agressividade, as pessoas me contavam o antes, e eu também não conseguia acreditar. Mas, eu lembro que você ficava muito amigo de quem chegava. Quando as crianças novas chegavam aqui, quem ia acolher mesmo elas, quem ia chamar elas pra participar mesmo do grupo era o IA. Que ia conversar com elas... E teve uma vez que uma dessas crianças né, tinha acabado de chegar né, e ela tava muito preocupada porque ela tinha o diagnóstico de dislexia... Foi num desses encerramentos, que a gente faz a festinha no dia, e fica todo mundo junto conversando... E aí o IA falou assim pra essa criança não se preocupar, porque ele também já tinha sido disléxico.

(risos)

Inv: Você lembra disso?

IA: Não.

Inv: Eu nunca esqueci...

(risos)

SS: Eu acho que ele associou o disléxico né, com a dificuldade de aprender né.

Inv: Sim... a um diagnóstico que ele teria e foi superado. É... E você lembra das atividades que a gente fazia?

IA: Lembro.

Inv: Que que você gostava de fazer? Ou qual você gostou?

IA: Eu lembro de uma atividade que a gente fez, que foi logo... foi antes... foi assim, a gente tinha, tipo um monte de tecido, de papel, aí entregaram uma folha pra gente, foi antes de você chegar, pra gente desenhar um herói. Aí escreveram as fraquezas, a força, o poder. Ai, ai gente tinha como missão resgatar a SS, mas a gente não conseguiu.

Inv: Aí vocês criaram os super-heróis?

IA: Ahã. Aí foi o primeiro que eu criei.

Inv: Você lembra o nome?

IA: Eu faço história pra ele até hoje.

Inv: Como que é o nome dele?

IA: Homem arara.

Inv: Ah... O famoso homem arara, eu lembro dele.

(risos)

SB: Aí, abrindo um parênteses, ele fez esse trabalho aqui e chegou em casa ele pegou meus retalhos, e ele constrói. Eu ainda tenho minha caixa de retalhos né, e ele constrói. Ele construiu o verdonho, de retalho, e ele construiu outros bonecos de retalho, pra interagir com o verdonho.

Inv: Você trouxe aqui o vergonho não trouxe?

IA: Verdonho!

SS: Verdonho!

SB: Verdonho!

(risos)

Inv: Aí, eu lembro. Que ele sempre vinha com alguma coisa na mão.

SS: Teve uma outra... Eu lembro de uma atividade também, que assim, pra, pra gente lá em casa, ele trouxe com uma felicidade muito grande, que era dessas de catar gravetinho, catar as coisas... Que era uma casinha, que quando a casinha caiu ele ficou muito triste. Você lembra?

(risos)

SS: Foi uma atividade que ele levou pra casa, que ele tinha gostado muito.

Inv: Eu lembro da casinha, a gente ficou várias semanas fazendo.

IA: A gente ficou umas três semanas fazendo!

SB: E aí hoje, lá em casa. Porque eles moram no fundo...

SS: A gente mora no fundo e meu pai mora nos dois quartos na frente.

SB: Então meu pai ficou com o quintal grande e minha irmã ficou com uma parte do quintal grande e uma casa maior pra ela e as crianças né. E aí ele pega, quando ele não tá fazendo as coisas da escola, e foge e vai lá, pro lado do meu pai. E no muro tem um buraco né, então eu coloco a cabeça lá, pra ver o que que eles tão fazendo né... e eles pegam as ferramentas do meu pai, e aí ele fez, junto com os irmãos, ele construiu uma versão da casinha, desse tamanho...

IA: De dois cômodos!

(risos)

SB: E ele pega as ferramentas, meu pai é totalmente desprendido... eu até desisti de dar presente pra ele, porque você espera que a pessoa valorize, e ele é totalmente desprendido.

E ele solta todas as ferramentas na mão deles. E você acredita que eles usam essas ferramentas pra construir coisas, e não deixa jogada, não deixa largada.

SS: Mas é uma coisa que ele levou né. O construir aquela casinha, acho que foi muito bem utilizado por ele. Porque assim, hoje ele constrói outras coisas, e usa o mesmo tipo de raciocínio que ele usou pra construir aquela casinha.

IA: Eu construí uma casa desse tamanho! Toda de madeira.

SS: Eles entravam dentro pra brincar, era o quartel general! Ai quartel general não dava pra deixar né...

(risos)

SS: Mas depois eles desmancharam, fizeram uma casa.

SB: Depois eles foram pedir pro meu pai o resto do guarda-roupa, pra eles... E quem direciona essas brincadeiras, é ele.

Inv: É...

SB: Ixi, você descobriu meu segredo!

(risos)

Inv: Você contou que você espiona ele!

(risos)

IA: Agora vou me sentir inseguro.

Inv: De sexta-feira, tinha um nome, mas eu não lembro, que vocês sempre se reuniam pra ver filme...

SS: Sexta de cinema.

Inv: Ainda tem?

IA: Acabou.

Inv: Acabou?

SS: Ah, teve ontem, vai...

Inv: É que você falou do filme de ontem, aí eu lembrei disso, aí marquei aqui...

SB: Diminuiu, não é que acabou. É que como minha irmã tá estudando no sábado, eles tem que dormir mais cedo. Então eu sou a primeira pessoa a falar pra eles “Olha, vamo respeitar a mamãe tem que dormir cedo. Porque assim, quando vocês precisam ir pra escola a mamãe levanta cedo”. Então eu meio que coloco que enquanto ela está fazendo esse curso, tá no final, teve um pouco menos presente esse... mas, durou, até ela começar a fazer o curso, e quando tem algum feriado assim... então, quando ela terminar de fazer o curso isso vai voltar.

Inv: Curso do que você tá fazendo?

SS: Eu to fazendo preparação pra concurso público...

Inv: Hãh... IA, depois que terminou o acompanhamento, que você vinha aqui a tarde, aí você veio um tempo de manhã, com o PC, e aí eu vi nas anotações dele que você criou o “Clube de heróis” com os seus irmãos. Como é isso? Me explica...

IA: É... Ele ainda existe.

Inv: Ainda existe?

IA: Quando eu saí daqui com, com o meu herói, a gente... eu contei pra eles, aí eu falei “Vocês podem inventar também”, aí o TA inventou o “Morfogo” que é um morcego de fogo, e o LA inventou o “Homem lava”, aí hoje a gente ainda faz. A gente fica brincando de “Ninja de raios” que é um herói que eu criei.

Inv: Eu lembro, que você até começou a escrever o diário dele.

IA: Mas eu não terminei. E caiu a capa.

(risos)

IA: Eu até levava esse diário pra escrever lá na escola.

Inv: Ah, sua professora chegou a ver?

IA: Não. É...

SS: Na verdade foi proibido de levar pra escola.

Inv: Hãh.

SS: É os incentivos que a escola tem né.

Inv: Mas você escreveu bastante então nele.

IA: Não.

SS: Escreveu. Você escreveu bastante nele.

IA: 4 páginas!

SS: Cheias.

Inv: É bastante.

SB: Sabe, Kátia, uma coisa que eu não sei se é pertinente o momento, mas eu fiquei muito, muito feliz quando você nos convidou pra fazer essa entrevista, pra fazer parte do seu TCC. Porque fazendo parte do seu TCC eu sei que ele vai sair daqui do CCazinho, e ele vai atingir outras instâncias. Porque... quando eu te... Depois que ele saiu daqui, eu comecei a trabalhar numa escola de ensino fundamental... e, assim, o que eu vi acontecer com as crianças, me doeu muito. Então, sabendo que você vai fazer seu TCC em cima disso, que você vai continuar em cima disso, porque o TCC é o que defini onde você vai trabalhar depois e tal... Que você vai continuar o seu trabalho em cima disso, me deu muita, muita alegria. Porque eu sei que você vai abranger outras pessoas com essa

experiência que saiu aqui do CCazinho. Porque, não adianta a gente, postar no *facebook* “Vamos ter mais educação”, “Nós precisamos de educação”... porque os professores não têm noção, do poder que ele tem sobre a vida das crianças. Uma coisa que vocês aprenderam, nesse tempo que vocês ficaram aqui trabalhando, é a importância da cuidadora na vida de cada criança. Se a gente não explicar tudo que foi feito pelo IA, tudo que a gente fez pelo IA, tudo que vocês fizeram, o que esse grupo fez pro IA. E olhar, pelo menos a cada ano sai um TCC daqui, desse assunto. Olha quanto isso tá se multiplicando. Olha a multiplicação disso... Porque cata a criança especial e joga-la na sala de aula, junto com outros alunos, pra ele ficar com o caderno em branco, é muito dolorido... Mas é certeza, que pelo menos alguém, pelo menos o nosso IA, graças ao trabalho de todos vocês, ele não é mais um desses, sabe. Ele não vai terminar o nono ano com o caderno em branco. Ele vai terminar o nono ano, ele vai entrar pro ensino médio, ele vai sair de lá...

Inv: Você já tá no nono ano?!

(risos)

IA: No sétimo.

SS: Sétimo.

SB: Eu falo nono ano porque assim, a minha experiência, o que doeu, foi ver uma criança do nono ano sair com o caderno em branco. Ele olhava pra mim e falava assim, ele é um pouco mais velho que o IA né... e ele falava assim “Você é feia, não gosto de você não, você é feia”, eu falava “Eu sou feia?”, “Você é feia”, “Então tá bom”... E, ele não fazia nada. Aí os professores gritavam com ele, quando ele... não queria ficar na sala, ele puxava conversa com o colega, né. Aí eu falava isso não é inclusão, isso é exclusão. Tão tirando dele a oportunidade de qualquer pessoa. E aqui vocês faziam a inclusão. Vocês pegavam as nossas crianças, que Deus não mandou tão perfeitas assim, e transformar eles, e ajudar elas a encontrar o caminho... pra superar, as outras dificuldades que ela tem né. Eu lembro muito do PA, não sei se você lembra, se ele ainda vem.

Inv: Não, ele se mudou, aí ele parou de vir.

SB: Ah. Então, me marcou muito o PA, porque o PA também, eu chorava, e eu choro muito, porque eu falava como pode uma pessoa que estudou tanto olhar pra uma criança e falar que ela não tem capacidade?, e ela olhava pra mim e falava “Ih, você acha que é a única que escutou isso? Quantas vezes eu não escutei que o PA não ia aprender sequer as cores!”, ninguém tem o direito de fazer isso com as nossas crianças. Então me trouxe uma

grande alegria, o seu convite, pra colocar o IA no seu TCC. Eu sei... O quanto isso é grande!

Inv: Eu... vou fazer as últimas perguntas, aí depois eu comento sobre isso. É... IA, fiquei sabendo que você tava trabalhando de guia no Taquaral!

(risos)

IA: Eu não tô trabalhando, eu vou... quando a gente não joga nada, eu... Eu mostro todos os lugares legais do Taquaral.

Inv: Pras pessoas que estão lá?

IA: Não.

SS: Não. É, ele faz um atendimento do CAPS infantil lá no Taquaral, aí o dia que eles não jogam que ele faz isso...

Inv: Ah, com aquele pessoal...

SS: Com a turma. É.

Inv: Ah, entendi... E o que você planeja pro seu futuro?

IA: Olha, eu tenho duas coisas que eu ainda tô em dúvida.

Inv: Hum...

IA: Ser cartunista, ou paleontólogo.

(risos)

Inv: Aí, é a sua cara! Adorava os dinossauros e tudo mais... E, no meu TCC, eu não posso usar o seu nome de verdade, que é pras pessoas não te reconhecerem. Então eu queria saber, que nome você quer que eu use, pra você.

SS: Pode escolher qualquer um eim!

(risos)

IA: Tá. Hum... Vamos ver... Pode ser um nome de pessoa mesmo, ou de personagem... você que escolhe.

IA: Relâmpago I!

Inv: Perai. Relâmpago...

A investigadora foi escrevendo o nome no papel.

Inv: O Wii é igual do videogame?

IA: Não, é só Relâmpago... Não, é Relâmpago I.

Inv: Escreve aí pra mim, é mais fácil... Hum.

SS: Tem acento no A... Circunflexo.

Inv: É... eu queria agradecer. A proposta do TCC é essa mesmo, porque, eu acho que a participação assim no CCazinho, mudou minha vida completamente, e... Eu na verdade

não sou aqui do IEL né, que é o pessoal que estuda pra dar aula de português e inglês, eu sou da pedagogia, que fica em outro prédio, e aí eu vim pra cá, fazer a disciplina com a MC, como... a gente fala eletiva, que são disciplinas que a gente faz em outros institutos. E aí... eu não consegui mais ir embora. E eu acho que a culpa também é do IA.

(risos)

IA: Nossa, é culpa minha?!

Inv: Sim! Mas é uma culpa muito boa. Que queria muito agradecer, acho que o IA mudou a minha vida. Não sei, acho que se fosse outra criança, que eu tivesse acompanhado no começo, se eu teria ficado até hoje. Porque eu simplesmente não consegui parar de vir no CCazinho. Eu tô no meu último ano, eu fiquei aqui por todos esses anos. Nossa, eu sinto muita falta do IA. Quando eu soube que ele ia mudar de horário eu fiquei pensando “Gente como vai ser minha terça-feira, sem ver o IA toda semana?!” E... Eu acho que as outras pessoas também, sentem muito a sua falta. Eu acho que você não tem essa noção do quão importante você é pra gente, quão incrível você é. Você... nossa IA.

IA: Pra falar a verdade eu não tenho.

(risos)

Inv: Eu sabia disso... Mas nossa, você foi assim, muito importante na minha vida, de verdade, mudou assim, completamente. E aí... a minha proposta pro TCC era contar né, o que é o CCazinho, leva toda essa experiência... porque o pessoal desse prédio onde eu fico não conhece, não faz a menor ideia de tudo isso, e são essas pessoas que vão sair daqui pra trabalhar com as crianças de primeiro a quinto ano, e que não fazem ideia assim, de como fazer esse trabalho, né, de como fazer esse acompanhamento, então vão acabar sendo esses professores que a gente critica. Então a ideia era essa mesmo. E o IA... eu ficava assim “Nossa, eu queria muito te o IA”, falei nossa, gente eu não vou conseguir falar com eles, porque, os telefones que a gente tem aqui acho que são muito antigos.

SS: Eram antigos.

Inv: Aí eu até tentei ligar. Acho que no ano passado a gente fez uma festa, dos dez anos do CCazinho, aí a gente tentou ligar também, aí não conseguiu, aí eu já fiquei pensando “Nossa, ano que vem eu não vou conseguir falar com eles, como que eu vou fazer?!”. E eu tô assim, super atrasada, tenho que terminar esse mês, pra entregar pra MC e pro meu orientador da outra faculdade lê. E eu tive uma reunião com ele semana passada, e aí ele falou “Kátia, você tem que me entregar pelo menos as histórias das crianças que você vai contar antes”, aí eu falei assim “Não, mas eu preciso da história do IA, você tem que esperar, porque eu preciso conseguir a história do IA”.

(risos)

Inv: Porque assim, pra mim era a mais marcante. E... ai eu conversei com ele, vai te histórias de mais três crianças aqui, no CCazinho; e ele me falou assim que ele queria que viesse uma história no fim, que seria assim, o encerramento de todo o trabalho, já teria toda discussão, as histórias, uma análise dos acompanhamentos, ai queria o encerramento uma história, ai a hora que ele falou isso pra mim falei “Mas é a do IA! Tem que ser a dele!”. Aí vai ser isso, vou colocar no fim. É... Nossa, é muito difícil, porque a proposta é que, por exemplo, eu ouço vocês, eu tenho a minha experiência do que eu acompanhei com o IA, eu vou conversar com a SS também, e, olho o que tem na pasta dele, de relatórios, e depois eu vou tentar me colocar no lugar do IA, escrevendo como se fosse ele escrevendo, e eu vou tentar fazer isso com as outras crianças... E, assim, é muito difícil porque é uma responsabilidade muito grande, é a história dele. Mas aí, eu acho que vai ser bem legal. Depois eu mando pra vocês.

SS: Ah, vamos gostar!

Observação: Como eu mesma realizei o acompanhamento individual de IA no CCazinho por dois anos, optei por não realizar entrevista com outra cuidadora, mas em seu lugar trazer minha perspectiva de cuidadora para a construção da narrativa.